UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE DE RIBEIRÃO PRETO

IURI SALIM DE SOUZA

**O desenvolvimento da carreira esportiva de goleiros da seleção brasileira masculina de
futebol: a perspectiva dos atletas**

Ribeirão Preto

2020

IURI SALIM DE SOUZA

O desenvolvimento da carreira esportiva de goleiros da seleção brasileira masculina de futebol: a perspectiva dos atletas

Versão Corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de mestre em Ciências, Programa de Pós-Graduação Educação Física e Esporte.

Área de Concentração: Atividade Física e Esporte.

Orientador: Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques

Ribeirão Preto

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Souza, Iuri Salim de.
O desenvolvimento da carreira esportiva de goleiros da seleção brasileira masculina de futebol: a perspectiva dos atletas.
Ribeirão Preto, 2020.
332 p.: il. + 1 CD

Dissertação de Mestrado, programa de Pós-Graduação da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Ribeirão Preto, 2020. Área de concentração: Atividade Física e Esporte.
Versão Corrigida

1. Carreira Esportiva; 2. Goleiros; 3. Futebol; 4. Transição de carreira; 5. Especialização esportiva.

I. Marques, Renato Francisco Rodrigues de, orient. II. Título.

Nome: SOUZA, Iuri Salim de.

Título: O desenvolvimento da carreira esportiva de goleiros da seleção brasileira masculina de futebol: a perspectiva dos atletas.

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte de
Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Ciências.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Aos meus familiares, à minha noiva, ao meu orientador e aos meus amigos pela paciência e por tudo que foi construído durante esse período de trabalho.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus, pela oportunidade e privilégio de estar constantemente buscando conhecimento e notar que ele se faz necessário para o meu desenvolvimento profissional e pessoal, por conseguir identificar as energias positivas e negativas que estão em meu entorno, por iluminar o meu caminho e me fazer perceber quem merece estar ao meu lado e em meus caminhos.

Aos meus pais, Ivanildo e Monica, por me proporcionarem suporte psicológico, econômico e social desde a minha infância até a atualidade, incentivando-me, aconselhando-me e apoiando-me nos estudos, nas minhas decisões pessoais e profissionais.

Aos professores e treinadores que acompanharam meu caminho escolar, acadêmico e esportivo, pelos ensinamentos e desenvolvimento de diversas habilidades fundamentais para a minha vida.

À minha noiva Larissa Garcia, por ter sido meu principal porto seguro em momentos cruciais da minha vida, principalmente pelo amor e apoio constante em todas as decisões e tarefas cotidianas em nossa residência nesses últimos dois anos, em que tive que me organizar para conseguir investir meu tempo em todas as esferas de minha vida: acadêmica, esportiva, vocacional e social.

Àqueles amigos que podemos contar com os dedos de uma única mão, também responsáveis por prover um grande apoio, principalmente aliviando a tensão de nosso cotidiano.

Aos parceiros de USP e de GEPESPE, por ensinar que a união realmente pode fazer a força e, conseqüentemente, por toda a contribuição para a construção deste trabalho.

Ao Lucas Vicentini, por ser meu parceiro de viagens para a UNICAMP, seu auxílio na transcrição das entrevistas, na familiarização com os dados, pela construção e compartilhamento de diversos conhecimentos durante o mestrado.

Aos meus parceiros de trabalho durante esses seis anos da minha carreira como um profissional de Educação Física, principalmente aos líderes da minha atual empresa pela convivência diária, pela compreensão e pelo apoio para investir em um mestrado sem bolsa.

Aos membros da pós-graduação, Adriana, Carla, Fabrício e Daniel por serem competentes, prestativos e proativos, auxiliando nos constantes questionamentos que surgiram em viagens para produção de dados e documentação para que a conclusão dessa dissertação fosse possível.

Aos Professores Doutores Alcides Scaglia, Carlos Rogério Thiengo e Rafael Pombo Menezes pelo aceite em avaliar um momento crucial neste início de carreira acadêmica.

Ao meu orientador, Professor Doutor Renato Marques, por ter me auxiliado constantemente não apenas no contexto acadêmico, mas em todos os aspectos de minha vida, ensinando-me como se constrói um processo de aprendizagem eficiente e positivo por meio de um relacionamento humano em um ambiente que não apresenta pressões excessivas.

A estrutura da Universidade de São Paulo que, assim como as outras instituições estaduais e federais, vêm sofrendo constantes ataques injustos de um governo hipócrita que prefere queimar livros a investir em educação. Acredito que superaremos com vigor e sobreviveremos a tudo que se opõe à ciência, como está escrito no próprio logotipo da USP: “*Scientia Vincet*”.

“A palavra torna-nos duplamente baldios. Por um lado, traz à luz do dia nossa intimidade, as cores de nossa alma, o que nos habita e povoa por dentro. Por outro, entrega-nos aos outros, à sua empatia ou antipatia, à sua aceitação ou rejeição, à sua concordância ou discordância” (JORGE OLÍMPIO BENTO, 2013, p. 328¹).

¹ BENTO, J. **Desporto: discurso e substância**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física/UNICAMP – Centro de Estudos Avançados – Coleção CEAv Esporte, p. 328, 2013.

SOUZA, Iuri Salim. **O desenvolvimento da carreira esportiva de goleiros da seleção brasileira masculina de futebol: a perspectiva dos atletas**. 2020. 336f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2020.

RESUMO

O futebol é o esporte com maior número de praticantes no mundo. O presente trabalho tem como objeto de estudo os goleiros. A maior valorização desta função ainda é muito recente no cenário mundial e nacional. Em diferentes décadas os goleiros vivenciaram a evolução deste treinamento no cenário nacional e, portanto, tiveram experiências distintas entre si. As perguntas centrais deste estudo são: como se deu o desenvolvimento da carreira esportiva de goleiros que atuam ou já atuaram na seleção brasileira masculina de futebol? Existiram períodos importantes da carreira esportiva do atleta responsáveis para se atingir e manter o alto rendimento? O objetivo deste estudo foi investigar e descrever a carreira esportiva de goleiros que atuam ou atuaram na seleção brasileira masculina de futebol. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com sete goleiros brasileiros que vivenciaram a elite esportiva em nível internacional em diferentes períodos. Este estudo contou como subsídio teórico os estudos da obra de Côté, Stambulova e respectivos colaboradores. Como metodologia foi utilizada a Análise Temática Reflexiva. Os participantes estiveram envolvidos com uma alta quantidade de jogo deliberado por meio de brincadeiras relacionadas ao futebol em diferentes contextos. A transição de cada etapa da carreira esportiva ocorreu de maneira distinta entre os participantes, diferenciando-se do DMSP. Foi possível perceber uma tendência tecnicista no processo de desenvolvimento da carreira esportiva dos participantes. As conclusões são: o DMSP não é suficiente para analisar a complexidade de fatores que influenciam o desenvolvimento da carreira esportiva. O PAF, o Modelo de Transição de Carreira Esportiva e o Modelo de Transição Cultural são ferramentas essenciais para sustentarem as lacunas deixadas pelo primeiro modelo; há diferenças sensíveis entre as formas de desenvolvimento de carreira entre os participantes; há predominância do tecnicismo para fundamentar os treinamentos. Destaca-se a necessidade de melhorar o aspecto tático na sistematização do treinamento.

Palavras-chave: Carreira Esportiva; Goleiros; Futebol; Transição de carreira; Especialização esportiva.

SOUZA, Iuri Salim. **The sports career development of goalkeepers from Brazilian men's national team: the athletes' perspective**. 2020. 336f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2020.

ABSTRACT

Soccer is the sport with the largest number of practitioners in the world. The present research has as object of study the goalkeepers. The greater relevance of this function is still very recent in the world and national scenario, respectively. In different decades goalkeepers experienced the evolution of this training in the national scenario and lived different experiences among themselves. The central questions of this research are: how did sports career development of goalkeepers who play or have already played in the Brazilian men's national team? Were there thresholds in their sports career that lead them to elite level? The theoretical framework was based on the research of Côté, Stambulova and their collaborators. The aim of this study is to investigate and describe the athletic career of goalkeepers who play or have played in the Brazilian men's national team, based on a retrospective analysis of the players themselves. Semi-structured interviews were conducted with seven Brazilian goalkeepers who experienced the sports elite at the international level in different periods. The methodology for this study, it was used the Reflexive Thematic Analysis. The participants were involved with a high amount of deliberate play through games related to football in different contexts. All the transitions occurred with several singularities between the groups and the participants in relation to that proposed by the DMSP. It was possible to realize a technical tendency in the development process of the participants' athletic career. The conclusions are: the DMSP is not enough to analyze the complexity of factors that influence the development of the sports career. The PAF, the Sports Career Transition Model and the Cultural Transition Model are essential tools to sustain the gaps left by the first model; there are significant differences between the forms of career development between the three groups; there is a predominance of the thecnic aspects in structured training. We highlight the necessity to improve the tactical aspect in the periodization of training.

Keywords: Sports Career; Goalkeepers; Soccer; Career transition; Sports Specialization

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Linha do tempo da história do goleiro no cenário internacional.	36
Figura 2. Linha do tempo do goleiro de futebol no cenário nacional.	36
Figura 3. Estágios da participação esportiva na infância e na adolescência.	39
Figura 4. Diferença entre a quantidade de horas praticadas por atletas nos diversos tipos de atividade de acordo com a idade.	42
Figura 5. A Versão do DMSP proposta por Côté, Baker, Abernethy (2007).	49
Figura 6. O refinamento do DMSP proposto por Côté e Fraser-Thomas (2007).	52
Figura 7. Classificação do primeiro postulado do DMSP.	55
Figura 8. Classificação do segundo postulado do DMSP.	57
Figura 9. Classificação do terceiro postulado do DMSP.	58
Figura 10. Classificação do quarto postulado do DMSP.	60
Figura 11. Classificação do quinto postulado do DMSP.	61
Figura 12. Classificação do sexto postulado do DMSP.	62
Figura 13. Classificação do sétimo postulado do DMSP.	64
Figura 14. Esquema integrado de PYD.	72
Figura 15. Variáveis que influenciam na carreira esportiva.	78
Figura 16. Quadro de Desenvolvimento de Valores Pessoais (PAF).	85
Figura 17. O Modelo de Transição de Carreira Esportiva.	98
Figura 18. O Modelo de Transição Cultural.	107
Figura 19. Mapa temático final.	127
Figura 20. Os estágios de desenvolvimento da carreira esportiva dos participantes	129
Figura 21. As transições não normativas dos participantes do estudo.	132

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Os modelos descritivos mais aceitos na literatura internacional	95
Quadro 2. Informações pessoais sobre os participantes do estudo.	114
Quadro 3. Divisão dos grupos de goleiros por geração.	115

LISTA DE SIGLAS

DMSP	Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva
PAF	Quadro de Desenvolvimento de Valores Pessoais
PYD	Desenvolvimento Positivo na Juventude
TFL	Liderança Transformacional
4 C's	Competência, confiança, conexão, caráter
3 P's	Participação esportiva, Desempenho, Desenvolvimento Pessoal
EEP	Especialização esportiva precoce

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	18
2. OBJETIVOS	23
2.1. GERAL.....	23
2.2. ESPECÍFICOS.....	23
3. JUSTIFICATIVA.....	24
4. REFERENCIAL TEÓRICO	25
4.1. A HISTÓRIA DO GOLEIRO NO FUTEBOL INTERNACIONAL E NACIONAL: DA SEGREGAÇÃO E DESVALORIZAÇÃO AO PROCESSO DE REINTEGRAÇÃO E PRESTÍGIO	25
4.1.1. A SEGREGAÇÃO E RIDICULARIZAÇÃO DOS GOLEIROS NO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	26
4.1.2. OS GOLEIROS NO PERÍODO ENTREGUERRAS	27
4.1.3. OS GOLEIROS NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960.....	28
4.1.4. OS GOLEIROS NA DÉCADA DE 1970.....	31
4.1.5. A MAIOR VALORIZAÇÃO DOS GOLEIROS A PARTIR DA DÉCADA DE 1980 ATÉ A ATUALIDADE.	32
4.2. A CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO DAS PESQUISAS SOBRE O MODELO DE DESENVOLVIMENTO DA PARTICIPAÇÃO ESPORTIVA (DMSP).....	37
4.2.1. A PRIMEIRA ONDA DE PESQUISAS DO MODELO DE DESENVOLVIMENTO DA PARTICIPAÇÃO ESPORTIVA (DMSP)	37
4.2.2. A SEGUNDA ONDA DE PESQUISAS DO MODELO DE DESENVOLVIMENTO DA PARTICIPAÇÃO ESPORTIVA (DMSP)	40
4.2.3. A TERCEIRA ONDA DE PESQUISAS DO MODELO DE DESENVOLVIMENTO DA PARTICIPAÇÃO ESPORTIVA (DMSP)	44
4.2.4. A QUARTA ONDA DE PESQUISAS DO MODELO DE DESENVOLVIMENTO DA PARTICIPAÇÃO ESPORTIVA	46
4.3. O QUADRO DE DESENVOLVIMENTO DE VALORES PESSOAIS (PAF) COMO UMA ABORDAGEM COMPLEMENTAR	69
4.3.1. OS DIFERENTES ASPECTOS PARA O DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO POSITIVO NA JUVENTUDE (PYD)	69
4.3.2. A INFLUÊNCIA DOS TREINADORES PARA O DESENVOLVIMENTO POSITIVO NA JUVENTUDE (PYD)	72
4.3.3. A INFLUÊNCIA DOS PAIS NO DESENVOLVIMENTO POSITIVO NA JUVENTUDE (PYD).....	74
4.3.4. A INFLUÊNCIA DOS PARCEIROS DE TREINO NO DESENVOLVIMENTO POSITIVO NA JUVENTUDE (PYD)	76
4.3.5. A CRIAÇÃO DO QUADRO DE DESENVOLVIMENTO DE VALORES PESSOAIS (PAF).....	78
4.4. O DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA ESPORTIVA DE ATLETAS DE ELITE. 86	
4.4.1. A EVOLUÇÃO DA PESQUISA EM DESENVOLVIMENTO DE CARREIRA ESPORTIVA.....	87
4.4.2. OS DIFERENTES MODELOS DE DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA ESPORTIVA.....	94
4.4.3. A TRANSIÇÃO DA CATEGORIA SUB-20 PARA OS PROFISSIONAIS (JUNIORES-SÊNIOR).	99
4.4.4. A TRANSIÇÃO CULTURAL EM ATLETAS DE ELITE	105
4.4.5. OS MOMENTOS DE PESQUISA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE CARREIRA ESPORTIVA E OS DESAFIOS FUTUROS DA COMUNIDADE CIENTÍFICA 108	
5. MATERIAL E MÉTODOS	112
5.1. A PESQUISA QUALITATIVA.....	112

5.2.	PARTICIPANTES DO ESTUDO	113
5.3.	PRODUÇÃO DOS DADOS	116
5.4.	A ANÁLISE TEMÁTICA REFLEXIVA	120
6.	RESULTADOS	129
7.	DISCUSSÃO	135
7.1.	OS ANOS DE EXPERIMENTAÇÃO DOS TRÊS GRUPOS DE GOLEIROS	135
7.1.1.	BRINCAR DE FUTEBOL: O JOGO DELIBERADO VIVENCIADO PELO GRUPO AUTODIDATAS	135
7.1.2.	BRINCAR DE FUTEBOL: O JOGO DELIBERADO VIVENCIADO PELO GRUPO PIONEIROS NO TREINAMENTO ESPECÍFICO	150
7.1.3.	BRINCAR DE FUTEBOL: O JOGO DELIBERADO VIVENCIADO PELO GRUPO GOLEIROS DA ERA GLOBALIZAÇÃO	161
7.1.4.	CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ANOS DE EXPERIMENTAÇÃO DOS TRÊS GRUPOS DE PARTICIPANTES	168
7.2.	OS ANOS DE ESPECIALIZAÇÃO DOS TRÊS GRUPOS DE PARTICIPANTES	171
7.2.1.	O GRUPO AUTODIDATAS E OS ANOS DE ESPECIALIZAÇÃO	171
7.2.2.	O GRUPO PIONEIROS NO TREINAMENTO ESPECÍFICO E OS ANOS DE ESPECIALIZAÇÃO	175
7.2.3.	O GRUPO GOLEIROS DA ERA DA GLOBALIZAÇÃO A ESPECIALIZAÇÃO ESPORTIVA PRECOCE E OS ANOS DE ESPECIALIZAÇÃO	179
7.2.4.	CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ANOS DE ESPECIALIZAÇÃO DOS TRÊS GRUPOS DE PARTICIPANTES	190
7.3.	OS ANOS DE INVESTIMENTO DOS TRÊS GRUPOS DE PARTICIPANTES	193
7.3.1.	O GRUPO AUTODIDATAS E OS ANOS DE INVESTIMENTO	193
7.3.2.	O GRUPO PIONEIROS NO TREINAMENTO ESPECÍFICO E OS ANOS DE INVESTIMENTO	219
7.3.3.	OS GRUPO GOLEIROS DA ERA DA GLOBALIZAÇÃO E OS ANOS DE INVESTIMENTO DOS PARTICIPANTES	251
7.3.4.	CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ANOS DE INVESTIMENTO DOS TRÊS GRUPOS DE PARTICIPANTES	270
7.4.	OS ANOS DE MANUTENÇÃO DA ELITE E O ENCERRAMENTO DA CARREIRA ESPORTIVA DOS PARTICIPANTES	273
7.4.1.	O GRUPO AUTODIDATAS, OS ANOS DE MANUTENÇÃO DA ELITE E O ENCERRAMENTO DA CARREIRA ESPORTIVA	274
7.4.2.	O GRUPO PIONEIROS NO TREINAMENTO ESPECÍFICO, OS ANOS DE MANUTENÇÃO DA ELITE E O ENCERRAMENTO DA CARREIRA ESPORTIVA	289
7.4.3.	O GRUPO GOLEIROS DA ERA DA GLOBALIZAÇÃO E OS ANOS DE MANUTENÇÃO DA ELITE ESPORTIVA	300
7.4.4.	CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ANOS DE MANUTENÇÃO DA ELITE ESPORTIVA DOS TRÊS GRUPOS DE PARTICIPANTES	308
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	311
9.	REFERÊNCIAS	316
	ANEXO A. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.	326
	ANEXO B. ROTEIRO DE ENTREVISTAS	327

APRESENTAÇÃO

Logo nos primeiros anos da minha infância conheci um dos grandes amores da minha vida e que provavelmente perdurará toda minha carreira acadêmica: o futebol. Meu envolvimento com tal esporte iniciou-se pelos jogos em que assistia pela televisão e pelas brincadeiras com meus familiares no campo de futebol de areia que existia no sítio dos meus avós, lugar onde vivenciei a maioria da minha infância e adolescência. Em um destes jogos televisionados, tive a oportunidade de ver uma grande atuação do goleiro Dida, que até então atuava pela equipe do Cruzeiro, no excelente time da temporada de 1997. Após aquele clássico entre Cruzeiro x Atlético Mineiro, em um domingo, coloquei a bola debaixo dos braços, arremessei para o meu pai, e disse: “chuta, pai, quem está no gol é o Dida”. A partir daquele momento, aos seis anos de idade, tornei-me goleiro de futebol. Diferente de outros meninos, não me interessei por fazer gols em nenhum momento ou em atuar em qualquer outra função.

Após esta ocasião, iniciei em uma escolinha de futebol na categoria sub-7, destacando-me logo em minha primeira competição e, a partir deste ano, outras inspirações foram surgindo. Com o decorrer do tempo, identifiquei-me com Iker Casillas, um goleiro que se tornou ídolo e sempre apresentou excelência de rendimento ao longo de sua carreira, mas que tinha uma pequena estatura e sempre sofreu discriminação neste aspecto, similarmente ao meu caso. Dos sete aos 13 anos de idade, em Porto Ferreira, uma pequena cidade do interior de São Paulo, cresci e me desenvolvi, primeiramente jogando futsal. Aos 14 anos, decidi me envolver com o futebol de campo, frequentando as escolinhas da cidade.

Aos 15 anos, fui à procura do meu sonho de ser jogador e participei do primeiro torneio federado de minha vida, o Campeonato Paulista. Talvez tenha sido uma das poucas experiências positivas que tive no processo de especialização como goleiro, pois de 2006 a 2008 tentei jogar em algumas equipes da série B1 do estadual na categoria sub-20, pois mesmo que eu ainda tivesse idade para atuar no sub-15, essa categoria não existia neste clube. Atuar desta maneira não era muito confortável, pois meu perfil atlético não era o ideal para as habilidades físicas necessárias nesta categoria de idade maior. Logo, sofri consecutivas lesões e, aliado à minha baixa estatura, comecei a perder espaço e não conseguia mais ser aprovado nos testes em diversos clubes.

Em 2009, decidi que só iria jogar o último campeonato paulista e ao mesmo tempo estudar para ter a oportunidade de cursar uma boa faculdade, já que estava no terceiro ano

do ensino médio. No mês de agosto, minha última partida federada terminou em 7x0 para o adversário e eu não consegui terminar o jogo, devido a um forte chute em minha cabeça, responsável por me deixar no hospital.

Frustrado, decidi permanecer no futebol apenas de maneira recreativa e investi nos estudos para o vestibular, que já estava próximo. Escolhi então concorrer a uma vaga no Ensino Superior público em quatro universidades distintas e, em cada uma, escolhi um curso diferente: Jornalismo na UNICAMP, Direito na UFSCar, História na Unesp e, por último, Educação Física na USP de Ribeirão Preto. Fui aprovado nas quatro universidades, mas optei pela carreira que a Educação Física poderia me proporcionar.

De 2010 a 2013 cursei o bacharelado em Educação Física em que vivenciei diversas experiências, tive oportunidades de trabalhar com diferentes modalidades esportivas e atividades antes de me inserir como treinador de goleiros de futebol em 2013, na escolinha do Botafogo F.C. Durante o curso aprendi que a educação física não se reduzia apenas ao esporte de alto rendimento. Comecei então a perceber a complexidade deste fenômeno e as diversas maneiras que eu poderia exercer influência no mercado de trabalho. Deste modo, a minha motivação em trabalhar na área aumentou gradativamente e as disciplinas da graduação se tornaram cada vez mais interessantes. Neste processo de aprendizagem fui me transformando progressivamente em outro Iuri, completamente diferente daquele que entrou na universidade.

Em 2012, conversei com o professor Renato Francisco Rodrigues Marques, após uma aula de Pedagogia do Esporte, em que ministrou sobre a formação esportiva de atletas e, devido a sua maior proximidade com futsal e futebol, deu diversos exemplos destas modalidades esportivas. Neste momento, despertei o interesse em me especializar nesta área e, com isso, consegui o meu primeiro projeto de Iniciação Científica, com bolsa da CNPq com o projeto intitulado: “A percepção de treinadores de goleiros de futebol sobre procedimentos adotados na formação de atletas”.

Com os resultados oriundos deste projeto sobre os treinadores de goleiros, participei dos meus primeiros congressos científicos na graduação: em 2012, do Congresso de Iniciação Científica, organizado pela USP – UNESP – UNICAMP, que foi realizado em Campinas, no ginásio da FEF; Em 2013, minha primeira comunicação oral ocorreu com o trabalho intitulado “O Ensino dos Elementos Técnicos e Táticos na Formação de Goleiros de Futebol”, no 4º Congresso Internacional de Jogos Esportivos Coletivos em Florianópolis/SC. Neste evento, em uma das últimas palestras, tive contato

com a pesquisa de Jean Côté e, desde aquele momento, interessei-me muito pela sua literatura.

Após a conclusão da graduação me afastei temporariamente da carreira acadêmica. De 2013, último ano da minha graduação, até a metade do ano de 2014, trabalhei na função de treinador de goleiros. Neste último ano, decidi transitar da carreira de treinador de goleiros de futebol para a musculação, área que sempre admirei. Assim, tornei-me *Personal Trainer*, função que exerço até os dias atuais.

Neste período, acumulei diversas horas em cursos de aperfeiçoamento nesta área. Dentre os cursos deste período, conclui uma formação em inglês pelo CCAA, realizei uma pós-graduação Lato Sensu em Avaliação Física, Postural e Funcional, do início de 2016 a julho de 2017. Após o contato com o TCC da pós-graduação, minha motivação para a pesquisa retornou. Após a conclusão deste curso, em agosto de 2017, procurei novamente o professor Renato Francisco Rodrigues Marques, que me acolheu pela segunda vez como meu orientador.

No final de 2017, fui aceito pelo programa de pós-graduação da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, EEFERP-USP. Desde então, tenho imergido em diferentes tópicos de estudo, que vêm ampliando meus conhecimentos e transformando meus horizontes de ação para poder exercer não apenas a docência, mas também trabalhar com o esporte, com mais competência e maturidade do que em 2014. Neste ano, tive contato com leituras que me proporcionaram uma maior reflexão sobre nossa própria área, pelo contato com diferentes disciplinas ministradas por diversos professores muito competentes, de modo que cada um dos 24 créditos acumulados foi fundamental.

Na disciplina de Fundamentos Teóricos da Educação Física e Esporte discutimos vários pontos de conflito dentro do campo acadêmico e do campo esportivo, bem como a interação entre estes campos, através da leitura de artigos e a elaboração de seminários sobre as diferentes linhas de pesquisa existentes na Educação Física, ministrados com excelência pelos professores Enrico Puggina e Renato Marques.

Na disciplina de Metodologia do Ensino Superior, do PAE, ministrada pelos professores Hugo Tourinho, Myrian Nunomura e Rafael Pombo Menezes, foi possível descobrir as diferentes maneiras de se ministrar uma aula, como realizar a ementa de uma disciplina acadêmica e uma programação ao longo do semestre. Além disto, observamos os diferentes modelos de ensino e suas mudanças ao longo do tempo.

Na disciplina de Metodologia da Pesquisa Científica, ministrada pelos professores Marcelo Papoti e Cristiano Barreira, aprendi sobre as diferentes maneiras de se realizar uma pesquisa científica.

Na disciplina de Análise de Jogo, ministrada pelos professores Marcio Pereira Morato e Rafael Pombo Menezes, aprendi como se analisar o jogo esportivo coletivo de forma clara e consistente, fazendo com que este conhecimento seja transferível para a prática e para a pesquisa acadêmica.

Durante o processo, em uma das disciplinas, eu e o Lucas Vicentini fomos para a FEF-UNICAMP, em Campinas, cursar a disciplina denominada Tópicos Especiais em Modalidades Esportivas, ministradas pelos professores Paulo César Montagner e Alcides José Scaglia. Neste período, aprendemos a realizar um parecer de pesquisa, debater e arguir diferentes projetos. Ao longo das quinze sextas-feiras, colocávamos as nossas entrevistas realizadas no mestrado na multimídia do automóvel, o que nos auxiliou durante o processo de familiarização com os dados, pois analisamos as transcrições e os áudios dos nossos próprios estudos.

O nosso grupo de estudos, o GEPESPE-RP, auxiliou epistemologicamente com a leitura da obra de Bourdieu, área de excelência do Prof. Renato, que me fez refletir muito sobre os problemas dentro e fora do campo esportivo. Paralelamente, o referencial teórico da dissertação foi responsável por uma imersão profunda na literatura de Jean Côté, o que me influenciou a aprofundar meus conhecimentos na área e também auxiliou a solucionar os problemas deste trabalho.

O GEPESPE-RP é um grupo que apresenta uma grande união e parceria entre os colegas, em um ambiente em que todos se ajudam, seja ao arguir um projeto, ou nas diferentes tarefas. Tive e continuo tendo o privilégio do contato com pessoas realmente especiais neste grupo, que querem fazer diferença na área acadêmica.

Em setembro de 2018 apresentei o artigo “O efeito do local de nascimento como fator de influência para o alto rendimento em atletas da superliga de voleibol: cenários masculino e feminino” e participei como membro da Comissão Organizadora, sendo responsável por mediar apresentações e minicursos referentes ao VI Congresso Latino Americano De Estudos Socioculturais Do Esporte – ALESDE.

Neste mesmo evento, tive a oportunidade de traduzir uma palestra das professoras Natalie Barker-Ruchti e Astrid Schubring, sobre a carreira esportiva de atletas de alto rendimento em diferentes modalidades esportivas.

Participar da organização do Congresso da ALESDE foi uma experiência única, pelo fato de ser um dos maiores eventos da linha de pesquisa que o grupo segue. Além disto, tivemos a oportunidade de conhecer grandes professores da área em Ribeirão Preto, mediar trabalhos de comunicação oral e minicursos. Todos estes momentos foram responsáveis para o desenvolvimento e fortalecimento do grupo.

Em 2018 tive um grande desenvolvimento oriundo da mudança de emprego, que me permitiu uma maior flexibilidade de horários para que eu investisse muitas horas semanais nas leituras do grupo de estudos e do referencial necessário para a dissertação.

Pela dedicação e disciplina constantes em ler, tentar compreender e transferir o que fora compreendido para o papel sobre a literatura de Jean Côté, no exame de qualificação realizado em março de 2019, o professor Alcides Scaglia sugeriu que, devido à profundidade do conteúdo presente no referencial teórico, seria interessante que publicássemos um capítulo de livro ou artigo do que fora escrito até então. Frente ao exposto, eu, o meu colega de grupo e amigo Lucas Vicentini, e meu orientador Renato decidimos submeter um artigo que relatava a importância da obra de Côté e colaboradores para o desenvolvimento da participação esportiva de atletas de alto rendimento e praticantes recreativos para a revista *Quaderns de Psicologia* (*International Journal of Psychology*), que havia aberto pela primeira vez em sua história uma edição para artigos relacionados à intersecção da psicologia com o esporte, com o tema esportes e sociedade na psicologia do esporte, em 2019. Este artigo intitulado “The multiple sides of sports participation: some recommendations of Jean Côté and collaborators” foi submetido neste mesmo ano e aceito em 2020, estando em fase final de editoração e publicação.

Paralelamente, o artigo com o título “The relative age effect on the development of goalkeepers in Brazil: elite men and women scenarios” foi desenvolvido por mim, pelo Lucas e pelo Prof. Renato, sendo submetido em 2019 e publicado em 2020 No *Journal of Physical Education*.

Nos dias quatro, cinco e seis de setembro de 2019 tive a oportunidade de participar do VII Congresso ABRAPESP, realizado em Ribeirão Preto, e de finalmente apresentar na comunicação oral o meu trabalho de Iniciação Científica intitulado “Percepção de treinadores de goleiros de futebol sobre procedimentos adotados na formação de atletas”.

Ainda em setembro de 2019, participei do I Fórum Nacional de Treinadores de Goleiros realizado na cidade de Americana/ SP, organizado pelo treinador Erick Martins e pelo instrutor da CBF Carlos Thiengo. O conhecimento construído mostrou que existe uma constante necessidade em melhorar o processo de aprendizagem para o

desenvolvimento esportivo dos goleiros, o que me incentivou a permanecer neste caminho que estou.

A participação em todos estes eventos somada às sugestões da banca no exame de qualificação e aos resultados oriundos da análise de dados me fizeram estudar um segundo referencial teórico: a obra de Natalia Stambulova sobre transições próprias do desenvolvimento de carreiras esportivas. Portanto, durante o segundo semestre de 2019 investi grande parte do meu tempo investindo em estudo e no trabalho de integração deste referencial com o que já havia sido escrito. Deste modo, consegui concluir essa dissertação de mestrado.

Por fim, é pertinente descrever que tenho me dedicado com afinco no campo acadêmico e em todas as esferas da minha vida, em tudo que eu me disponho a fazer. Pretendo continuar, até os últimos dias de minha vida, auxiliando no desenvolvimento de carreira de participantes recreativos, atletas profissionais e, principalmente, os goleiros de futebol, que necessitam de uma comunidade científica ativa, que seja responsável por auxiliá-los e guiá-los a evoluir e manter níveis de excelência.

1. INTRODUÇÃO

Diversas modalidades esportivas contemporâneas praticadas na atualidade são oriundas da apropriação e transformação de regras e valores dos jogos populares por parte da burguesia no período referente à revolução industrial (MARQUES, 2015). Dentre elas, o futebol, objeto principal deste estudo, também foi incorporado por esta classe da sociedade nas escolas públicas da Inglaterra como forma de distinção social e, pela rápida emancipação, teve a sua prática regulamentada em 1863 (THIENGO; HUNGER, 2014).

Neste mesmo ano, fundou-se a primeira instituição, a *Football Association* (FA), entidade que reuniu esforços para a universalização das regras, que ocorreu em 1866, em uma partida amistosa promovida pela federação. Com os jogos organizados pela burguesia, houve uma divulgação do esporte e, por volta de 1870, devido à redução da jornada de trabalho, aumentou-se o incentivo para a prática, já que aos sábados, dia de folga dos operários, existia um maior tempo livre para apropriar-se desta modalidade esportiva como um momento de lazer e recreação. Deste modo, gradativamente começaram a surgir novos adeptos em todas as camadas sociais (VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO, 2006; THIENGO; HUNGER, 2014; WILSON, 2012).

A elite, então, tentou frear este processo de emancipação, mantendo os seus valores de amadorismo e cavalheirismo, mas este esforço não foi suficiente. Em 1871, por consequência desta rápida transformação, realizou-se a primeira Taça da Inglaterra e, em 1877 o futebol já era praticado em toda a Inglaterra e em alguns países da Europa. Em 1914, estima-se que esta modalidade esportiva já apresentava mais de 1 milhão de praticantes, tornando-se mais profissional e gradativamente ganhando maior espetacularização, devido ao processo de mercantilização do esporte principalmente nas últimas décadas do século XX até os dias atuais (THIENGO; HUNGER, 2014; MARQUES, 2015).

Segundo o site oficial da *Federation International of Football Association* (FIFA), o futebol é atualmente o esporte com maior número de praticantes no mundo. Segundo o censo realizado em 2006, com as 207 instituições filiadas, possui mais de 265 milhões de praticantes (FIFA, 2006).

No Brasil, o futebol foi introduzido em 1870 por padres jesuítas, e diversos documentos comprovam as realizações de diversas partidas amistosas neste período: em 1875, funcionários de duas fábricas no Rio de Janeiro disputaram uma partida; em 1878, os tripulantes do navio Crimeia, no Rio de Janeiro, disputaram um amistoso, apitado por um árbitro inglês; em 1882, em São Paulo, funcionários de uma fábrica também realizaram uma partida amistosa; por fim,

no Rio de Janeiro, em 1884, existe um relato de um jogo realizado entre marinheiros ingleses (THIENGO, HUNGER, 2014).

Porém, o ano de 1894 é considerado como a data oficial, com os jogos organizados por Charles Miller, na várzea do Carmo, em São Paulo, entre os sócios do São Paulo Athletic. Em 1898 criou-se a primeira equipe completamente brasileira, composta por alunos da universidade Mackenzie do curso de direito. A partir daí, foram criados diversos clubes e instituições, culminando na disseminação e institucionalização da modalidade esportiva no país (QUEIROZ, 2012; THIENGO, HUNGER, 2014).

De acordo com a FIFA, o futebol é o esporte mais praticado em todo o mundo (FIFA, 2006). No Brasil, 42,7% da população pratica este esporte (BRASIL, 2020). Sabendo da importância do futebol para o cenário esportivo internacional e nacional, o presente estudo tem como foco investigar os jogadores de uma função específica deste esporte: os goleiros. Cada modalidade esportiva está atrelada às suas características e especificidades (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003) e, por isto, antes de introduzi-los como objeto de estudo, faz-se pertinente contextualizar esta função no cenário internacional e nacional.

Em 1863, no primeiro código da FA, não existia nenhuma menção a esta função específica. No ano de 1866 foi abolido o *fair catch*, isto é, o toque de mão legal por qualquer jogador, sendo permitido que apenas um defensor, escolhido pelo time, segurasse a bola. Esse jogador era chamado de “expectador” ou “vigia”. Até o ano de 1870 um time de futebol deveria contar com 11 jogadores, todos na linha. (QUEIROZ, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014).

Dentre as diversas transformações, houve a criação da figura do goleiro, em 1871. A partir desta data, foi admitido que estes jogadores pudessem segurar a bola com as mãos em qualquer parte do campo. No ano de 1897, estipulou-se que o goleiro só poderia segurar a bola com as mãos no seu próprio campo, conduzindo-a como um jogador de basquete até a demarcação do meio do campo. Em 1900, foram criadas a pequena e a grande área, com as mesmas distâncias atuais, mas ainda era permitida a condução de bola, por parte do goleiro, até a metade do campo com as mãos (WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014).

A ideia de se utilizar um uniforme com cores diferentes do restante do time aconteceu apenas em 1909. Em 1912, a FA decidiu realizar uma mudança na regra, que consistia em restringir o local do campo onde o goleiro poderia tocar a bola com a mão para a demarcação da grande área (WILSON, 2012).

A partir desta data o goleiro começou a ser marginalizado no contexto futebolístico por ser o único jogador “estranho” ao jogo, com regras, ações e vestimentas diferentes dos demais. O processo de segregação se iniciou após a mudança da regra descrita acima em 1912 e se

intensificou no período referente à Primeira e Segunda Guerra Mundial. Após a década de 1950 o goleiro no cenário internacional vagarosamente conseguiu reintegrar-se ao time por consequência do sucesso de alguns atletas desta função, principalmente no Leste Europeu (WILSON, 2012).

Entretanto, a maior intensificação deste processo ocorreu após a década de 1990, especificamente pela criação de uma nova regra em 1992 que perdura até a atualidade no futebol. Os goleiros foram proibidos de segurar a bola com as mãos após um passe executado por um jogador do seu próprio time, exceto se ele fosse realizado com a cabeça, com o peito ou com o joelho, sendo aplicada a punição de um tiro livre indireto no local onde ocorreu a infração (VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO, 2006; WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014).

A partir desta data os goleiros começaram a se preocupar não apenas com os problemas defensivos, mas iniciaram a participação em ações ofensivas do time, exigindo uma preparação mais específica, complexa e integrada ao restante do time para esta função (QUEIROZ, 2012; WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014).

No cenário nacional, Domingues (1997) descreve a desvalorização da figura do goleiro antes da década de 1970, pois não existia o treinamento específico para esta função. O treinamento físico dos goleiros era realizado juntamente com os outros jogadores da equipe, já o treinamento técnico se baseava em finalizações ou até mesmo era realizado pelos próprios atletas.

Em 1970, Raul Carlesso que era até então tenente do Exército Brasileiro, deu origem a uma nova função do futebol brasileiro: a de treinador de goleiros. De 1970 até 1990, a base do treinamento era por exercícios calistênicos, técnicos e físicos, porém descontextualizados, por ser uma reprodução do que era realizado pelos ex-atletas da modalidade esportiva. No final da década de 1980, com destaque para o trabalho de Valdir Joaquim de Moraes, a profissão de treinador de goleiros passou a ser mais valorizada, com a primeira participação deste membro da comissão técnica na Copa do Mundo de 1986, mas veio a se consolidar principalmente a partir da década de 1990. Pelo avanço científico foram desenvolvidas características específicas para esta função, como diferentes habilidades técnicas, táticas, físicas e psicológicas (DOMINGUES, 1997; THIENGO; HUNGER, 2014).

Neste aspecto, Voser, Guimarães e Ribeiro (2006) apontam que os goleiros, como qualquer atleta, se inserem em um processo de formação esportiva, sendo pertinente integrar todas as diferentes habilidades durante as atividades, aproximando o desenvolvimento e treinamento da realidade específica do esporte. Para os autores, este processo pode ser visto em longo prazo e, deste modo, é importante que se respeite cada estágio da carreira do goleiro.

Côté, Baker e Abernethy (2007) corroboram esta ideia, descrevendo a importância de se conhecer o processo de iniciação na infância, progredindo para a especialização que envolve todo e qualquer atleta até atingir o alto rendimento. Para os autores, é importante perceber o desenvolvimento esportivo como um processo em longo prazo em que a diversificação de modalidades esportivas e a oportunidade de se inserir em jogos e brincadeiras relacionadas às práticas esportivas precedem a especialização esportiva.

O desenvolvimento da participação esportiva, que compreende desde o primeiro contato com o esporte até tornar-se um atleta profissional, é extremamente complexo no que se refere à integração de fatores que podem facilitar ou dificultar este processo. De acordo com Côté, Baker e Abernethy (2007), o desenvolvimento esportivo até o alto rendimento é representado por uma linha do tempo que contém alguns marcos importantes, que sinalizam uma mudança no envolvimento pessoal do próprio atleta no esporte. Esta mudança pode alterar a maneira que os pais, treinadores e parceiros participam deste processo, influenciando diretamente no seu desempenho e desenvolvimento cognitivo, emocional e social do indivíduo (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Neste sentido, analisar o desenvolvimento do rendimento de um esportista longitudinalmente é um processo árduo que demanda muito tempo, já que ao considerarmos toda a carreira esportiva de um atleta levaria aproximadamente 10 anos de estudo (FRASER-THOMAS et al., 2008).

Por isto, estudar a carreira de atletas de elite de maneira retrospectiva tem se mostrado uma excelente solução para a produção de dados longitudinais, pois os atletas são capazes de relatar de maneira precisa as variáveis ao longo de sua carreira (CÔTÉ; ERICSSON; LAW, 2005). Para os autores, os atletas de elite têm mais facilidade para relatar sobre experiências passadas com os treinamentos, práticas e competições uma vez que estas são atividades primárias do cotidiano destes indivíduos e, portanto, este tipo de análise se torna mais eficiente neste tipo de população. Para complementar, Stambulova et al. (2009) corroboram estes achados e reforçam que os estudos retrospectivos são importantes e contribuem para fortalecer o conhecimento na literatura sobre este tema específico.

Segundo Stambulova et al. (2009), existe uma lacuna nas pesquisas em desenvolvimento de carreira esportiva na América do Sul, Ásia e África. Estes continentes encontram-se um momento de maiores investimentos em estudos sobre este tema, que tem como maior foco problemas na aposentadoria e principalmente em carreira de treinadores, porém nem sempre veiculados e acessados pela literatura internacional e pesquisadores de diversos países. Deste modo, é importante que novos estudos sobre o desenvolvimento de carreira de atletas adaptem

os referenciais teóricos internacionais a aspectos culturais específicos, considerando o sistema esportivo local e a maneira como a sociedade se organiza (STAMBULOVA et al., 2009).

Frente ao exposto, Stambulova (2012) afirma que é importante perceber a literatura em desenvolvimento e transição de carreira como universal, podendo ser aplicada em qualquer cultura, com o intuito de desenvolver ainda mais o corpo de conhecimento sobre este tema em diferentes culturas.

De acordo com os trabalhos de Wilson (2012) e Thiengo e Hunger (2014), é possível observar a importância de se estudar o desenvolvimento da carreira esportiva de goleiros no cenário nacional, visto que o processo de treinamento de goleiros no Brasil foi construído de maneira específica e gradativa, sendo pertinente afirmar que em diferentes décadas os goleiros vivenciaram a evolução deste treinamento no cenário nacional e, assim, tiveram experiências distintas entre si. Com isto, faz-se relevante investigar a carreira esportiva dos goleiros de maneira intergeracional², para analisar as singularidades de cada processo de desenvolvimento esportivo em direção ao alto rendimento.

Diante dos dados apresentados, as perguntas centrais deste estudo são: como se deu o desenvolvimento da carreira esportiva de goleiros que atuam ou já atuaram na seleção brasileira masculina de futebol? Existiram períodos importantes da carreira esportiva do atleta responsáveis para se atingir e manter o alto rendimento?

Para responder a essas questões, este estudo contou como subsídio teórico para a análise de resultados os estudos da obra de Jean Côté, Natália Stambulova e seus respectivos colaboradores. Portanto, as próximas seções deste trabalho são organizadas da seguinte maneira: 2. Objetivos; 3. Justificativa; 4. Referencial teórico - dividido em quatro seções sobre a obra de Côté e colaboradores, Stambulova e colaboradores, a história do goleiro no futebol internacional e nacional; 5. Material e métodos; 6. Resultados e discussão; 7. Considerações finais; 8. Referências bibliográficas.

² De acordo com Thiengo e Hunger (2014), a evolução do treinamento de goleiros ocorre principalmente na década de 1980 e 1990, em razão da legitimação e consolidação destes treinadores específicos. Deste modo, é possível afirmar que existiram distintas gerações desta função, com vivências de treinamentos igualmente distintas, o que permite um estudo que associe e integre esses indivíduos.

2. OBJETIVOS

2.1. GERAL

Investigar e descrever a carreira esportiva de goleiros que atuam ou atuaram na seleção brasileira principal masculina de futebol, a partir da perspectiva dos próprios jogadores.

2.2. ESPECÍFICOS

Descrever o processo de desenvolvimento, as transições durante a carreira e a manutenção em nível de elite de goleiros da seleção brasileira masculina de futebol; analisar os fatores que se mostraram relevantes durante suas carreiras, de acordo com as experiências vivenciadas por cada geração; compreender os facilitadores e as dificuldades do processo de desenvolvimento esportivo, da manutenção da elite e das transições nas carreiras destes atletas de maneira intergeracional.

3. JUSTIFICATIVA

Este trabalho justifica-se na necessidade de reflexões e oferta de contribuições com a constante melhora do processo de desenvolvimento esportivo, de manutenção da elite esportiva e a importância das transições que ocorrem durante toda a carreira esportiva de goleiros de futebol que atuam ou já atuaram pela seleção brasileira.

Este estudo oferece subsídios teóricos para intervenções práticas no treinamento de goleiros, desde os primeiros anos da infância até o nível de elite. Deste modo, a intenção é compreender os fatores determinantes para o desenvolvimento da carreira esportiva, proporcionando uma reflexão psicológica, pedagógica e sociocultural para este tipo de população.

O presente estudo abrangeu o contexto cultural brasileiro, que por ser pouco explorado na literatura, apresenta diversas lacunas sobre o tema. No que diz respeito ao desenvolvimento esportivo de goleiros de futebol no Brasil, este tópico vem se tornando relevante para o cenário esportivo mundial e nacional na atualidade, pelo fato destes atletas estarem adquirindo maior prestígio dentro deste esporte, tendo conquistado mais espaço também em grandes equipes na Europa.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo de referencial teórico foi dividido em quatro partes: a primeira aborda a inclui a história e evolução do goleiro no cenário futebolístico internacional e nacional em uma linha do tempo; a segunda engloba a criação e a evolução do Modelo de Desenvolvimento de Participação Esportiva (DMSP³) proposto por Côté e colaboradores; a terceira se refere à criação do Quadro de Desenvolvimento de Valores Pessoais (PAF⁴), uma abordagem ecológica holística, que analisa o atleta em um contexto idiossincrático, aprofundando ideias inicialmente construídas pelo DMSP e preenchendo algumas lacunas desta literatura; a quarta e última parte contém a obra de Stambulova e colaboradores no que concerne o Modelo de Transição de Carreira Esportiva, o Modelo de Transição Cultural, às similaridades e diferenças na literatura em desenvolvimento de carreira esportiva ao redor do mundo.

4.1. A HISTÓRIA DO GOLEIRO NO FUTEBOL INTERNACIONAL E NACIONAL: DA SEGREGAÇÃO E DESVALORIZAÇÃO AO PROCESSO DE REINTEGRAÇÃO E PRESTÍGIO

Esta seção revela ao leitor a história do goleiro de futebol desde sua origem até a atualidade com o objetivo de informar o leitor sobre a evolução de diversas características peculiares desta função. Por se tratar de um estudo intergeracional, faz-se pertinente incluir detalhes pertencente a cada geração específica no cenário mundial e nacional. Para tal, este estudo se utilizou da obra *Outliers: A History of the Goalkeeper* do jornalista inglês Jonathan Wilson, que se baseou em diversas biografias, documentos, jornais e entrevistas com atletas para que fosse possível desenvolver o livro. Em diversos momentos, foi realizada uma correspondência com o livro de Carlos Thiengo e Dagmar Hunger *Com a Nação nas Mãos*, que também detalha a história do goleiro no mundo e especialmente no Brasil.

Outros artigos e documentos de apoio também auxiliaram no desenvolvimento desta seção, que foi dividida em seis partes, seguindo cronologicamente uma linha do tempo que acompanha a evolução desta função: a primeira parte descreve a segregação e ridicularização sofrida pelos goleiros no início do século XX; a segunda parte descreve as características destes no período entre a Primeira e Segunda Guerra Mundial; a terceira parte descreve as décadas de 1950 e 1960; a quarta parte descreve a década de 1970; a quinta parte descreve a maior

³ Traduzido do original em idioma inglês: *Developmental Model of Sports Participation* (CÔTÉ, 1999).

⁴ Traduzido do original em idioma inglês: *Personal Assets Framework* (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

valorização do goleiro a partir da década de 1980 até a atualidade; a sexta e última parte descreve as características necessárias para esta função na atualidade.

4.1.1. A SEGREGAÇÃO E RIDICULARIZAÇÃO DOS GOLEIROS NO INÍCIO DO SÉCULO XX.

Desde a sua origem em 1871 até o ano de 1909, quando a FA consolidou que os goleiros deveriam utilizar um uniforme diferente aos demais jogadores, o goleiro era percebido como mais um zagueiro, um jogador integrado ao time. Com a diferenciação do uniforme e as novas regras que foram surgindo, como a delimitação do espaço em que se poderia segurar a bola com as mãos, iniciou-se um processo de segregação do goleiro quanto aos outros jogadores, pois este se encontrava cada vez mais solitário em campo, com regras e funções cada vez mais diferenciadas dos demais (WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014).

Os goleiros que surgiram anteriormente à Primeira Guerra Mundial até o período entre guerra enfrentaram muitas situações adversas, de modo que não eram protegidos pelas regras do jogo, sofrendo diversas agressões físicas durante as competições. Uma das jogadas mais populares neste período pré-guerra se consistia em chutar a bola para o alto na direção do goleiro e, enquanto a bola estava em órbita, no ponto mais alto da parábola de seu movimento, dois jogadores adversários derrubavam o goleiro. Quando a bola estava próxima ao solo, um terceiro jogador conduzia a bola para o gol vazio (WILSON, 2012).

Frente ao exposto, os goleiros deste período eram considerados muito mais agressivos que os da atualidade. Dentre eles, Leigh Richmond Roose, atleta do Sunderland na Inglaterra, sempre foi polêmico. Ficou conhecido por erguer os pés quando saía de sua meta para enfrentar os jogadores adversários em bolas rasteiras, além de distribuir socos e cotoveladas quando saía em bolas aéreas. Em 1912, a FA realizou uma mudança em uma das regras que envolviam esta função: a partir desta data, só poderiam segurar a bola com as mãos dentro da demarcação da grande área. Essa nova regra ocorreu porque Roose conduzia a bola como um jogador de basquete até a linha do meio do campo e, a partir desta demarcação, colocava a bola no solo e chutava-a em direção ao gol (WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014).

Esta nova regra dificultou o processo de reintegração do goleiro como um membro ativo do time. Quando ficava na área e errava a saída em um cruzamento, consideravam que havia cometido uma falha. Quando saía do gol e perdia uma disputa para o atacante, era considerado “louco”, o que talvez seja até os dias de hoje uma das maiores maldições do goleiro: ser sempre considerado culpado (WILSON, 2012).

O goleiro era visto nestes países como uma função que qualquer um poderia ser capaz de executar, percebido pelos críticos como um indivíduo que não merecia confiança, totalmente solitário e estranhamente doentio. Desta forma, os garotos que não eram habilidosos e/ou não sabiam jogar eram escolhidos para serem goleiros para serem ridicularizados (WILSON, 2012).

4.1.2. OS GOLEIROS NO PERÍODO ENTREGUERRAS.

Em 1937 uma forte neblina durante uma partida entre Chelsea *versus* Charlton fez com que o árbitro tivesse de cancelar o jogo pelas más condições climáticas. Todos os jogadores que estavam em campo desceram para o vestiário, exceto o goleiro do Charlton, Sam Bartram, que não ouviu o apito do árbitro e permaneceu em campo por mais de 15 minutos, até ser encontrado por um policial que o avistou e avisou que a partida havia sido cancelada. Quando entrou no vestiário, todos os outros jogadores o ridicularizaram. Este é um exemplo de que ninguém percebia a presença do goleiro nessa época (WILSON, 2012; HACKET, 2012).

Entretanto, a Áustria, Hungria, Iugoslávia e Tchecoslováquia tiveram vários goleiros de destaque neste período. Na Alemanha, o goleiro Heiner Stuhlfauth atuou na década de 1920 pela equipe do Nuremberg, conquistando cinco campeonatos alemães. Não gostava de saltar, evitava colisões e, por chutar muito forte, jogava de maneira inteligente, adiantado como um zagueiro, com boa percepção e tomada de decisão rápida e eficiente. Foi o primeiro goleiro a utilizar luvas, que eram de lã áspera. Atuou pelo Nuremberg em 104 jogos, levando apenas 47 gols (WILSON, 2012; WILDHAGEN, 2018).

No período entreguerras a América do Sul também teve bons representantes, principalmente entre os goleiros proativos (aqueles que jogam mais adiantados como um defensor extra). No Uruguai o goleiro Mazoli em 1924 fez parte do elenco que foi campeão olímpico de futebol. Em 1928 foi ouro olímpico novamente, atuando como titular. Além disso, foi campeão três vezes pelo Nacional do Uruguai, concedendo apenas 29 gols nessas três temporadas (WILSON, 2012).

No Brasil, o goleiro Jaguaré, nascido no Rio de Janeiro, era considerado analfabeto foi descoberto jogando em sua vizinhança. Para poder se profissionalizar, teve que aprender a escrever seu próprio nome para poder assinar seu primeiro contrato, estabelecendo-se no futebol no Vasco da Gama. Em uma viagem à Europa em 1931, o clube realizou 12 jogos ganhando oito deles. As atuações de Jaguaré impressionaram e ele foi oferecido ao Barcelona. As regras da época, porém, não permitiam que jogadores estrangeiros atuassem, a não ser que se tornasse um cidadão da Catalunha, mas devido a falta de recursos, não conseguiram este feito. Porém,

Jaguaré retornou após a excursão para o Brasil como o primeiro goleiro a utilizar um par de luvas no país. Após a excursão, o Vasco da Gama vendeu o atleta ao São Paulo, mas este acabou não atuando pela equipe. Com auxílio de um amigo que jogou na seleção brasileira de 1930, Jaguare conseguiu transferência para o Sporting de Portugal. Após uma pequena passagem pelo clube, transferiu-se para o Olympique de Marselha, em 1936, conquistando o campeonato francês (League 1) e a Copa da França em 1938. Neste ano conquistou um feito histórico: tornou-se o primeiro goleiro a marcar um gol de pênalti pelo Olympique e defendeu as duas cobranças posteriores para se sagrar campeão (WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014; VEJA, 2019; ROZENBERG, 2020).

4.1.3. OS GOLEIROS NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960.

O processo de reintegração do goleiro como um membro participante do jogo (proativo) e não mais como um indivíduo solitário e paralelo ao restante dos jogadores reiniciou-se principalmente no Leste Europeu (WILSON, 2008; 2012).

Na Hungria em 1953, Grosics foi um dos destaques, assemelhando-se ao modelo de jogo húngaro, jogando no limite da grande área, atuando muitas vezes como um zagueiro extra. Deste modo, o time podia jogar com a linha de defesa mais avançada. Grosics tinha harmonia com os zagueiros e dependia das circunstâncias específicas para sair de sua meta, atuando desta maneira apenas quando não existia outra opção. O próprio atleta relatou que seu estilo dependia da experiência, atenção, velocidade de reação e posicionamento momentâneo. Quando o oponente avançava suas linhas de ataque, Grosics recuava, diminuía o ângulo do atacante e reagia o mais rápido possível, de maneira simples. Era considerado uma figura carismática, excêntrica e um dos precursores desta nova maneira de jogar (WILSON, 2008; 2012; THIENGO; HUNGER, 2014; FAZEKAS, 2014).

Um dos destaques desta época é a Rússia. Lev Yashin continuou o que foi construído por Grosics, sendo considerado um grande exemplo dentro e fora de campo pelo seu carisma e desempenho. Após um início de carreira irregular, consolidou-se como profissional e atuou em 438 jogos na carreira, invicto (*clean sheet*) em 209 deles. Comandava a defesa, era seguro, posicionava-se bem, tinha boa percepção e realizava saltos acrobáticos, sendo conhecido como “Aranha Negra”, apesar da cor da camiseta que utilizava ser, na verdade, azul marinho. Foi considerado o melhor goleiro do século XX. O troféu de melhor goleiro do Mundo atualmente denomina-se Troféu Lev Yashin, em homenagem ao jogador. Na Rússia, todos os jovens

queriam ser goleiros por consequência da reputação do atleta (WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014).

Na Inglaterra o primeiro goleiro com esse estilo de jogo proativo (denominado popularmente como *sweeper keeper*⁵) chamava-se Tommy Lawrence e atuava no Liverpool. Era fisicamente forte e dividia muitas vezes com os atacantes, formando uma linha de cinco defensores. Lawrence atuava como meio campista, porém, em um amistoso o goleiro titular se lesionou e ele teve de substituí-lo. A partir do destaque neste amistoso, começou a atuar nessa nova função. Lawrence sabia se posicionar muito bem e não fazia defesas acrobáticas, conquistando com este estilo cinco *Premiere League*, cedendo menos de 30 gols em cada edição (WILSON, 2008; 2012; THE GUARDIAN, 2018).

Trautmann era um goleiro alemão que atuava pelo Manchester City na década de 1950, fisicamente forte e saía bem de sua meta. Foi campeão da *FA Cup* em duas ocasiões, sendo a principal em 1956. Nesta última jogou os últimos 15 minutos com o pescoço quebrado após ter sofrido um chute na cabeça, fez a defesa mais importante do jogo antes de se sagrar campeão e, posteriormente, foi eleito o melhor jogador da temporada em 1955-1956. Devido ao que ocorreu com Trautmann a *FA* percebeu a necessidade de criar regras para proteger os atletas desta função durante as partidas. Diversos goleiros morreram em divididas no período entreguerras e foram necessários três incidentes consecutivos em finais de *FA Cup* para que as regras fossem alteradas para protegerem o goleiro (WILSON, 2012; SOUZA, 2020).

Na Argentina o grande destaque da década de 1950 foi Amadeo Carrizo, que atuou como titular na Copa de 1958 (THIENGO; HUNGER, 2014).

O Brasil, a exemplo da Inglaterra e Escócia, também ridicularizava os seus próprios goleiros, com um ditado popular preconceituoso que relata: “goleiro ou é louco ou é homossexual”. Este atleta é percebido pela população nacional como o homem que interrompe o objetivo principal e destrói a criatividade do jogo. No Brasil colonial, os homens mais criativos eram os negros, que representavam o ideal da “malandragem”. Portanto, existia o pensamento que os goleiros deveriam então ser brancos, criando-se este estereótipo nacional. Na Inglaterra acreditava-se que os negros eram bons como atacantes, mas não tinham concentração suficiente para serem defensores (WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014).

Barbosa, por exemplo, era um goleiro brasileiro que conquistou a Copa América de 1949, sendo um dos grandes nomes da competição. Porém, na final da Copa do Mundo de 1950 foi considerado o maior culpado pelo segundo gol e pela derrota diante do Uruguai, um evento

⁵ Referência ao goleiro que atua de maneira mais proativa no jogo, auxiliando o time defensivo (como um zagueiro extra) e ofensivamente (em reposições de bola rápidas e precisas).

que ficou conhecido como *Maracanazo*. Mesmo com a falha, Barbosa foi considerado o melhor goleiro da competição. Porém, a partir dessa data sua vida civil foi destruída e todos os jogadores negros foram julgados como os principais responsáveis por aquela derrota. Barbosa aposentou-se no ano de 1950 e retornou apenas em 1953 apresentando um excelente desempenho, de modo que garantiu sua vaga para a Copa do Mundo de 1954, mas devido a uma fratura em uma das pernas pouco tempo antes da competição, escolheu por encerrar sua carreira. O *Maracanazo* dificultou o desenvolvimento de goleiros negros na maioria dos clubes brasileiros. Apenas Manga, que era considerado mestiço, atuou na Copa do Mundo de 1966 na partida contra Portugal e, apenas depois de 40 anos, em 1999, Nelson de Jesus Silva, popularmente conhecido como Dida, foi o primeiro goleiro negro a atuar pela seleção brasileira de futebol depois de Barbosa, considerado como o principal responsável pela diminuição deste preconceito, que ainda existe (WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014).

Houve uma exceção na ridicularização aos goleiros brasileiros devido a Gilmar, que atuou no Santos F.C junto com Pelé. Gilmar era um goleiro alto, com autoridade, frieza, carisma e foi considerado um dos grandes nomes deste período. Conquistou a Copa do Mundo de 1958 e 1962, sendo que na última não sofreu gols até a semifinal da competição, quebrando o recorde de 17 jogos invictos em partidas internacionais consecutivas. Era considerado um líder no time e foi o primeiro a criticar a estética dos uniformes. O atleta costurava seu próprio calção, deixando-o mais curtos, afirmando que calções mais longos restringiam os movimentos. O Brasil, a partir deste período, adotou este estilo de uniforme para os seus goleiros (WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014).

A partir da década de 1960 os goleiros começaram a ter mais destaque no futebol, iniciando um questionamento sobre o fato de ser um membro “estranho ao jogo” (WILSON, 2012).

Reforçando este pensamento, o treinador Rinus Michel implantou o estilo de jogo de um clube da Holanda denominado Ajax, na década de 1960, que permitia que os goleiros atuassem mais adiantados, pois as linhas defensivas eram mais altas e mais dispersas quando a equipe mantinha a posse de bola, mas mais compactas quando não estavam com a bola (TRIVELA, 2020). Deste modo o goleiro se tornava um defensor extra para evitar contra-ataques. Um dos grandes nomes deste time foi o goleiro holandês Stuy, que conquistou três campeonatos europeus (1971-1973), tornando-se o jogador com mais títulos continentais que não atuou por uma seleção nacional (WILSON, 2008; 2012).

4.1.4. OS GOLEIROS NA DÉCADA DE 1970.

Na Alemanha, Sepp Maier foi um dos melhores de sua época. Obteve destaque pelo Bayern de Munique, onde conquistou quatro *Bundesliga* e três *Champions League*, atuando em 442 jogos consecutivos. Foi considerado o primeiro goleiro da era moderna, com um estilo autoritário, mas calmo. Utilizava luvas largas e acolchoadas, afirmando que quanto mais acolchoada era a luva, maior era o amortecimento da bola, facilitando a defesa (WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014; RAMOS, 2014).

Na Inglaterra, Gordon Banks teve destaque na década de 1960 e início da década de 1970. Era um goleiro que se posicionava muito bem e realizava muitas acrobacias em suas defesas. A regularidade no Leicester City e na seleção inglesa, por exemplo, no jogo contra o Brasil, na Copa do Mundo de 1970, em uma cabeçada de Pelé, em que realizou uma defesa que foi considerada por muitos a melhor de todos os tempos. (WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014).

Na Argentina dois goleiros surgiram como destaque na década de 1970: Gatti e Fillol. O primeiro era considerado um goleiro proativo que jogava em constante movimento e evitava muitas finalizações com suas saídas precisas, ótima percepção e posicionamento. Atuava com um cabelo comprido, roupas coloridas e estilo provocativo pelo Boca Juniors e pelo River Plate. Em sua carreira, conquistou uma Libertadores da América e um Campeonato Argentino. Fillol era um goleiro que preferia se manter bem posicionado perto de sua meta e tinha uma ótima velocidade de reação em situações de um contra um. Na Copa de 1978 Fillol foi o titular e se sagrou campeão do torneio. Gatti, entretanto, lesionou-se e não participou da competição. Existia na época uma rivalidade local entre estes dois que era considerada sadia e positiva por ambos (WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014).

No Brasil, o goleiro Félix era considerado um dos piores jogadores da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970. Próximo ao período da competição, o treinador João Saldanha decidiu optar pela titularidade de Emerson Leão, por ser um goleiro fisicamente mais forte e imponente, semelhante ao estilo europeu. Porém, devido a não convocação de Dario, conhecido como “Dadá Maravilha” e outras questões políticas, João Saldanha foi demitido do cargo e substituído por Zagallo. Assim que assumiu, trouxe Félix de volta, para a indignação de Leão. Félix era considerado um excelente jogador de grupo e carismático, mas não era um goleiro regular. Durante a competição a seleção brasileira concedeu vários gols. Entretanto, o time brasileiro era muito superior aos demais e conquistou o tricampeonato mundial naquele ano. Devido aos poucos exemplos de goleiros bem-sucedidos, poucas crianças queriam se tornar

goleiros, reforçando a desvalorização desta função no cenário nacional (WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014).

Na Escócia, porém, a situação era mais drástica. Os programas de televisão e de rádio realizavam brincadeiras para ridicularizar os erros dos goleiros de todas as principais ligas do mundo. Quando algum goleiro cometia uma falha, brincavam dizendo que este “tinha sangue escocês” (WILSON, 2012).

4.1.5. A MAIOR VALORIZAÇÃO DOS GOLEIROS A PARTIR DA DÉCADA DE 1980 ATÉ A ATUALIDADE.

Um dos grandes nomes deste período na Europa, Edwin Van der Sar era um atleta que comandava sua área, saía bem em cruzamentos, sempre bem posicionado, era ótimo lançando a bola com as mãos e com os pés (passes curtos e longos). Foi e ainda é considerado por muitos até os dias atuais como um dos goleiros mais completos de todos os tempos (WILSON, 2012; MANGEROTTI, 2011).

No final da década de 1990 e início da década de 2000 surgiu o goleiro que foi considerado pela IFHHS como o melhor do século XXI: Gianluigi Buffon, apelidado pelos italianos de “super-homem” (ESPN, 2020). Comandava sua área, mas devido a característica do futebol italiano em jogar com a linha defensiva mais baixa, não era acostumado a sair de sua área para atuar como um defensor extra. Em 1998, Buffon foi convocado para a Copa do Mundo como terceiro goleiro, mas em um treinamento discutiu com Maldini e recusou-se a treinar, pois afirmava que não havia razão para ele fazer parte do time. Depois deste ano assumiu a titularidade, tornando-se tetracampeão mundial em 2006, além de ter conquistado diversos títulos com a Juventus, clube que tem maior identidade até a atualidade. A partir da temporada 2011-2012 Buffon começou a utilizar mais os pés pela mudança de estilo de jogo imposta pelo treinador Antonio Conte, adaptando-se bem a esta nova maneira de atuar (WILSON, 2008; 2012).

Na década de 1990 na Dinamarca o goleiro Peter Schmeichel (considerado pela IFHHS o melhor goleiro do século XX e o quarto melhor do século XXI, atrás apenas de Buffon, Van der Sar e Casillas) iniciou sua carreira. Schmeichel conquistou uma Champions League, cinco Premiere League e três FA Cup pelo Manchester United, atuando durante oito anos com uma excelência constante. Além de uma ótima reposição com os pés e com as mãos, sabia se posicionar em sua meta e saía bem do gol em cruzamentos, situações um contra um (abrindo um “X”, como um goleiro de handebol) e atuando como um defensor extra. Schmeichel definiu

um novo estilo de goleiro para esta década: forte fisicamente, muito alto e agressivo (WILSON, 2012; BENEVIDES, 2020).

Oliver Kahn, com características similares a Schmeichel, foi um dos melhores goleiros da Alemanha da década de 1990 e início de 2000. Era um goleiro muito forte fisicamente, agressivo e proativo, além de ser ótimo em situações de um contra um (IMORTAIS DO FUTEBOL, 2012). Depois de Oliver Kahn, outros goleiros continuaram a ter destaque no cenário futebolístico internacional: Lehman como seu sucessor direto, seguido de Manuel Neuer e Marc-André Ter Stegen na atualidade são exemplos da forte influência alemã no desenvolvimento de goleiros (WILSON, 2012).

A Espanha também teve ótimos goleiros representando sua seleção durante todo o século XX e início do século XXI. Iker Casillas era considerado um ótimo goleiro em situações de um contra um, seguro e simples, sendo eleito o melhor goleiro do mundo de 2008 até 2011 consecutivamente (SOUSA, 2017). Além dele, Pepe Reina teve destaque pelo Liverpool na mesma época, sendo eleito o melhor jogador do clube de 2006 até 2008. Victor Valdés foi um dos destaques do Barcelona, consolidando-se e conquistando diversos títulos com o clube. É importante ressaltar que todos os goleiros espanhóis eram considerados abaixo da média no que se refere a estatura e apresentavam uma característica muito próxima: evitavam as quedas e procuravam fazer as defesas de maneira simplificada (WILSON, 2012).

No continente europeu o ideal de força e agressividade do goleiro na década de 1990, marcado por Peter Schmeichel e Oliver Kahn, foi substituído pelo goleiro alto, atlético, ágil e proporcional: Hugo Lloris (França), Joe Hart (Inglaterra), Marc-André Ter Stegen (Alemanha) e David de Gea (Espanha) são exemplos desta mudança que perdura até a atualidade (WILSON, 2012).

Na América Latina, principalmente na década de 1990, os goleiros também tiveram destaque. No México tem-se o exemplo de Jorge Campos, que esteve presente nas Copas de 1994 e 1998, reconhecido por suas roupas coloridas e chamativas (em homenagem ao surfe em Acapulco), com um estilo proativo, sendo eleito o terceiro melhor goleiro do mundo em 1994. No Paraguai o goleiro Chilavert teve grande destaque pela sua proatividade e por ser especialista em cobranças de faltas e pênaltis, sendo eleito três vezes o melhor goleiro do mundo (WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014). Na Colômbia, Renê Higuita sempre foi proativo, atuando fora da área sempre como uma opção de passe, pois pensava que os goleiros deveriam ter mais liberdade de expressão. Conquistou duas vezes o Campeonato Colombiano e em 1989 foi o primeiro jogador do país a ganhar a Libertadores da América. Era um ícone,

com cabelos longos e um estilo extravagante, considerado sempre como um “salvador”, sendo sempre perdoado por seus erros devido ao seu estilo de jogo (WILSON, 2012).

No Brasil, após as críticas ao goleiro Félix em 1970, o goleiro Émerson Leão teve destaque positivo pelos clubes (principalmente o Palmeiras) e pela seleção brasileira, atuando nas Copas de 1974 e 1978 como titular absoluto e alterando a má percepção sobre o goleiro brasileiro. Era considerado por ter a sua própria “marca”, pois jogava com uma camiseta com o nome “Leão” estampada no peito. Como não existia o treinamento de goleiros específico nessa época ele teve que aprender a se desenvolver observando outros goleiros jogarem. Nas Copas de 1974 e 1978 o Brasil começou a utilizar os vídeos que os europeus assistiam para aprimorar as habilidades de goleiro. Para a surpresa de todos, os vídeos que os europeus assistiam eram do próprio Leão realizando defesas e saindo em cruzamentos. Era considerado um goleiro inteligente e que lutou para aumentar o salário desta função no Brasil, cobrando maior valorização (WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014).

Após Leão, os problemas retornaram com as críticas ao goleiro Valdir Perez, que sofreu o mesmo drama de Félix por ser considerado o pior jogador da seleção de 1982. Na década de 1980, Carlos Gallo foi um ótimo goleiro e teve um excelente rendimento na Copa do Mundo de 1986, mas ficou marcado pela desclassificação e pelo revés em uma cobrança de pênalti contra a França, em que a bola tocou na trave, nas suas costas e entrou para o gol (WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014).

A partir da década de 1990 a profissão de treinador de goleiros começou a ser mais valorizada, iniciando-se um processo de consolidação até os dias atuais. Os primeiros treinadores de goleiros que o Brasil teve, efetivamente, foram Valdir Joaquim de Moraes e Nielsen Elias no final da década de 1980 e início da década de 1990. O primeiro, no final da década de 1980, quando encerrou sua carreira profissional como goleiro, procurava por vídeos iugoslavos sobre o treinamento de goleiros para poder realizar uma prática diferente do que existia na época (consistia-se apenas em finalizações, treinamento com o grupo e preparação física com o exército). Osvaldo Brandão, treinador do Palmeiras, persuadiu-o a ser seu assistente. Valdir aceitou, contanto que fosse para trabalhar apenas com os goleiros, ouvindo muitas críticas, principalmente da imprensa, treinadores e dirigentes de outros times, que não achavam necessário essa função. Muitos goleiros estrangeiros foram contratados por times brasileiros, o que evidencia essa desvalorização. Com a ajuda de Brandão, porém, o treinador de goleiros Valdir Joaquim de Moraes foi ganhando aceitação até que, a partir da década de 1990, a seleção brasileira começou a contar com um treinador de goleiros e a ter ótimos goleiros

representando o país (VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO, 2006; WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014).

Neste sentido, Taffarel iniciou sua carreira no Internacional em 1985, e em 1988 já conquistou o prêmio de melhor jogador do campeonato, sendo convocado para os jogos olímpicos de Seoul, em que ganhou a medalha de prata. Era considerado um goleiro bom tecnicamente e salvador de pênaltis, mas era considerado de baixa estatura, com apenas 1,82m. Foi responsável por elevar a reputação do goleiro brasileiro no exterior, facilitando a inserção de atletas da década de 2000 que também fizeram história e conquistaram muitos títulos no continente: Dida, Doni e Júlio César (WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014).

Na década de 2000, além de Dida, Doni e Júlio César que tiveram destaque na carreira internacional, dois goleiros no futebol nacional são considerados até hoje os melhores de sua geração: Marcos e Rogério Ceni. O primeiro permaneceu 20 anos no Palmeiras, conquistando a Libertadores da América e o troféu de melhor goleiro do torneio. Era considerado um goleiro, que atuava com muita competência próximo a sua meta. Na Copa do Mundo de 2002 não concedeu gols em quatro jogos e conquistou o pentacampeonato mundial com a seleção brasileira como um dos destaques do time. Rogério Ceni foi reserva de Marcos naquele torneio e reserva imediato de Dida na Copa do Mundo de 2006, mas fez história no São Paulo, conquistando uma Libertadores, um Mundial de Clubes, três Campeonatos Brasileiros e uma Copa Sul Americana, sendo referência por ser proativo e por ser o maior goleiro artilheiro da história do futebol, com mais de 100 gols na carreira (WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014).

É possível observar, portanto, o processo de reintegração do goleiro como um membro do time. Atualmente, os uniformes destes atletas são apresentados em conjunto com o dos jogadores do time no início da temporada, evidenciando o maior prestígio desta função na atualidade. Talvez, a grande mudança para esta reintegração ocorreu em 1992, quando os goleiros não eram mais permitidos a utilizar as mãos para receber um passe de um jogador do próprio time. A partir da década de 2000, os goleiros começaram a se aproximar da linha defensiva gradualmente e, devido ao maior dinamismo do jogo, da maior preparação física, das bolas mais leves e do campo molhado antes de todas as partidas, fez-se necessário que os atletas dessa função desenvolvessem mais habilidades que os goleiros do século XX (WILSON, 2012).

Para sustentar essa afirmação, no cenário nacional também é possível observar essa ressignificação da maneira de jogar por parte do goleiro. Em uma entrevista, o goleiro Rafael do Atlético MG em 2020 revelou que é essencial que o goleiro esteja cada vez mais integrado ao time, declarando também a dificuldade em desenvolver essas habilidades ofensivas, devido

a ter sido pouco estimulado neste tipo de treinamento durante as categorias de base (SENAS, 2020).

Contudo, o goleiro está sob tensão constante, pois é o último jogador da linha defensiva e quase sempre considerado a última esperança de um time. Mesmo quando é muito habilidoso, considerado um grande salvador e/ou o princípio de um contra-ataque, sempre tende a ser condenado pelos seus erros, de maneira que eles podem determinar a derrota do time. Desta forma, este atleta sempre vivenciou e se manterá em um paradoxo: estar reintegrado ao time, mas ser o bode expiatório em derrotas (WILSON, 2012).

A figura 1 sintetiza em linha do tempo a evolução histórica do goleiro de futebol, desde a sua criação, em 1871, até os dias atuais, no cenário internacional.

Figura 1. Linha do tempo da história do goleiro no cenário internacional.

Fonte: Souza (2020).

Acima, é interessante observar que a valorização do goleiro no cenário futebolístico internacional ocorreu de maneira gradual. Principalmente em 1992, com a mudança de regra, que não permitia que esses atletas recebessem um recuo de um companheiro e segurassem a bola com as mãos, foi um dos fatores determinantes para a maior reintegração dessa função com o restante do time e sua consequente valorização.

A figura 2 sintetiza em linha do tempo a evolução histórica do goleiro de futebol, desde a sua criação, em 1871, até os dias atuais, no cenário nacional.

Figura 2. Linha do tempo do goleiro de futebol no cenário nacional.

Fonte: Souza (2020).

Acima, é possível observar que a história do goleiro de futebol no cenário nacional se aproxima do internacional em alguns aspectos. Porém, como descrito por Thiengo e Hunger (2014), o *Maracanazzo* foi um fator determinante para que essa função fosse desvalorizada e até mesmo ridicularizada até a década de 1970. Com o início do treinamento de goleiros, mesmo de maneira empírica, os atletas começaram a ser menos desvalorizados, comparados a períodos anteriores. Porém, a consolidação e legitimação da profissão de treinador de goleiros, associada com a mudança de regras em 1992, foram responsáveis pela maior valorização dessa função desde este período até os dias atuais, comprovando a existência de goleiros que vivenciaram rotinas de treinamento distintas, o que auxilia a justificar a necessidade deste estudo.

4.2. A CRIAÇÃO E EVOLUÇÃO DAS PESQUISAS SOBRE O MODELO DE DESENVOLVIMENTO DA PARTICIPAÇÃO ESPORTIVA (DMSP)

O DMSP é um modelo descritivo baseado em dados empíricos que tem como objetivo elucidar e sistematizar as diferentes possibilidades de caminhos da participação esportiva de crianças e jovens, por meio da organização de evidências relacionadas às diferentes fases de desenvolvimento, vivências esportivas e o contexto no entorno do participante nestas experiências (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). Em decorrência da complexidade deste modelo, Côté e Hancock (2014) dividiram as pesquisas sobre o DMSP em quatro momentos. Cada momento representa um conjunto de pesquisas denominado pelos próprios autores como ondas. Estas ondas foram responsáveis por descobrir, testar e/ou validar pressupostos da literatura vigente referente ao modelo. Diante disto, a primeira parte do referencial teórico está separada em seis itens: os quatro primeiros dedicados à explicação profunda de cada onda de pesquisa; o quinto dedica-se à ressignificação do contexto de diversificação de vivências ocorrida durante a última onda de pesquisas; o sexto dedica-se a aprofundar a discussão sobre o que pode ser considerado prática deliberada, um importante conceito da literatura de Côté e colaboradores.

4.2.1. A PRIMEIRA ONDA DE PESQUISAS DO MODELO DE DESENVOLVIMENTO DA PARTICIPAÇÃO ESPORTIVA (DMSP)

A primeira onda compreendeu a conceituação inicial baseada em estudos qualitativos com atletas, treinadores e familiares em diferentes práticas esportivas e contextos sociais

diversos (CÔTÉ; 1999; CÔTÉ; HAY, 2002; ABERNETHY et al., 2002; BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003).

Em um dos estudos pioneiros sobre o desenvolvimento humano, Bloom et al. (1985) entrevistaram 120 participantes que eram considerados bem-sucedidos na ciência, na arte e no esporte. Os autores identificaram que os participantes percorreram três fases de aprendizagem nas suas carreiras: anos de iniciação, anos de desenvolvimento e anos de perfeição. O principal resultado deste estudo foi descobrir a existência de períodos de transição entre as diferentes fases da carreira em que importantes decisões sobre a participação em suas áreas deveriam ser escolhidas e, como consequência, influenciava o desenvolvimento da elite de suas respectivas áreas durante a infância e a adolescência.

Monsaas (1985) em um estudo com atletas norte-americanos de tênis identificou que a maioria praticava diversas atividades nos anos de iniciação, incluindo futebol, basquetebol e beisebol. Estas atividades foram diminuindo gradualmente com o aumento da idade destes atletas e uma relação inversa foi observada no tempo dedicado aos treinamentos específicos do tênis.

Ericsson, Krampe e Tesch-Römer (1993) estudaram a carreira de músicos de alto rendimento e, nesta pesquisa, ao descobrirem que estes se envolveram em atividades que requeriam muito esforço, em que o objetivo principal era ter recompensas imediatas e melhorar o rendimento, ao invés de produzir divertimento, desde os primeiros anos de envolvimento, originaram o conceito de prática deliberada.

Diante dos dados, a prática deliberada foi então definida por Ericsson et al. (1993) como um tipo de atividade que se requer um grande esforço, com o objetivo principal de desenvolver habilidades para melhorar o rendimento. Para os autores, o desenvolvimento da prática deliberada envolve a interação de três fatores: motivacional; esforço; recursos de treinamento. Quanto ao primeiro, sabe-se que o engajamento pessoal na prática deliberada pode não apresentar motivação inerente, e requer comprometimento dos praticantes. Quanto ao segundo, sabe-se que a prática deliberada pode ser uma atividade extenuante que não pode ser sustentada por um longo período de tempo sem causar exaustão física e/ou mental e, deste modo, os praticantes devem limitar o tempo de prática para otimizar a concentração e o esforço. Quanto ao terceiro, sabe-se que a prática deliberada requer recursos, como a acessibilidade a treinadores, materiais e facilidades de treinamento.

Em um outro estudo, Côté (1999) realizou entrevistas retrospectivas com atletas e seus respectivos familiares e evidenciou que, para atingir a elite, envolviam-se em diferentes atividades nos primeiros anos da infância, em sua maioria relacionadas a jogos e brincadeiras,

descobrimos que a quantidade de atividades praticadas se transformava ao longo do tempo. Após um período de transição, aproximadamente aos 13 anos de idade, os atletas de elite diminuíram sua inserção em diversas práticas esportivas e passaram a desenvolver de maneira mais específica as demandas de um ou dois esportes. No que se refere ao desenvolvimento do participante, Côté (1999) relatou que as atividades praticadas e o ambiente em seu entorno são primordiais para que se desenvolva uma ótima aprendizagem.

Frente ao exposto, Côté (1999) sugeriu que a participação esportiva de um atleta fosse dividida em três diferentes fases: os anos de experimentação (entre 6 e 12 anos de idade); os anos de especialização (entre 13 e 15 anos de idade); os anos de investimento (a partir de 16 anos).

A figura 3 ilustra os estágios propostos por Côté (1999).

Fonte: Adaptado de Côté (1999).

Apesar da semelhança entre os estágios de desenvolvimento, o DMSP difere-se do modelo de Bloom et al. (1985) em dois aspectos: primeiramente, foi formulado para atender as demandas específicas do contexto esportivo, além de ser ancorado pelos conceitos de jogo deliberado e prática deliberada, que devem ser extremamente ponderados; a segunda diferença ocorre pelos estágios de desenvolvimento serem marcados e evidenciados por idade.

Para os conceitos citados acima, Côté (1999, pp. 412) adapta a definição de prática deliberada proposta por Ericsson et al. (1993), desenvolvendo-a no contexto esportivo como:

Uma forma de atividade esportiva que objetiva essencialmente o desenvolvimento de habilidades motoras específicas ao esporte, com o foco na melhoria de desempenho esportivo, sendo não necessariamente divertidas, mas com regras explícitas, rígidas, literais e supervisionadas por treinadores.

Côté (1999) discutiu a importância de jogos praticados e liderados pelas próprias crianças e adolescentes nos seus primeiros anos de envolvimento com a modalidade esportiva. Deste modo, o autor supracitado definiu o jogo deliberado com base em alguns critérios propostos por Smith (1986) para a definição de jogo: realizado por vontade própria, não por regras externas, demandas sociais ou com o intuito de adquirir habilidades; estimula

comportamentos relacionados ao prazer e ao divertimento; não restrito aos mais habilidosos, apesar de haver algum padrão de qualidade; preocupação com o processo, não com os resultados e fins por si só; variação de comportamento de acordo com o contexto em que se está inserido.

Sendo assim, o jogo deliberado é definido por Côté (1999, pp. 412) como:

Uma forma de atividade regulada por regras adaptadas da modalidade esportiva, reconfiguradas e monitoradas pelas próprias crianças, adolescentes, ou até mesmo por adultos envolvidos, com o objetivo principal de divertimento.

Para refinar estes caminhos, bem como os resultados possíveis do DMSP, Côté et al. (2001) propuseram uma nova metodologia para avaliar os tipos de prática necessários para o desenvolvimento esportivo até atingir o alto rendimento ou a idade adulta. Surge, então, a segunda onda de pesquisas do DMSP (CÔTÉ; HANCOCK, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

4.2.2. A SEGUNDA ONDA DE PESQUISAS DO MODELO DE DESENVOLVIMENTO DA PARTICIPAÇÃO ESPORTIVA (DMSP)

Os estudos desta onda demonstraram que a diversidade de vivências e a grande quantidade de jogo deliberado nos primeiros anos de contato com o esporte estão associadas à manutenção da participação esportiva em longo prazo e, conseqüentemente, com o sucesso esportivo⁶ do praticante. Outro importante aspecto desta fase é a afirmação dos períodos de transições e fases que existem no modelo (CÔTÉ; HANCOCK, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

Foi possível observar que o modelo primeiramente proposto por Côté (1999) precisava ser refinado, pelo fato dos achados serem consistentes em modalidades esportivas cujo melhor rendimento ocorria após a maturidade. Devido às diversas comparações entre atletas de elite e não-elite surgiu-se a necessidade de englobar uma nova fase para o modelo: os anos de recreação (CÔTÉ; HANCOCK, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

⁶ Sucesso esportivo: atleta de alto rendimento e/ou participante recreativo que está inserido em uma modalidade esportiva e faz desse envolvimento um hábito saudável no cotidiano (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007, p. 196).

Primeiramente, a metodologia quantitativa de análise retrospectiva proposta por Côté et al. (2001) foi utilizada para testar os apontamentos primeiramente construídos pelo DMSP. Todos os estudos desta fase envolveram a comparação entre atletas de elite e não elite com o objetivo de refinar e clarear as diferentes trajetórias e resultados do DMSP (CÔTÉ, HANCOCK, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

Esta metodologia foi utilizada por Abernethy, Côté e Baker (2002) com jogadores de esportes coletivos da Austrália, consistindo na realização de entrevistas estruturadas para coletar informações sobre o envolvimento dos atletas nas suas respectivas modalidades esportivas desde os primeiros anos até os dias atuais, por meio de questões qualitativas sobre eventos psicossociais que marcaram seu processo de desenvolvimento e marcos importantes que ocorreram em suas respectivas carreiras.

Os resultados obtidos no estudo de Abernethy, Côté e Baker (2002) corroboraram as fases de desenvolvimento propostas pelo DMSP. Os atletas revelaram que nos primeiros anos de prática envolviam-se em diversas atividades e, com o passar do tempo, houve um período de transição que ocorreu próximo aos 13 anos de idade, que marcou a redução do envolvimento em demais atividades para treinar de maneira mais específica para a modalidade esportiva. Outro período de transição ocorreu por volta dos 16 anos, período que os atletas decidiram investir com a finalidade de atingir o alto rendimento.

Baker, Côté, Abernethy (2003a) mostraram uma correlação negativa entre o envolvimento por parte dos atletas em outras atividades e a quantidade de horas em treinos específicos necessários para se atingir o alto rendimento. Isto significa que os anos de experimentação podem ser significativos para o desenvolvimento esportivo. A Figura 4 mostra a relação entre o envolvimento esportivo dos atletas com o passar do tempo, além de apresentar a diferença na quantidade de horas em cada tipo de atividade:

Figura 4. Diferença entre a quantidade de horas praticadas por atletas nos diversos tipos de atividade de acordo com a idade.

Fonte: Traduzido de Baker, Côté e Abernethy (2003a).

É possível observar que os atletas de elite tiveram uma grande quantidade de jogo deliberado nos primeiros anos da participação esportiva, além do envolvimento com outras modalidades esportivas, o que evidencia a importância da diversificação de experiências e vivências. Com o passar do tempo, a quantidade de jogo deliberado e o envolvimento em outras modalidades esportivas diminuiu drasticamente, ao passo que houve um aumento no número de horas de prática deliberada e jogos organizados, evidenciando as transições existentes entre os anos de experimentação, anos de especialização e anos de investimento (BAKER, CÔTÉ; ABERNETHY, 2003^a; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

Ainda neste estudo foi possível observar que existia um novo estágio, que também ocorria por volta dos 13 anos de idade: os anos de recreação. Este estágio se refere àqueles indivíduos que não conseguiram ou não desejaram atingir a elite esportiva, mas permaneceram envolvidos com a prática esportiva em condições análogas aos anos de experimentação. Nesta fase, que se estende para a vida adulta, o envolvimento esportivo caracteriza-se como um hábito voltado ao lazer e saúde (BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003a).

Soberlak e Côté (2003) em um estudo que envolveu entrevistas com atletas de hóquei de gelo evidenciaram que os atletas acumulavam, dos seis aos 20 anos de idade, apenas 3000 horas de prática, sendo 2215 horas praticadas nos anos de investimento. Os atletas de hóquei revelaram que nos primeiros anos da participação esportiva o ambiente para a prática era de diversão, sendo responsável por se manterem inseridos na modalidade esportiva. Desta

maneira, não apenas é possível questionar o paradigma das 10 mil horas propostos por Ericsson et al. (1993), como elucida-se a relevância dos anos de experimentação para a carreira esportiva destes atletas.

Ainda no que se refere a essa onda de pesquisas, é importante ressaltar o trabalho de Durand-Bush e Salmela (2001), que se utilizou desta metodologia de análise retrospectiva proposta por Côté et al. (2001) e apresentou um novo caminho possível para o DMSP, que ocorria após os anos de investimento: os anos de manutenção da elite esportiva.

Durand-Bush e Salmela (2001) tiveram como objetivo estudar os múltiplos fatores importantes para o desenvolvimento e manutenção da elite esportiva, por meio da investigação sobre as percepções de atletas que participaram de pelo menos dois ciclos olímpicos e/ou mundiais. O estudo teve como grupo de participantes 10 atletas que conquistaram duas medalhas de ouro em duas Olimpíadas e/ou em dois mundiais diferentes, sendo seis mulheres e quatro homens, entre 19 e 36 anos de idade. Destes atletas, três eram de esportes coletivos (hóquei no gelo) e sete de esportes individuais (natação, nado sincronizado, esqui, atletismo, luta greco-romana, bobsled e orientação). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas para eliciar a percepção dos atletas sobre os fatores envolvidos no desenvolvimento e manutenção da elite, além de verificar, revisar e estender a informação obtida de outros participantes do estudo (familiares e treinadores) ou de fontes como biografias ou reportagens (DURAND-BUSH; SALMELA, 2001).

Quanto à carreira esportiva destes participantes, nos anos de experimentação engajaram-se em diferentes tipos de atividades e jogos, com maior ênfase no divertimento, elucidando a importância do jogo deliberado e da diversificação de vivências para manter a motivação e participação em estágios posteriores. Nos anos de especialização, investiram mais tempo e esforço para treinar em dois esportes apenas. Nos anos de investimento, tiveram como objetivo treinar para buscar o alto rendimento na modalidade esportiva principal, demandando grande parte do tempo de seu cotidiano neste período. O estágio que esses atletas atingiram o melhor rendimento em seus respectivos esportes foi denominado então pelos autores de anos de manutenção, em que o objetivo maior foi treinar para corrigir detalhes e se manter na elite esportiva (DURAND-BUSH; SALMELA, 2001).

Durante os anos de investimento, os atletas relataram a importância do contexto em seu entorno, principalmente por parte de pais e treinadores. O apoio familiar se mostrou importante, mas a participação não era muito ativa quando comparada às fases anteriores. Os treinadores apresentaram grande relevância para os atletas por serem responsáveis por desenvolver confiança, demonstrar conhecimento e criar um ambiente positivo em seu entorno. Neste

período, eram submetidos a treinamentos muito intensos, com o volume de 15 a 40 horas por semana. Para os atletas, a competição era muito significativa e importante para avaliar o processo de investimento e os treinamentos (DURAND-BUSH; SALMELA, 2001).

Quanto aos anos de manutenção, o apoio familiar também se mostrou importante para dar suporte, da mesma maneira que nos anos de investimento. Os treinadores tinham grande relevância pelo *feedback* individualizado, apoio e conhecimento de treinamento e de cada atleta. Neste período, a qualidade do treinamento em que eram submetidos foi relatada como extremamente relevante (DURAND-BUSH; SALMELA, 2001).

De acordo com Durand-Bush e Salmela (2001), os atletas relataram que treinaram muitas horas no alto nível e que a qualidade do treinamento era influenciada pela quantidade, recuperação e pelo ambiente desenvolvido pelos treinadores que, em sua maioria, tinham grande admiração dos seus atletas por serem cuidadosos, confiáveis e por apresentarem um elevado conhecimento técnico, tático e individual de cada atleta. É importante afirmar ainda que os participantes do estudo não seguiram um mesmo caminho e, deste modo, sugeriram que as carreiras esportivas podem ter diferentes estratégias e recursos.

É importante ressaltar que o estudo de Durand-Bush e Salmela (2001) não foi integrado às ondas de pesquisa do DMSP no artigo de Côté e Hancock (2014), mas foi extremamente relevante para apresentar a relevância dos anos de manutenção da elite esportiva para a carreira de um atleta, principalmente neste estudo.

4.2.3. A TERCEIRA ONDA DE PESQUISAS DO MODELO DE DESENVOLVIMENTO DA PARTICIPAÇÃO ESPORTIVA (DMSP)

Na terceira onda de pesquisas, Côté, Erickson e Law (2005) aprimoraram a metodologia de análise retrospectiva. Para os autores, é importante que se siga uma linha do tempo com o entrevistado, visto que existe uma dificuldade no que diz respeito a relembrar as atividades concretas das quais praticaram na infância e adolescência.

Esta linha do tempo se dá através de três seções: na primeira é importante que o entrevistado relembre sua carreira esportiva cronologicamente desde o nível regional até o nível internacional, respectivamente, para se obter um perfil de desenvolvimento; na segunda, conhecer profundamente o envolvimento do atleta/participante com a modalidade esportiva principal, como a quantidade de horas praticadas por semana, meses de prática por ano, além de aspectos como divertimento, concentração mental, motivação, esforço e o impacto destes no seu desenvolvimento esportivo; na terceira e última, descobrir o envolvimento em outras

atividades esportivas também em ordem cronológica, seguindo o mesmo raciocínio da segunda seção no que se refere ao esporte principal. É relevante fazer com que o sujeito se lembre dos recursos e fatores que limitavam sua prática, como a altura, peso e as lesões ao longo de seu desenvolvimento. Para Côté, Erickson e Law (2005), as entrevistas retrospectivas parecem ser muito importantes, pelo fato de serem realizadas após os atletas terem atingido a elite esportiva. Atletas mais jovens não atingiram este sucesso esportivo ainda, visto que este é atingido após muitos anos de prática (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

Este novo processo de análise com atletas de diferentes modalidades esportivas resultou na proposição de mais um possível caminho: a especialização esportiva precoce, pautada na busca pelo alto rendimento esportivo por meio de treinamentos intensivos em uma única modalidade esportiva desde os primeiros anos da infância (CÔTÉ; HANCOCK, 2014).

Neste aspecto, o estudo de Law et al. (2007) evidenciou que o melhor rendimento em ginastas ocorria antes da maturidade e, portanto, este primeiro modelo não englobava este tipo de trajetória. Neste momento foi incluído, paralelamente ao original, o caminho da especialização esportiva precoce (esporte-dependente), que diz respeito à maior exposição a altas demandas de prática deliberada e práticas sistemáticas e organizadas desde os primeiros anos de infância.

Em um trabalho de Wall e Côté (2007) foram entrevistados 12 pais de jogadores de hóquei, divididos em dois grupos: 8 eram considerados ativos (atuando no alto rendimento) e 4 que abandonaram a prática. Os sujeitos responderam a questões demográficas e da participação esportiva dos seus filhos. Nos dois grupos, foi possível perceber que houve uma grande quantidade de diversificação de vivências, porém com diferenças referentes à quantidade de prática deliberada. Os atletas que abandonaram a prática se envolveram em mais atividades relacionadas ao desenvolvimento de habilidades específicas ao hóquei numa idade próxima aos 12 anos de idade, quando comparados aos atletas ativos. Essas atividades eram realizadas fora do gelo, como a musculação e o levantamento de peso. Para os pais dos participantes, essas atividades diminuíram a motivação e o envolvimento dos filhos com a modalidade esportiva. Isto corrobora a importância da diversificação de vivências e do jogo deliberado nos anos de experimentação para o aumento da motivação intrínseca e consequente participação em longo prazo.

Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2005), realizaram um estudo com 20 nadadores adolescentes, dividindo-os em dois grupos: 10 nadadores de alto rendimento e 10 que abandonaram o esporte. Os autores, por meio de entrevistas semiestruturadas, perceberam que as experiências dos dois grupos foram similares no que diz respeito às oportunidades de jogo

deliberado nos primeiros anos de vivência, sendo que ambos foram introduzidos a treinos estruturados também nos primeiros anos. Porém, só os atletas que abandonaram a prática relataram que o foco do programa de treinamento era o desempenho e, desta maneira, obtiveram sucesso em categorias menores. Ainda, relataram que não dedicavam tempo para outras atividades, a transição de categorias tornou-se difícil por não se sentirem preparados para supera-la e, deste modo, ocorreu um menor envolvimento e motivação com o programa esportivo nas categorias de idade subsequentes. Em contrapartida, atletas de elite encontraram maneiras de se envolverem em outras atividades, elogiaram a filosofia dos clubes em que praticavam a modalidade esportiva na infância, afirmando terem sido especializados de maneira tardia e com o foco também no desenvolvimento pessoal, o que afetou positivamente na motivação e à transição entre categorias (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

4.2.4. A QUARTA ONDA DE PESQUISAS DO MODELO DE DESENVOLVIMENTO DA PARTICIPAÇÃO ESPORTIVA

Na quarta onda de pesquisas foram propostas relações entre o DMSP e possíveis resultados proporcionados pelos diferentes caminhos da participação esportiva. Houve uma preocupação em investigar a qualidade das evidências que sustentam o modelo para apresentar aos agentes envolvidos na participação esportiva de crianças e jovens um conjunto de recomendações pedagógicas objetivas, além de apontar lacunas para investigações futuras (CÔTÉ; HANCOCK, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

O DMSP foi então refinado por Côté, Baker e Abernethy (2007). Nesta, os autores apresentaram as maneiras de desenvolvimento da participação esportiva. São elas: participação recreativa pela diversificação de vivências ou experiências; desempenho de elite pela diversificação de vivências em diferentes modalidades esportivas; desempenho de elite pela especialização precoce.

No processo de participação recreativa pela diversificação de vivências ou experiências, existe uma base dos 6 aos 12 anos chamada de anos de experimentação, que constituem um alicerce para uma formação esportiva bem-sucedida. Trata-se de aprender e vivenciar diversas modalidades esportivas com objetivos de prazer e diversão, principalmente por uma grande quantidade de jogo deliberado para aumentar a motivação intrínseca, o envolvimento e o repertório motor da criança. Busca-se nestes anos adquirir um estilo de vida ativo pela experimentação de diversas atividades, da recompensa imediata, do prazer e do divertimento

(CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Aproximadamente aos 13 anos de idade o adolescente que vivenciou os anos de experimentação pode se manter engajado no contexto esportivo em nível recreativo, pelos anos de recreação, em que ele continuará treinando, praticando e até mesmo competindo em um ou dois esportes, mas que permanecerão em segundo plano no seu cotidiano, ou seja, não existe intenção por parte do indivíduo para lograr o alto rendimento. Apesar de existir um maior envolvimento com a prática deliberada quando comparado aos anos de experimentação, o praticante continua dedicando grande parte do tempo às atividades que envolvem o jogo deliberado. O praticante, portanto, chega na vida adulta praticando uma ou mais modalidades esportivas, permanecendo ativo e transformando as práticas esportivas em um hábito saudável no seu estilo de vida, o que corrobora a definição de sucesso esportivo proposta pelos autores (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

No segundo caminho, que compreende o desempenho de elite pela diversificação de vivências ou experiências, o foco é o desempenho. A base dos 6 aos 12 anos segue similar ao caminho anterior, pelos anos de experimentação. Porém, quando está próximo de completar o ensino fundamental, aproximadamente aos 13 anos de idade, o participante escolhe permanecer engajado em uma ou duas modalidades esportivas com o objetivo de desenvolver habilidades específicas ao (s) esporte (s) escolhido (s) e tentar lograr o nível de elite. A partir da decisão do praticante em tentar lograr o alto rendimento, iniciam-se os anos de especialização (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Durante os anos de especialização, o jovem atleta diminui a participação em outros esportes e também as atividades que envolvem o jogo deliberado, aumentando gradualmente a carga de prática deliberada, atividades organizadas, estruturadas, que focam no desenvolvimento de habilidades motoras específicas e capacidades motoras inerentes ao esporte. Portanto, neste momento existe um relativo equilíbrio na quantidade destas atividades praticadas (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Após dedicar-se por aproximadamente dois anos nos anos de especialização, existe uma transição para os denominados anos de investimento, em que a quantidade de prática deliberada aumenta ainda mais, enquanto o envolvimento em outras práticas esportivas e atividades envolvendo o jogo deliberado diminuem bruscamente, mantendo-se o foco em apenas um ou dois esportes. Nesta fase, busca-se o refinamento do desempenho esportivo e, por esta razão, literalmente investe-se grande parte do tempo e recursos neste período (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Pode ainda existir uma última transição, que compreende os anos de manutenção, estágio relevante para o refinamento e manutenção do rendimento após atingir a elite e se tornar

um atleta de alto rendimento. Este período coincide normalmente com as convocações para as seleções nacionais (DURAND-BUSH; SALMELA, 2001).

Por fim, o terceiro caminho do DMSP é o desempenho de elite pela especialização esportiva precoce. Segundo Côté, Baker e Abernethy (2007) é possível atingir o alto rendimento por este processo, que se configura em altas quantidades de treinamento específico no esporte antes mesmo da maturação biológica. No estudo de Ward (2004) realizado com jogadores de futebol, o pico de rendimento ocorreu antes mesmo da maturação e mesmo assim os atletas atingiram o alto rendimento. Apesar de ser possível lograr a elite neste processo, existem muitas consequências negativas advindas deste, como: saturação esportiva (*burnout*), abandono da prática (*dropout*), lesões, fraturas por estresse, além de diversas consequências psicológicas e emocionais até mesmo na fase adulta (FRASER-THOMAS et al., 2008; FRASER-THOMAS et al., 2009).

Em um capítulo de livro, Côté e Abernethy (2012) apresentaram a importância dos anos de experimentação e da diversificação sobre a especialização esportiva precoce. De acordo com os autores, a diversidade vivenciada nos primeiros anos da infância influencia positivamente no desenvolvimento psicossocial e motor, aumentando a motivação, reduzindo a saturação, o abandono esportivo e lesões por estresse. Além disto, estas experiências estão associadas com uma melhor aprendizagem implícita, isto é, o jovem atleta aprende habilidades motoras e as executa na prática de maneira automatizada, sem precisar se esforçar arduamente para tais tarefas. Isto ocorre pela repetição de diversas situações que ocorrem dentro da imprevisibilidade existente nesta diversificação e também no jogo deliberado.

Menezes, Marques e Nunomura (2014) corroboram esta ideia, descrevendo que quando se trata de iniciação esportiva deve-se considerar a fase que o jovem se encontra e ensinar por meio de jogos e brincadeiras principalmente nas primeiras fases, para motivar a permanência da criança no esporte.

Seguindo nesta mesma direção, Brenner (2016) apresenta alguns números importantes da população dos Estados Unidos no que se refere ao desenvolvimento esportivo: 70% dos americanos entrevistados que praticavam esporte durante os anos escolares abandonaram a prática esportiva após os 13 anos; 50% apresentaram lesões por estresse; 11% competiram em nível universitário; 1% dos estudantes do ensino médio receberam bolsas; por fim, apenas 0,3-0,5% atingiram o nível profissional. Portanto, o foco primário deve ser o divertimento e o desenvolvimento de habilidades motoras fundamentais, além da participação em diversos esportes até a puberdade, com o intuito de diminuir os níveis de saturação, abandono e lesões por estresse. Ainda, o autor supracitado afirma que para a maioria dos esportes a especialização

tardia pode levar à maior chance de se lograr o alto rendimento, e/ou proporcionam o envolvimento esportivo durante toda a vida, aumentando a probabilidade de, na vida adulta, o indivíduo ter um estilo de vida saudável (BRENNER, 2016).

Abaixo é possível visualizar, na figura 5, todas as possíveis trajetórias do DMSP.

Figura 5. A Versão do DMSP proposta por Côté, Baker, Abernethy (2007).

Fonte: Traduzido de Côté, Baker e Abernethy (2007).

Diante dos dados expostos, Côté e Fraser-Thomas (2007) apontaram para a importância dos programas de desenvolvimento esportivo para crianças e adolescentes cumprirem de maneira equilibrada três objetivos fundamentais, denominados de 3P's. São eles: fazer com que o indivíduo seja fisicamente ativo para manter hábitos de vida saudáveis por toda a vida. Desta maneira, o primeiro é denominado de participação esportiva (*Sports Participation*) em longo prazo; o segundo objetivo diz respeito a estimular o desenvolvimento psicossocial, ou seja, proporcionar oportunidades para aprender habilidades e valores como a cooperação, disciplina, liderança, autoestima e autocontrole. Portanto, é denominado de desenvolvimento pessoal (*Personal Development*); o terceiro objetivo engloba a importância do processo de

aprendizagem das habilidades motoras fundamentais e/ou inerentes as modalidades esportivas propriamente ditas. Este objetivo é um alicerce para a formação de atletas de alto rendimento e também de adultos participantes, denominado de desempenho (*Performance*) (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

É importante que o programa esportivo mantenha o foco nestes três objetivos simultaneamente, ao invés de privilegiar um em detrimento do outro. Por exemplo, ao voltar a atenção apenas para a participação esportiva, pode existir apenas um foco em manter o indivíduo saudável, o que diminui as oportunidades de praticar atividades voltadas ao desenvolvimento de habilidades específicas de uma modalidade esportiva, que podem ser importantes para uma vida adulta saudável, limitando também os possíveis relacionamentos que o esporte pode proporcionar. Da mesma maneira, ao se atentar apenas em melhorar o desempenho pelo aprendizado de habilidades fundamentais e específicas, entra em detrimento o desenvolvimento psicossocial, já que este será induzido a um processo de treinamento exaustivo ao qual ele pode ainda não estar preparado para se engajar (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

Portanto, atentar-se para estes três objetivos de maneira equilibrada durante o programa de participação esportiva significa maximizar o envolvimento e atingir o sucesso em todas as fases de desenvolvimento propostas pelo DMSP, em todos os contextos esportivos. Deste modo, é possível alcançar um desenvolvimento positivo na juventude (PYD⁷), por meio da formação esportiva em longo prazo, levando em consideração a importância de cada estágio para o processo como um todo (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

Para se entender os resultados associados ao processo de desenvolvimento e formação esportiva, faz-se pertinente identificar os diferentes processos que ocorrem nos programas esportivos. Estes são uma ampla base para o PYD e têm efeitos diretos no desenvolvimento presente e futuro do jovem, além de refletir em sua produtividade. Existe uma relação positiva entre o desenvolvimento de habilidades e valores ensinados e construídos de maneira balanceada desde os primeiros anos de envolvimento. Reforçando este pensamento, um participante que inicia o processo de especialização em uma idade mais tardia pode perder vivências importantes em um estágio do desenvolvimento esportivo, como os anos de especialização, que são importantes para se aprender habilidades motoras específicas essenciais ao esporte escolhido. Porém, em alguns esportes cujo melhor rendimento ocorre após a

⁷ Traduzido do inglês: *Positive Youth Development* (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

maturação biológica, como o triátlon, isto pode não representar problemas para o processo em longo prazo (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

É importante observar, portanto, que o modelo do DMSP não é estanque, suscitando a possibilidade de existirem outros caminhos horizontais dentro do modelo, que caminham somente em direção ao abandono esportivo. Quando os três objetivos principais do PYD não estão balanceados, existe a possibilidade de o atleta/participante saturar-se e abandonar a prática esportiva, revelando que o programa esportivo não conseguiu manter o indivíduo no (s) esporte (s). Na figura 6 encontram-se as possibilidades destes caminhos citados acima, propostos por Côté e Fraser-Thomas (2007).

Figura 6. O refinamento do DMSP proposto por Côté e Fraser-Thomas (2007).

Fonte: Traduzido de Côté e Fraser-Thomas (2007).

De acordo com a figura acima, observa-se que as grandes contribuições de Côté e Fraser-Thomas (2007) para o refinamento do modelo são: a descrição do contexto de treinamento e vivências; as trajetórias horizontais em direção ao abandono esportivo.

As quatro ondas de pesquisas que foram surgindo ao entorno do DMSP demonstraram a grande importância dos anos de experimentação por meio da diversificação de vivências e da grande quantidade de jogo deliberado (CÔTÉ; HANCOCK, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

Nesta quarta onda de pesquisas, Côté, Lidor e Hackfort (2009) descreveram que a diversificação de vivências pelos anos de experimentação permite que a criança se envolva em diferentes ambientes afetivos, sociais, cognitivos e físicos. Os anos de experimentação são constituídos principalmente pelo envolvimento em várias modalidades esportivas e na grande quantidade de participação em jogo deliberado.

O envolvimento em várias modalidades esportivas faz com que a criança desenvolva habilidades mentais, físicas e pessoais que são relevantes para a futura especialização no esporte na adolescência. Esta importância se deve ao fato da diversificação proporcionar diferentes interações entre parceiros e adultos, além de reforçar a adaptação emocional e a habilidade de autocontrole que podem ser investidas de maneira positiva no futuro (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

A informalidade existente no jogo deliberado permite que as atividades aconteçam em qualquer lugar, com qualquer número de jogadores, independentemente de idade e tamanho. A diversificação e o jogo deliberado são grandes pilares para um futuro investimento no alto rendimento (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009).

Frente ao exposto, Côté, Lidor e Hackfort (2009) propuseram sete postulados sobre atividades esportivas na juventude que auxiliam a participação continuada em nível recreativo e no alto rendimento. Tais contribuições objetivam nortear processos pedagógicos no esporte para que seja possível oferecer experiências e desenvolvimento positivos aos praticantes. Especificamente cinco postulados são centrados na influência da diversificação e jogo deliberado na formação esportiva, enquanto outros dois referem-se às importantes transições do DMSP. Estes postulados funcionam como recomendações que devem fomentar o entendimento dos agentes responsáveis pela participação esportiva em longo prazo.

No parágrafo abaixo é possível observar os sete postulados propostos por Côté, Lidor e Hackfort (2009, pp. 11-14):

Postulado 1: A diversificação de experiências esportivas (experimentação) não impossibilita o alcance do nível de elite em modalidades esportivas em que o pico de rendimento se dá após a maturação.

Postulado 2: A diversificação de experiências esportivas (experimentação) está relacionada à carreiras esportivas mais longas e tem implicações positivas no envolvimento esportivo em longo prazo.

Postulado 3: A diversificação de experiências esportivas (experimentação permite ao participante vivenciar contextos mais favoráveis para o desenvolvimento positivo na juventude.

Postulado 4: Altas quantidades de jogo deliberado durante os anos de experimentação constroem um alicerce de motivação intrínseca por meio do envolvimento em atividades que são agradáveis e proporcionam regulação intrínseca.

Postulado 5: Altas quantidades de jogo deliberado durante os anos de experimentação estabelecem diversas experiências motoras e cognitivas em que as crianças podem, em última análise, transferir para sua modalidade esportiva de interesse.

Postulado 6: Por volta do final da escola primária (aproximadamente aos 13 anos) o jovem tem a oportunidade de escolher se especializar em sua modalidade esportiva favorita ou continuar vivenciando o esporte em um nível recreativo.

Postulado 7: Por volta do final da adolescência (aproximadamente aos 16 anos) os jovens já se desenvolveram completamente as habilidades físicas, cognitivas, sociais, emocionais e motoras necessárias para investir seus esforços em um treinamento altamente especializado em uma modalidade esportiva.⁸

Quinze anos após a primeira sistematização do DMSP, foi possível observar a formação de uma literatura robusta no entorno deste modelo, com atletas de diferentes contextos e modalidades esportivas, tornando possível o agrupamento destas evidências disponíveis para analisar a validade e confiabilidade destes achados (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

⁸ Traduzido do original em idioma inglês: *Postulate 1: Early diversification (sampling) does not hinder elite sport participation in sports where peak performance is reached after maturation.*

Postulate 2: Early diversification (sampling) is linked to a longer sport career and has positive implications for long-term sport involvement.

Postulate 3: Early diversification (sampling) allows participation in a range of contexts that most favourably affects positive youth development.

Postulate 4: High amounts of deliberate play during the sampling years build a solid foundation of intrinsic motivation through involvement in activities that are enjoyable and promote intrinsic regulation.

Postulate 5: A high amount of deliberate play during the sampling years establishes a range of motor and cognitive experiences that children can ultimately bring to their principal sport of interest.

Postulate 6: Around the end of primary school (about age 13), children should have the opportunity to either choose to specialize in their favourite sport or to continue in sport at a recreational level.

Postulate 7: Late adolescents (around age 16) have developed the physical, cognitive, social, emotional, and motor skills needed to invest their effort into highly specialized training in one sport (Côté, Lidor e Hackfort, 2009, pp. 11-14).

Para esta análise, as evidências foram classificadas qualitativamente pela análise denominada GRADE, adaptada de Rees et al. (2013), em que desenho metodológico (DM) refere-se ao tipo de estudo realizado (experimental, observação, qualitativo e estudo de caso); qualidade metodológica (QM) refere-se ao rigor metodológico na execução dos métodos propostos; consistência (C) refere-se à semelhança entre os resultados obtidos de múltiplos estudos; relevância direta (RD) refere-se à medida em que os resultados dos estudos estão em congruência com os três objetivos principais do PYD (3P's).

Os estudos que sustentam empírica e teoricamente os sete postulados foram classificados em cada categoria de análise dentro de quatro níveis de confiabilidade, de acordo com Côté e Vierimaa (2014):

- a) Alta: novas pesquisas dificilmente mudarão a confiança no postulado;
- b) Moderada: novas pesquisas provavelmente terão um impacto relevante na confiabilidade e podem mudar o postulado;
- c) Baixa: alta probabilidade de novas pesquisas tenham um efeito importante na confiabilidade e, portanto, o postulado pode estar sujeito a alterações;
- d) Muito baixa: o postulado não apresenta confiabilidade.

As figuras 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13 se referem aos sete postulados propostos por Côté, Lidor e Hackfort (2009) que foram avaliados por Côté e Vierimaa (2014):

Figura 7. Classificação do primeiro postulado do DMSP.

Postulado 1: A diversificação de experiências esportivas não impossibilita atingir o alto rendimento em modalidades esportivas em que o pico de rendimento ocorre após a maturação.

Desenho metodológico: MODERADA

Qualidade metodológica: ALTA

Consistência: ALTA

Relevância direta: ALTA

Fonte: Traduzido de Côté e Vierimaa (2014).

Diversos estudos demonstraram que o alto rendimento é precedido pelos anos de experimentação, por meio da diversificação de vivências e experiências em modalidades esportivas em que o alto rendimento é logrado após a maturação. Em esportes como hóquei, basquete, tênis, remo, triátlon e beisebol, a especialização ocorre aproximadamente entre os 13 e 15 anos de idade, sendo que o alto rendimento ocorre após os 20 anos (ABERNETHY et al. 2002; BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003ab; SOBERLAK; CÔTÉ, 2003)

Diversas pesquisas mostraram a associação positiva entre a diversificação de vivências nos anos de experimentação e atletas que alcançaram a elite. Isto ocorre por essa diversidade de oportunidades de prática ser o alicerce para o desenvolvimento esportivo (BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003ab; SOBERLAK; CÔTÉ, 2003). Além disto, houve diversos estudos que confirmaram essa hipótese em diferentes países (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; BAKER; ABERNETHY; CÔTÉ, 2008).

Para Côté, Horton, Macdonald e Wilkes (2009) e Côté e Erickson (2014) a diversificação proporciona o desenvolvimento da criança em diversos aspectos:

- a) Constrói uma identidade saudável, permitindo que a criança tenha o autocontrole do seu envolvimento, desenvolva novas habilidades intrapessoais e conheça mais sobre suas próprias habilidades e preferências. A diversidade de oportunidades de prática pode desenvolver uma identidade ativa, por um processo que envolve a experimentação e o comprometimento. Ao longo do tempo, o indivíduo envolvido aperfeiçoa habilidades intrapessoais (motivação, confiança) e interpessoais (comunicação);
- b) Permite que a criança explore diferentes contextos dentro das mesmas modalidades esportivas, funções e grupos, até que selecione ou seja selecionada em um caminho esportivo que levará ao alto rendimento ou à participação recreativa. Estas experiências são responsáveis por aumentar o repertório motor, recursos humanos, habilidades pessoais que fortalecem a autorregulação e o comprometimento em um caminho específico;
- c) Possibilita uma maior exposição em várias configurações sociais, responsáveis por desenvolver estas capacidades, ou seja, estas experiências ocorrem em diferentes contextos sociais, com pais, treinadores, parceiros e constroem o seu próprio desenvolvimento pela interação com estas informações do ambiente em que se encontram.

A confiabilidade da evidência que suporta este postulado é classificada como alta e há uma forte recomendação que o desenvolvimento de atletas de alto rendimento em longo prazo não é afetado negativamente, uma vez que os programas de formação esportiva preconizam a diversificação inicial das atividades, no que se refere a modalidades esportivas em que o melhor rendimento ocorre na idade adulta (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

Figura 8. Classificação do segundo postulado do DMSP.

Postulado 2: A diversificação de experiências esportivas está relacionada a carreiras mais longas e tem implicações positivas no envolvimento esportivo em longo prazo.

Desenho metodológico: MODERADA **Consistência:** ALTA
Qualidade metodológica: MODERADA **Relevância direta:** MODERADA

Fonte: Traduzido de Côté e Vierimaa (2014).

Gould et al. (1996), em um estudo com atletas de tênis, descobriram que aqueles que tiveram envolvimento precoce com foco exclusivamente neste esporte, desde os primeiros anos de participação, saturaram (*burnout*) e abandonaram (*dropout*) o esporte.

Law et al. (2007) relataram que treinos mais intensos e repetitivos nos primeiros anos da infância aumentam o risco de lesões por estresse e diminuem a motivação dos atletas para continuar se envolvendo com a modalidade esportiva.

Wall e Côté (2007), em um estudo com atletas de hóquei no gelo, revelaram que os atletas que abandonaram o esporte foram submetidos a grandes quantidades de treinamento sistematizado e sofriam pressão por parte dos treinadores e familiares para terem sucesso nas competições.

Os benefícios psicológicos e físicos relacionados a diversificação de vivências nos anos de experimentação estão bem fundamentadas na literatura. Diversos estudos envolvendo o abandono esportivo evidenciam uma forte associação entre a especialização esportiva precoce e o aumento de lesões por estresse, saturação e o abandono em diversas modalidades esportivas (GOULD et al., 1996; WALL; CÔTÉ, 2007; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2008).

Estudos que envolveram a participação esportiva em várias modalidades esportivas durante a infância estão associados com um engajamento contínuo com a prática. A diversificação proporciona uma participação em longo prazo, aprimorando as habilidades essenciais para uma ampla oportunidade de atividades no futuro (MACPHAIL et al., 2003).

Estas evidências revelam que a especialização esportiva precoce pode encurtar a carreira dos atletas, aumentar o índice de abandono esportivo, além de aumentar a probabilidade de lesões por estresse. Os esportes cujo melhor rendimento ocorre após a maturação permitem que os atletas tenham carreiras mais longas (WALL; CÔTÉ, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; FRASER-THOMAS et al., 2008).

A qualidade da evidência que sustenta este postulado é classificada como moderada, pela classificação do desenho metodológico, qualidade metodológica e relevância direta.

Porém, pode-se fazer fortes recomendações para que programas de formação esportiva tenham como objetivo principal a diversificação precedendo a especialização, o que aumenta as possibilidades do desenvolvimento da participação esportiva em longo prazo (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

Figura 9. Classificação do terceiro postulado do DMSP.

Postulado 3: A diversificação de experiências esportivas permite que o participante vivencie contextos mais favoráveis para o desenvolvimento positivo na juventude.

Desenho metodológico: MODERADA **Consistência:** MODERADA
Qualidade metodológica: MODERADA **Relevância direta:** BAIXA

Fonte: Traduzido de Côté e Vierimaa (2014).

Diferentes modalidades esportivas oferecem contextos sociais e oportunidades de socialização distintas. O futebol, por exemplo, proporciona experiências de aprendizagem e pode oferecer um sistema social mais amplo quando comparado ao tênis. Em contrapartida, o tênis permite que o *feedback* e as instruções do treinador/adulto sejam mais individualizados, facilitando o processo de aprendizagem. Mesmo esportes com estruturas similares podem produzir diferentes experiências, devido ao seu contexto único (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; ERICKSON, 2014).

A diversificação permite um amplo espectro de experiências e resultados quando comparada a especialização esportiva precoce. Wright e Côté (2003) revelaram que a diversidade de experiências esportivas na infância proporcionou relacionamentos positivos entre parceiros de treino e desenvolveu habilidades relacionadas à liderança em atletas universitários norte-americanos.

Fredricks e Eccles (2006) concluíram que o envolvimento dos adolescentes em várias atividades extracurriculares estava associado com melhores relacionamentos entre parceiros, habilidades pessoais, sociais e com a manutenção de boas notas na escola.

Wilkes e Côté (2007) em uma revisão sugeriram que as crianças que vivenciaram o processo de diversificação nos anos de experimentação foram expostas a experiências sociais únicas, que ajudaram no desenvolvimento esportivo. Para os autores, estas experiências geram

cinco resultados positivos para a formação esportiva: habilidades interpessoais, comportamentos prós sociais⁹, identidade saudável, diversos grupos de amigos e capital social.

Em um capítulo de livro, Côté et al. (2009) descreveram de maneira detalhada estes cinco resultados proporcionados pela diversificação de vivências nos anos de experimentação. São eles:

- a) Habilidades para a vida: o desenvolvimento de habilidades e/ou atributos que contribuem para o sucesso individual em vários meios. Estas habilidades são divididas em intrapessoais (gerenciar o elenco) e interpessoais (capacidade de comunicação e liderança). Estas habilidades podem ser desenvolvidas no programa esportivo, visto que as oportunidades para diferentes tipos de prática são únicas em seu contexto;
- b) Comportamento pró social: as crianças que diversificam nos primeiros anos tendem a ter maior índice de comportamentos prós sociais, considerados positivos socialmente. Isto significa que as normas sociais vivenciadas na infância se reproduzem ao longo da vida. Portanto, pode-se afirmar que diferentes modalidades esportivas produzem diferentes normas sociais e, por isto, a diversificação torna possível o ensino de diferentes valores positivos;
- c) Identidade saudável: a exploração e a experimentação de diversos tipos de atividade durante o desenvolvimento auxiliam a criança a atingir uma identidade congruente com o seu verdadeiro “eu”. A diversificação encoraja a formação desta identidade por causar uma exposição à criança em diferentes ambientes, que podem proporcionar oportunidades para decidir em qual nível ela deseja participar. Crianças que vivenciam mais atividades têm tendência a mostrar um desenvolvimento positivo, quando comparadas a crianças que participam de poucas atividades extracurriculares;
- d) Diversos grupos de parceiros: as diferentes vivências em contextos distintos fazem com que a criança tenha diversos grupos de amigos (escola, clube) e, deste modo, tenham mais conexões. Estes diferentes grupos satisfazem as necessidades das crianças e adolescentes, no que diz respeito ao apoio para brincar e praticar as atividades;
- e) Capital social: a diversificação está associada também com a melhor qualidade de relacionamentos com os adultos com quem a criança convive, como pais, familiares e à própria comunidade. A diversificação permite uma melhor capacidade da criança se envolver com os adultos no seu cotidiano.

⁹ Comportamentos Prós-Sociais: ações as quais os indivíduos praticam a fim de beneficiar outro indivíduo, bem como um colega, o treinador ou membro da família.

A qualidade de evidências que sustenta este postulado é moderada pela falta de estudos direcionados ao desenvolvimento pessoal ao longo da formação esportiva. Côté e Vierimaa (2014) reconhecem que existe a necessidade de mais pesquisas em diferentes contextos para maior confiabilidade deste postulado (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

Figura 10. Classificação do quarto postulado do DMSP.

Postulado 4: Altas quantidades de jogo deliberado nos anos de experimentação constroem uma base sólida de motivação intrínseca.

Desenho metodológico: MODERADA **Consistência:** ALTA
Qualidade metodológica: MODERADA **Relevância direta:** MODERADA

Fonte: traduzido de Côté e Vierimaa (2014).

De acordo com Soberlak e Côté (2003), as crianças estão envolvidas com o jogo deliberado por vontade própria. Para os autores, comportamentos relacionados ao divertimento inerente terão efeito positivo ao longo do tempo em indivíduos envolvidos neste tipo de atividade, pois facilitam o engajamento em atividades mais estruturadas em idades posteriores.

O envolvimento em diferentes atividades que proporcionam divertimento imediato como o jogo deliberado apresentam um efeito positivo para a participação esportiva em longo prazo. Estudos qualitativos e quantitativos envolvendo a metodologia retrospectiva baseados nas carreiras dos atletas de elite e não elite comprovam este fato (CÔTÉ, 1999; ABERNETHY et al., 2002; SOBERLAK; CÔTÉ, 2003; BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003ab).

Estudos que envolveram o abandono de diferentes modalidades esportivas mostram que os atletas que participaram em mais atividades envolvendo o jogo deliberado têm a tendência de ter uma trajetória esportiva mais longa e apresentam menor índice de lesões por estresse (WALL; CÔTÉ, 2007; FRASER THOMAS et al., 2008; FRASER THOMAS; CÔTÉ, 2009).

Para Côté, Erickson e Abernethy (2013) a participação em uma variedade de atividades expõe a criança a distintos ambientes de aprendizagem, combinação que pode ser muito benéfica para a motivação da criança. Algumas atividades que as crianças ficariam receosas de praticar na frente dos pais e treinadores, praticam nas atividades lideradas por elas próprias (jogo deliberado), desenvolvendo a criatividade. Os mais velhos ensinam os mais novos, que aprendem e desenvolvem habilidades fundamentais e específicas por meio desta interação.

Côté e Erickson (2014) corroboram este postulado e relatam que o jogo deliberado é responsável pelo desenvolvimento psicológico, no que diz respeito a aprender a lidar com situações desafiadoras. Esta aprendizagem, segundo os autores, é um elemento chave para se

lograr o alto rendimento e/ou uma identidade saudável na vida adulta. Este tipo de atividade também apresenta benefícios para o desenvolvimento social, no que se refere à autonomia da criança para construir interações sociais para diferentes fins: funcionais (manutenção dos jogos e das brincadeiras) e sociais (relacionamentos entre os parceiros).

Por meio do jogo deliberado as crianças tornam-se capazes de resolver mais problemas, devido à exposição na imprevisibilidade do jogo em diferentes contextos. Isto remete a aprendizagem implícita, que é conceituada por ser a capacidade de desenvolver habilidades motoras e executá-las de maneira automatizada, ou seja, o aprendiz não se esforça para executar as tarefas, devido ao fato do movimento estar implícito, pelas inúmeras vezes em que foi praticado. Este tipo de atividade, portanto, desenvolve o alicerce social, motivacional e psicológico para caminhos posteriores, além de facilitar o contexto de aprimoramento de habilidades apropriados para cada fase de desenvolvimento (CÔTÉ; ERICKSON, 2014).

Apesar das evidências empíricas que sustentam este postulado, as mais fortes evidências vêm de teorias motivacionais que dão somente suporte teórico indireto. Portanto a qualidade de evidências que sustenta este postulado é moderada, devido à falta de estudos metodologicamente sólidos que abordam diretamente o postulado. Devido às fortes bases teóricas, pode-se ainda sugerir fortes recomendações para que programas de formação esportiva estimulem o jogo deliberado para permitir a participação esportiva em longo prazo (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

Figura 11. Classificação do quinto postulado do DMSP.

Postulado 5: Altas quantidades de jogo deliberado nos anos de experimentação desenvolvem habilidades motoras e cognitivas que permitem ao participante transferi-las futuramente para a modalidade esportiva principal

Desenho metodológico: BAIXA **Consistência:** MODERADA
Qualidade metodológica: MODERADA **Relevância direta:** MODERADA

Fonte: Traduzido de Côté e Vierimaa (2014).

Em uma perspectiva de desenvolvimento de habilidades, o jogo deliberado explora as capacidades físicas em vários contextos e com um custo mínimo em termos de recurso financeiro. Em diversos estudos com atletas de tênis, remo, triátlon e beisebol (HILL, 1993; CÔTÉ, 1999; SOBERLAK; CÔTÉ, 2003), elucidou-se a relevância da diversificação de vivências e do jogo deliberado nos primeiros anos da infância e adolescência.

Quando se participa de um jogo no quintal de casa, por exemplo, a estrutura da atividade é diferente. Existe um maior tempo de envolvimento dos praticantes com a atividade, comparado com alguns treinamentos mais estruturados. Este longo tempo em contato com a atividade também auxilia no desenvolvimento de diferentes habilidades (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Dentre os estudos que validam este postulado, Baker, Côté e Abernethy (2003) afirmaram que os atletas de elite participaram por mais tempo de atividades não estruturadas nos primeiros anos da infância e adolescência, sendo um fator responsável para manter a participação esportiva em longo prazo.

Berry et al. (2008), em um trabalho que envolveu os atletas profissionais da Austrália, descobriram por entrevistas semiestruturadas que os atletas se envolveram em mais de mil horas de jogo deliberado antes de transitarem para a especialização esportiva. Para os autores, a alta quantidade de envolvimento com este tipo de atividade foi primordial para o desenvolvimento nas fases posteriores até o alto rendimento.

A qualidade da evidência que sustenta este postulado é classificada como moderada pela natureza retrospectiva dos estudos. Porém, baseado na consistência dos achados pode-se sugerir fortemente que programas de formação esportiva que estimulam o jogo deliberado criam um ambiente que pode levar ao rendimento esportivo futuro (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

Figura 12. Classificação do sexto postulado do DMSP.

Postulado 6: Próximo ao fim do ensino fundamental (13 anos), o participante pode escolher se especializar em uma modalidade esportiva ou vivenciar o esporte recreativamente.

Desenho metodológico: MODERADA **Consistência:** MODERADA
Qualidade metodológica: MODERADA **Relevância direta:** MODERADA

Fonte: Traduzido de Côté e Vierimaa (2014).

Para Côté, Lidor e Hackfort (2009), as características que marcam este período de transição incluem: menor envolvimento em outros esportes, maior intensidade dos treinamentos, maior ênfase na competição e sucesso, além de um maior apoio familiar, da escola e do clube. Estes resultados obtidos evidenciam a importância de o adolescente tomar

esta decisão de se especializar ou não, de maneira independente, sem sofrer pressão excessiva por parte dos pais, treinadores ou do próprio clube.

Para Lerner et al. (2000), a primeira adolescência é uma fase de extrema relevância em que ocorrem muitas transformações físicas, psicológicas e, portanto, torna-se fundamental para o desenvolvimento do adolescente.

Horn e Harris (2002) descobriram que apenas entre os 12 e 13 anos de idade a criança compreende completamente as suas próprias habilidades, competências e esforço dentro de um programa esportivo. Isto elicit a importância da diversificação de vivências e dos anos de experimentação. Os autores reafirmam que o adolescente só é capaz de conhecer realmente suas competências e habilidades próximos a esta faixa etária.

Abernethy et al. (2002) por meio de entrevistas, descobriram que o relacionamento dos atletas com os treinadores, os pais e os colegas se alteraram por volta dos 13 anos. Nos primeiros anos da infância, os treinadores deixavam as crianças livres para brincar e focavam os treinamentos apenas em habilidades fundamentais. Na transição para os anos de especialização, os praticantes passaram a reconhecer os treinadores como especialistas esportivos e isto tornou a relação mais séria e profissional, evidenciando este processo de especialização.

O relacionamento entre os atletas e outros parceiros também se alterou nesta fase. Nos anos de experimentação, a interação ocorria por brincadeiras, pela necessidade de jogar e praticar atividades extracurriculares nas horas livres. Após o início da especialização, os atletas relataram a importância dos amigos fora do esporte, ou seja, os relacionamentos passaram a acontecer de maneira mais intensa, emotiva e as amizades funcionavam como apoio e motivação para a continuidade na modalidade esportiva (ABERNETHY et al., 2002).

Os pais, nos anos de experimentação, eram responsáveis por encorajar a criança a participar de atividades esportivas, ensinando-as da importância de uma vida saudável. Após o início da especialização, os pais tornam-se suportes, comprometidos em apoiar a criança em sua decisão de se especializar ou não no esporte, sem realizar pressão excessiva (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003).

Em um estudo etnográfico de 18 meses, Mac Phail et al. (2003) conduziram e notaram uma mudança de estágio dos membros de um clube entre os 12 e 15 anos de idade. Nesta idade, os atletas passaram a focar seus recursos e energias em atividades específicas para desenvolver diferentes competências e atingir o alto rendimento. Kirk (2005) corrobora esta ideia, já que segundo o mesmo este período desenvolve estas percepções de competência, levando a uma maior motivação e a participação em longo prazo.

De acordo com Côté, Baker e Abernethy (2007) o adolescente nesta faixa etária pode escolher entre se especializar em uma modalidade esportiva, ou se manter em nível recreativo.

A qualidade da evidência que suporta este postulado emerge de teorias de desenvolvimento infantil e de dados empíricos que mostram a importância do esporte se diferir qualitativa e quantitativamente na infância, adolescência e fase adulta. Portanto, a qualidade de tais evidências pode ser classificada como alta e são feitas fortes recomendações de que programas de formação esportiva sejam pautados pela diversificação e jogo deliberado, sendo importante que a transição para os anos de investimento ou recreação ocorra após os 13 anos (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

Figura 13. Classificação do sétimo postulado do DMS.

Postulado 7: Próximo ao fim do ensino médio (16 anos) o participante já desenvolveu todas as habilidades físicas, motoras, cognitivas, físicas, emocionais e sociais para investir em uma modalidade esportiva buscando o alto rendimento.

Desenho metodológico: BAIXA
Qualidade metodológica: BAIXA

Consistência: BAIXA
Relevância direta: BAIXA

Fonte: Traduzido de Côté e Vierimaa (2014).

Soberlak e Côté (2003) descobriram que os atletas investem mais de 2 mil horas nos últimos anos de desenvolvimento, o que coincide com o período próximo aos 16 anos de idade. A partir desta fase, os atletas já compreendem os riscos e benefícios do foco intensivo em um único esporte e são capazes de tomar decisões de maneira independente para investir no alto rendimento.

Barreiros, Côté e Fonseca (2012), em um trabalho com jogadores de diferentes esportes da Seleção Portuguesa envolvendo 395 atletas, procuraram descobrir se os atletas convocados em categorias menores, como a juvenil (sub-17) continuaram sendo selecionados em categorias maiores, como juniores (sub-20) e profissional. Em seus resultados, encontraram que a maioria dos jogadores selecionados na categoria juvenil também foram selecionados na categoria juniores. Porém, quando esta última categoria foi comparada com a profissional, apenas 1/3 destes atletas foram selecionados. Vários atletas profissionais nunca foram convocados nas categorias de base. Esses achados evidenciam a dificuldade em prever o sucesso de atletas nas categorias de base, elucidando assim a importância de não focar no resultado imediato, mas sim na participação esportiva em longo prazo.

Sabe-se na literatura que, na segunda adolescência, os jovens se envolvem em uma maior quantidade de prática estruturada, bem como a intensidade nos treinamentos aumenta, para se desenvolver e refinar habilidades específicas à modalidade esportiva. Isto ocorre desde a transição para os anos de especialização, quando o adolescente escolhe uma trajetória voltada ao maior envolvimento com o esporte escolhido, porém, é pertinente que este investimento ocorra alguns anos após a maturidade, o que nem sempre compreende a idade dos 16 anos (CÔTÉ, 1999; BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003ab; BARREIROS; CÔTÉ; FONSECA, 2012).

A evidência que suporta este postulado é mais indireta, portanto é classificada como de baixa qualidade e, com base nestas evidências, a afirmação de que a transição para os anos de investimento não deve ocorrer antes dos 16 anos é entendida como fraca, indicando que ainda é necessário maior entendimento sobre os anos de investimento (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014).

Neste postulado, eis a correção a ser acrescentada: o refinamento de habilidades por meio da prática deliberada deve ser introduzido gradual e progressivamente, em momentos apropriados, sendo que o envolvimento do atleta não precisa ser exclusivamente em um esporte aos 16 anos de idade, ainda podendo ter o contato com demais modalidades esportivas. Nesta idade, nem sempre o atleta desenvolveu completamente as capacidades físicas, motoras, cognitivas, sociais e emocionais suficientes para atingir o alto rendimento, sobretudo em alguns esportes (CÔTÉ; VIERMAA, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

É pertinente, portanto, que os diferentes agentes esportivos, juntos, mensurem os riscos e os benefícios para a saúde, para fatores psicológicos e socioculturais associados à inserção da criança em um programa esportivo específico (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; CÔTÉ; VIERIMAA, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

4.2.5. A RESSIGNIFICAÇÃO DA DIVERSIFICAÇÃO DE VIVÊNCIAS E A APROPRIAÇÃO DO CONCEITO DE PRÁTICA DELIBERADA NO CONTEXTO ESPORTIVO NA ATUALIDADE.

O DMSP sugere que a progressão tanto para atletas de elite quanto para participantes recreativos seja baseada na diversificação de vivências e no jogo deliberado durante a infância. Fomentar o envolvimento e desenvolvimento esportivo pelo contato inicial com uma diversidade de atividades, sem a especialização em determinada modalidade esportiva durante a infância pode proporcionar mais consequências positivas e menos consequências negativas

em longo prazo, além de aumentar as probabilidades de lograr o alto rendimento esportivo (CÔTÉ; ERICKSON, 2014).

Porém, contar apenas com o número de atividades praticadas nos anos de experimentação como o único indicador de diversificação pode não englobar este conceito como um todo, pois não se considera os diferentes contextos e os diferentes tipos de experiências que podem ser vivenciados dentro de uma mesma prática esportiva (CÔTÉ; ERICKSON, 2014).

Praticar apenas uma modalidade esportiva desde os primeiros anos de iniciação em um programa de participação esportiva não necessariamente significa que não exista uma diversificação de vivências. Uma criança pode, por exemplo, praticá-la no parque, na praia, na escola, com os pais no quintal e no centro de treinamento. Apesar de ser a única modalidade esportiva que tem contato, os contextos e as oportunidades para a prática são diferentes (CÔTÉ; ERICKSON, 2014). Para estes autores, os indicadores para a diversificação poderiam incluir as variações de configurações dentro de um mesmo esporte, assim como o nível de competição, oportunidades para adquirir novas habilidades, interação social com adultos e parceiros. A diversificação de vivências deveria incluir tanto o número de atividades envolvidas, quanto às variações no contexto da participação em uma atividade específica.

No que se refere à definição de prática deliberada, é interessante notar que após 21 anos da primeira conceituação desta atividade por Ericsson et al. (1993), Baker e Young (2014) revisaram as evidências que se formaram no entorno deste conceito e identificaram como este vem sendo aplicado no contexto esportivo no decorrer das ondas de pesquisas do DMSP.

Para Ericsson et al. (1993, p.373), a prática deliberada está relacionada também com o nível de habilidade, sendo que sua quantidade muda de acordo com o nível de desenvolvimento. Para os autores, pode ser definida como:

Uma forma de atividade estruturada, que exige grandes níveis de esforço, com o objetivo explícito de melhorar o rendimento por meio de tarefas desenvolvidas para superar níveis atuais de fraquezas.¹⁰

Este conceito foi abrangido por diversos autores na literatura mundial, entre eles Côté e colaboradores. De acordo com Baker e Young (2014), para que um indivíduo consiga atingir a elite, o desenvolvimento da prática deliberada deve levar em consideração três domínios:

¹⁰ Traduzido do idioma inglês: deliberate practice is a highly effortful and structured activity with the explicit goal of improving performance through specific tasks designed to overcome current levels of weakness.

- a) Motivação: para sustentar a quantidade de prática deliberada, praticantes devem desenvolver a motivação pela prática para melhorar o rendimento por meio da iniciação e diversificação de vivências;
- b) Recursos: familiares são recursos essenciais para a progressão da prática deliberada, pois podem proporcionar a prática, participando em primeiro momento (transição dos jogos e brincadeiras para a especialização), além de serem financeiramente importantes em fases posteriores.
- c) Esforço: para manter a atenção cognitiva durante a prática deliberada, para conseguir manter o máximo de rendimento durante as atividades, além de equilibrar o treinamento com o período de regeneração.

De acordo com Baker e Young (2014), não existe um consenso ao longo do tempo sobre o que é realmente considerado prática deliberada. Em alguns estudos, considera-se todas as atividades específicas à modalidade esportiva (BAKER; CÔTÉ, 2006), já para outros é a soma do treinamento de vídeo, instrução individualizada, musculação e prática solitária (BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003b).

Em um estudo, Côté, Erickson e Abernethy (2013) apontam para a existência de outros dois tipos de atividades além da prática e jogo deliberado: a prática espontânea e o *play-practice*. Cada tipo de atividade citado acima, bem como a prática deliberada e o jogo deliberado podem ser descritos como protótipos que exemplificam características únicas, representando um maior número de experiências que as crianças podem encontrar em seu envolvimento esportivo. Cada uma destas atividades varia em certo número de dimensões, além de ter uma importância ímpar para a aprendizagem de novas habilidades e a motivação para se manter envolvido na modalidade esportiva. Por esta razão, as atividades e suas dimensões podem ser caracterizadas e conceitualizadas em dois eixos diferentes (CÔTÉ, ERICKSON, ABERNETHY, 2013).

Porém, nenhum outro artigo do autor retoma essas definições. Deste modo, estas não serão consideradas ou aprofundadas neste presente estudo. Portanto, neste trabalho a prática deliberada foi considerada a partir da definição de Côté (1999), sendo consideradas todas as atividades desenvolvidas com o objetivo de melhorar o rendimento esportivo.

É pertinente destacar que a competição esportiva não é considerada como prática deliberada, pois não foi desenvolvida para aumentar o rendimento, mas demonstrar os níveis de habilidades atuais, melhorar a capacidade de tomada de decisão dos participantes e, principalmente, vencer. Frente ao exposto, desenvolve capacidades únicas, muitas vezes

difíceis de serem reproduzidas no treinamento. (ERICSSON et al., 1993; CÔTÉ et al., 2013; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2013; BAKER; YOUNG, 2014).

Depois de definir a maneira como o termo prática deliberada foi utilizado neste estudo, é válido aprofundar sobre a relevância da quantidade e a qualidade deste tipo de atividade para se atingir e manter a elite esportiva. Frente ao exposto, de acordo com Baker e Young (2014) pode-se afirmar que:

- a) A quantidade de prática deliberada em estágios anteriores de desenvolvimento está relacionada com o desempenho atual. Deste modo, é importante estimular padrões mais simples que envolvem a prática deliberada desde os primeiros anos de envolvimento com a modalidade esportiva, sofrendo adaptações constantes nos níveis de tarefa de acordo com a melhora do desempenho e com a idade. Além disto, o *feedback* individualizado do treinador e a repetição constante permitem que o progresso da carreira de um atleta seja maior;
- b) A prática deliberada começa em padrões mais simples e progride para padrões mais complexos de maneira gradativa, considerando a idade biológica e adaptabilidade ao treinamento.

Reforçando este pensamento, Baker e Young (2014) descrevem que a prática deliberada é a forma mais eficiente de treinamento relacionada ao aumento de rendimento esportivo. Porém, os períodos de prática deliberada devem seguir uma programação que respeite o tempo de descanso entre as sessões, com o objetivo de maximizar a adaptação às altas quantidades praticadas nos anos de investimento e de manutenção da elite esportiva (BAKER; CÔTÉ; DEAKIN, 2005).

O artigo de Côté et al. (2013) sustenta esta afirmação ao revelar que atletas de elite que competem em nível internacional, quando comparados a atletas que atingiram apenas o nível estadual, vivenciaram mais tempo ao longo de suas carreiras o treinamento organizado, treinamento de vídeo e em competições, receberam mais instruções individuais por parte do treinador e investiram seu tempo lendo e assistindo vídeos sobre a modalidade esportiva.

Portanto, é importante que principalmente durante os anos de experimentação exista uma grande quantidade de jogo deliberado e divertimento, associada a padrões mais simples de prática deliberada, pois este é o alicerce para que o participante mantenha a participação esportiva em fases posteriores, que apresentam quantidades elevadas de prática deliberada, possibilitando um desenvolvimento positivo durante a carreira (BAKER; YOUNG, 2014).

4.3. O QUADRO DE DESENVOLVIMENTO DE VALORES PESSOAIS (PAF) COMO UMA ABORDAGEM COMPLEMENTAR

Esta seção aborda a importância de diferentes fatores que influenciam o desenvolvimento esportivo positivo na juventude e é dividido em cinco partes, para que as explicações sobre estas relações, que são complexas e interagem entre si, tornem o texto didático. A primeira se refere aos diferentes aspectos necessários para o PYD; a segunda se refere à importância dos treinadores neste processo; a terceira se refere à importância do apoio dos familiares; a quarta se refere à importância dos parceiros; a quinta parte descreve o quadro do PAF e sua integração com o DMSP.

4.3.1. OS DIFERENTES ASPECTOS PARA O DESENVOLVIMENTO ESPORTIVO POSITIVO NA JUVENTUDE (PYD)

É importante que a participação esportiva seja percebida como um processo em longo prazo, que desenvolve diferentes habilidades físicas, motoras, emocionais e psicossociais (3P's) para que exista um desenvolvimento esportivo positivo na juventude. Deste modo, a *National Research Council and Institute of Medicine* (NRCIM, 2002) classifica oito configurações fundamentais para o PYD. São elas: segurança física e psicológica; estrutura apropriada; relacionamento de apoio; oportunidades de pertencer à prática; normas sociais positivas; apoio para eficiência e importância; oportunidades para construção de habilidades e capacidades; integração entre a família, escola e comunidade.

Benson (1997) descreveu que existem 40 valores pessoais que são relevantes para o desenvolvimento humano. Porém, existe uma grande dificuldade em transferir este grande número de valores para um programa esportivo em longo prazo, mas este trabalho foi pioneiro e importante para estudos posteriores (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003).

Larsson (2000) apontou para o fato de existirem dois tipos de atividades praticadas pelas crianças: atividades de relaxamento, que se referem àquelas cujo divertimento é o foco principal, mas não existe nenhum tipo de esforço físico envolvido (assistir televisão); atividades construtivas, que se referem àquelas que demandam esforço físico e envolvem um objetivo principal a ser atingido (música, esporte). Para o autor, atividades construtivas levam ao desenvolvimento da iniciativa em crianças.

A iniciativa, segundo Larsson (2000), consiste-se em três elementos essenciais: aumentam a motivação e o prazer; envolvem atenção e foco em objetivos específicos; devem

ocorrer em um longo período de tempo. Portanto, a iniciativa pode ser definida como o núcleo de desenvolvimento positivo psicossocial e físico em crianças.

Neste sentido, Lerner et al. (2000) propuseram um modelo que reflete em cinco valores desejados neste processo de desenvolvimento. São eles: a competência, a confiança, a conexão, o caráter e o cuidado/compaixão. Os autores sugeriram que políticas públicas deveriam ser formuladas para permitir que os programas esportivos e as famílias proporcionassem o PYD, para que os jovens sejam capazes de demonstrar esses cinco valores. Coletivamente, estes processos levariam ainda a um sexto, o da contribuição: adultos saudáveis, que foram beneficiados por estas políticas e desenvolveram estes valores podem retribuir para a sociedade, proporcionando e contribuindo para o desenvolvimento de novas gerações, em um processo que se tornaria cíclico (LERNER et al., 2000).

Para Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2005) jovens inseridos no PYD experimentam mais situações positivas do que negativas, estão mais satisfeitos com suas próprias vidas, reconhecem suas capacidades, utilizam suas habilidades para atingir os objetivos, além de contribuir como membros da sociedade. Indivíduos envolvidos em um programa esportivo que tem como objetivo as necessidades individuais da criança e do adolescente estão mais propensas aos benefícios relacionados ao desenvolvimento físico, psicológico, social e intelectual.

Quanto ao desenvolvimento físico, é possível afirmar que a participação esportiva em longo prazo melhora diversos aspectos fisiológicos (FRASER THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005). Os hábitos desenvolvidos nesta fase estão associados com sua continuidade na vida adulta e, ainda, os adultos ativos são menos propensos a doenças crônicas na terceira idade (FRASER THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005).

Para o desenvolvimento psicológico, Fraser-Thomas e Côté (2004) apontam para a importância das oportunidades de experimentar diferentes tipos de desafio, divertimento, prazer, desenvolvimento de autoestima e diminuição do estresse. Em um estudo que envolveu 11 crianças, sendo cinco ativas e seis sedentárias, os autores observaram uma grande diferença entre os dois grupos quanto às atividades cotidianas. No grupo de ativos 45% das suas atividades diárias, que eram classificadas pelas próprias crianças, representavam atividades consideradas muito divertidas. Em contrapartida, o grupo sedentário classificou apenas 8% de suas atividades diárias como muito divertidas. Com estes resultados, é possível afirmar que as crianças envolvidas em programas esportivos apresentam maior prazer e bem-estar em suas atividades.

Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2005) ressaltam que a diversificação de vivências desenvolve relacionamentos positivos e habilidades de liderança. Estas habilidades aprendidas,

por exemplo, as relações entre grupos, integração na comunidade, cooperação, empatia, responsabilidade e autocontrole podem ser transferidas para a vida adulta. Além disto, crianças envolvidas em atividades extracurriculares apresentam melhor rendimento escolar, como o aumento das notas e tempo dispendido na realização de tarefas, desenvolvendo habilidades cognitivas (FRASER THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN 2005).

Fraser Thomas, Côté e Deakin (2005) ressaltam que para ocorrer um desenvolvimento eficiente em todas as capacidades citadas acima, faz-se pertinente participar de: atividades extracurriculares; atividades que envolvem relacionamentos recíprocos em longo prazo; atividades que acontecem numa base regular por um extenso período de tempo; atividades que se estendem durante um bom período até se tornarem mais complexas.

Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2005) propõem que os programas bem-sucedidos considerem os estágios de desenvolvimento pessoal, psicológico e físico; sejam conduzidos em configurações apropriadas (NRCIM, 2002); formem diferentes valores de desenvolvimento (BENSON, 1997).

A implementação destes tipos de programas necessita do auxílio de diferentes agentes, como organizações esportivas, treinadores e pais, para proporcionar acessibilidade a todos os jovens, independentemente de raça, classe ou gênero, com o objetivo pautado no desenvolvimento humano e não apenas em indivíduos habilidosos (FRASER-THOMAS, CÔTÉ; DEAKIN, 2005). É importante que os programas sejam conduzidos para dar atenção não apenas às crianças, mas também oportunidades para o treinamento dos treinadores. Para Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2005) por meio do treinamento, educação e experiência, os treinadores são capazes de aprender a ensinar e desenvolver habilidades fundamentais e diferentes valores pessoais positivos para crianças e jovens, visto que os adultos têm função crucial para determinar a qualidade de experiências e seus possíveis resultados nas diferentes fases da carreira esportiva.

É importante, portanto, proporcionar experiências positivas para crianças e adolescentes, para que no futuro eles estejam integrados à sociedade transmitindo os cinco valores (5C's) propostos por Lerner et al. (2000). O grande desafio para a comunidade científica é a integração destes conhecimentos, para que pais e treinadores consigam agir de maneira mais eficiente no PYD (FRASER THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2009).

Fraser-Thomas, Côté, Deakin (2005) propõem um quadro integrado (figura 14), que leva em consideração os 40 valores de desenvolvimento citados por Benson (1997), as oito configurações da NRCIM (2002), o DMSP e os cinco valores de Lerner et al. (2000).

Figura 14. Esquema integrado de PYD.

Fonte: Traduzido de Fraser Thomas, Côté e Deakin (2005).

4.3.2. A INFLUÊNCIA DOS TREINADORES PARA O DESENVOLVIMENTO POSITIVO NA JUVENTUDE (PYD)

Smith et al. (1990), em um dos primeiros estudos sobre o comportamento dos treinadores, revelaram que os mais populares entre os atletas demonstravam instruções mais técnicas, reforçavam suas correções e seus *feedbacks*, além de criar um ambiente de coesão, controlado e prazeroso. Além disso, os treinadores permitiram escolhas democráticas no processo de tomada de decisões do treinamento.

Smool e Smith (2002) corroboram este estudo ao descobrir que os treinadores que não incentivam e pressionam mais seus atletas estão associados a maior probabilidade de abandono da prática por parte dos últimos.

Côté, Baker e Abernethy (2003) ressaltam a relevância dos treinadores em diversos aspectos do desenvolvimento esportivo de crianças e adolescentes. Os autores elucidam que a função principal do treinador seja a de criar um ambiente que permita e facilite um ótimo processo de aprendizagem. Sabe-se que o crescimento e desenvolvimento humano é marcado por mudanças cognitivas, físicas, psicológicas, sociais e, assim, é função dos treinadores mudarem o seu comportamento de acordo com estas transformações, proporcionando também

recursos físicos e sociais para superar o esforço e a diminuição da motivação devido às altas quantidades de prática deliberada ao decorrer da carreira esportiva.

É importante, durante os anos de experimentação, que o estilo de intervenção dos treinadores e o conteúdo do treino sejam indiretos, ou seja, o maior foco está no desenvolvimento de habilidades fundamentais, por dar mais liberdade para as crianças nestas práticas. O ambiente do jogo deliberado pode diminuir o estresse e permitir atitudes pró-sociais, auxiliar a interação social e revelar objetivos específicos para serem alcançados. A partir dos anos de especialização e durante os anos de investimento, ocorre uma transição na relação treinadores-atletas, sendo que esta torna-se cada vez mais profissional e mais próxima (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003).

Côté e Fraser-Thomas (2007) descreveram por meio de um estudo que envolveu entrevistas com atletas e treinadores de alto rendimento de diferentes modalidades esportivas, que os últimos têm a função de desenvolver habilidades psicológicas, sociais e motoras nos primeiros. Quanto ao desenvolvimento psicológico, os atletas que tiveram treinadores cujo *feedback* era positivo, incentivavam, apoiavam mais, eram menos punitivos e, por consequência, apresentaram maior autoestima e menor ansiedade durante a temporada. Os treinadores que proporcionaram os ambientes mais positivos aumentaram a coesão de grupo, afetaram positivamente o resultado afetivo dos atletas, a competência percebida por eles e a motivação intrínseca (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

Referente às habilidades pessoais, os treinadores responsáveis por criar ambientes positivos também desenvolveram maior cooperação e responsabilidade entre os atletas, influenciando também o seu caráter, incentivando comportamentos pró-sociais (respeito e cuidado, por exemplo). O aumento deste tipo de comportamento auxiliou na diminuição de comportamento antissocial (agressão e traição, por exemplo) (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

Para Côté e Fraser-Thomas (2007) os treinadores servem como espelhos e, por isto, é importante que deem exemplo de *fair play*. O objetivo do treinador é controlar os comportamentos, manter a coesão de grupo e formar não só atletas, mas membros da sociedade. A modalidade esportiva não deve ser dissociada da vida real, de forma que toda a aprendizagem deve ser transferível para as situações cotidianas fora do contexto esportivo.

4.3.3. A INFLUÊNCIA DOS PAIS NO DESENVOLVIMENTO POSITIVO NA JUVENTUDE (PYD)

Côté (1999) acredita, no que diz respeito ao envolvimento dos pais na formação esportiva de atletas de alto rendimento, na mudança de funções dos mesmos durante a carreira esportiva. Nos anos de experimentação os pais têm a função de liderança e são capazes de incentivar as crianças a manter a participação esportiva, ao ensiná-las sobre a importância da prática de exercícios físicos regulares para uma vida saudável no futuro e por proporcionarem a diversificação. Na primeira transição, que ocorre dos anos de experimentação para os anos de especialização, os pais iniciam uma nova função de apoio, comprometendo-se com a participação esportiva em um número mais limitado de atividades, sem exercer nenhum tipo de pressão para especializar o filho. Na segunda transição, dos anos de especialização para os anos de investimento, os pais se tornam seguidores, pois sacrificam alguns aspectos de suas vidas sociais para permitir ótimas condições de treinamento para os filhos, criando um bom ambiente de apoio, com pouca demanda ou pressão (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003).

Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2005) afirmam também que as crianças que apresentam interações mais positivas, como apoio, incentivo e menor pressão por parte dos pais, demonstram lidar melhor com desafios e, desta maneira, dispõem de mais motivação para se manterem engajadas na modalidade esportiva quando comparadas às crianças que não apresentam esta interação positiva. Este bom relacionamento está associado à maior atração pelo esporte, por esta razão os adolescentes com famílias mais estruturadas parecem dar mais significado e valor às suas atividades e experiências (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005).

Quanto à função dos pais no desenvolvimento esportivo, para Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2005) é possível caracterizar três tipos de envolvimento por parte destes na participação esportiva dos filhos:

- a) Pais pouco envolvidos: apresentam pouco investimento emocional, financeiro e funcional;
- b) Pais moderadamente envolvidos: apresentam direcionamento firme, mas flexível o suficiente para que o próprio atleta tome suas decisões;
- c) Pais muito envolvidos: apresentam envolvimento excessivo no sucesso atlético da criança, gritam durante competições e discutem com pais, treinadores, árbitros e autoridades.

Para Côté e Fraser-Thomas (2007), pais moderadamente envolvidos parecem estar mais relacionados com o sucesso esportivo. Às vezes, o envolvimento dos pais envolve sacrificar os próprios interesses para desenvolver um ambiente positivo para a participação esportiva do filho. Os autores ainda apontam para a importância dos diferentes tipos de apoio que os pais têm a responsabilidade de transmitir. São eles:

- a) Apoio emocional: trata-se dos gestos de conforto em momentos de estresse e ansiedade, ou seja, dar *feedbacks* positivos das habilidades da criança e mostrar que acredita nelas. Estes gestos aumentam o senso de competência e autoestima. As crianças precisam compreender que o esforço e o investimento de tempo nas atividades são valorizados pelos pais;
- b) Apoio informativo: trata-se de conselhos em situações problemáticas, como escolher um programa esportivo adequado para as necessidades e desejos da criança;
- c) Apoio tangível: trata-se das ações concretas em situações de estresse, ou seja, proporcionar recursos suficientes para ajudar a cumprir todos os compromissos, por exemplo, administrar o tempo para fazer tarefas, estudar, viajar e manter os equipamentos em bom estado;
- d) Apoio de “*networking*”: trata-se dos relacionamentos casuais que permitem um indivíduo se engajar em diferentes atividades recreativas e sociais como, por exemplo, estar envolvido no jogo deliberado e nas atividades esportivas das crianças. Além disto, trata-se também do relacionamento positivo que os pais têm com os árbitros, autoridades, treinadores e outros pais durante treinamentos e competições.

Famílias que praticam e/ou consomem o esporte não necessariamente são pré-requisitos para manter a criança motivada no programa esportivo. Deste modo, é preciso expor o valor e o significado de se envolver em atividades esportivas, sendo importante que os pais ofereçam oportunidades para hábitos de vida saudáveis relacionados ao exercício físico (CÔTÉ; FRASER THOMAS, 2007).

Existe outro relevante fator de influência que os pais exercem sobre os filhos: as expectativas. De acordo com Côté e Fraser-Thomas (2007) os pais exercem um efeito poderoso no divertimento, estresse, sucesso e/ou fracasso dos filhos. Altas e baixas expectativas estão associadas à redução da motivação das crianças. O ideal seria manter um nível intermediário de expectativas quanto ao sucesso da criança, para manter o envolvimento. A manutenção desta motivação está altamente associada à maneira como as crianças são vistas e tratadas pelos outros, especialmente os pais e, por esta razão, estes precisam estar atentos aos desejos dos filhos durante toda a carreira (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

4.3.4 A INFLUÊNCIA DOS PARCEIROS DE TREINO NO DESENVOLVIMENTO POSITIVO NA JUVENTUDE (PYD)

Abernethy et al. (2002), em um estudo em que foram realizadas entrevistas semiestruturadas com atletas de alto rendimento, revelaram que os atletas mencionaram a importância das amizades em diferentes fases de desenvolvimento. Nos anos de experimentação, relacionavam-se pelos jogos e brincadeiras nas horas livres, ou seja, as amizades tinham a função de manter a motivação para a prática. Nos anos de investimento, os atletas ressaltaram a importância dos amigos fora do ambiente esportivo, como os colegas de escola. Esta relação ocorria de maneira mais intensa e emotiva, de maneira que os amigos serviam como um apoio, facilitando a continuidade nos anos de investimento.

Côté e Fraser-Thomas (2007) realizaram um trabalho com 22 nadadores competitivos do gênero masculino e feminino de nove clubes diferentes, com idade entre 14 e 18 anos, que eram submetidos a média de dez horas de treinamento por semana. Os atletas tinham média de, no mínimo, quatro anos de envolvimento com competições organizadas e tiveram mais de 51 treinadores durante suas carreiras. O objetivo dos autores era entender as expectativas positivas e negativas dos jovens em um contexto esportivo amplo e, por isto, a escolha do grupo de participantes foi tão heterogênea. Por meio de entrevistas, descobriram que os atletas tinham relacionamentos significativos com seus parceiros de treino. Para os participantes do estudo, o envolvimento com a modalidade esportiva proporcionou oportunidades para desenvolver amizades próximas e únicas construídas em comum interesse, e essa interação foi positiva para desenvolver novas habilidades físicas (capacidades motoras), sociais (comunicação, valores) e psicológicas (liderança). Relataram também que a estrutura do clube promoveu oportunidades para desenvolver estes relacionamentos com parceiros de diferentes idades (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

Bruner, Boardley e Côté (2013) investigaram os efeitos da identidade social direcionada aos comportamentos prós sociais e antissociais entre parceiros da mesma equipe e também com os adversários, reunindo um grupo de 329 atletas juvenis que praticavam esportes coletivos, avaliando três dimensões da identidade social (centralidade cognitiva, laços de grupo e afetividade); coesão de grupo (tarefa, social) e comportamentos pró e antissociais.

Para entender o estudo, faz-se pertinente compreender as diferentes definições trazidas pelos autores. A identidade social é formada pela associação entre os diferentes membros do time, influenciando no desenvolvimento social e estabelecendo diversos valores morais. Esta

identidade é contextualizada em três dimensões: a centralidade cognitiva, que diz respeito à importância de se sentir membro do grupo; a afetividade, que trata dos sentimentos positivos relacionados com o grupo; e os laços, que são as percepções de similaridade e união. A identidade social é o autoconceito do indivíduo, e deriva do conhecimento da associação de um grupo social, juntamente com valores e significância emocional advinda destes relacionamentos (BRUNER; BOARDLEY; CÔTÉ, 2013).

Quanto aos tipos de comportamentos, os prós sociais são definidos por Eisenberg e Fobes (1998) como atos voluntários a fim de ajudar e beneficiar outro indivíduo ou grupo de indivíduos; os comportamentos antissociais são atos voluntários a fim de prejudicar ou deixar em desvantagem um indivíduo ou grupo de indivíduos.

O trabalho de Bruner, Boardley e Côté (2013) ressaltou que uma grande identidade com o grupo por parte dos atletas levou à maiores incidências de comportamentos prós sociais, afirmando que a afetividade é responsável por predizer este tipo de comportamento. Além disto, quanto mais fortes os laços e a afetividade, melhor a capacidade de comunicação e maior coesão de tarefas, ou seja, o grau que o indivíduo se identificou com o grupo influenciou as percepções de como se comunicar entre si e trabalhar em grupo para atingir os objetivos, influenciando a maior frequência destes comportamentos prós sociais.

Abaixo é possível observar de maneira resumida as mudanças nas funções de pais, treinadores e atletas ao longo da carreira esportiva que foram abordadas nos últimos três tópicos (figura 15).

Figura 15. Variáveis que influenciam na carreira esportiva.

Fonte: Traduzido de Côté, Baker e Abernethy (2003).

A literatura sobre este tema fomentou diversas discussões pertinentes ao desenvolvimento da área e, devido a este conjunto de estudos, foi possível criar um novo quadro que relaciona e conecta todos os aspectos do desenvolvimento esportivo positivo na juventude: o Quadro de Desenvolvimento de Valores Pessoais (PAF).

4.3.5. A CRIAÇÃO DO QUADRO DE DESENVOLVIMENTO DE VALORES PESSOAIS (PAF)

Embora tenha oferecido contribuições importantes para estudos e intervenções sobre o processo de formação esportiva, o DMSP sofreu certas críticas sobre algumas de suas lacunas (STORM; KRISTOFFER; KROGH, 2011). Isso ocorreu principalmente por este modelo ser generalista, estrutural e não considerar as diferentes condições socioculturais e características individuais por parte dos participantes (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

Frente ao exposto, Côté, Turnnidge e Evans (2014) desenvolveram um quadro utilizando uma abordagem ecológica, isto é, uma abordagem com foco na integração do desenvolvimento do indivíduo em seu próprio contexto. Este modelo foi nomeado como PAF e tem como foco os elementos-chave da participação esportiva (*sports participation*), rendimento (*performance*) e desenvolvimento pessoal (*personal development*), os denominados 3P'S. Os elementos deste modelo são baseados em interações dinâmicas entre os atletas, suas

relações com outros indivíduos e o ambiente em que estão inseridos (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

As interações entre o engajamento em modalidades esportivas na juventude, a qualidade das relações com demais indivíduos (atleta-pai, atleta-atleta, atleta-treinador) e o ambiente que está inserido no esporte (estrutura física e social) são estruturados para nortear os valores dos atletas, ao invés de se atingir um objetivo imediato, que muitas vezes não se alinha com as necessidades do atleta/participante naquele determinado momento do desenvolvimento da participação esportiva (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

Sugere-se que a interação entre os elementos dinâmicos do modelo e os valores desenvolvidos pelos atletas podem se alterar de acordo com o contexto de desenvolvimento, incluindo variáveis como a maturação e a idade (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

O modelo leva em consideração, portanto, que os fatores pessoais, relacionais e organizacionais são necessários para entender o processo pelo qual o desenvolvimento no esporte e pelo esporte ocorre. Estes três fatores respondem a três questões no que diz respeito à participação em uma modalidade esportiva: engajamento pessoal nas atividades (o quê/*what*?); Qualidade dos relacionamentos (quem/*who*?); Configurações apropriadas (onde/*where*?). A interação entre estes três elementos constitui uma experiência esportiva específica que, quando repetida durante um período de tempo (ex.: temporada), vai gerar mudanças nos valores pessoais, conhecidos como os 4C's (competência, confiança, conexão e caráter) do atleta envolvido (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

Côté, Turnnidge e Evans. (2014) definiram estes valores com base no trabalho de Lerner (2000), apropriaram-se deste modelo pioneiro e o adaptaram os conceitos do desenvolvimento dos valores pessoais propostos por Lerner (2000) para o contexto esportivo, originando a definições dos 4C's:

- a) A competência diz respeito ao desenvolvimento das habilidades técnicas, necessárias para se locomover com qualidade, sucesso e realizar as tarefas de maneira efetiva; às habilidades táticas, que são ações específicas e decisões que o atleta toma durante treinamentos e competições para ter vantagem sobre o oponente; às habilidades físicas, que são a preparação e a qualidade funcional, que permitem executar as habilidades esportivas e demandas necessárias de diferentes capacidades motoras;

- b) A confiança é a crença ou grau de certeza que os indivíduos possuem sobre suas habilidades, a fim de serem bem-sucedidos no esporte;
- c) A conexão é a medida de qualidade de relacionamentos e grau de interação com parceiros, pais e treinadores no ambiente esportivo imediato;
- d) O caráter é o desenvolvimento moral e esportivo, medido pelo engajamento em comportamentos prós sociais (ações para ajudar outros indivíduos) e o baixo envolvimento em comportamentos antissociais (ações para prejudicar outros indivíduos).

Côté, Turnnidge e Evans (2014) acreditam que os outros dois valores propostos por Lerner (2000), referentes ao cuidado (prudência e dedicação de um indivíduo em seus relacionamentos, ou seja, no maior engajamento em comportamentos prós sociais) e a contribuição (quando o adulto saudável incentiva os filhos a praticarem atividades esportivas como um hábito saudável) estejam incorporados no caráter e, por isto, o PAF leva em consideração apenas quatro valores do modelo inicial proposto por Lerner (2000).

O alinhamento entre os elementos dinâmicos (engajamento pessoal; qualidade dos relacionamentos, configurações apropriadas) e os valores pessoais subsequentemente influencia os resultados em longo prazo dos atletas, que são definidos pela participação esportiva, desenvolvimento pessoal e desempenho. Se o foco da formação esportiva ocorrer considerando apenas alguns destes elementos, as oportunidades para o desenvolvimento se tornam limitadas, visto que um ou mais valores pessoais não serão estimulados no processo. Portanto, este equilíbrio no programa esportivo se faz importante para proporcionar um desenvolvimento positivo na juventude em curto e longo prazo (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

O DMSP proposto por Côté, Baker e Abernethy (2007) sugere que, para um desenvolvimento esportivo balanceado, faz-se pertinente uma progressão gradual na carreira esportiva. Esta progressão está baseada em uma diversidade de experiências durante os primeiros anos de envolvimento com a prática, com um amplo volume de jogo deliberado. Esta diversidade na e entre modalidades esportivas precede a especialização, pois é o principal alicerce para um bom ambiente esportivo tanto em atletas de elite quanto em participantes recreativos, resultando em um maior engajamento pessoal do jovem (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

Esta diversificação permite que os jovens atletas experimentem diferentes contextos de prática para que futuramente sejam capazes de escolher o caminho da especialização em uma determinada modalidade esportiva ou o da recreação. Além de facilitar o desenvolvimento de

diversas habilidades e capacidades motoras, permite uma grande quantidade de conexões e interações sociais positivas para a carreira esportiva. A diversificação não prediz o alto rendimento no esporte escolhido, mas é um alicerce importante para um ótimo desenvolvimento (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; ERICKSON et al., 2014).

O desenvolvimento esportivo também é influenciado pelas relações interpessoais. Uma boa qualidade de relações pai-atleta, atleta-atleta e treinador-atleta está associada com resultados positivos em curto e longo prazo. Bass e Riggio (2006) propuseram a Liderança Transformacional (*Transformational Leadership*), conceito que Côté, Turnnidge e Evans (2014) se baseiam para nortear essa boa qualidade destes relacionamentos. Dos diversos conceitos que fazem parte da Liderança Transformacional (TFL), o PAF considera os quatro itens a seguir com a maior importância para este processo:

- a) Influência idealizadora: ocorre quando líderes promovem confiança e respeito aos seguidores;
- b) Motivação inspiradora: ocorre quando líderes inspiram e desafiam os seguidores.
- c) Estimulação intelectual: ocorre quando líderes encorajam os seguidores a serem inovadores e criativos;
- d) Consideração individualizada: ocorre quando os líderes se mostram preocupados com os seguidores de maneira individual.

A relação treinador-atleta torna-se mais bem-sucedida quando o treinador cuida e se preocupa com seus atletas, incluindo-os no processo de tomada de decisão, promove discussões interativas, conhece o sentimento e necessidade de cada indivíduo, além de se comportar de maneira clara e consistente (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; SOUZA; MARQUES; VICENTINI, no prelo).

Jowett e Cockerill (2003), em um estudo com o objetivo de conhecer a relação treinador-atleta em medalhistas olímpicos, reforçaram a importância deste tipo de relacionamento para atingir os atletas poderem lograr o alto rendimento. As relações entre os treinadores-atletas se mostraram guiadas por respeito mútuo, confiança, cuidado, preocupação, apoio, comunicação aberta, conhecimento compartilhado, além de tarefas claras e consistentes.

Gilbert e Côté (2009) corroboram tais achados e reafirmam que o objetivo principal dos treinadores não deve ser apenas o de vencer, mas também o de conduzir o desenvolvimento dos quatro valores principais do modelo nos atletas. Para que isto aconteça, os atletas dependem de um ambiente que proporcione oportunidades para tomar decisões autônomas, desenvolvendo os diferentes valores pessoais. Para os autores, treinadores eficientes são aqueles capazes de

demonstrar a habilidade para aplicar e alinhar sua expertise para as necessidades de cada indivíduo, a fim de maximizar a aprendizagem.

Vella et al. (2013) em um estudo que 455 atletas que praticavam futebol entre 11 e 18 anos de idade em um clube de Sydney, na Austrália, tiveram como objetivo avaliar e correlacionar a relação treinador-atleta com experiências positivas para o desenvolvimento e com o sucesso da equipe. Os participantes do estudo responderam dois questionários referentes ao relacionamento com o treinador e com as experiências esportivas em que estiveram inseridos. Os resultados enfatizaram que o PYD realmente pode ser facilitado pelos treinadores, quando os mesmos estimulam os atletas intelectualmente, engajando-os em suas habilidades mais desenvolvidas de maneira individual, baseando este relacionamento em aspectos da liderança transformacional. Por fim, os autores acima destacam que o sucesso do time (caracterizado pelo número de pontos no campeonato) não influenciou diretamente nas vivências relacionadas ao desenvolvimento.

Turnnidge e Côté (2016), em uma revisão sistemática, elucidam a importância da Liderança Transformacional (TFL), ao descreverem que esta teoria permite formar futuros líderes, tornando-os capazes de lograrem um melhor rendimento. Para os autores, a liderança é uma habilidade crítica para a vida do indivíduo, podendo ser desenvolvida por meio do esporte e, a maneira mais efetiva de aprender e desenvolver este comportamento é através da interação com os treinadores, que devem oferecer apoio, conhecê-los individualmente e proporcionar discussões interativas sobre o processo de treinamento com os atletas. Os treinadores que utilizam aspectos desta teoria estão associados com resultados psicossociais positivos, incluindo a coesão de grupo e a motivação intrínseca (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

A relação atleta-atleta é baseada na manutenção da coesão do grupo e eficiência coletiva, aspectos importantes da liderança transformacional. Bruner et al. (2014) em um estudo com 424 atletas de 35 diferentes equipes juvenis de esportes coletivos, descobriram por meio de questionários que atletas com alta percepção sobre a coesão de tarefas em grupo vivenciaram mais experiências positivas nas suas práticas e relacionaram estas experiências positivas com uma melhora no rendimento esportivo. Logo, quanto maior a coesão de grupo, maior o desenvolvimento físico e psicossocial.

A relação pai-atleta se baseia também na Liderança Transformacional, visto que os pais são modelos para o comportamento e atitudes do jovem no esporte. Por esta razão, pais que respeitam a decisão do treinador, respeitam autoridades e se comportam de acordo com os

quatro conceitos da teoria citados acima, parecem influenciar os filhos de maneira positiva (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

Ainda reforçando este pensamento, Fraser-Thomas; Côté e Deakin (2005), em um estudo com nadadores descreveram que as experiências positivas relacionadas ao desenvolvimento dos atletas se deram principalmente por relações boas e significativas com adultos e parceiros de treino, além de importantes interações sociais. Estes mesmos atletas relataram alguns aspectos negativos que dificultaram a carreira esportiva, que estão ligados a relacionamentos ruins com treinadores, pressão por parte da família, má influência de parceiros relacionados à inveja e ciúmes.

Referente às configurações apropriadas para o desenvolvimento, é importante afirmar que o ambiente esportivo pode moderar as relações interpessoais e as atividades que o atleta irá se engajar. Diversos fatores podem influenciar estas configurações e um destes fenômenos é o Efeito do Local de Nascimento (ELN), conceito que faz referência às oportunidades de aprendizagem esportivas relacionadas ao tamanho da cidade onde o indivíduo nasceu e se desenvolveu. Côté et al. (2006) afirmaram que cidades que possuem entre 20 e 500 mil habitantes e com IDH médio possuem ambientes mais favoráveis para a prática, pela maior existência de espaços livres, maior segurança e locomoção rápida para práticas esportivas, facilitando uma maior integração entre pessoas e maior envolvimento.

Além disto, existe a Teoria da Comparação Social, em que os atletas contam com seus parceiros como um quadro de referência para fazer comparações com o próprio rendimento. Estas comparações geram percepções próprias, como a competência e a criação de uma própria identidade. Esta comparação pode ser saudável e auxiliar a manter a coesão social, comportamentos e conexões positivas para o esporte (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

Galatti et al. (2016) descreveram a importância do PAF em um estudo de caso com um dos principais clubes formadores de atletas de basquetebol de uma região da Espanha, pela observação participante e por entrevistas semiestruturadas com doze diretores, que teve por objetivo identificar o funcionamento deste programa esportivo específico.

O clube passou por uma grande transformação em diversos aspectos, entre eles a organização, a sua filosofia, o programa esportivo, as categorias de base, as atividades recreativas, a elite, a relação entre a base e a elite, a educação dos treinadores, a imagem do clube e impacto social. Dentre estas, destaca-se a mudança da filosofia do clube, que melhorou a qualidade de acesso a um programa de basquetebol de qualidade, aumentando seu número de

participantes, integrando-os quanto a dois aspectos chave: potencial para a elite; programa educativo de massa (GALATTI et al., 2016).

O programa esportivo passou a ter, então, três setores, que se inter-relacionavam: elite, categorias de base, participação recreativa. A base era responsável por auxiliar o time profissional, tanto com a formação de atletas quanto o apoio social, já as atividades recreativas tinham como função trazer mais membros para o clube. O clube extinguiu o processo de seleção de talentos, tendo como foco a formação de múltiplos times. As categorias de base contavam com 432 atletas registrados na federação, sendo mais de 120 na iniciação a este esporte. As atividades recreativas incluíam clínicas de atletas, treinadores e eram abertas à comunidade. A elite tinha representação e identidade com a comunidade local, além de participar em nível nacional, na primeira divisão. Mais de duas mil pessoas circulavam pelo clube diariamente devido à variedade de atividades (GALATTI et al., 2016).

Além disto, o clube contratou os melhores treinadores para as categorias de iniciação para desenvolver a modalidade esportiva com qualidade, proporcionando um ambiente de educação pelo esporte. Para manter estes profissionais motivados, a remuneração era alta, proporcionavam cursos de especialização internos e havia diversas reuniões para manter os treinadores alinhados com os objetivos do clube (GALATTI et al., 2016).

Frente ao exposto, este clube conseguiu promover o basquetebol, fortalecer a elite, expandir o desenvolvimento dos jovens não apenas quanto atletas, mas na educação e integração à sociedade. Logo, é possível afirmar que a participação em longo prazo era também o foco, além do desempenho e do desenvolvimento pessoal. Com este pensamento, atingiram um reconhecimento interno e externo, pela qualidade dos cuidados com a população em geral (GALATTI et al., 2016).

É importante que exista uma integração do clube com a comunidade, treinadores, atletas, familiares, com o intuito de proporcionar diferentes oportunidades para que os jovens consigam se desenvolver positivamente, não apenas com o foco no desempenho, mas nos três objetivos principais para um ótimo desenvolvimento esportivo. A integração destes fatores aliados aos socioambientais, como o Efeito do Local de Nascimento e a Teoria da Comparação Social faz-se pertinente para que exista configurações apropriadas no desenvolvimento da participação esportiva (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

É possível afirmar, portanto, que o PAF foi desenvolvido para atender todas as necessidades do PYD de maneira eficiente (figura 16).

Figura 16. Quadro de Desenvolvimento de Valores Pessoais (PAF).

Fonte: Traduzido de Côté, Turnnidge, Evans (2014).

É possível observar que o PAF surgiu como uma alternativa para fundamentar análises mais individualizadas do desenvolvimento da participação esportiva de um atleta, complementando as lacunas deixadas pelo DMSP. Apesar disto, essa abordagem holística ainda não considera o ambiente organizacional e as configurações apropriadas de uma maneira completa, já que estas se baseiam apenas em alguns aspectos socioambientais e na interação entre diferentes agentes esportivos (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

Frente ao exposto, as configurações apropriadas que o PAF explicita não consideram a estrutura institucional em que o jovem atleta se insere nos anos de especialização e nos anos de investimento, em que a quantidade de prática deliberada tende a ser maior. Os resultados encontrados em Côté, Turnnidge e Evans (2014), no que se refere às configurações apropriadas para o PYD, parecem abordar com mais ênfase os ambientes seguros e positivos para o jogo deliberado. Portanto, não menciona que a complexidade da prática deliberada também é dependente de outros fatores, como aspectos históricos da modalidade esportiva, contextos socioculturais e a maneira como se organiza o sistema esportivo de cada país (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

Apesar de ser uma abordagem que tem como objetivo analisar o atleta de uma maneira integrada ao seu contexto, é pertinente afirmar que o PAF apresenta também algumas lacunas, pois não considera também as diferenças socioculturais, questões de gênero, educacionais e de desigualdades socioeconômicas referentes ao participante/atleta. Portanto, apesar dos avanços

inquestionáveis oriundos desse modelo, é possível constatar que esta abordagem não engloba de maneira completa o contexto em que o atleta está inserido. Algo que talvez possa ser caracterizado como uma limitação de qualquer modelo analítico (BARKER; BARKER-RUCHTI; RYNNE; LEE, 2014; SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

As generalizações existentes no DMSP podem ser um fator limitante por não considerar características individuais e o contexto cultural específico em que o participante/atleta está inserido. O PAF, mesmo complementando essa lacuna, ao considerar a interação entre a experiência esportiva acumulada do indivíduo com os diferentes agentes esportivos e o ambiente em seu entorno, ainda não aborda de maneira aprofundada características que podem ser importantes para o desenvolvimento da carreira esportiva, como algumas formas de desigualdades sociais (seja por questões econômicas, étnicas, de gênero, educacionais, entre outras), tradições culturais, a influência da localização geográfica, da organização do sistema esportivo do país, a acessibilidade à modalidade esportiva escolhida e a própria especificidade da mesma. Por outro lado, ambos os modelos permitem análises comparativas entre indivíduos e grupos de indivíduos, além de proporem postulados e orientações importantes para intervenções práticas visando os processos de PYD (SOUZA; VICENTINI; MARQUES, no prelo).

É possível observar uma relação de complementariedade entre o DMSP e o PAF. Deste modo, Souza, Vicentini e Marques (no prelo) acreditam ser possível propor este segundo como uma quinta onda de pesquisas do primeiro.

4.4. O DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA ESPORTIVA DE ATLETAS DE ELITE.

Pela complexidade no entorno do processo de desenvolvimento de um atleta rumo à elite no esporte, faz-se pertinente incluir o referencial teórico de Stambulova e colaboradores. Com o objetivo de tornar o texto didático, esta seção foi dividida em cinco partes: a primeira revela a evolução da pesquisa neste tema na literatura internacional, englobando a definição atual de carreira esportiva, de desenvolvimento de carreira esportiva e de transição esportiva, além de descrever suas especificidades; a segunda descreve aspectos fortes e fragilidades dos diversos modelos de desenvolvimento da carreira esportiva na literatura internacional, suas particularidades e semelhanças; a terceira e quarta partes englobam duas importantes transições na carreira esportiva de atletas de elite, a transição juniores-sênior e a transição cultural; a última parte descreve as ondas de pesquisa sobre carreira esportiva e os desafios futuros da comunidade científica no tema.

4.4.1. A EVOLUÇÃO DA PESQUISA EM DESENVOLVIMENTO DE CARREIRA ESPORTIVA

Para que fosse possível a construção das definições abordadas no prelúdio desta seção, foram necessários diversos anos de pesquisa. Um artigo de Stambulova et al. (2009) retratou a evolução da literatura no entorno deste tema e, deste modo, é relevante apresentar o que fora descrito neste artigo antes de definir os diversos temas que foram proveitosos para este estudo.

De acordo com Stambulova et al. (2009) a pesquisa referente ao desenvolvimento da carreira esportiva sofreu um processo de evolução que ocorreu basicamente em três tempos distintos.

A pesquisa neste tema baseava-se até a década de 1980 prioritariamente em estudos que envolviam o encerramento e o pós-carreira esportiva. A palavra “transição” era entendida como a ocorrência de um evento, não sendo compreendida como um processo, como é considerada atualmente. No final da década de 1980 e principalmente durante a década de 1990, diversos modelos de desenvolvimento da participação esportiva foram criados com o objetivo de estudar as várias transições que ocorriam durante a carreira, inspirados pela discussão existente na época sobre a utilização do talento inato para enfatizar o que poderia ser desenvolvido.

Em um segundo momento, houve uma mudança dos modelos de seleção/identificação de talentos para os que envolviam o desenvolvimento/participação. Por fim, a partir da década de 2000 até os dias atuais, a literatura existente começou a estudar a transição de carreira esportiva e não apenas vem abordando a parte atlética, mas procura entendê-la numa perspectiva que considera o processo de maneira individual (STAMBULOVA et al., 2009).

Atualmente, a pesquisa sobre a carreira esportiva observa os desafios no desenvolvimento e transições em outras esferas da vida do atleta, considerando não só pais, parceiros e treinadores, mas a função de vários fatores macrossociais. Os pesquisadores nestes estudos são influenciados pelo seu contexto cultural e se apropriam dele para fazer suas presunções (STAMBULOVA et al., 2009).

Portanto, atualmente a carreira esportiva pode ser definida por:

Atividade esportiva exercida durante muitos anos voluntariamente escolhida pelo atleta com o objetivo de atingir o melhor rendimento

individual em um ou vários eventos esportivos (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007, p. 713).¹¹

A carreira esportiva é dependente do nível de rendimento atingido pelo atleta, podendo ser local, regional, nacional ou internacional. Depende do status e pode ser considerada amadora ou profissional. É importante descrever que carreiras internacionais de nível amador ou profissional são classificadas como carreiras de elite (STAMBULOVA et al., 2009). Por esta razão, os participantes destes estudos são considerados exemplos de carreiras esportivas de elite.

Os estágios do Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (DMSP) descritos primariamente por Côté (1999) e de outros modelos refletem um padrão comum nas carreiras de atletas de diferentes países, esportes e gêneros. Para Stambulova et al. (2009) as generalizações contidas nestes modelos podem ser realizadas de maneira mais específica, por exemplo: mulheres geralmente começam a se especializar, atingir o melhor rendimento e terminar a carreira em média dois anos mais cedo que homens no mesmo esporte (STAMBULOVA, 1994).

As modalidades esportivas são diferentes quando se consideram suas demandas específicas nos atletas e as capacidades que são necessárias para atingirem a excelência no rendimento esportivo. Também são distintas no que se refere à idade em que os atletas usualmente iniciam o processo de especialização, atingem o melhor rendimento e terminam a carreira. É possível afirmar então que o tipo de esporte influencia o desenvolvimento da participação esportiva, ou seja, o processo de especialização é na verdade esporte-dependente (STAMBULOVA et al., 2009).

Esportes que envolvem aspectos coordenativos mais complexos, como a ginástica, a especialização ocorre de maneira mais precoce e a quantidade de prática deliberada é elevada desde os primeiros anos de envolvimento. Em esporte de resistência, como a maratona, o triátlon e em esportes coletivos o processo de especialização é mais tardio, com maior envolvimento de jogos e brincadeiras nos primeiros anos de envolvimento com a modalidade esportiva (STAMBULOVA et al., 2009).

Cada carreira esportiva, somada a algumas características compartilhadas de modelos como o DMSP, apresenta sua exclusividade atrelada ao potencial inato do atleta, motivação, ambiente em que se está inserido, além das variáveis citadas acima. Desenvolvimento da

¹¹ Traduzido do idioma inglês *athletic career is a term for a multiyear sport activity, voluntarily chosen, by the person and aimed at achieving his or her individual peak in athletic performance in one or several sport events* (Alfermann; Stambulova, 2007, p. 713).

carreira esportiva significa, portanto, prosseguir nos diferentes estágios e transições existentes (STAMBULOVA et al., 2009).

Para que o participante ou atleta seja capaz de seguir sua carreira esportiva, é necessário que ele supere os diversos estágios existentes no desenvolvimento da carreira esportiva. Para isto, é necessário que exista a denominada transição na carreira esportiva, que é um termo definido por Alfermann e Stambulova (2007, p. 713) como:

Processo de passagem de fases normativas e não normativas no curso da carreira esportiva, que apresentam demandas específicas que atletas têm que lidar para se manter em sua modalidade esportiva e/ou ajustar-se ao pós-carreira.¹²

É importante descrever que as transições não são apenas eventos, mas sim um processo complexo que apresenta demandas específicas relacionadas à prática, competições, comunicação e/ou estilo de vida (STAMBULOVA et al., 2009). Estas podem ser divididas em: normativas e não normativas.

Transições normativas são mudanças previsíveis que incluem, por exemplo, o início da especialização esportiva ou a transição da categoria amadora para a profissional. O encerramento da carreira esportiva é considerado também como normativo, além de ser inevitável, o que engloba contextos esportivos e não esportivos de planejamento para aposentadoria, razões para o término e adaptação ao pós-carreira (estudos, trabalho, mudança de identidade e novas conexões sociais) (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

Transições não normativas são mudanças menos previsíveis, como aquelas causadas por lesão, mudança de clubes, treinadores e parceiros. A previsibilidade existente em transições normativas cria uma oportunidade para preparar atletas para lidar com esse progresso. Portanto, a baixa previsibilidade das transições não normativas explicam a maior dificuldade dos atletas durante o processo de *coping*¹³. Outras transições fora do contexto esportivo, por exemplo o desenvolvimento acadêmico e psicossocial também é influenciado neste processo (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

¹² Traduzido do idioma inglês: *Applied to athletic careers, transitions are normative or nonnormative turning phases in the course of an athletic career. Transitions come with a set of specific demands related to practice, competitions, communication and lifestyle that athlete have to cope with to continue successfully in sport or to adjust to the postcareer.* (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007, p. 713).

¹³ *Coping*: conjunto de esforços cognitivos e comportamentais utilizado pelos indivíduos com o objetivo de lidar com demandas específicas internas ou externas, que surgem em situações de estresse (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007, p.714).

De acordo com Stambulova et al. (2009) os modelos de transições de carreira existentes na literatura enfatizam pré-condições, demandas, processos de *coping* (estratégias de enfrentamento), resultados e consequências tardias à transição. Para as autoras é necessário que exista uma correspondência enfática entre as demandas e os recursos do atleta como um fator central para que o *coping* seja bem-sucedido. Deste modo, é pertinente definir recursos e barreiras de transição para melhor compreender quando as transições são eficientes e quando é necessário assessorar os atletas nestes processos (STAMBULOVA et al. 2009).

Recursos de transição foram definidos por Alfermann e Stambulova (2007, p. 714) como:

Fatores internos e externos que facilitam o processo de *coping* (experiência prévia, motivação, suporte financeiro e social).¹⁴

Dentre estes fatores, os atletas consideram o suporte social como o recurso mais importante durante toda a carreira. O suporte organizacional (clube, por exemplo) geralmente é maior quando os atletas estão no alto rendimento, mas decai bruscamente quando estes encerram suas carreiras (STAMBULOVA et al., 2009).

Para Alfermann e Stambulova (2007, p. 714) as barreiras para a transição podem ser definidas como:

Todos os fatores internos e externos que não contribuem para um *coping* eficiente (falta de habilidades específicas, conflitos interpessoais, dificuldades em combinar esportes e estudos).¹⁵

Um mesmo fator pode funcionar como um recurso em uma instância ou uma barreira em outra, dependendo da situação. Por exemplo, a maioria dos atletas apresenta uma identidade esportiva, isto é, o grau que se identifica com sua função na modalidade esportiva e o contexto em que está inserido. A identidade esportiva pode ser um ótimo recurso durante a carreira, mas apresenta-se como uma barreira para o encerramento e pós-carreira (STAMBULOVA et al., 2009).

Geralmente transições bem-sucedidas ocorrem quando os atletas se tornam capazes de se desenvolver e utilizar eficientemente todos os recursos necessários para ultrapassar as

¹⁴ Traduzido do idioma inglês: *all external or internal aspects that facilitate coping process (previous experience, motivation, social and financial support)* (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007, p. 714).

¹⁵ Traduzido do idioma inglês: *all external or internal aspects that don't contribute to an efficient coping (lack of specific abilities, interpersonal conflicts, difficulty of associate sports and studies)* (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007, P. 714).

barreiras de uma determinada transição, muitas vezes necessitando de assessoria/intervenção (STAMBULOVA et al., 2009).

A partir do século XXI duas vertentes de estudos começaram a ser desenvolvidas na literatura sobre este tópico: psicologia cultural; psicologia transcultural. A primeira clama que o contexto social cria significados e códigos que devem ser estudados dentro da própria cultura e não ser comparado com outras, já que o comportamento humano é específico àquele contexto, sendo a cultura interna as pessoas, influenciando como estas pensam e se comportam (STAMBULOVA et al., 2009). Já a segunda compara o comportamento humano e experiências vivenciadas em diferentes culturas, considerando que esta é externa as pessoas e influencia as funções de um contexto ambiental de suas experiências.

Frente ao exposto, sugere um corpo de critérios para comparar uma com a outra, como a comparação entre sociedades coletivistas e sociedades individualistas descritas abaixo (STAMBULOVA et al., 2009):

- a) Culturas individualistas horizontais (Suécia) valorizam as pessoas (direitos individuais), mas sustentam um comportamento modesto e baixa competitividade entre indivíduos;
- b) Culturas individualistas verticais (Estados Unidos) estimulam mais a competição entre as pessoas;
- c) Culturas coletivistas horizontais (diversos países africanos) priorizam e colocam o interesse do grupo à frente dos interesses individuais, estimulando a cooperação;
- d) Culturas coletivistas verticais (Rússia, China, Índia) apesar de priorizar o interesse do grupo, estimulam mais as competições entre estes grupos e entre indivíduos.

Diante destes dados, assegura-se que o desenvolvimento esportivo pode ser influenciado também devido ao sistema esportivo do esporte, normas sociais, tradições culturais. Na Rússia e China, por exemplo, os treinadores profissionais dominam o esporte e o desenvolvimento de carreira dos atletas desde os primeiros anos da infância, enquanto na Suécia, principalmente durante os primeiros anos da participação esportiva, os treinadores são, em sua maioria, voluntários (STAMBULOVA et al., 2009). Este fator pode influenciar a participação esportiva, já que por ter tido contato com esses profissionais, os atletas russos e chineses podem se aprimorar mais em gestos técnicos, mas por estarem inseridos em um ambiente mais supervisionado, vivenciam menos o jogo deliberado do que os atletas suecos (STAMBULOVA et al., 2009).

Além das particularidades culturais, contexto socio históricos e a localização geográfica podem influenciar o sistema esportivo e os atletas em seus respectivos países. Porém, na literatura existem poucos estudos envolvendo a psicologia cultural, mas há vários que podem

ser denominados nacionais, com o foco nas carreiras e transições de atletas em suas respectivas nacionalidades (STAMBULOVA et al., 2009).

Dentre os estudos considerados nacionais, a América do Norte, Austrália, Leste e Oeste Europeu estão entre os mais visíveis e influentes no mundo, representando as quatro principais tradições em pesquisa sobre o desenvolvimento de carreira esportiva, segundo Stambulova et al. (2009). Na América do Norte, o foco dos estudos está nos diferentes estágios da carreira, funções de pais, treinadores, processos para desenvolvimento, transições de estudantes-atletas, identidade esportiva, encerramento de carreira e os diferentes caminhos da participação esportiva. Na Europa, tanto no Leste quanto no Oeste, existe o maior foco na coordenação das transições dentro e fora do contexto esportivo, transições da categoria amador para o profissional, crises nas transições, encerramento de carreira, suporte e assistência social/profissional nas transições. A Austrália apresenta um olhar holístico de atletas e tem como foco a avaliação de programas e assistência de carreira. A América do Sul, Ásia e África refletem um crescimento no tema, incluindo problemas na aposentadoria e principalmente com foco na carreira de treinadores, porém não são muito reconhecidos apesar de completar a literatura internacional deste tópico (STAMBULOVA et al., 2009).

Entre as quatro principais tradições no estudo de desenvolvimento e transições de carreira esportiva, a América do Norte, o Oeste Europeu e a Austrália apresentam, apesar de algumas peculiaridades, muitas características que podem ser compartilhadas entre si. Porém, estas três diferem-se dos estudos localizados no Leste Europeu (STAMBULOVA et al., 2009).

As semelhanças existentes entre a América do Norte o Oeste Europeu e a Austrália ocorrem pela proximidade na estrutura cultural democrática e individualista destas sociedades. Existem, portanto, três características que podem ser compartilhadas entre elas:

- a) Identidade esportiva e encerramento de carreira;
- b) Estágios de desenvolvimento da carreira esportiva com ênfase na função de pais e treinadores;
- c) Transição estudante-atleta.

No primeiro tópico as três tradições compartilham que o encerramento da carreira é causado por múltiplos fatores e é também um resultado de um longo processo de tomada de decisão. Existe uma dificuldade por parte dos atletas em encerrar a carreira, o que se reflete pelo alto índice de estresse que ocorre nesta transição. Independentemente da causa do encerramento, o sentimento subjetivo do atleta sobre a decisão ser voluntária ou não é um ponto crucial para facilitar a adaptação, já que o processo voluntário, seguido do planejamento para o pós-carreira se mostraram cruciais neste processo. O processo de *coping* (estratégias de

enfrentamento) depende não apenas das causas, mas também do indivíduo e dos seus recursos sociais disponíveis. Fortalecer estes recursos (educação, treino, objetivo para pós-carreira) pode auxiliar os atletas a ter uma adaptação mais saudável. Além disto, recursos sociais como o apoio da família e serviços pós carreira também podem facilitar a transição, já que 15 a 20% dos atletas têm um final de carreira esportiva estressante e precisam de intervenções psicológicas e, por isto, os programas de assessoria surgiram fortemente nestes países (STAMBULOVA et al., 2009).

O segundo tópico relaciona-se com os estágios de desenvolvimento da carreira esportiva e também refletem o contexto sociocultural destas sociedades (alta competitividade atrelada ao alto valor de direitos humanos e infantis no esporte). Na maioria destes países, os treinadores são voluntários nos primeiros anos de envolvimento com práticas esportivas. As famílias podem ser realmente importantes para atletas jovens, mas também podem influencia-los excessivamente e negativamente e, por esta razão, defende-se a diversificação precedendo a especialização, com pais e familiares apresentando a importante função de apoiar principalmente nos primeiros estágios de desenvolvimento da participação esportiva (STAMBULOVA et al., 2009).

O terceiro tópico se refere às diferentes estratégias para auxiliar os atletas a combinarem a modalidade esportiva com os estudos (dupla carreira). Nestas sociedades, os atletas valorizam a educação, apesar de apresentarem dificuldades nesta transição principalmente no período próximo a atingir o alto rendimento, concomitantemente com a transição da categoria amadora para a profissional (juniores-sênior). Estas similaridades facilitam a cooperação internacional, já que se compartilham temas de pesquisa, referenciais teóricos e instrumentos de análise

O Leste Europeu e a China representam sociedades coletivistas em que o interesse do grupo está acima do individual, estimulando a competição entre grupos e pessoas. Esta característica reflete no sistema esportivo na Rússia, por exemplo, em que há treinadores profissionais em todos os estágios do desenvolvimento da participação esportiva, disponibilidade de empregos para ex atletas (facilitando o pós-carreira), escolas de intercâmbio para atletas jovens (facilitando transição juniores-sênior), além de um grande suporte do estado para os atletas de elite (STAMBULOVA et al., 2009). Devido a este sistema, o foco da pesquisa no Leste Europeu se baseia no alto rendimento e nestes atletas, sendo que as transições durante a carreira têm maior relevância na literatura do que as transições para o pós-carreira (STAMBULOVA et al., 2009).

No sistema esportivo russo a especialização esportiva precoce é tida como natural e existe pouca proteção à criança para uma infância positiva, em que a diversificação precede a

especialização. Deste modo os treinadores atuais são instruídos para diminuir este efeito colateral consequente do desenvolvimento unilateral (especialização esportiva precoce) (STAMBULOVA et al., 2009).

Frente ao exposto, os russos desenvolveram o Modelo Analítico de Carreira Esportiva (STAMBULOVA, 1994), dividido em seis transições: a primeira abrange o início da especialização esportiva; a segunda abrange a transição para o treinamento intensivo no esporte escolhido; a terceira abrange a transição da categoria juniores para a profissional; a quarta abrange a transição do amadorismo para o alto rendimento; a quinta abrange a transição do melhor rendimento para o final da carreira; a sexta abrange a transição para o pós carreira.

As transições do Modelo Analítico de Carreira Esportiva são relevantes para o sistema esportivo russo e, deste modo, não se referem à idade cronológica e marcadores do sistema educacional, diferindo-se dos modelos da América do Norte e do Oeste Europeu. A primeira fase deste modelo, por exemplo, não aborda a diversificação esportiva, mas a transição para a especialização esportiva, em que já existe o treinamento específico da modalidade esportiva com um treinador especializado (STAMBULOVA, 1994).

Apesar das disparidades, nas últimas décadas, com o fim da Guerra Fria, a separação entre Leste e Oeste Europeu é cada vez mais branda no que diz respeito à literatura em desenvolvimento e transições de carreira. Um exemplo desta aproximação é o foco comum atual entre as quatro maiores tradições da literatura em desenvolvimento de carreira em aprofundar o corpo de conhecimento sobre a transição dos juniores para o sênior, que se apresenta como um dos processos mais complexos na carreira esportiva (STAMBULOVA et al., 2009).

4.4.2. OS DIFERENTES MODELOS DE DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA ESPORTIVA

Durante as últimas décadas houve um grande crescimento na literatura em desenvolvimento de carreira esportiva, visto que diferentes modelos que abordam este tema e suas consequentes transições surgiram nas últimas décadas, sendo divididos em um artigo de Alfermann e Stambulova (2007) em três tipos:

- a) Modelos descritivos;
- b) Modelos explanatórios;
- c) Modelos interventivos.

Os modelos descritivos dividem a carreira esportiva em diferentes estágios e descrevem as mudanças em atletas e no ambiente que estão inseridos por meio destes estágios. Entretanto, não explicam os processos de transição, mas descrevem e predizem a existência e a ordem das transições normativas que derivam da lógica do processo de desenvolvimento. Alfermann e Stambulova (2007) apontam para cinco dentre os diversos modelos descritivos da literatura internacional (figura 15), de forma que, apesar de algumas disparidades, estes sobrepõem estágios e categorias entre si. Vale ressaltar que o DMSP está entre esses modelos e foi um dos modelos responsáveis por nortear este trabalho (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

Quadro 1. Os modelos descritivos mais aceitos na literatura internacional

Modelos	Estágios da Carreira	Transições Normativas
Bloom (1985)	- Iniciação. - Desenvolvimento. - Perfeição.	Transições não são enfatizadas.
Salmela (1994)	- Iniciação. - Desenvolvimento. - Perfeição. - Descontinuação.	- Da iniciação ao desenvolvimento. - Do desenvolvimento a perfeição. - Da perfeição a descontinuação.
Stambulova (1994)	- Estágio preparatório. - Início da especialização esportiva. - Treinamento intensivo na modalidade esportiva escolhida. - Estágio de culminação. - Estágio final, seguido de descontinuação.	- Início da especialização esportiva. - Transição para treinamento mais específico na modalidade esportiva. - Desenvolvimento da categoria juniores para o sênior. - Desenvolvimento do amador para o profissional. - Da culminação ao estágio final. - Encerramento da carreira.
Côté (1999)/ Côté; Baker; Abernethy (2007)	- Anos de experimentação. - Anos de especialização. - Anos de investimento. - Anos de recreação. - Especialização esportiva precoce.	- Dos anos de experimentação para os anos de especialização. - Dos anos de especialização para os anos de recreação. - Dos anos de especialização para os anos de investimento. - Especialização esportiva precoce.
Wylleman e Lavallee (2004)	- Iniciação. - Desenvolvimento. - Perfeição. - Descontinuação. - Os quatro estágios de transição estão coordenados com os estágios de desenvolvimento psicológico, psicossocial e acadêmico/vocacional.	- Para o esporte organizado. - Para um nível intensivo de competições e treinamentos. - Para o esporte de elite. - Fora do contexto esportivo. - As quatro transições estão coordenadas com transições em outros contextos da vida do atleta.

Fonte: Traduzido de Alfermann e Stambulova (2007).

O estágio de iniciação no modelo de Bloom (1985) é análogo ao de Salmela (1994) e ao de Wylleman e Lavallee (2004), além de apresentar características semelhantes aos anos de

experimentação (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007) e ao estágio preparatório de Stambulova (1994). Nesta fase as crianças estão engajadas em práticas esportivas com o objetivo principal de se divertir, aumentar o repertório motor e desenvolver diferentes tipos de habilidade (físicas, cognitivas, emocionais, psicológicas e psicossociais). Treinadores e familiares proporcionam um grande apoio para os participantes, liderando-os em primeiro momento para que a criança seja capaz de descobrir quais modalidades esportivas lhe proporcionam melhores vivências. O objetivo desta fase não é predizer quem poderá seguir uma carreira esportiva no alto rendimento, mas desenvolver o máximo de habilidades possíveis e manter o engajamento em práticas esportivas (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

O estágio de desenvolvimento no modelo de Bloom (1985) é análogo ao de Salmela (1994) e ao de Wylleman e Lavalée (2004), com características similares aos anos de especialização de Côté (1999), Côté, Baker e Abernethy (2007) e ao início da especialização de Stambulova (1994). Nesta fase os participantes reduzem o envolvimento para duas modalidades esportivas, praticando-as com maior comprometimento. Já é possível identificar treinamentos mais estruturados e uma regularidade em competições esportivas para testar os níveis de habilidades desenvolvidas durante os treinamentos. Os treinadores apresentam uma relação mais próxima e profissional com os participantes e os familiares continuam com um forte apoio, investindo mais tempo e dinheiro na participação esportiva dos filhos (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

O estágio de perfeição de Bloom (1985), Salmela (1994) e Wylleman e Lavalée (2004) correspondem aos anos de investimento de Côté (1999), Côté, Baker e Abernethy (2007) e aos estágios de culminação e final de Stambulova (1994). Nesta fase os atletas investem seu tempo em um único esporte com o intuito de atingir e manter o alto rendimento, por meio de treinamentos e competições intensivas. Treinadores tornam-se mentores, conselheiros e são altamente especializados, enquanto que os familiares são um forte apoio principalmente fora do contexto esportivo para aliviar o ambiente de alta pressão exercido pelo alto rendimento. Este estágio tem a duração de cinco a 15 anos, mas não é homogêneo. Assinar um novo contrato, por exemplo, pode marcar um novo estágio (transições não normativas), mas isso não é evidenciado nos modelos descritivos (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

O estágio de descontinuação de Bloom (1985), Salmela (1994) e Wylleman e Lavalée (2004) pode corresponder aos anos de recreação de Côté (1999) e Côté, Baker, Abernethy (2007), mas o modelo de Stambulova (1994) não enfatiza essa transição. Nesta fase os atletas

não participam mais de competições em alto nível, mas continuam participando de maneira recreativa como um hábito saudável na vida adulta (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Os modelos explanatórios têm como foco analisar as razões, demandas, processos de *coping*, resultados e consequências tardias de uma transição. Os processos de *coping* são centrais numa transição e incluem todos os recursos que os atletas utilizam para se ajustar às demandas específicas do momento. Dentre os diversos modelos aceitos na literatura internacional, o Modelo de Transição de Carreira Esportiva proposto por Stambulova (2003) apresenta maior destaque.

Neste modelo é necessário compreender que a transição é um processo e não apenas um único evento. Este modelo procura explicar como o atleta pode lidar com uma série de demandas específicas que são necessárias para a manutenção da participação esportiva bem-sucedida (STAMBULOVA, 2003; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

As demandas na transição criam um conflito de desenvolvimento entre “o que o atleta é” no momento e “o que o atleta deveria ser” durante a transição, estimulando-o a mobilizar os recursos disponíveis e encontrar maneiras de lidar com essa transição (processo de *coping* eficiente) (STAMBULOVA, 2003; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

A eficiência do *coping* é dependente do equilíbrio entre os recursos e as barreiras na transição. Neste modelo, os recursos implicam todos os fatores internos e externos que facilitam o processo, como habilidades específicas, suporte social, suporte financeiro e motivação. As barreiras implicam todos os fatores internos e externos que podem interferir nesta eficiência, como a falta de habilidades específicas, conflitos interpessoais, ausência de boas condições de treinamento, dificuldades nos estudos (STAMBULOVA, 2003; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

O Modelo de Transição de Carreira Esportiva é dividido em duas partes (figura 17): a parte superior do modelo considera as demandas que o atleta deve lidar e os fatores que influenciam o *coping*; a parte inferior descreve dois resultados e consequências possíveis de uma transição de carreira. A transição bem-sucedida está associada à eficiência, em que o atleta é capaz de recrutar ou rapidamente desenvolver todos os recursos e ultrapassar as barreiras necessárias. A crise na transição está associada à incapacidade de lidar com as demandas de maneira eficiente e/ou perceber a necessidade de intervenção. Isto ocorre quando o atleta não tem recursos para analisar a situação e tomar a decisão apropriada para sua carreira. Para mudar o *coping* ineficiente é necessário que exista uma intervenção psicológica. Em uma intervenção bem-sucedida o atleta consegue prosseguir sua carreira esportiva, apesar das dificuldades. Em

uma intervenção malsucedida existem diversas consequências negativas, como o declínio do rendimento esportivo, lesões, abandono (STAMBULOVA, 2003; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

A possibilidade de intervenções para auxiliar os atletas nas diferentes transições da carreira esportiva pode ocorrer em três momentos distintos, de acordo com Stambulova (2003):

- a) Preventiva: auxiliar atletas a se tornarem conscientemente melhores em uma próxima transição e auxiliar a desenvolver os recursos necessários para o *coping* de uma maneira tempo-eficiente;
- b) Durante a crise: auxiliar atletas a analisar um possível *coping* eficiente durante a crise e encontrar a melhor maneira disponível para que esta transição seja bem-sucedida;
- c) Após a crise: auxiliar os atletas com as consequências negativas de um *coping* inefetivo, sendo que as estratégias são dependentes do problema e, na maioria das vezes, intervenções clínicas se tornam necessárias.

Figura 17. O Modelo de Transição de Carreira Esportiva.

Fonte: Traduzido de Stambulova (2003).

Dentre os diversos modelos, a Abordagem de Transferência de Habilidades é amplamente utilizada em trabalhos individuais com atletas, sendo considerada uma das mais aceitas. Esta abordagem baseia-se no auxílio do desenvolvimento simultâneo de habilidades

mentais e físicas, com o objetivo de preparar o atleta para o processo de transição, de maneira que reconheça suas demandas futuras e aprimore os recursos correspondentes a elas (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

Os modelos interventivos são exclusivos para psicólogos do esporte, pois necessitam de intervenção clínica (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007). Deste modo, não foram aprofundados neste referencial.

Em suma, os modelos de transição de carreira esportiva enfatizam: mudanças na percepção dos atletas na modalidade esportiva e como se identificam com sua função de atleta; mudanças no ambiente social e de função dos treinadores, família e parceiros no desenvolvimento da carreira; mudanças no investimento no decorrer dos diferentes estágios; mudanças de prioridade em outras esferas da vida para atingir os objetivos no contexto esportivo. De forma geral, os modelos tentam explicar e descrever por que alguns atletas lidam eficientemente em transições normativas e não normativas e outros não (STAMBULOVA, 2003; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

4.4.3. A TRANSIÇÃO DA CATEGORIA SUB-20 PARA OS PROFISSIONAIS (JUNIORES-SÊNIOR).

O presente estudo tem como foco analisar todos os marcos que foram importantes nas carreiras de goleiros de futebol da elite esportiva e, desta maneira, faz-se pertinente englobar as transições normativas e não normativas, analisando este processo de uma maneira relacional. Portanto, estes próximos dois itens desvelam sobre a relevância de duas transições que não foram abordadas até então: da categoria juniores (sub-20) para a profissional (normativa) e da migração cultural (de um país para outro) em atletas de elite (não normativa).

A transição da categoria juniores para a sênior é uma das mais complexas e importantes no desenvolvimento da carreira esportiva de um atleta. Esta transição divide os atletas em duas partes extremamente desiguais: a grande parte não consegue ter uma transição bem-sucedida devido ao enfrentamento (*coping*) ineficiente e, desta maneira, primeiramente ficam estagnados para posteriormente praticarem a modalidade esportiva de maneira recreativa ou abandonam a prática (STAMBULOVA et al., 2009).

Em um estudo envolvendo 167 atletas de atletismo da Bélgica que tinham entre 14 e 18 anos de idade e representavam a seleção nacional de suas respectivas categorias, Vanden Auweele et al. (2004) realizaram duas avaliações: a primeira ocorreu durante a transição juniores-sênior e a segunda cinco anos após o primeiro processo. Os autores descobriram que

apenas 17% dos atletas sub-20 mantiveram-se na seleção nacional sênior; 31% estagnaram em suas carreiras, ou seja, mantiveram-se na elite, mas não com um rendimento suficiente para se manter na seleção; 28% mantiveram-se com rendimentos irregulares e/ou inconstantes; 24% abandonaram a elite esportiva.

De acordo com Stambulova (1994) existem cinco possíveis demandas e barreiras desta complexa transição: equilibrar os objetivos dentro e fora do contexto esportivo, reorganizando o estilo de vida; procurar o próprio caminho na modalidade esportiva; lidar com a pressão de processos de seleção constantes; conquistar o prestígio de parceiros, treinadores e outros agentes esportivos; lidar com possíveis problemas de relacionamentos. Como recursos desta transição os atletas consideram: apoio familiar e apoio do clube/organização/federação; aprender com os erros de outros atletas; implementar estratégias psicológicas próprias para competições; basear-se em suas próprias vivências esportivas (STAMBULOVA, 1994; WYLLEMAN; LAVALLEE, 2004).

Os atletas mais prospectos na modalidade esportiva (que já são reconhecidos socialmente e apresentam rendimento acima da média) são aqueles que mais relatam a extrema complexidade existente nesta transição. A grande ambição por atingir a categoria sênior pode ser responsável por deixar os atletas mais ansiosos, preocupados e mais sensíveis a influências sociais e, por isto, é importante que exista um grande apoio neste aspecto (STAMBULOVA et al., 2009).

Stambulova et al. (2012) investigaram 416 atletas suecos de diferentes gêneros, clubes, esportes (futebol, voleibol, handebol, ginástica, natação, escalada, patinação artística, taekwondo, hipismo, escalada, golfe, tênis, hóquei no gelo, *floorball*) e níveis (regional, nacional, internacional) na Suécia, que estavam na iminência da transição juniores-sênior e/ou já estavam adaptados há onze meses na nova categoria. O objetivo do estudo foi explorar o Questionário de Transição Monitorado (TMS) para avaliar a transição juniores-sênior, descrever e explorar como as variáveis de transição contribuem para a percepção dos atletas quanto as adaptações necessárias para a categoria sênior (STAMBULOVA et al., 2012).

Para desenvolver o TMS, Stambulova et al. (2012) checaram a relevância dos referenciais teóricos e da literatura prévia, baseada principalmente no Modelo Analítico de Carreira Esportiva (STAMBULOVA, 1994) e no Modelo de Transição de Carreira Esportiva (STAMBULOVA, 2003). Sete atletas completaram questionário na presença dos pesquisadores enquanto outros três levaram para casa. Após a primeira análise, foram realizadas as correções necessárias para sua posterior aplicação (STAMBULOVA et al, 2012).

O questionário foi dividido em três partes: a introdução, contendo características como idade, gênero, nível competitivo, horas de treinamento por semana, atividades fora do esporte; a situação atual no esporte e na vida, contendo escalas que permitiam que o participante ranqueasse a importância e a satisfação com o trabalho, amigos, familiares, trabalho, esporte, estudos e relacionamentos afetivos; o processo de transição, com escalas que permitiam que o atleta ranqueasse a sua percepção própria das demandas necessárias para transição, estratégias de enfrentamento (*coping*), recursos pessoais, nível de estresse atual, necessidade atual de apoio/ajuda, percepção das adaptações necessárias para a categoria sênior. O questionário foi aplicado e reaplicado três meses após o primeiro procedimento (STAMBULOVA et al., 2012).

A análise de dados foi realizada em seis etapas: análise descritiva no teste principal e no segundo teste; análise descritiva em cada escala e subescala do questionário; valores de *Alpha Cronbach* para cada subescala no primeiro teste ($> .70$ era considerado como indicadores de alta consistência e confiabilidade); valores de *r-Pearson* entre a primeira e a segunda mensuração do estudo; regressão múltipla com satisfação no esporte como variável de critério e demandas da transição, apoio ambiental, estresse percebido, apoio adicional e recursos pessoais como variáveis preditivas; regressão múltipla com satisfação com o esporte como variável de critério e estratégias de enfrentamento (*coping*), apoio ambiental, recursos pessoais, estresse percebido, apoio adicional e percepção de adaptações como variáveis preditivas; regressão múltipla com satisfação com a vida como variável de critério e importância de diferentes aspectos do esporte, satisfação com esporte, estresse percebido e percepção de adaptações necessárias como variáveis preditivas (STAMBULOVA et al., 2012).

Como principais resultados, foi possível observar que os atletas em transição praticavam entre 10 e 18 horas por semana. As demandas para a transição eram percebidas por eles como moderadamente desafiadoras e variáveis como a melhora na condição física, rendimento em competições, desenvolvimento de habilidades físicas, técnicas, táticas, mentais e a recuperação foram consideradas como as que mais precisavam de adaptações para a categoria sênior (STAMBULOVA et al., 2012).

Para a eficiência das estratégias de enfrentamento (*coping*), as frases mais utilizadas no questionário foram: “tento me dedicar 100% nos treinos e competições”; “tento manter boas relações com pessoas ao meu redor”; “tento aprender com o erro dos outros”; “persisto na minha tarefa, independente de fadiga, dor ou falha”. As estratégias menos utilizadas foram: “planejo meu tempo todo dia”; “expresso meus sentimentos negativos em uma situação estressante”; “procuro ajuda em outra pessoa” (STAMBULOVA et al., 2012).

Os atletas perceberam o apoio do ambiente como positivo, afirmando que a família, treinadores e parceiros foram considerados como grande apoio, mas relataram também pressão externa moderada durante esta transição (STAMBULOVA et al., 2012).

Dentre os recursos mais importantes, a motivação esportiva, a autoconfiança, condição de saúde, habilidades de comunicação e experiências primárias no esporte tiveram maior ênfase nas respostas dos atletas (STAMBULOVA et al., 2012).

No que se refere ao nível de estresse, as reabilitações de lesões, competições, treino e a combinação do esporte com outras atividades fora do contexto esportivo foram reportadas como as situações mais estressantes para os atletas. Nestas mesmas áreas, a maioria dos atletas relatou a necessidade de apoio adicional. Porém, apenas 13% dos atletas tiveram contato com algum psicólogo do esporte durante essa transição (STAMBULOVA et al., 2012).

Entretanto, aproximadamente 62% do grupo de participantes já estava nesta transição há 12 meses, enquanto os outros 38% estavam a 12 meses desta, o que basicamente coincide com a porcentagem dos atletas que percebiam a necessidade de adaptações neste período (65%). A grande motivação e ambição para estar entre os profissionais também pode explicar este fato, pois os indivíduos que não estão motivados não dão importância para os recursos pessoais e estratégias de enfrentamento (*coping*) (STAMBULOVA et al., 2012).

De maneira geral, os atletas mostraram grande satisfação com o esporte e com a vida, de forma que perceberam o esporte (treinos e competições, mas não a recuperação), a família e os amigos como os agentes mais importantes em suas vidas. Por fim, 99% do grupo de participantes ainda era estudante, mas a grande maioria relatou que os estudos eram menos importantes do que o esporte (STAMBULOVA et al., 2012).

A cultura sueca pode ser considerada como horizontal (baixa em hierarquia e alta em democracia), individualista e orientada ao processo. Portanto, pode-se afirmar que neste contexto cultural existe um maior espírito de cooperação e suporte dos treinadores para as tomadas de decisão da carreira esportiva de seus atletas. Estes valores suecos foram transmitidos nos resultados referentes ao apoio ambiental (pais, familiares e treinadores), às estratégias de enfrentamento (*coping*) e aos recursos utilizados para a transição, de forma que a segunda e a terceira regressão mostraram que estes fatores contribuíram 37,9% para a satisfação dos atletas no esporte. Esta satisfação somada a percepção de ajuste às necessidades da categoria profissional contribuíram 27,2% para que os atletas estivessem satisfeitos com a sua vida no momento (STAMBULOVA et al., 2012).

Ainda neste sentido, Larsen et al. (2014) proporcionaram uma descrição detalhada de uma intervenção psicológica em um dos clubes de futebol mais bem-sucedidos da Dinamarca

(AGF Football Club) na categoria sub-20 com o objetivo de auxiliar a transição juniores-sênior. A análise foi realizada por meio da observação participante nos treinamentos, entrevistas com jogadores juniores, treinadores, jogadores da categoria profissional e reuniões com pessoas relevantes no clube (diretores, treinador da categoria sub-20 e treinador do profissional).

A intervenção apresentou quatro passos: no primeiro realizou-se uma avaliação com o objetivo de analisar os pontos fortes, fracos e a cultura para o desenvolvimento de habilidades psicossociais dentro do clube; no segundo foi realizada uma reunião com dirigentes e treinadores importantes no clube sobre os resultados da primeira avaliação, com o intuito de determinar os objetivos para a intervenção; no terceiro realizou-se a entrega do programa, que ocorreu por meio de *workshops* que procuraram desenvolver diferentes habilidades psicossociais, com a supervisão do treinador para ajudar a sustentar o programa e estimular a transferência para os treinamentos em campo; no quarto foi realizada uma reunião com os dirigentes e treinadores sobre a avaliação do programa de intervenção e para discutir novas possibilidades de desenvolvimento no clube em diferentes áreas e categorias de idade (LARSEN et al., 2014).

Durante o primeiro passo, Larsen et al. (2014) perceberam que os atletas da categoria profissional estavam sempre presentes no clube e eram vistos pelos jogadores das categorias de base, mas não existia interação entre eles. Não existia a comunicação entre os treinadores e jogadores sobre desafios, expectativas e potenciais barreiras para a transição juniores-sênior e, portanto, não havia cultura para a implantação de um programa de psicologia esportiva para auxiliar este processo. O clube apresentava uma forte organização para o desenvolvimento de habilidades físicas, técnicas e táticas, porém o desenvolvimento de habilidades psicossociais não era considerado importante durante o treinamento (LARSEN et al., 2014).

No segundo passo, durante a reunião, foram revelados os resultados do primeiro passo e houve a elaboração de três novos objetivos para facilitar o programa de intervenção: criar relações mais fortes entre o departamento profissional e as categorias de base para desenvolver e fortalecer a comunicação entre treinadores e jogadores destes respectivos departamentos; desenvolver organização para incluir e focar no desenvolvimento psicossocial como valor básico e parte natural da rotina de treinamento; proporcionar uma série de *workshops* para a categoria juniores desenvolver essas habilidades e auxiliar este processo de transição (LARSEN et al., 2014).

No terceiro passo foi realizado um protocolo com sessões de 90 minutos, que primeiramente, com o auxílio do treinador da categoria juniores, tiveram seu conteúdo programado. As sessões seguiam uma ordem lógica do básico (teórico) para a transferência

durante o treinamento (prático). O processo seguia da seguinte maneira: atletas observavam as informações; compartilhavam as vivências em grupos; escreviam objetivos pessoais para um período específico e recebiam *feedback* considerando os objetivos do jogador (se eram mensuráveis, específicos e orientados) e do treinador (realistas e relevantes); aplicavam a teoria no campo (do simples para o complexo). Por fim, as experiências dentro e fora do campo eram avaliadas e cada jogador podia refletir em como trabalhar nestes objetivos específicos para o próximo *workshop* (LARSEN et al., 2014).

Ainda no terceiro passo é relevante destacar que existia uma coerência entre as sessões, de forma que o início de um *workshop* tinha correspondência com o final da anterior. O objetivo destas sessões era entender os processos de aprendizagem, entender a si mesmo, estar atento ao próprio raciocínio, integrar e refletir nas experiências anteriores, estabelecer padrões de comportamento e perspectiva nos seus esforços para solucionar problemas, procurar novas maneiras de reorientar o comportamento para solucionar o problema eficientemente. Os jogadores e treinadores da categoria profissional também visitaram estes *workshops* (LARSEN et al., 2014).

Sobre os resultados da intervenção, os profissionais descreveram a maior intensidade dos treinos apesar do conteúdo ser o mesmo pelo nível físico, técnico e tático dos jogadores e a importância de gradualmente aumentar a qualidade do treinamento para suportar as altas cargas impostas na categoria profissional. As sessões se mostraram importantes para que os atletas aprendessem a lidar com adversidades, lesões, pressão externa, a desenvolver confiança e habilidades psicossociais. A supervisão e apoio do treinador foram importantes para criar forte transferência entre a sessão teórica e a prática no treinamento no campo, pois quando o *workshop* era realizado no período da manhã, o treinador escrevia objetivos para serem aplicados no treinamento da tarde (mais velocidade, passe de primeira, jogos com situações de jogo mais complexas) (LARSEN et al., 2014).

No último passo, que consistia na reunião final com os dirigentes, apresentou-se a importância da intervenção para o desenvolvimento de habilidades psicossociais que facilitam este processo de transição da categoria juniores para a categoria profissional. Os dirigentes começaram a adotar estes *workshops* constantemente e passaram a investir mais no desenvolvimento dessas habilidades nas categorias de base do clube (LARSEN et al., 2014).

Como é possível observar, esta transição não está relacionada apenas ao contexto esportivo. Além de novos desafios nos treinamentos e competições, os atletas necessitam de recursos para o desenvolvimento psicológico, psicossocial, acadêmico/vocacional. Consequentemente, encontram-se sob alto nível de estresse durante este processo. Frente ao

exposto, é recomendado que os atletas planejem suas carreiras, encontrem um equilíbrio no estilo de vida, gerenciem períodos de recuperação eficientes e tenham um suporte contínuo de treinadores, familiares, amigos e outros agentes para que a transição juniores-sênior seja facilitada (STAMBULOVA et al., 2009).

4.4.4. A TRANSIÇÃO CULTURAL EM ATLETAS DE ELITE

Dentre as diversas transições na carreira de um atleta, a transição cultural tem representado grande destaque na literatura atualmente. É considerada como mais uma transição não normativa e pode ter implicações importantes para o estilo de jogo, interação com o time, relacionamento com atletas, treinadores e outras esferas além do contexto esportivo (transporte, estudos, moradia) (STAMBULOVA; RYBA, 2013).

Brandão e Vieira (2013) descobriram que os atletas de futebol de elite no Brasil apresentam pouca adaptabilidade ao futebol europeu. Em uma análise que envolveu os 1029 jogadores que migraram para a Europa no ano de 2010, mais de 678 jogadores (66%) retornaram para o Brasil antes de completar a primeira temporada, demonstrando a ineficiência do enfrentamento (crise na transição e no *coping*) devido a diferença climática, solidão e má adaptabilidade ao novo estilo de jogo e de vida.

Frente ao exposto, Ryba et al. (2016) realizou uma análise centrada em atletas transnacionais¹⁶, ou seja, àqueles que viajam extensivamente para uma pré-temporada, competição, e/ou mantêm relacionamentos e familiares em outro país, desenvolvendo laços entre a comunidade de origem e com a(s) comunidade(s) de destino. O objetivo do estudo foi entender quais dinâmicas são particularmente críticas na transição cultural e qual o impacto do tempo neste processo, além de identificar o desenvolvimento de transições culturais e habilidades psicossociais básicas que auxiliam nesta adaptabilidade (RYBA et al., 2016).

O grupo de participantes do estudo de Ryba et al. (2016) contou com 15 jogadores profissionais e amadores em diferentes esportes: quatro eram do hóquei no gelo; dois do basquetebol; dois do futebol; um do handebol; um do arco e flecha; um do esqui alpino; um da dança esportiva; um do atletismo. Os atletas tinham idade entre 18 e 36 anos, sendo que alguns ainda estavam no ensino médio e outros já tinham graduação no ensino superior. Dos 15 atletas, 13 migraram em decorrência do esporte e os outros dois se mudaram para morar com o cônjuge.

¹⁶ Atletas transnacionais são aqueles que migram para construir suas carreiras esportivas em outras fronteiras além do seu país de origem, de forma que o desenvolvimento atlético e não atlético são constituídos por práticas transnacionais (entre nações) (RYBA; STAMBULOVA, 2015).

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas para a produção de dados (RYBA et al., 2016).

Como principais resultados, Ryba et al. (2016) conseguiram estruturar um modelo que revela que o processo de transição é relativo, construído dentro de um campo sociocultural transnacional dinâmico e subjetivamente ajustado pelos indivíduos para a multiplicação de contatos culturais em várias localidades (RYBA et al., 2016).

O Modelo de Transição Cultural (Ryba et al., 2016) consiste-se em três fases, sendo que as duas últimas ocorrem após a migração: pré transição, correspondente ao reposicionamento social em conexões transnacionais; aculturação aguda, correspondente ao período de associação e tentativas de combinação de práticas culturais; adaptação sociocultural, correspondente a reconstrução de significados culturais na carreira esportiva.

Durante a fase de pré transição é importante ter a chance de encontrar treinadores de times referentes ao destino da migração, mesmo virtualmente, ou mesmo visitar previamente o ambiente. Estas experiências prévias podem auxiliar na tomada de decisão sobre a mobilização do caminho futuro da carreira esportiva do atleta. Iniciar contatos transnacionais e aprender sobre uma nova localidade cultural possibilita que se inicie um processo de desengajamento com familiares e locais anteriores, desenvolvendo-se uma nova relação com este novo lugar. Esta fase se mostrou indispensável para a preparação física e mental para os desafios na transição, podendo causar ruptura e/ou conflito familiar, mas também proporcionando maior tempo para ajustes e mudanças (RYBA et al., 2016).

A fase de aculturação¹⁷ aguda é um período que pode ter a duração de diversos meses e se refere às tentativas de se adaptar aos novos padrões impostos pelo país de destino, como idioma, tipo de treinamento, competições, clima e relacionamentos (treinadores e parceiros). Neste período o atleta aprende novas formas de se desenvolver dentro dos padrões desta nova localidade. É importante que o indivíduo tente reconstruir seus objetivos pessoais e valores, entrelaçando-os com o novo contexto sociocultural, de acordo com as normas e práticas dos parceiros de treino e da sociedade. A conexão esportiva é essencial para o suporte, sendo que os parceiros podem auxiliar nesta transição com a função de guias culturais. Durante essa fase os atletas ainda não são hábeis para estabelecer conexões afetivas, cognitivas e integra-las aos novos significados culturais, muitas vezes associando-se a uma diminuição no rendimento esportivo (RYBA et al., 2016).

¹⁷ Entende-se aculturação como o processo socialmente construído e contínuo que ocorre em cenários culturais próximos e/ou entre diversos grupos diferentes culturalmente (RYBA et al., 2016).

A fase de adaptação sociocultural corresponde à conotação de permanência ou estadia em longo prazo do atleta, de modo que se inicia uma congruência entre seus próprios valores e estilo de vida com as normas culturais locais, associada a uma maior facilidade de combinar a carreira esportiva e o ambiente esportivo com a sociedade de uma maneira geral. Neste período o atleta percebe a ligação de interdependência existente entre os contextos esportivos e não esportivos, adaptando sua carreira esportiva. Muitos indivíduos aproveitam este momento para mudar de clube com o objetivo de buscar um melhor rendimento esportivo. Embora ajustados, alguns atletas planejam retornar ao país de origem, pois muitas vezes a família e/ou cônjuge não o acompanham durante todo o período (RYBA et al., 2016).

Abaixo, é possível visualizar as diferentes fases deste modelo de Ryba et al. (2016) na figura 18.

Figura 18. O Modelo de Transição Cultural.

Fonte: Traduzido de Ryba et al. (2016).

É possível observar neste tipo de transição que os processos psicossociais são dependentes do tempo, mas este é subjetivo, não linear e está atrelado a padrões específicos à migração. A transição cultural bem-sucedida faz com que o atleta consiga desenvolver um ótimo rendimento no novo ambiente em que está inserido. Apresenta, portanto, um final

simbólico que corresponde ao momento em que o atleta estabelece relações positivas entre o seu estilo de vida, normas e valores com as estruturas sociais desta nova localidade (RYBA et al., 2018).

A terminologia migração, de acordo com Ryba et al. (2018), tem relação com mudanças internacionais e até mesmo nacionais em longo prazo, já que em ambas os atletas se movem para um novo contexto sociocultural e esportivo. Em mudanças de curto prazo, como treinamentos e competições, apesar de existir um curto processo de aculturação, a terminologia mobilização é mais apropriada (RYBA et al., 2018).

É importante ressaltar que o ambiente de recepção facilita a aculturação de atletas e é responsável por proporcionar a integração dos atletas migrantes com o grupo (relacionamentos positivos). É possível dividir este ambiente de duas formas, segundo Ryba et al. (2019):

- a) Ambiente de aculturação compartilhado: engajamento ativo de treinadores e parceiros, facilitando a inserção do atleta no grupo por meio do compartilhamento de experiências;
- b) Ambiente de aculturação marginalizado: atletas são marginalizados e confrontam com o racismo e a exclusão do grupo, desenvolvendo um estresse cumulativo que pode levar a uma má adaptação (diminuição do rendimento esportivo, depressão) e o atleta tende a voltar ao país de origem ou encerrar sua carreira.

A migração internacional é percebida pelos atletas como um processo importante na construção da carreira esportiva por possibilitar novas oportunidades para melhorar o rendimento esportivo e o desenvolvimento pessoal (RYBA et al., 2019).

4.4.5. OS MOMENTOS DE PESQUISA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE CARREIRA ESPORTIVA E OS DESAFIOS FUTUROS DA COMUNIDADE CIENTÍFICA

Em uma revisão de pesquisas em carreira, Stambulova e Ryba (2013) agruparam 223 referências de 19 países diferentes, incluindo Alemanha, Austrália, Bélgica, Brasil, Canadá, China, Dinamarca, Espanha, Eslovênia, Estados Unidos, França, Grécia, Inglaterra, Irlanda, Japão, México, Nova Zelândia e Suécia. Os artigos em idiomas nacionais não foram considerados no estudo.

De acordo com Stambulova e Ryba (2013) existiu uma evolução da pesquisa em carreira no que envolve a incorporação da cultura, que se pode dividir em três momentos de pesquisa:

O primeiro momento é conhecido como transcultural, caracterizada pela maior compreensão da cultura nas transições e no desenvolvimento de carreira dos atletas. Desta forma, surgiu-se uma epistemologia positivista como abordagem para os estudos, tentando

avaliar as transições da carreira esportiva, sendo a maior parte sobre o encerramento da carreira. Nesta onda, a identidade nacional estava conectada à cultura e serviu como uma variável independente para avaliar as similaridades e diferenças em reações cognitivas, emocionais e comportamentais de atletas até a aposentadoria em diversas nações (STAMBULOVA; RYBA, 2013).

No segundo momento criou-se uma mentalidade cultural, na tentativa de permear estudos de carreira com esta mentalidade, refletindo numa epistemologia voltada à psicologia cultural. Neste momento, a cultura e os processos psicológicos são vistos como mutuamente construídos e revelam a importância do idioma, comunicação, perspectivas de relacionamento, práticas culturais, crenças, valores no desenvolvimento humano, aprendizagem e comportamento. É importante entender o dinamismo constitutivo entre os processos psicológicos e o contexto sociocultural e, portanto, a literatura envolvendo esse tema é limitada (STAMBULOVA; RYBA, 2013).

O terceiro momento, denominado como *práxis* cultural, está em constante desenvolvimento e é considerada como um desafio para a comunidade científica para ampliar o corpo de conhecimento neste tema de maneira mais densa. Para Stambulova e Ryba (2013) é importante combinar as perspectivas das duas primeiras ondas para a carreira, vida e o ambiente completo em que o atleta está inserido. Com este intuito, desenvolveu-se uma literatura com uma perspectiva ecológica holística do atleta, o que permite nesse estudo associar e aproximar a literatura deste terceiro momento com o PAF, proposto por Côté, Turnnidge e Evans (2014).

Sendo assim, este terceiro momento se consiste na fusão dos dois primeiros e pode levar a um melhor entendimento das vivências da carreira esportivas como sendo constituídas por culturas relevantes e não apenas facilitar programas de assistência, mas estimular intervenções efetivas para otimizar o ambiente de desenvolvimento dos atletas (STAMBULOVA; RYBA, 2013).

É pertinente que exista uma contextualização cultural, ou seja, uma atenção do pesquisador sobre os problemas de pesquisas originados do contexto em que o participante vive, como: significados/definições culturais específicas; referenciais culturalmente adaptados ou a adoção de modelos gerais baseados nos dados empíricos em áreas esportivas específicas; estratégias aplicadas infusas por significados compreensíveis aos participantes; interpretação contextualizada dos resultados e implicações práticas (STAMBULOVA; RYBA, 2013).

Stambulova e Ryba (2013) descrevem o desafio deste tipo de abordagem, pois características individuais às culturas, especialmente marginalizadas, encontram dificuldades em adaptar referenciais teóricos internacionais em seu contexto específico. Storm, Kristoffer e

Krogh (2011) por exemplo, encontraram dificuldades em adaptar o Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (DMSP) a atletas dinamarqueses, pois os dois caminhos possíveis para a elite não foram suficientes para explicar as transições nas carreiras dos participantes do estudo.

Neste estudo, os autores entrevistaram 17 atletas de elite que integravam a seleção nacional dinamarquesa, sendo sete de esportes individuais (natação, golfe, ginástica, orientação, vela), sete de esportes coletivos (handebol e *floorball*), e três de esportes de duplas (badminton, caiaque, remo) utilizando a análise retrospectiva de Côté et al. (2005) para descobrir como ocorreu o desenvolvimento de suas respectivas carreiras esportivas. Dos 17, apenas um ginasta se especializou precocemente e o desenvolvimento da participação esportiva foi próximo ao que foi encontrado no estudo de Law et al. (2007). Seis relataram que tiveram os anos de experimentação por meio de uma diversificação inicial, mas que os desafios relacionados aos esportes somados a ganhar torneios também motivaram os mesmos a investirem, ainda relatando que muitas práticas nesse estágio eram organizadas por adultos, mas mesmo assim estavam relacionados com o jogo e a diversão. Dois atletas tiveram entradas tardias no esporte, sendo que uma atleta do remo feminino foi introduzida ao esporte apenas aos 25 anos de idade. Oito atletas, apesar de terem vivenciado os anos de experimentação, relataram que participaram de uma grande quantidade de prática deliberada nesse período e mesmo assim sentiam-se motivados durante esses treinamentos. Deste modo, o DMSP não foi capaz de englobar todas as possibilidades de caminhos existentes, pois não necessariamente a especialização esportiva precoce ocorreu com um foco inicial na prática deliberada, e mesmo os atletas que tiveram os anos de investimento tardio relataram que suas sessões de treinamento nos primeiros anos de envolvimento com a modalidade esportiva eram muito divertidas, mas muitas delas eram estruturadas por adultos e treinadores, o que não caracteriza o jogo deliberado (STORM; KRISTOFFER; KROGH, 2011).

Os resultados deste mesmo estudo acima ainda sugeriram que as transições existentes entre os estágios de desenvolvimento da participação esportiva não se relacionaram à uma idade específica, ocorrendo simultaneamente à uma mudança de clube ou uma convocação para a seleção nacional. As transições realmente marcaram um aumento de prática deliberada, mas os atletas vivenciaram essa etapa em diferentes momentos da carreira esportiva. Storm, Kristoffer e Krogh (2011) ainda sugerem que os anos de experimentação são na verdade distintos entre os atletas, pois nem sempre os mesmos se envolveram em esportes distintos para desenvolver habilidades, mas apenas com o intuito de experimentá-las por um curto período de tempo para reafirmar que sua identidade esportiva estava já atrelada ao esporte principal. Os achados deste

estudo confirmam principalmente que o desenvolvimento da participação esportiva não se constitui apenas de dois caminhos possíveis para o alto rendimento, como descreve o DMSP, mas que podem existir diversos caminhos, que na verdade estão relacionados com o contexto cultural de cada país e com a modalidade esportiva praticada (STORM; KRISTOFFER; KROGH, 2011).

Visto que o desenvolvimento de carreira se dá entre diferentes fronteiras, é importante que a literatura considere os atletas que lidam com viagens internacionais de maneira extensiva e constantemente vivenciam transições culturais, adaptando-se e readaptando-se as novas condições (transnacionalismo). Desta maneira, estas adaptações têm impacto inevitável na formação de identidade e na carreira do atleta, valores, crenças e atitudes. Sem esse conhecimento é improvável que se encontre todas as necessidades de atletas de elite para o desenvolvimento e transições durante a carreira esportiva (STAMBULOVA; RYBA, 2013).

De maneira geral, o desafio para comunidade científica em novos estudos envolvendo a carreira esportiva de atletas é: posicionar a ideia do projeto de acordo com o contexto sociocultural; situar-se dentro de uma área (psicologia do esporte, por exemplo) ou no espaço integrativo (psicologia e aspectos socioculturais do esporte); posicionar-se metodológica e teoricamente; defender a união entre a teoria e a prática; posicionar-se e refletir como a própria história pode influenciar no desenvolvimento do projeto (desde o objetivo até a interpretação dos resultados). (STAMBULOVA; RYBA, 2014).

5. MATERIAL E MÉTODOS

Este capítulo refere-se à metodologia utilizada para o estudo. Foi dividida em quatro seções: a primeira diz respeito à caracterização da pesquisa qualitativa; a segunda apresenta a caracterização dos participantes do estudo, os critérios de inclusão e exclusão do grupo de participantes e aborda a análise retrospectiva e a maneira que o trabalho atual sustenta-se nesta abordagem; a terceira descreve a escolha e o processo de entrevista com os participantes; a quarta descreve a análise de dados pela explicitação do processo da análise temática reflexiva e as escolhas metodológicas realizadas neste estudo.

5.1. A PESQUISA QUALITATIVA

De acordo com Minayo et al. (2002, p. 22) a pesquisa qualitativa é:

Aquela que se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Deste modo, enfatiza processos e fenômenos que não se reduzem à instrumentalização de variáveis e números, como atitudes, vivências, normas e valores de um único indivíduo ou de um determinado grupo social.

Braun e Clarke (2014) reforçam esta ideia ao apontar que a pesquisa qualitativa oferece uma visão rica e atraente dentro de mundos reais, experiências sociais, perspectivas de indivíduos que são completamente diferentes, mas também muitas vezes complementares, com o conhecimento que podemos obter através de métodos quantitativos.

Flick et al. (2009) afirmam que uma boa pesquisa qualitativa apresenta alguns aspectos essenciais, como a escolha adequada de métodos e teorias convenientes ao problema do estudo, somado ao reconhecimento e análise de diferentes perspectivas. Além disto, os autores apontam para a importância da reflexão do próprio pesquisador no que diz respeito ao seu trabalho como parte do processo de produção e construção do conhecimento.

Minayo et al. (2002) reafirmam que a metodologia de uma pesquisa qualitativa inclui um equilíbrio entre a teoria, as técnicas e a criatividade do autor, devendo ser clara, consistente e coerente para ser transponível da comunidade científica para a prática.

Por isto, é pertinente que se adote um método que seja capaz de abranger à complexidade do tema proposto, sendo que o objeto de estudo é um fator determinante para a escolha do método a ser utilizado. O objeto de estudo diz respeito não apenas a algumas variáveis e, assim,

deve ser considerado em sua totalidade, dentro dos contextos cotidianos dos sujeitos a serem analisados. Portanto, os métodos são caracterizados conforme a abertura para com seus objetos (FLICK et al., 2009).

De uma maneira mais detalhada, Minayo (2012) ressalta que a construção de uma boa pesquisa qualitativa pode ser dividida em dez passos. Inicia-se na arte de saber compreender e interpretar. A compreensão se consiste na habilidade de se colocar no lugar do outro, levando em consideração a bagagem cultural individual, ou seja, considerar que as ações sociais, experiências e vivências de um indivíduo estão atreladas ao contexto cultural do grupo em que está inserido. O ato de interpretar é contínuo e subsequente ao de compreender, pois a interpretação é a apropriação daquilo que é compreendido. Deste modo, é impossível existir a interpretação de um fato ou objeto sem a sua compreensão, que é sempre parcial e incompleta, pois limita-se a bagagem cultural do pesquisado e do pesquisador (MINAYO, 2012).

5.2. PARTICIPANTES DO ESTUDO

Foram escolhidos para este estudo sete goleiros que vivenciaram ao menos 10 anos de prática no futebol e já atuaram pela seleção brasileira em um grande evento esportivo (Jogos Olímpicos, Copa América, Copa das Confederações ou Copa do Mundo), pelo fato de representarem a elite esportiva segundo os critérios de Alfermann e Stambulova (2007). Além disto, foram divididos de maneira intergeracional em três grupos, de acordo com as vivências de treinamento, que foram distintas entre os grupos, em razão da evolução do treinamento específico dessa função no cenário nacional e da própria legitimação da profissão de treinador de goleiros no país.

A média de idade em anos dos participantes foi de 50 anos de idade, sendo o de menor idade com 33 anos e o de maior idade com 67 anos. Dos sete goleiros, seis já encerraram as respectivas carreiras esportivas e apenas um deles ainda está atuando no esporte de elite.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP) com o número CAAE 86807218.4.0000.5659. Os participantes, após concordarem participar deste estudo, assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A), de forma a garantir o anonimato dos mesmos, sendo mencionados neste trabalho com correspondentes numéricos de acordo com sua idade (do mais velho ao mais novo), como G1, G2, etc.

Abaixo encontra-se a caracterização referente aos sete goleiros participantes que já atuaram pela seleção brasileira (quadro 2) e os anos de profissionalização e de primeira convocação para a seleção brasileira que marcaram a divisão dos grupos (quadro 3).

Quadro 2. Informações pessoais sobre os participantes do estudo.

Participante	Idade	Idade de primeira partida em nível Profissional	Competições pela Seleção Brasileira de Futebol	Nível de escolaridade	Idade de Encerramento da Carreira como atleta
G1	67 anos	20 anos	Jogos Olímpicos	Ensino Superior	30 anos
G2	62 anos	20 anos	Jogos Olímpicos Copa do Mundo.	Ensino Superior	38 anos
G3	53 anos.	18 anos	Copa América Copa do Mundo	Ensino Médio	36 anos
G4	53 anos	19 anos	Jogos Olímpicos Copa América Copa do Mundo	Ensino Médio	38 anos
G5	48 anos	21 anos	Jogos Olímpicos Copa América Copa do Mundo	Ensino Superior	36 anos
G6	39 anos	17 anos	Copa América Copa do Mundo	Ensino Fundamental	38 anos
G7	33 anos	20 anos	Jogos Olímpicos Copa América	Ensino Médio Incompleto	Ativo

Fonte: Souza (2020).¹⁸

É interessante observar, na primeira coluna da esquerda a existência de uma grande diferença entre a idade de G1 e G7. Essa informação foi um dos fatores que influenciou a posterior decisão de dividir os participantes em três grupos; a segunda coluna da esquerda revela a idade em que os participantes realizaram suas primeiras partidas como jogadores de futebol profissional. Deste modo, é possível observar que esse evento ocorreu em momentos distintos individualmente; na coluna do meio, observa-se que todos os participantes participaram pelo menos de um grande evento esportivo com a seleção brasileira, considerando a Copa América, os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo; na quarta coluna, observa-se que os participantes

¹⁸ No quadro 2, é importante ressaltar que os goleiros que completaram o Ensino Superior apenas o fizeram após o encerramento de suas respectivas carreiras esportivas.

tiveram graduações diferentes entre si. O G1, G2 e G5 completaram o Ensino Superior, mas é importante ressaltar que isso apenas ocorreu após o encerramento de suas respectivas carreiras esportivas como atletas de elite. O G3 e G4 completaram o Ensino Médio. O G6 completou o Ensino fundamental. O G7 não completou o Ensino Médio, encerrando seus estudos no final do segundo ano deste estágio.

Os grupos foram divididos para a posterior discussão considerando as maiores diferenças no que se refere ao primeiro ano de profissionalização e, conseqüentemente, também os separa de acordo com a evolução do treinamento de goleiros no Brasil, visto que os períodos referentes ao ano de profissionalização e da primeira convocação para a seleção brasileira são similares a marcos importantes na história do treinamento de goleiros no cenário nacional, já evidenciadas principalmente no referencial de Wilson (2012) e Thiengo e Hunger (2014). Para a denominação do grupo consideraram-se características marcantes e específicas a cada período: o Grupo 1 encontra-se nos primórdios do treinamento de goleiros no país e, deste modo, os goleiros G1 e G2 desenvolveram-se na ausência destes profissionais, adaptando suas habilidades específicas por meio da observação e autocrítica, sendo denominado neste estudo como *Autodidatas*, no que diz respeito ao treinamento específico; o Grupo 2 vivenciou um período de importante evolução da profissão de treinador de goleiros, em que a maioria dos treinamentos tinha como objetivo desenvolver e refinar gestos técnicos específicos e, por isto, foi denominado como *Pioneiros no Treinamento Específico*; o Grupo 3 vivenciou a maior parte da carreira esportiva no continente europeu e se desenvolveu por meio de um treinamento com características mais próximas à atualidade desta função e, deste modo, foi denominado como *Goleiros da Era da Globalização*.

Quadro 3. Divisão dos grupos de goleiros por geração.

<i>Grupo</i>	<i>Grupo 1</i>	<i>Grupo 2</i>	<i>Grupo 3</i>
	<i>Autodidatas</i>	<i>Pioneiros no Treinamento Específico</i>	<i>Goleiros da Era da Globalização</i>
1º Ano de Profissionalização	1977	1984	1997

Fonte: Souza (2020).

5.3. PRODUÇÃO DOS DADOS

De acordo com Minayo et al. (2002, p. 57) a entrevista é entendida como uma conversa entre dois indivíduos com dois propósitos bem definidos:

Em um primeiro nível é uma comunicação verbal que reforça a importância da fala e da linguagem; em um segundo serve como meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico.

Existem três tipos de entrevistas que diferem entre si quanto ao modo de realização: não estruturada, estruturada e semiestruturadas. Na entrevista não estruturada, por exemplo, o pesquisador pode abordar o tema da entrevista de forma livre, sem estruturar nenhuma pergunta prévia. Nas entrevistas estruturadas, porém, existem perguntas que são formuladas em um roteiro que deve ser seguido do início ao fim pelo pesquisador. Por fim, as entrevistas semiestruturadas apresentam também um roteiro prévio, mas permitem que o pesquisador as articule sem seguir sua ordem de maneira rígida (MINAYO et al., 2002).

As entrevistas semiestruturadas apresentam algumas vantagens interessantes relacionadas ao problema, referencial e metodologia propostos. São estas vantagens: a combinação de perguntas abertas e fechadas, em que entrevistado pode discorrer sobre o tema proposto; apesar das questões estarem previamente definidas, o diálogo está em um contexto semelhante ao de uma conversa informal, onde o pesquisado se sente mais livre para discorrer sobre o tema; permite ao pesquisador que realize perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras e/ou retomar o contexto da entrevista; existe uma elasticidade quanto à sua duração; possibilitam maior abertura e proximidade do entrevistador com o entrevistado, permitindo que o primeiro aponte para alguns temas mais complexos e delicados (BONI; QUARESMA, 2005).

Para Braun, Clarke e Weate (2016), entrevistas semiestruturadas são excelentes para agrupar com profundidade experiências pessoais, como é o caso do presente estudo.

Por isto, a preparação para este procedimento é extremamente relevante, sendo necessários alguns cuidados como: o planejamento da entrevista, que deve estar voltado ao conhecimento sobre o referencial teórico, a pergunta central e objetivos almejados por parte do pesquisador para dominar os efeitos das perguntas e da própria posição social que o pesquisado está inserido; a escolha do entrevistado, sendo importante que exista certa proximidade com o entrevistador; as condições favoráveis, que possam garantir e preservar a identidade do sujeito; a preparação específica, que consiste em formular um roteiro condizente com a abordagem

teórica e os métodos escolhidos, abrangendo todas as questões importantes para solucionar o estudo (LAKATOS et al., 1996; PIOTTO, 2011).

Para Bourdieu (1999), as questões do roteiro de entrevistas devem ser realizadas apenas após um extremo domínio do pesquisador sobre o referencial teórico utilizado, contendo perguntas abertas e amplas, permitindo que o sujeito relembre e discorra de maneira mais abrangente sobre partes de sua história. Para o autor, as perguntas não devem ser elaboradas de forma absurda, arbitrária, ambígua, deslocada ou tendenciosa e, para tal, faz-se pertinente que este planejamento leve em consideração a sequência de pensamento do entrevistado.

Frente ao exposto, o pesquisador deve compreender que o pesquisado é um produto de sua história, bagagem cultural e social. Portanto, o entrevistador não deve dissecar o entrevistado (desconsiderar sua individualidade), pois isto é imprescindível para a qualidade da entrevista, de modo que o último compreenda que seu discurso não está sendo avaliado ou julgado pelo primeiro, sentindo-se seguro e confiante para lembrar e discursar sobre suas vivências de maneira detalhada (PIOTTO, 2011).

Apesar da relação entrevistador-entrevistado existir e ser imprescindível para a qualidade de um estudo, ela não se encontra em nível de igualdade. A desigualdade já ocorre antes da pesquisa, pois as questões, regras e a necessidade da entrevista se dá pelo entrevistador. Além disto, essa desigualdade aumenta devido à diferença de bagagem cultural entre eles, já que o entrevistador conhece o tema profundamente e apresenta certa superioridade por poder realizar perguntas e indagar constantemente sobre o ponto de vista do entrevistado. Por estes motivos, o ideal é que o pesquisador consiga ter certa proximidade e conhecimento sobre o pesquisado e, quando isto não for possível, o primeiro deve colocar-se em pensamento no lugar do último, considerando as suas condições sociais, psicológicas e culturais ligadas à sua carreira e história de vida. O entrevistador tem, portanto, o papel de diminuir a diferença entre estes capitais existentes nesta relação para aumentar a qualidade da construção de dados (PIOTTO, 2011).

A proximidade com o participante, entretanto, deve permanecer em um constante equilíbrio. Não deve ser tão próxima de modo que o investigador se esqueça de obter informações relevantes devido a informalidade da conversa, mas também não pode estar distante demais e não conseguir aprofundar temas específicos (BOURDIEU, 1999).

Reforçando este pensamento, Bourdieu (1999) descreve que o principal aspecto a ser adotado pelo entrevistador é descer do “pedestal cultural” em que se encontra para, assim, diminuir esta distância existente nesta relação. Portanto, a entrevista é o produto da pessoa (entrevistado) que ocupa uma disposição social, com outra (entrevistador) que ocupa outra

disposição. O ponto de vista do participante depende da posição que ele ocupa. A compreensão do discurso se consiste no ponto de vista do pesquisador sobre o ponto de vista do participante, desenvolvidos de acordo com a disposição do primeiro. Portanto, faz-se pertinente que o pesquisador tente diminuir sua influência sobre o ponto de vista do participante, considerando a disposição em que este último está inserido, para melhor compreendê-lo e elevar a qualidade da entrevista (BOURDIEU, 1999).

Portanto, o pesquisador deve utilizar na entrevista uma linguagem próxima a do pesquisado, além de considerar que no instante da entrevista está lidando com sentimentos, fragilidades e aspectos pessoais que são singulares aos indivíduos e, por isto, é papel do entrevistador respeitar estes momentos, criando um ambiente favorável ao entrevistado (BOURDIEU, 1999).

O próximo passo após a realização da entrevista se consiste nas transcrições. Para Bourdieu (1999) o pesquisador deve manter a integridade do texto, retirando apenas os vícios e figuras de linguagem, para deixar o discurso mais fluido ao leitor e facilitar a análise por parte do investigador. É importante escrever não apenas os discursos existentes, mas os sentimentos, entonação de voz e linguagem corporal do entrevistado, para que não se percam as emoções existentes em momentos importantes da entrevista (BOURDIEU, 1999).

Frente ao exposto, neste estudo as entrevistas foram realizadas após um domínio do referencial teórico, dos métodos e do roteiro por parte do pesquisador, considerando com rigor todos os aspectos descritos acima.

Considerando as vantagens supracitadas, optou-se para este estudo a realização de entrevistas semiestruturadas. O contato com os participantes se deu pela proximidade com um dos goleiros que já atuou pela seleção brasileira, além da influência do pesquisador com assessores, jornalistas e contato com os próprios atletas, facilitando o acesso.

O roteiro (APÊNDICE B) procurou proporcionar dados detalhados dos períodos em que os atletas atingiram diferentes níveis de desempenho, informações sobre as transições e/ou eventos importantes que ocorreram, sobre o envolvimento do sujeito com diferentes tipos de prática esportiva, a quantidade e qualidade destas práticas e o ambiente em que estava inserido (envolvimento de pais, parceiros, treinadores), recursos e fatores limitantes em diferentes momentos de sua carreira esportiva. É importante ressaltar que o roteiro foi elaborado com base em aspectos específicos da análise retrospectiva proposta por Côté, Erickson e Law (2005).

Côté, Erickson e Law (2005) realizaram uma revisão dos trabalhos no entorno do Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva com o objetivo de esclarecer e aprimorar a metodologia de análise retrospectiva utilizada nas entrevistas, que era responsável

por facilitar que os entrevistados relembassem atividades concretas e detalhes importantes de suas carreiras esportivas que ocorreram há mais de cinco anos de maneira acurada e precisa.

As pesquisas que utilizaram a análise retrospectiva até então procuraram avaliar como o desenvolvimento de atletas de elite se diferenciava ao compara-los com praticantes recreativos. Nas entrevistas destes estudos assumiu-se a confiança na veracidade e precisão das informações dos participantes. Porém, ficou evidenciada a dificuldade dos pesquisados em lembrar eventos, vivências e algumas atividades concretas que estavam engajados na infância e adolescência (CÔTÉ et al., 2005).

Para aprimorar a análise retrospectiva, Côté, Erickson e Law (2005) dividiram o procedimento de entrevista em três sessões, seguindo uma linha do tempo com o entrevistado: a primeira sessão avaliava o nível específico de rendimento do atleta em ordem cronológica (do nível regional para o internacional), explicitando detalhadamente a idade (ou categoria de idade) em que atingiram níveis maiores de rendimento esportivo, com o intuito de obter um perfil de desenvolvimento deste atleta; na segunda, também cronologicamente, seguindo o seu desenvolvimento, o atleta deveria lembrar do engajamento em seu esporte principal descrevendo aspectos como divertimento, motivação, esforço, concentração mental, número de horas praticadas por semana, quantidade de meses de treinamento no período de um ano e o impacto destes fatores no seu desenvolvimento esportivo; em um terceiro momento deveria lembrar o os fatores que limitavam a quantidade e a qualidade da prática, como o envolvimento em outras modalidades esportivas (número de atividades, horas praticadas por semana e meses praticados em um período de um ano), altura, peso, qualidade dos recursos disponíveis e as lesões ao longo de sua carreira esportiva.

Para Côté et al. (2005), as entrevistas realizadas com atletas que lograram o alto rendimento apresentaram resultados mais claros e consistentes, devido à maior facilidade de os indivíduos lembrarem as atividades realizadas em sua trajetória e, por esta razão, enriqueceram o trabalho. Portanto, é possível afirmar que os goleiros que atuam ou atuaram em um grande evento esportivo pela seleção brasileira de futebol profissional atingiram o alto rendimento, visto que o Brasil é um dos países mais importantes nesta modalidade esportiva no cenário internacional.

Ainda, a seleção de atletas de alto rendimento que atuaram ou ainda atuam pela seleção brasileira masculina de futebol é pertinente para o presente estudo devido ao tempo de especialização e investimento no esporte, além do engajamento e manutenção do hábito da prática após a adolescência e/ou atingir a elite esportiva (CÔTÉ; ERICKSON; LAW, 2005; FRASER-THOMAS et al., 2008).

O pesquisador realizou cinco entrevistas pessoalmente, três na cidade do Rio de Janeiro-RJ, uma na cidade de Campinas-SP, uma em São Paulo-SP e as outras duas por chamada de vídeo utilizando o programa *Skype®* devido à grande distância geográfica dos entrevistados. É pertinente destacar o auxílio financeiro da Capes para custear as viagens. As entrevistas tiveram a média e desvio padrão de tempo em minutos de $64\text{min} \pm 15\text{min}$, com a de mais curta duração realizada em 41min e a mais longa de 85min. Em todas se utilizou o gravador de voz do celular do pesquisador (*Samsung J5 Prime®*) com posterior transcrição dos discursos.

Seguindo o que vem sendo realizado em diversos estudos, como aponta Piotto (2011), foi enviada uma cópia transcrita a cada participante para possibilitar a alteração, exclusão ou inclusão de discursos no decorrer do processo.

5.4. A ANÁLISE TEMÁTICA REFLEXIVA

O método da análise temática (AT) surgiu na década de 1970 e procura identificar, analisar e relatar padrões dentro dos dados, além de organizar e descrever os dados em ricos detalhes. Possibilita também interpretar vários aspectos do tópico da pesquisa. É considerado variado e flexível, podendo ser amplamente utilizado (BRAUN; CLARKE, 2006).

Por ser um método independente de teoria e/ou epistemologias pré-definidas, pode ser aplicado dentro de diversas abordagens. Por meio desta liberdade teórica, proporciona uma ferramenta de pesquisa útil e flexível, que pode potencialmente fornecer uma rica e detalhada quantidade de dados (BRAUN; CLARKE, 2006).

Para que se compreenda como se realiza a organização e análise destes dados é preciso definir alguns termos importantes, entre eles: corpo de dados; conjunto de dados; itens de dado; extratos de dados (BRAUN; CLARKE, 2006).

Entende-se como corpo de dados todos aqueles obtidos pelos diferentes instrumentos (entrevistas, documentários, revistas) em um projeto de pesquisa em particular; conjunto de dados se refere à todo corpo de dados que está sendo utilizado para uma análise em particular (entrevista completa ou parte dela) e pode se consistir de muitos ou de um único dado individual dentro deste corpo de dados; um item de dado se refere a cada pedaço de dado coletado (de uma parte de uma ou mais entrevistas); por fim, extrato de dado é um pedaço de dado codificado, identificado e extraído de um item de dado (BRAUN; CLARKE, 2006).

Durante a organização dos dados, similarmente à análise de conteúdo emergem-se padrões de significado que auxiliam a responder o problema da pesquisa, os denominados temas. Deste modo, a prevalência deste padrão de significado em termos de espaço dentro de

cada item de dado e a prevalência ao longo de todo o conjunto de dados são considerados como temas (BRAUN; CLARKE, 2006).

Um tema pode ter um espaço considerável em alguns itens de dados, pouco ou nenhum em outros e até mesmo aparecer em baixa quantidade no conjunto de dados. Na verdade, o julgamento do pesquisador é necessário para determinar o que realmente representa um tema, já que este não emerge sem motivos, mas é descoberto pelo que o pesquisador interpreta sobre o que está explícito e implícito nos dados (BRAUN; CLARKE, 2006).

Apesar da flexibilidade que este método permite, é preciso ser rigoroso e consistente para organizar e analisar os temas, ou seja, faz-se necessário esclarecer as escolhas que se deseja realizar e clamar sobre o que foi feito em relação ao conjunto de dados existente (BRAUN; CLARKE, 2014).

Ressaltando este pensamento, um tema captura uma ou mais informações importantes em relação ao problema da pesquisa e, por isto, não se deve contar a quantidade de vezes que aparece no conjunto de dados, mas deve atentar-se em como essa mensuração é realizada. O pesquisador pode mensurar de acordo com quantos participantes tiveram discurso semelhante ou pela profundidade existente em um discurso individual. Portanto, a flexibilidade do método permite que exista o foco em analisar todo conjunto de dados (uma rica descrição do conjunto de dados), ou se pode analisar apenas um aspecto do dado em profundidade (descrição de um único aspecto em particular) (BRAUN; CLARKE, 2006; BRAUN; CLARKE, 2012).

Depois desta escolha, o pesquisador primeiramente pode definir o nível em que identifica os temas em sua análise: semânticos e latentes. No que se refere ao primeiro, pode relatar o significado semântico nos dados, ou seja, o pesquisador identifica o que está explícito nos dados e apresenta significados superficiais, em um processo que progride da descrição, em que os temas são apenas organizados para mostrar padrões com conceito semântico para a interpretação, em que existe uma atenção para teorizar os significados e implicações destes. No que se refere ao segundo, pode interrogar quais são os significados latentes, ou seja, as ideias e proposições que estão nas nuances do que está explicitamente descrito, em que o pesquisador presume e conceitua ideias que são teorizadas e podem formar ou informar o conceito semântico do dado (BRAUN; CLARKE, 2006; BRAUN; CLARKE, 2012).

Quanto as duas maneiras de identificar e organizar temas, a análise temática ainda pode ser denominada de indutiva ou dedutiva. A primeira é considerada aquela que é dirigida pelo que está no dado, ou seja, temas derivam do próprio conteúdo e o que é mapeado pelo pesquisador durante a análise confere com aquele conteúdo explícito. A segunda é denominada de análise dedutiva, em que o pesquisado explicita uma série de conceitos, ideias ou tópicos

que ele utiliza para codificar e interpretar os dados. Desta maneira, os temas derivam muito mais dos conceitos e ideias que o pesquisador interpreta nos dados e o que é mapeado pelo pesquisador não necessariamente é proximamente ligado ao conteúdo semântico (discurso explícito) (BRAUN; CLARKE, 2006; BRAUN; CLARKE, 2012).

Na verdade, Braun e Clarke (2012) revelam que é impossível ser puramente indutivo ou dedutivo, sendo que a codificação (processo de identificação e organização de temas) utiliza a combinação das duas abordagens. Isso ocorre, pois, o pesquisador sempre observa algo explícito nos dados durante a análise e também raramente ignora os conteúdos semânticos no momento de propor algumas ideias. Porém, uma sempre predominará sobre a outra. O compromisso entre uma abordagem ou outra sinaliza o significado dos temas.

A AT indutiva é em sua maioria experimental em sua orientação e essencialista no referencial teórico, assumindo um mundo conhecido e elucidando as experiências e significados daquele mundo, como foi relatado nos dados. Essa epistemologia essencialista apresenta uma relação unidirecional entre linguagem, experiência e significado, ou seja, considera as vivências de uma maneira individual. A AT dedutiva é em sua maioria crítica em sua orientação e construtivista no seu referencial teórico, examinando como o mundo é interligado, construindo as ideias e proposições que informam essa união de dados. Essa epistemologia construtivista teoriza e relaciona contextos socioculturais, ou seja, considera que as experiências vivenciadas pelos indivíduos são produzidas e reproduzidas socialmente (BRAUN; CLARKE, 2006; BRAUN; CLARKE, 2012).

Frente ao exposto, existe um *continuum* entre análise teórica *versus* análise indutiva; análise essencialista *versus* análise construtivista. Porém, isso não é regra absoluta, o que deve existir é coerência e consistência na análise. Para que esta seja rica, é preciso que exista um entendimento claro de como o pesquisador se posiciona perante suas opções, um raciocínio para ter tomado as decisões e a aplicação consistente de suas escolhas durante a análise. Frente ao exposto, a maneira que o pesquisador localiza sua pesquisa faz com que ele assuma uma série de proposições, delimitando o que é permitido e o que não é permitido relatar e como os dados podem e devem ser interpretados. (BRAUN; CLARKE, 2012).

Nesse sentido, Braun e Clarke (2019) acreditam que a pesquisa qualitativa se consiste em diversão, jogo e criatividade, mas desde que exista um profundo conhecimento e raciocínio sobre o que se está produzindo. Neste trabalho as autoras rebatem as críticas recebidas pela flexibilidade do método, afirmando que a criatividade, a reflexividade e a subjetividade devem ser entendidas como um recurso e não como uma ameaça à produção de conhecimento. Essa produção está diretamente ligada, posicionada e localizada de acordo com o contexto e, por esta

razão, a análise dos dados qualitativos é responsável por contar as histórias, interpretando-as. Deste modo, a análise final é um produto de uma profunda e prolongada imersão nos dados, pensando e refletindo cuidadosamente sobre cada ação a ser construída (BRAUN; CLARKE, 2019).

Frente ao exposto, Braun e Clarke (2019) propõem que este método se denomine como Análise Temática Reflexiva, já que os seus procedimentos revelam a importância de uma reflexão profunda e do compromisso com os dados, que precisam ser implementados com conhecimento teórico e transparência. O pesquisador deve ser plenamente consciente de suas suposições teóricas, informando sua utilização durante a pesquisa de maneira consistente, coerente e transparente no decorrer de todo processo de análise e no relatório final.

Dentro das opções que o método sugere, foram utilizadas de maneira reflexiva, ativa e consistente neste estudo: *a) rica descrição da quantidade de dados* – a fim de tornar importante os temas responsáveis por responder a questão da pesquisa e aprofundá-los em sua análise; *b) análise temática teórica/dedutiva (top down)* – onde os temas são desenvolvidos não apenas baseados na fala do sujeito, mas numa análise profunda em características particulares presentes nos dados através do referencial teórico de Jean Côté, Natalia Stambulova e seus respectivos colaboradores, escrevendo e expandindo o tema original. Vale ressaltar que, por não ser possível ser unicamente dedutivo, em alguns momentos foi necessário utilizar a análise indutiva, mas esta não foi predominante durante o desenvolvimento da pesquisa; *c) temas latentes* – ou seja, examinar as ideias pelas entrelinhas, analisando nuances na fala do sujeito, e não apenas a sua descrição; *d) epistemologia construtivista* – considerando que os sentidos e experiências investigadas são socialmente produzidas e reproduzidas.

De acordo com Braun e Clarke (2012), depois de tomar as decisões de maneiras claras e consistentes é extremamente relevante iniciar o processo de codificação até que seja possível construir um mapa temático. O mapa temático é uma ferramenta visual ou textual utilizada para mapear as facetas do desenvolvimento da análise e para identificar os temas principais, subtemas e interrelações entre os temas e subtemas (BRAUN; CLARKE, 2012).

Para complementar este pensamento Braun, Clarke e Weate (2016) revelam que a codificação é um processo chave da AT, sendo que, quando realizada de maneira sistemática e rigorosa, constrói uma base sólida para o desenvolvimento de temas e auxilia a mover sua análise para além dos significados imediatos e óbvios.

Vale destacar que o processo de codificação requer que existam questionamentos e consultas constantes sobre as suposições que são realizadas na interpretação e codificação dos dados. Temas são saídas analíticas desenvolvidas por meio e a partir do trabalho criativo de

codificação, são ativamente criados, e, por esta razão, não emergem passivamente de dados ou da codificação, não estão 'dentro' dos dados esperando para serem identificados e recuperados pelo pesquisador. Temas são histórias criativas e interpretativas sobre os dados, produzidos a partir das suposições e recursos analíticos do pesquisador sobre estes (BRAUN; CLARKE, 2019).

Deste modo, o presente estudo seguiu os seis passos abaixo que foram sugeridos primeiramente por Braun e Clarke (2006) e ressignificados por Braun e Clarke (2019) para construir um mapa temático final de maneira bem-sucedida:

- 1) *Familiarização com os dados* – inicia-se durante a transcrição das entrevistas, e, por isto, faz-se pertinente uma imersão nos dados, que se caracteriza por ouvir, transcrever e ler repetidamente as entrevistas, procurando por padrões e significados, além de anotar ideias iniciais para começar a codificação, baseado no referencial teórico proposto. Por isto, é importante que o pesquisador tenha um grande conhecimento sobre a abordagem teórica escolhida, para que facilite uma profunda imersão. A transcrição das entrevistas leva em consideração os sentimentos, gestos, risos e entonação de voz, não apenas o ato mecânico de transferir para o papel aquilo que foi dito (BOURDIEU, 1999). Isto foi feito por meio da utilização de parênteses indicando estes sentimentos no momento da fala do entrevistado. Durante este processo, foram eliminados todos os vícios de linguagem. Para Flick et al. (2009) o ideal é que o texto das transcrições leve o pesquisador a fluir nas suas ideias para a elaboração de uma boa pesquisa, sem se perder entre textos e dados. Portanto, a leitura contínua do corpo de dados se faz extremamente necessária;
- 2) *Produção de Códigos Iniciais* – responsável por expor as ideias iniciais, além de organizar os dados em grupos significativos, sendo que, primeiramente, os códigos dependem dos dados, mas depois o pesquisador pode aproximar estes dados a questões específicas as quais se deseja que sejam codificadas. É importante nesta fase que se dê atenção a cada item de dado de maneira igual, procurando identificar aspectos os quais podem formar a base de padrões e temas ao longo de toda configuração de dados. Além disto, é importante codificar o máximo de padrões possíveis relacionados ao problema da pesquisa;
- 3) *Construção de Temas* – Classificar os diferentes códigos em potenciais temas, agrupando todos os extratos de dados relevantes dentro dos temas identificados. Analisar e considerar quantos e quais códigos podem combinar para formar um tema abrangente, utilizando tabelas, chaveamentos, mapas, e pensar na relação entre os

códigos, temas e diferentes níveis de temas. Esta fase se encerra após coletar temas candidatos, subtemas, e todos os extratos de dados codificados em relação a eles.

- 4) *Revisão de temas* – Esta fase se caracteriza pelo refinamento dos temas. Fica evidente que alguns temas candidatos não são realmente temas e outros se colidem para formar um único tema. Outros temas, contudo, precisam ser quebrados para formar outros. É importante dividir esta fase em duas subfases: a primeira é revisar os dados codificados a partir dos extratos, ler todos os que foram agrupados em cada tema e considerar quando apareceram para formar um padrão coerente; na segunda fase o processo é similar, mas analisa-se toda a configuração de dados, considerando a validade dos temas individuais em relação à configuração, e quando seu mapa de temas candidatos precisamente reflete os significados evidentes na configuração de dados como um todo. É preciso reler toda a configuração de dados, com dois propósitos: a) saber quais temas realmente se encaixam dentro da configuração de dados; b) codificar todo dado adicional em temas que foram perdidos em estágios anteriores. A necessidade de recodificar a configuração de dados é esperada, já que a codificação é um processo orgânico contínuo. A partir deste momento, se o mapa temático se encaixa perfeitamente com os problemas a serem resolvidos, move-se para a fase cinco. Caso não esteja totalmente de acordo, é pertinente retornar para uma nova revisão e refinamento até se obter um mapa que responda às questões do pesquisador. Neste processo, é possível encontrar novos temas e o processo de codificação destes se reinicia na fase dois. A codificação pode levar a um amplo volume de temas, portanto, é importante saber o momento certo de finalizar este processo e, para isto, é necessário parar quando os temas não acrescentarem nada de substancial ao trabalho.
- 5) *Definição e Denominação de Temas* – Identificar a essência do que o tema se trata, determinar quais aspectos dos dados cada tema captura, além de identificar o que é interessante e a razão. Para cada tema individual, deve-se conduzir e escrever uma análise detalhada, identificando como aquele tema trata do seu problema de pesquisa. Com isto, garante-se que não há sobreposição entre temas. É necessário considerar os temas entre si, e um em relação ao outro, descobrindo também quais temas contém subtemas, necessários para dar estrutura a um tema mais abrangente e complexo. Por fim, dá-se nome aos seus temas, ser conciso e dar sentido ao leitor sobre o que se trata, descrevendo o objetivo e o contexto de cada tema.
- 6) *Produção do Relatório Final* – É importante que a análise proporcione uma história concisa, vívida, coerente, lógica, não repetitiva e interessante dos seus dados, dentro e

entre os temas. Ainda, é importante que exista evidências suficientes dos temas dentro dos dados, que se escolha exemplos que capturem a essência de um ponto que está sendo demonstrado, evitando complexidades, realizando argumentos em relação ao problema da pesquisa.

Faz-se relevante explicitar que os temas não emergem sem razões e realizar a AT envolve um processo recursivo e reflexivo de se mover em frente (e algumas vezes para trás) por meio da familiarização, codificação, desenvolvimento, nomeação de temas ;e relatório final. A análise é produzida pela intersecção das proposições teóricas, conhecimento disciplinar, habilidades de pesquisa, experiência e o próprio conteúdo presente nos dados propriamente ditos. A análise é um processo ativo, sendo que estes passos não devem ser seguidos de maneira repetitiva e robótica, sem pensamento e deliberação, sem escolhas conscientes, ações e pensamentos (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016).

Neste estudo, o processo de análise do presente estudo utilizou para a identificação e organização dos dados o programa *Microsoft Excel 2016®*, de modo que a definição e revisão dos temas foi realizada manualmente, com o auxílio da ferramenta de filtro disponível no programa.

Após seguir com consistência e coesão todos os passos abordados na seção acima, foi possível sintetizar a discussão em um único grande tema denominado de Desenvolvimento da Carreira Esportiva (figura 19).

Figura 19. Mapa temático final.

Fonte: Souza (2020).

É possível perceber, na parte de cima da figura 17, que existiu um único grande tema que norteou toda a discussão: O Desenvolvimento da Carreira Esportiva. Diante da complexidade e da existência de diversos fatores que foram determinantes para que os participantes deste estudo atingissem e se mantivessem no nível de elite, observa-se abaixo deste grande tema que a discussão foi dividida em quatro outros temas, que descreveram de maneira profunda o que ocorreu em cada estágio da participação esportiva destes atletas, considerando os discursos dos mesmos e, principalmente, o referencial teórico escolhido: o Tema 1 destacou as experiências sociais vivenciadas pelos participantes referentes aos anos de experimentação; o Tema 2 destacou os anos de especialização; o Tema 3 destacou os anos de investimento; o Tema 4 destacou os anos de manutenção da elite.

É importante ressaltar que em cada um destes temas foram abordados todos os aspectos que influenciaram de maneira positiva e negativa toda a carreira esportiva dos participantes, que foram denominados como subtemas, como é possível notar nas laterais da figura 17. Portanto, na parte da direita fica nítido que todas as transições normativas e não normativas, suas respectivas demandas, recursos e barreiras foram detalhadas durante as seções de resultado e discussão do presente estudo. Ainda, de acordo com a parte esquerda, foram englobados assuntos relevantes quanto ao engajamento pessoal, à qualidade das relações entre os participantes e seus respectivos pais, parceiros e treinadores, o desenvolvimento de valores

pessoais dentro e fora do contexto esportivo, as diferentes estruturas institucionais e os cenários apropriados para o desenvolvimento esportivo.

6. RESULTADOS

Depois de realizar o mapa temático foi possível desenhar os estágios de desenvolvimento da participação esportiva de cada participante do estudo (figura 20) relacionados às transições normativas relatadas pelos atletas, utilizando o referencial do DMSP proposto por Côté, Baker e Abernethy (2007) no que se refere aos anos de experimentação, especialização e investimento, o de Durand-Bush e Salmela (2003) nos anos de manutenção da elite e o de Stambulova et al. (1994) sobre momento referente ao encerramento da carreira esportiva dos atletas para a figura.

Figura 20. Os estágios de desenvolvimento da carreira esportiva dos participantes

* O participante G6 especializou precocemente no futsal (dos 10 aos 13 anos) e simultaneamente no futebol de campo (dos 12 aos 13).

Fonte: Souza (2020).

O G1 vivenciou os anos de experimentação de maneira prolongada, participando do futebol de salão e do basquetebol até os 13 anos. Nesta idade, inseriu-se em um clube federado de futebol de salão, onde iniciou os anos de especialização e permaneceu até os 15 anos. Neste período, recebeu um convite para ser avaliado e integrado ao elenco do futebol de campo deste mesmo clube. Após três avaliações, iniciou os anos de investimento já nesta modalidade esportiva. Este período se alongou até os 22 anos de idade, quando foi convocado a primeira vez para um grande evento esportivo com a seleção brasileira. A partir deste momento, o participante transitou e permaneceu nos anos de manutenção até os 31 anos, quando encerrou sua carreira esportiva. É importante mencionar que a carreira esportiva de G1 foi mais curta em relação aos outros seis participantes.

O G2 vivenciou os anos de experimentação de maneira prolongada até os 14 anos de idade, envolvendo-se em diversas modalidades esportivas, como o atletismo, o futebol de salão, o basquetebol, o voleibol e o handebol. Nesta idade, recebeu um convite para uma avaliação em um clube de expressão estadual. Após ser aprovado, transitou diretamente para os anos de investimento e permaneceu no clube até o final do ano, mas decidiu abandonar o esporte devido à rotina exaustiva provocada pelas viagens diárias de sua cidade natal para a cidade onde o clube se localizava. Aos 15 anos, o clube decidiu integra-lo ao alojamento junto com os demais atletas e, por essa facilidade, retornou para os anos de investimento, que perduraram até os 20 anos de idade, quando foi convocado para um grande evento com a seleção brasileira e iniciou os anos de manutenção. O participante teve uma longa carreira, encerrando apenas aos 38 anos de idade.

O G3 vivenciou os anos de experimentação de maneira prolongada até os 15 anos de idade, envolvendo-se com o voleibol, atletismo e o futebol de salão. Aos 15, recebeu um convite para ser avaliado em um clube de expressão estadual. Após ser aprovado, transitou diretamente para os anos de investimento, que perduraram até os 18 anos, período em que foi excluído do seu clube formador. Após alguns meses de tentativas, retornou para os anos de investimento em um clube de expressão nacional. O participante apenas foi convocado para um grande evento com a seleção brasileira aos 28 anos de idade, sendo o mais tardio a transitar para os anos de manutenção da elite esportiva. A carreira esportiva do participante também foi duradoura e teve seu encerramento aos 37 anos de idade.

O G4 vivenciou os anos de experimentação de maneira prolongada até os 15 anos de idade, período em que decidiu iniciar os anos de especialização no voleibol pelo time do seu colégio. Aos 18 anos, teve a oportunidade de fazer uma avaliação em um clube de futebol de expressão nacional como goleiro. Após ser aprovado, iniciou os anos de investimento, que

perdurou até os 22 anos, sendo o participante que transitou mais rápido dos anos de investimento para os anos de manutenção, pois com essa idade já foi convocado para um grande evento com a seleção brasileira. A carreira esportiva de G4 também foi duradoura, encerrando aos 38 anos de idade.

O G5 vivenciou os anos de experimentação de maneira prolongada até os 14 anos de idade. Por já estar inserido em uma escolinha de futebol e ter conquistado destaque em uma competição, recebeu o convite para fazer uma avaliação em um clube de expressão nacional. Após ser aprovado, iniciou os anos de investimento, que perduraram até os 25 anos de idade, período em que foi convocado para um grande evento com a seleção brasileira, transitando para os anos de manutenção. A carreira do participante se encerrou aos 36 anos de idade.

O G6 foi o participante que menos vivenciou os anos de experimentação, que se encerraram aos 10 anos de idade. Neste período, transitou para a especialização esportiva precoce no futsal e, dos 12 aos 13 anos vivenciou uma especialização precoce dupla, já que simultaneamente ao futsal iniciou os treinamentos sistematizados e participações constantes no futebol de campo. Aos 14 anos, decidiu permanecer apenas no futebol de campo, devido à rotina exaustiva de treinamentos em ambas modalidades esportivas. Portanto, pode-se considerar que nessa idade existiu uma transição da EEP para os anos de investimento, que perduraram até os 24 anos de idade, quando foi convocado para um grande evento esportivo com a seleção brasileira e transitou para os anos de manutenção. O participante permaneceu na elite esportiva até os 39 anos, quando se aposentou.

O G7 vivenciou os anos de experimentação de maneira prolongada até os 15 anos de idade. Neste período, iniciou os anos de especialização, apenas pelo período de um ano, em uma escola oficial de futebol de um clube de expressão estadual. Aos 16, foi convidado para compor o elenco das categorias de base deste mesmo clube, transitando para os anos de investimento. Este período perdurou até os 25 anos, idade em que foi convocado para um grande evento com a seleção brasileira e transitou para os anos de manutenção da elite esportiva. Vale ressaltar que este participante permanece ativo na elite do futebol.

Além das transições normativas, vale destacar os principais processos não normativos que ocorreram nos anos de investimento e nos anos de manutenção da elite esportiva dos participantes. Os referenciais de Stambulova (1994, 2003) e Ryba et al. (2016) foram essenciais para a construção da ilustração abaixo (figura 21).

Figura 21. As transições não normativas dos participantes do estudo.

Fonte: Souza, 2020.

Houve uma variação individual no que se refere à idade em que os participantes assinaram o primeiro contrato profissional e a idade em que foram convocados para um grande evento esportivo com a seleção brasileira.

O G1 profissionalizou-se apenas aos 23 anos, após disputar os Jogos Olímpicos com a Seleção Brasileira aos 22 anos, em um período que os atletas que disputavam esta competição não poderiam ser profissionais. Aos 24 anos, após uma crise na transição para a categoria profissional, transferiu-se para um novo clube, em que permaneceu por três anos. Dos 27 aos 30 anos existiram mais três mudanças de clubes em sua carreira, antes de se aposentar aos 31 anos de idade.

Com relação à G2, participou dos Jogos Olímpicos com a seleção brasileira aos 20 anos, profissionalizando-se após esta competição, aos 21 anos de idade. Nesta mesma idade já começou a integrar a categoria profissional da seleção nacional, permanecendo por um longo período no mesmo clube, disputando dois grandes eventos esportivos até os 26 anos de idade.

Aos 27 anos transferiu-se para um outro clube, em que participou de outro grande evento com a seleção e permaneceu até os 31 anos. Nesta idade existiu uma transição cultural, em que o participante migrou para o continente europeu. Após três anos neste clube, retornou para o Brasil, sendo convocado novamente para seu último grande evento esportivo com a seleção brasileira. Dos 34 aos 38 anos de idade passou por diversas transferências de clubes até se aposentar.

O G3 aos 19 anos foi emprestado para outro clube, em que assinou seu primeiro contrato profissional. Após retornar de empréstimo, permaneceu por mais quatro anos no mesmo clube, antes de se lesionar aos 22 anos de idade. Devido à lesão, perdeu sua titularidade e para não estagnar em sua carreira esportiva precisou se transferir para outro clube. Neste, obteve destaque até ser convocado para dois grandes eventos esportivos com a seleção brasileira, aos 27 e 28 anos respectivamente. Dos 30 aos 35 anos de idade mudou diversas vezes de clubes até se aposentar aos 36.

O G4 profissionalizou-se aos 19 anos e logo obteve destaque no cenário nacional. Aos 23 anos participou dos Jogos Olímpicos e, nos dois anos seguintes, integrou a seleção brasileira profissional em dois grandes eventos esportivos no decorrer de sua carreira. Aos 25 anos existiu uma transição cultural para o continente europeu, que permaneceu por três anos até passar por um momento crítico em seu clube, mas ainda foi convocado para outra competição com a seleção. Após superar essa crise, transferindo-se para outro clube europeu, foi convocado para outra competição com a seleção. Posteriormente, retornou ao Brasil, permanecendo por três anos e participando novamente de outra competição com a seleção. Depois deste período, retornou ao continente europeu, onde encerrou sua carreira esportiva após consolidar-se em um clube.

O G5 profissionalizou-se aos 20 anos e, após obter grande destaque em seu clube por diversos anos, foi convocado para seu primeiro grande evento esportivo com a seleção brasileira aos 25 anos de idade, permanecendo constantemente nas convocações até os 31 anos. A partir dos 30 anos, existiram diversas transferências para outros clubes. Aos 35 anos, migrou para o continente europeu, mas após encontrar dificuldades na transição cultural, retornou para o país e encerrou sua carreira esportiva.

O G6 se profissionalizou aos 17 anos. Após obter destaque em competições com seu clube em anos consecutivos, foi convocado para o seu primeiro grande evento esportivo com a seleção brasileira aos 24 anos. Nesta mesma idade, migrou-se com sucesso para o continente europeu, onde permaneceu por sete anos e continuou integrado à seleção brasileira para diversos grandes eventos esportivos. Após essa grande permanência, transferiu-se para diversos clubes

do exterior, retornando para a seleção brasileira em mais dois grandes eventos esportivos. Aos 38 anos de idade, decidiu retornar ao Brasil, onde encerrou sua carreira.

O G7 profissionalizou-se aos 16 anos. Aos 19 anos foi transferido para outro clube, em que permaneceu alguns anos. Após obter destaque, migrou com sucesso para o continente europeu aos 24 anos e, um ano depois, participou de um grande evento esportivo com a seleção brasileira. Transferiu-se para outro clube europeu, onde também obteve destaque e, após um período, retornou à seleção brasileira para outro grande evento esportivo aos 30 anos. Aos 33 anos, retornou ao Brasil, onde permanece na elite até os dias atuais.

É interessante mencionar que o grupo *Goleiros da Era da Globalização* apresenta uma relação muito mais íntima com o profissionalismo, visto que a idade de profissionalização destes participantes ocorre anteriormente em comparação aos outros dois grupos.

Apesar das diferenças individuais, percebe-se que a transferência para outros clubes foi um importante fator para que os participantes se mantivessem na elite do esporte.

A transição cultural também pode ser considerada um fator determinante para a carreira esportiva dos participantes, já que ela ocorreu em cinco dos sete participantes deste estudo.

Ainda, observa-se que todos os participantes foram convocados para um grande evento com a seleção brasileira antes de completarem 30 anos de idade.

É importante ressaltar que todos os marcos importantes abordados nas figuras 20 e 21 serão aprofundados na discussão.

7. DISCUSSÃO

Este capítulo foi dividido em quatro grandes momentos, referentes a cada estágio da participação esportiva dos participantes do estudo: os anos de experimentação; os anos de especialização; os anos de investimento; os anos de manutenção da elite. É importante mencionar que os três grupos de participantes tiveram, inicialmente, a discussão separada em seções em cada um destes momentos citados acima. Ao final de cada momento, houve uma seção de síntese dos fatores que se apresentaram de maneira semelhantes e diferentes em cada geração, ou seja, uma breve discussão que integrou as vivências dos três grupos de goleiros.

7.1. OS ANOS DE EXPERIMENTAÇÃO DOS TRÊS GRUPOS DE GOLEIROS

Os primeiros anos de envolvimento de todos os participantes no ambiente esportivo basearam-se em jogos e brincadeiras relacionados principalmente com o futebol de rua, em campos de várzea, clubes ou na escola, praticados de maneira informal com os amigos e familiares, com o objetivo principal o lazer e divertimento, além de uma diversificação inicial de modalidades esportivas e/ou contextos de prática, mas foram diferentes em relação ao tempo dispendido e a maneira como essas vivências eram percebidas pelos participantes. A discussão foi separada por três grupos: os discursos de G1 e G2 representam o grupo *Autodidatas*; os de G3, G4 e G5 representam o grupo *Pioneiros no Treinamento Específico*; os de G6 e G7 representam o grupo *Goleiros da Era da Globalização*. Ao final desta seção foi apresentada uma breve discussão que abrange similaridades e diferenças deste processo entre os diferentes grupos de participantes.

7.1.1. BRINCAR DE FUTEBOL: O JOGO DELIBERADO VIVENCIADO PELO GRUPO AUTODIDATAS

O grupo *Autodidatas* (G1 e G2) enfatizou explicitamente a grande disponibilidade de espaços, a segurança existente na época para poder brincar de futebol e o desenvolvimento da criatividade para adaptar as atividades de acordo com os recursos disponíveis. De acordo com G1, a bola adaptada para o jogo era revestida de jornais antigos embrulhados em uma meia feminina, sendo as metas delimitadas por dois pares de chinelos. Ainda, revela a importância desta grande quantidade de tempo dispendida nas brincadeiras. Similarmente, G2 revela que os

jogos adaptados do futebol estavam inseridos em seu cotidiano e, pelas condições existentes, as traves eram feitas com tijolos ou até mesmo com diferentes árvores.

Brincava de tudo, aquela peladinha na rua, que a gente fazia de bola de meia de mulher, colocava jornal dentro, colocava as sandálias ‘havaianas’. Era coisa de quem não tinha condição financeira. Minha infância foi de muita brincadeira, porque isso acaba desenvolvendo sua parte motriz, sua agilidade, e era legal, saía de casa 7 da manhã e voltava 19 horas, todo sujo para tomar banho, mas a gente tinha espaço, segurança para isso (G1).

Todos os dias frequentava aula pela manhã e à tarde ficava brincando de futebol. Até fissurado, gostava mesmo de fazer. Toda criança fazia aquilo na época! Brincava na rua mesmo, jogava bola no chão de paralelepípedo, colocava dois tijolos, sandália... fazia o campinho, arrumava ali, a grama era a que tinha, ninguém plantava a grama. A gente fazia a trave de bambu, de eucalipto, de tijolo, mas quando podia fazer com eucalipto ou bambu era legal, porque tinha a trave completinha, só não tinha a rede (G2).

Em geral, os relatos supracitados revelam que o futebol praticado ludicamente nas ruas e em campos de várzea foi um fator influente para se motivarem e, conseqüentemente se envolverem nesta modalidade esportiva. Os participantes demonstraram que o envolvimento nessas atividades era extremamente prazeroso. Portanto, é correto afirmar que os discursos corroboram Côté (1999) no que concerne à inserção por parte dos participantes em uma grande quantidade de jogo deliberado nos primeiros anos de envolvimento com o ambiente esportivo. Essa correspondência pode ser feita explicitamente pelas menções de G1 e G2 quanto à grande quantidade de tempo inseridos no jogo deliberado, além da diversão inerente a este tipo de atividade.

A informalidade presente no jogo deliberado também pôde ser verificada no discurso do grupo autodidatas no que se refere à possibilidade de acontecer com poucos recursos materiais, em qualquer espaço, sem um número previamente definido de participantes, com flexibilidade, criatividade de regras e ações, como também descreve Côté (1999). Esta imprevisibilidade existente no futebol de rua e em campos de várzea possibilita uma melhor capacidade de solucionar problemas, permite que a criança se envolva em diferentes ambientes afetivos, sociais, cognitivos, físicos e, deste modo, proporciona o desenvolvimento do participante em diversos aspectos, como cognitivo, social, motor, habilidade de autocontrole e a adaptação emocional que podem ser investidas positivamente na modalidade esportiva principal no futuro. De acordo com o que foi exposto, é importante mencionar que a segurança existente em espaços livres em sua infância, durante a década de 1960, foi fundamental para G1 se envolver neste tipo de atividade. Este relato permite uma associação com o DMSP,

quanto à necessidade de espaços seguros para poder praticar o jogo deliberado (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORTH, 2009) e o PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014) no que se refere à existência de configurações apropriadas para o desenvolvimento. É possível correlacionar essas vivências com a literatura acima, pois durante a infância do participante, existiam mais espaços livres e seguros do que na atualidade, o que pode ter sido um facilitador para a realização dessas atividades.

De acordo com Scaglia et al. (2013) a iniciação em um esporte pode se pautar nas diversas brincadeiras de bola com os pés, sendo considerada a base da diversificação esportiva. Essas brincadeiras são responsáveis para que o jogador se entregue ao jogo, mobilizando as habilidades disponíveis e construindo novas habilidades para que seja possível jogar cada vez melhor, o que corrobora a literatura do parágrafo anterior e o discurso de G1.

É possível observar que existem muitas semelhanças entre as características das atividades praticadas pelos participantes e a modalidade esportiva principal, o futebol. O próximo discurso referente à carreira esportiva de G2 revela explicitamente esta ludicidade, imprevisibilidade, flexibilidade de regras e número de participantes no que se refere aos jogos e brincadeiras citados anteriormente. Ainda, observa-se a aprendizagem de movimentos específicos ao goleiro de futebol de maneira espontânea por meio deste tipo de atividade.

A gente ficava brincando ali, de chutar bola, colocar no canto, no ângulo, ficava no gol, ia para o campinho, ficava saltando, fazendo defesas, imaginando, jogando como goleiro, chutando. Aquelas brincadeiras de criança que naquele período a gente tinha condição de fazer. Era diferente, nada de coisa formal, nada de você ir em escolinha formal para aprender. Era você ver o jogo, começar a se imaginar fazendo, tentando reproduzir no campo, na brincadeira [...] E eu ficava tentando imitar: chutando, meu amigo chutava para eu ficar pulando, e assim vai ocorrendo não um aperfeiçoamento, mas você vai se adaptando àquilo, você vai encontrando uma forma de ficar saltando, caindo, para não se machucar. O objetivo ali era você defender a bola, o chute. Não estava preocupado com o jogo em si, porque a gente fazia jogo um contra um, dois contra dois, brincava bastante disso, então foi um aprendizado natural, espontâneo (G2).

O relato de G2 reforça a importância do futebol praticado nos campos de várzea nos primeiros anos da infância, em que não existia uma preocupação com a melhora de rendimento, apenas com a própria atividade que estavam inseridos. Frente ao exposto, ressalta-se completamente a definição de jogo deliberado expressada por Côté (1999) e posteriormente por Côté, Baker e Abernethy (2007). Essa correspondência pode ser feita na medida em que os próprios participantes relatam diversas variações dessas brincadeiras relacionadas ao futebol: de acordo com G1 em discursos anteriores, quanto a colocar sandálias para simular as metas e

construir uma bola com jornais e vestimentas femininas; quanto à G2, em situações de enfrentamento, de distintas finalizações e quedas de goleiro, porém não de uma maneira oficial, mas ressignificada, adaptadas aos recursos ambientais e do próprio nível de habilidade dos praticantes, ao confirmar que o objetivo principal era encontrar uma maneira de cair e não se machucar, mas não existia a preocupação com um gesto técnico perfeito, produzindo um ambiente de aprendizagem natural, que está relacionado com a aprendizagem implícita que ocorre pelo jogo deliberado.

Atesta-se que todos os discursos até então supracitados apresentam forte congruência com o quarto e quinto postulados propostos por Côté, Lidor e Hackfort (2009, p. 11-14): o quarto postulado revela que:

Altas quantidades de jogo deliberado nos anos de experimentação constroem uma base sólida de motivação intrínseca.

É possível comprovar que G1 e G2 estavam inseridos nestas atividades pelo prazer inerente ao jogo e sentiam-se motivados em estarem presentes. Portanto, dispenderam grande parte do seu tempo livre e aumentaram sua motivação para continuarem neste ambiente, desenvolvendo uma identidade saudável desde os primeiros anos da infância.

O quinto postulado proposto por Côté, Lidor e Hackfort (2009, p. 11-14) revela que:

Altas quantidades de jogo deliberado nos anos de experimentação desenvolvem habilidades motoras e cognitivas que permitem ao participante transferi-las futuramente para a modalidade esportiva principal.

Ambos exploraram capacidades físicas em diferentes contextos envolvendo o futebol e com um mínimo custo em termos de recursos. A ressignificação das regras oficiais do futebol pelas crianças é responsável por aumentar a imprevisibilidade do jogo e auxiliar um maior desenvolvimento de habilidades fundamentais em fases posteriores pela aprendizagem implícita, isto é, pelo desenvolvimento de habilidades motoras oriundas da repetição e automatização de gestos técnicos relacionados ao jogo (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Ainda, o relato de G2 permite uma associação com o estudo de Scaglia (2003), em que é possível encontrar semelhanças entre as brincadeiras com a bola nos pés e a organização do próprio esporte. É possível observar que o próprio participante retrata uma evolução advinda do envolvimento com uma variação de jogos de um contra um, dois contra dois. Neste sentido,

pode-se perceber uma semelhança entre essas brincadeiras e as situações que ocorrem no próprio esporte organizado.

O próximo discurso de G1 dá continuidade à importância dos postulados acima e critica a ausência destes espaços livres na atualidade para que as crianças tenham a oportunidade de vivenciar e se desenvolver neste tipo de atividade.

Jogava na rua, contra outro bairro. Hoje você não vê mais isso, a criança brincando, porque no brincar que você aprende. Infelizmente a criança hoje tem que ficar dentro de casa, não tem mais espaço para sair, tem que ficar atrás de um computador, telefone celular, e não acho isso legal, você tem que ir para um clube, ser sócio, fazer parte de uma escolinha, para depois alguém te dar uma oportunidade (G1)

Diante dos dados, sabe-se que o brincar de futebol é uma forma de jogo deliberado, o que é extremamente relevante para o desenvolvimento de uma criança em diversos aspectos e, ainda, faz-se pertinente que o ambiente para este tipo de atividade seja seguro (CÔTÉ et al., 2006; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Entretanto, o que se pode observar no discurso acima é que as crianças atualmente não se envolvem com a mesma frequência neste tipo de atividade. Portanto, a diversificação de vivências encontra-se limitada por dois aspectos: em primeiro lugar devido à ausência de espaços livres e seguros; em segundo lugar pela condição econômica e social do indivíduo, já que para estar inserido em uma escolinha de futebol e/ou clube é necessário que exista um investimento monetário mensal, o que pode excluir diversas famílias de classe baixa neste processo (CÔTÉ et al., 2006). Novamente, o PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014) sustenta a afirmação acima, pois a existência de configurações apropriadas que permitem a realização de práticas esportivas em espaços livres e seguros estão diretamente relacionadas com um melhor desenvolvimento da criança e do adolescente.

É pertinente atentar-se para este discurso de G1, pois o futebol é considerado um esporte popular no Brasil (THIENGO; HUNGER, 2014) e a diminuição destes espaços livres que possibilitam o jogo deliberado pode desencadear um menor envolvimento neste tipo de atividade, o que pode ser responsável por limitar o desenvolvimento da criança em diversos aspectos importantes (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009).

Neste sentido e de acordo com o discurso de G1, Scaglia, Fabiani e Godoy (2020) descrevem que as crianças da atualidade são menos ativas e menos criativas no que se refere à expressão corporal. O avanço tecnológico e as mudanças de hábitos sociais ocasionadas pela globalização foram responsáveis por ressignificar estes jogos e brincadeiras.

Além dos espaços livres que proporcionam este envolvimento no jogo deliberado, os participantes tiveram uma diversificação inicial de modalidades esportivas e também de contextos de prática dentro de um único esporte, que se deu em um primeiro momento pela educação física escolar com a inserção em distintos esportes. Ainda, mencionaram a importância delas para o desenvolvimento de diferentes habilidades.

Eu jogava vôlei, basquete, futebol de salão! Na minha escola nós tínhamos uma cesta no pátio, então na hora do intervalo nós jogávamos aquelas duplinhas, que era moda, e aquilo ali virava uma competição feroz. No intervalo estávamos fazendo atividade física, voltávamos todo suados e ali virava uma competição, de uma forma inconsciente até, a ganhar do outro, ter raça, ganhar na bola. Nosso professor de Educação Física fez um time de salão e um time de basquete e, logicamente, eles ganhavam da gente no basquete e a gente ganhava deles no futebol de salão. Então a escola foi fundamental para mim não só na minha formação, mas também em ter me estimulado para o esporte. Hoje eu fico olhando nas escolas, não tem nem educação física, como pode? Então o menino hoje não tem espaço, a menina, para se tornar uma atleta (G1).

A gente fazia aula de Educação Física e nas aulas tinha atletismo, corrida, e eu gostava muito de praticar salto em altura. Ficava saltando, e tinha alguma coisa a ver até com o que ficava saltando no gol. A técnica do salto em altura era muito diferente do que é hoje. Mas era uma coisa próxima, você saltar, cair fazendo rolamento. Então aquilo parece que me conduzia a algo. Eu tive aula de basquete, de vôlei. Eu participei de competição interescolar competindo em salto em altura. Eu ganhava na minha idade, na minha faixa etária eu bati o recorde. Eu gostava, fazia com prazer tudo aquilo ali! Eu jogava na seleção de basquete do colégio. Foram experiências ricas que eu tive em relação a isso (G2).

Os discursos acima aludem à importância da diversificação de vivências que precedeu o processo de especialização ou investimento, corroborando principalmente os estudos de Côté, Baker e Abernethy (2007) e o de Côté e Erickson (2014). Para os autores de ambos estudos, essa diversidade proporciona um desenvolvimento de uma identidade saudável e também é primordial para que os indivíduos conheçam suas próprias habilidades e preferências esportivas. Os relatos de G1 e G2 revelam a experimentação já conectada às modalidades esportivas que abarcavam habilidades manuais e/ou saltos para a execução de gestos técnicos específicos, reforçando o quarto e quinto postulado de Côté, Lidor e Hackfort (2009) já supracitados, no que se refere ao alicerce de motivação desenvolvido nessa fase, que foi expressado por G1 quanto às vivências diversificadas da educação física terem funcionado como essa base, e à possibilidade de existir transferência de habilidades das atividades praticadas nos anos de experimentação para o esporte principal em fases posteriores e, no caso,

a função principal de goleiro, que é expressada por G2, que percebia semelhanças entre o gesto técnico do salto em altura do atletismo com o movimento de queda do goleiro de futebol.

Ainda, é possível observar congruência entre os discursos e os dois primeiros postulados de Côté, Lidor e Hackfort (2009, p. 11-14) que descrevem que:

A diversificação de experiências esportivas não impossibilita atingir o alto rendimento em modalidades esportivas em que o pico de rendimento ocorre após a maturação.

A diversificação de experiências esportivas está relacionada a carreiras mais longas e tem implicações positivas no envolvimento esportivo em longo prazo.

Diversos outros estudos na literatura corroboram o alto rendimento como sucessor aos anos de experimentação (SOBERLAK; CÔTÉ, 2003; BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003b) ao revelar a comparência de uma correlação positiva entre a diversificação inicial e atletas que atingiram a elite esportiva. Este estudo encontrou congruência com estes achados, já que os participantes lograram a elite por terem atuado na seleção brasileira.

Côté e Erickson (2014) descrevem que a diversificação de vivências permite a criança explorar diferentes esportes e grupos de pessoas, aumenta o seu repertório motor e outras capacidades que auxiliam no desenvolvimento positivo na juventude (PYD). Os discursos de G1 e G2 expõem a melhora da coordenação motora e a importância de estarem engajados em outros esportes para o desenvolvimento motor, cognitivo e social.

Quanto ao segundo postulado de Côté, Lidor e Hackfort (2009), sabe-se que ambos atletas tiveram um desenvolvimento em longo prazo e é possível correlacionar as carreiras dos atletas G1 e G2 com as consequências positivas oriundas dessa diversificação de vivências. Quanto à durabilidade da carreira, é necessário fazer uma ressalva. Apesar de G1 e G2 apresentarem um envolvimento com o esporte por pelo menos 15 anos, a carreira do primeiro foi mais curta em relação ao segundo e também em relação aos demais participantes do estudo. Porém, na época em que G1 atuava como profissional, as estruturas institucionais e as condições para o treinamento e desenvolvimento do rendimento eram inferiores comparadas às da atualidade, o que pode justificar a menor durabilidade da carreira esportiva.

Para reforçar o ambiente escolar como um fator importante para a diversificação de vivências, é pertinente observar a crítica existente no discurso de G1 que discorre sobre a diminuição do envolvimento das crianças na educação física escolar na atualidade. De acordo com o que foi mencionado pelos participantes, a escola proporcionou a iniciação esportiva em

diversos esportes e, principalmente, foi responsável por desenvolver habilidades fundamentais nos indivíduos e transferi-las para o esporte principal futuramente (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Deste modo, a desvalorização da educação física escolar torna-se mais um fator negativo associado à ausência de espaços livres e seguros para a diversificação e para o jogo deliberado, como já citado anteriormente.

De acordo com Scaglia, Reverdito e Galatti (2014) o ensino do esporte na escola deve possibilitar condições favoráveis para que o ato de jogar seja sentido e produza significado para o praticante e, por meio do jogo, o esporte como uma ferramenta de educação deve ultrapassar os limites da quadra e da escola, estando integrado com valores da sociedade, proporcionando ao praticante construir diversos conhecimentos. Deste modo, a crítica de G1 é pertinente, pois ao reduzir este momento, compromete-se também o desenvolvimento de diversas habilidades importantes para a vida das crianças e adolescentes.

Quanto à diversificação de vivências por meio da experimentação de diversas funções táticas dentro do próprio futebol, os discursos abaixo revelam que G2 teve vivência em outra função antes de se tornar goleiro. Já o participante G1, por ser uma criança considerada acima do peso e não ter habilidade com os pés, já iniciou no futebol de salão atuando como goleiro.

Meu pai tinha já dois filhos que jogavam futebol muito bem, e eu sou o caçula dessa família, e tinha um torneio no clube que ficava perto da nossa casa. Ele usava meus irmãos e completava com os demais jogadores e foram campeões várias vezes. Mas eu não tinha muita qualidade, eu era realmente só para constar. Depois ele fundou um clube chamado e para fazer minha inclusão, ele me colocou como goleiro. Eu era meio gordinho, não tinha habilidade alguma com os pés (G1)

Quando tinha jogos do campeonato da várzea, eu estava lá sempre assistindo, e este senhor criou o dente de leite nesse clube aí. Comecei a participar, mas nada de jogar no gol, eu jogava na linha, no ataque, na defesa, eu ia experimentando. Todo sábado a gente ia brincar nessa condição. Aí ele marcou de fazer um primeiro jogo, uma situação mais formal, contra uma equipe da cidade de Itatiba. Vai montar a equipe, quem vai jogar no gol? Ninguém quer jogar no gol, ninguém gosta. O goleiro era o que tinha menos qualidade na linha. Você é ruim na linha, vai para o gol. Mas eu gostava de jogar no gol, e na linha eu não tinha mesmo tanta qualidade. Gostava de jogar de zagueiro, mas também não gostava de cabecear a bola. Pega a bola cheia, dura, você vai cabecear, dói a cabeça. Mas eu gosto de defender, então se ninguém quer ser goleiro, deixa que eu vou para o gol (G2).

De acordo com Côté e Ericsson (2014), a diversificação não está relacionada apenas à quantidade de modalidades esportivas e atividades praticadas durante os anos de experimentação, sendo possível existir diferentes vivências dentro de um mesmo esporte, como

observou-se nos discursos de G2 em que o participante experimentou outras funções táticas antes de se envolver como goleiro de futebol e, nos discursos de G1, quanto à prática ter ocorrido na escola, em clubes, na rua. Côté e Erickson (2014) afirmam que o envolvimento em diferentes contextos dentro de uma mesma modalidade esportiva também proporciona o desenvolvimento de diferentes habilidades motoras, cognitivas, sociais, psicológicas e emocionais.

É possível também mencionar a relação entre os discursos citados acima com o terceiro postulado proposto por Côté, Lidor e Hackfort (2009, p. 11-15) que descrevem que:

A diversificação de experiências esportivas permite que o participante vivencie contextos mais favoráveis para o desenvolvimento esportivo na juventude (PYD).

No que se refere às implicações positivas no envolvimento esportivo em longo prazo nos postulados dois e três, nestes e em discursos anteriores de G1 e G2 já foi possível afirmar que o envolvimento em outras modalidades esportivas e/ou funções táticas dentro do futebol foram essenciais para o desenvolvimento de diferentes habilidades nos atletas e estas auxiliaram para que atingissem a elite esportiva. Para sustentar essa afirmação, diversos estudos no contexto brasileiro com atletas de diferentes gêneros e esportes, como o jiu-jitsu (VICENTINI; MARQUES, 2018), o basquetebol (GALATTI et al., 2019), o futsal (MASCARIN et al., 2019) e voleibol (MARQUES et al., 2014) destacam a importância da diversificação de modalidades esportivas nos primeiros anos da infância e adolescência para atingir o nível de elite.

No que concerne à prática deliberada nos anos de experimentação, os discursos acima, mesmo que implicitamente, mostraram que os participantes tiveram esse contato, especialmente quanto aos clubes em que G1 e G2 treinavam e iniciaram em competições. Este tipo de atividade se faz importante não apenas para melhorar o rendimento, mas desenvolver capacidades motoras fundamentais e específicas às modalidades esportivas (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Entretanto, é possível perceber que para G1 poder estar inserido no clube de futebol de salão do seu pai, era necessário que ele atuasse como goleiro, pois não tinha um nível de habilidades suficientes para poder jogar em outra função. Observa-se uma cultura associada ao nível de rendimento imediato, mesmo em um clube e ambiente familiar e informal. Ou seja, ganhar campeonatos e obter um destaque pelo nível de habilidades parece ser um fator importante mesmo nos anos de experimentação, o que contradiz alguns aspectos propostos pelo DMSP quanto a esse estágio.

Ainda no relato de G1 é possível observar que o mesmo não tinha um bom nível de rendimento e, por isto, seu engajamento no futebol de salão só foi possível por dois fatores: primeiramente por ser colocado em uma função que era marginalizada na época (década de 1960), corroborando Wilson (2012) e Thiengo e Hunger (2014) quanto à desvalorização do goleiro no cenário nacional; em segundo, pelo fato do pai ser dono do clube e facilitar sua inserção.

Quanto ao último aspecto, pode ser feita uma associação com a importância de o pai ser um líder esportivo nos primeiros anos da infância, incentivando o filho a se inserir e permanecer no esporte (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). Porém, é importante enfatizar que a situação econômica da família de G1 também se apresentou como um fator influente para que ele tivesse oportunidade de praticar o futebol de salão, o que permite uma associação com o estudo de Stambulova et al. (2009) no que se refere à fatores socioculturais e econômicos influenciarem o envolvimento de um indivíduo com o esporte.

Apesar de G2 ter experimentado diferentes funções, optou por ser goleiro, também pelo fato de não ter um bom desempenho com os pés, por não gostar de cabecear a bola e por não existir concorrência para ser goleiro em sua época. Novamente, mesmo que essa iniciação à prática deliberada tenha ocorrido em padrões mais simples e de maneira gradativa, já se percebe a necessidade de se obter destaque e um bom nível de habilidades desenvolvidas para poder pertencer ao grupo e as atividades, o que contradiz o que foi descrito por Côté, Baker e Abernethy (2007).

Entretanto, no contexto brasileiro, Scaglia (2005) destacou que apesar dos jogos e brincadeiras terem como objetivo o prazer imediato e a liberdade de expressão, existe uma preocupação com a manutenção de uma competição justa e também com o desempenho, mas estas estão mais vinculadas com as autossuperações do que com as recompensas, o que não está em total congruência com a definição de jogo deliberado proposta por Côté (1999).

Essas afirmações corroboram também o estudo de Thiengo e Hunger (2014) quando os autores descrevem que até o final da década de 1980 os goleiros eram ridicularizados no cenário nacional, por representarem o jogador com menor desempenho em relação as demais funções.

Nos discursos abaixo nota-se que o participante G2 foi o único a praticar um treinamento específico de goleiros no futebol de campo durante os anos de experimentação. Apesar de ter iniciado no clube de sua cidade natal na categoria sub-11 em outra função, por ter habilidades para jogar como goleiro e existirem poucas crianças com a motivação para jogar nesta função devido à desvalorização na época em que G2 se desenvolveu, foi o único a voluntariar-se para ser goleiro durante dois amistosos e, pelo destaque, iniciou sua carreira como goleiro. O

primeiro contato de G2 com o treinamento de goleiro sistematizado ocorreu de maneira informal por meio de um atleta de um clube próximo a sua cidade natal.

Fui fazer o primeiro jogo, nós perdemos. Toma um gol, não gosto, é frustrante... no outro final de semana nós vamos jogar em Itatiba contra a mesma equipe, aí foi o contrário. Saiu o pênalti, e eu defendi. O que era frustração passa a ser empolgação, uma coisa diferente. No início foi assim: ninguém quer, deixa que eu vou, eu gosto de jogar no gol, então eu vou como goleiro. E essas participações, com 11, 12 anos de idade [...] Nestas atividades do “dente de leite” tinha um rapaz na cidade que jogava em outra cidade e era goleiro. Quando eles estavam em minha cidade natal, esse senhor que tomava conta do “dente de leite” chamava, ele ia participar junto conosco, e ele as vezes dava algum treino para mim: ficar saltando, caindo, essas coisas comuns neste processo analítico que se fala. Ele se preocupava mais com essa parte técnica de como saltar e como cair. Isso foi alguma coisa que ele passou para mim, uma experiência mais específica do futebol profissional (G2).

Os relatos novamente expressam que os desafios da competição e o destaque pelo seu nível de habilidade, mesmo em uma idade muito precoce, já se mostraram como um fator importante para que G2 se motivasse a se envolver com a função de goleiro de futebol. Ou seja, o alicerce de motivação para fases posteriores parece ter sido construído não apenas pelo jogo deliberado, mas também pelo sucesso e pelo bom rendimento em algumas competições e situações. O próprio treinamento que era realizado por um atleta profissional, de maneira mais específica e com foco no refinamento de habilidades técnicas também parece ter sido importante para G2 se motivar e se manter como goleiro.

As falas de G2 revelam que além do pouco envolvimento com este treinamento sistematizado, a prática era executada informal e raramente por outro goleiro, que ainda estava atuando profissionalmente, com o objetivo de ensinar apenas a execução de gestos técnicos fundamentais desta função, corroborando Baker e Young (2014) quando descrevem que a inserção inicial na prática deliberada deve ser de forma simples e evoluir para padrões mais complexos de treinamento sistematizado gradativamente. Ainda é possível observar outra congruência com dois aspectos citados por Thiengo e Hunger (2014): a informalidade do treinamento de goleiros, quando o participante descreve que um atleta da mesma função era responsável por ministrar algumas sessões específicas, com ênfase nos aspectos técnicos do esporte; a desvalorização dessa função, pelo fato de nenhum indivíduo optar por essa vaga no time voluntariamente.

Depois desta vivência, o participante G2 começou a se inserir em campeonatos e jogos de várzea com parceiros de idade superior a dele. Por não conseguir manter um bom desempenho pela diferença em relação à idade e maturação biológica, sentia-se frustrado e não

se envolvia com a mesma motivação comparado ao engajamento no jogo deliberado com os parceiros de idade próxima. Ainda, relata novamente que a desvalorização da função de goleiro na época em que estava neste estágio contribuiu para que sua motivação em se tornar um goleiro diminuísse.

Com as disputas que tinham com essa idade no campeonato da várzea, esse rapaz que trabalhava na empresa do meu pai ia jogar e eu continuava assistindo. A idade vai aumentando, e começaram a me convidar em alguns jogos, com 13, 14 anos de idade, jogando contra os de 18, 19, 20 anos de idade, ou mais até [...]. Aí era diferente, jogar contra pessoas com uma vivência muito maior, você não consegue ter um bom desempenho, aí você toma gol, reclamam, xingam, e aí vem frustração. É até interessante isso: o que poderia ser algo gostoso, prazeroso de se realizar, ao contrário, não era... Só que como criança, eles me xingavam porque tomava gol, mas todo final de semana estavam me buscando para continuar jogando, porque não tinha goleiro. Eu me divertia durante a semana e sofria no final de semana [...]. Não era bem jogar, gostava de brincar no gol! Mas quando ia jogar, de uma forma ou de outra, que era mais formal, que era aqueles jogos de várzea, com mais comprometimento, era ruim [...]. Eu não queria ser goleiro por causa disso: você é ruim na linha, vai no gol! Então não era legal! Eu gostava de brincar com meus amigos no campinho, porque ali ninguém queria saber quem queria ser o goleiro ou não, você ia porque gostava! Acabei virando goleiro porque eu gostava de brincar no gol e eu tinha todo um potencial para me desenvolver, e acabei sendo conduzido, acabou acontecendo. Goleiro ninguém quer ser, aí eu jogava bem para os rapazes da minha idade, me levavam, convidavam, porque eu era alto, uma estatura acima da média da minha idade, e eu ia jogar (G2).

Os relatos acima confirmam que, juntamente com a motivação pelo destaque nas competições com a categoria sub-11 no clube de sua cidade natal, a diversificação de vivências e a alta quantidade de jogo deliberado construíram um alicerce de motivação que possibilitaram a permanência do participante como goleiro de futebol e isto fica evidente a partir do segundo discurso. O prazer que G2 tinha por ser goleiro em ambientes recreativos somado às habilidades físicas construídas nos anos de experimentação e seu perfil físico auxiliaram a permanência do participante nos campeonatos na várzea, evidenciando que a diversificação e o jogo deliberado foram responsáveis pela transferência de habilidades para a modalidade esportiva principal e desenvolveram o atleta em diversos aspectos (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009).

Este prazer de brincar como goleiro era diminuído aos finais de semana, quando ocorriam as competições. A cobrança por um bom desempenho, mesmo competindo com jogadores acima de sua idade, associado com a imagem desvalorizada desta função foram responsáveis para frustrarem o participante neste processo. A permanência de G2 ocorreu por consequência de seu perfil físico, pelas habilidades que já havia desenvolvido, pelo prazer em

brincar como goleiro e pela facilidade de aprendizagem, corroborando Côté, Baker e Abernethy (2007). Além disso, os relatos demonstram que mesmo em se tratando dos anos de experimentação, ter um bom desempenho era valorizado para os jogadores que atuavam na várzea, destacando novamente essa cultura referente aos resultados imediatos e pelo foco em vencer.

Percebe-se no discurso de G2 a desvalorização da função existente no século XX, ressaltando os dados de Thiengo e Hunger (2014) quando revelam que o goleiro sofria discriminação neste período referente à década de 1970 por representar o jogador que tinha menos habilidades que os demais, por ser o bode expiatório em derrotas e pela pouca concorrência existente, já que mesmo não apresentando um bom desempenho, ele continuava sendo convidado a participar das competições na várzea.

Abaixo evidencia-se a influência familiar como um fator importante para os participantes iniciarem e se manterem em práticas esportivas. É possível observar que o relacionamento pai-atleta se desenvolveu positivamente neste período, porém com algumas diferenças individuais.

Minha infância foi muito rica em atividades, e meu pai sempre me incentivou também e, por isso que eu acho que eu sempre fui me tornando um atleta, porque sempre tive apoio lá de casa, lá debaixo, lá da formação como menino ainda (G1).

Eu toda noite ouvia o programa de rádio, ia dormir assistindo jogo e os lances mais emocionantes que você ouve na narração são os lances de situação de gol, ou o goleiro defendendo, ou saindo o gol. Mas com o goleiro defendendo, parecia que era mais emocionante, mais vibrante ainda. Poucas vezes que eu via esses jogos na várzea, aconteceram algumas defesas bonitas, o goleiro saltando e fazendo aquelas poses acrobáticas, e eu achava aquilo muito legal. Então eu ficava no quintal de casa brincando, imaginando, e isso foi acontecendo, dessa forma, fui pegando gosto por isso. Meu pai também gostava de assistir jogo, me levava sempre, e foi acontecendo (G2)

O discurso acima de G1 deixa explícita a influência familiar, principalmente por parte de seu pai, em incentiva-lo a praticar atividades esportivas durante os anos de experimentação. Em outros discursos foi possível observar que o pai fundou um clube de futebol de salão e o incluiu nesta equipe, evidenciando sua função de líder esportivo nos primeiros anos de contato de G1 com o esporte, corroborando Côté e Fraser-Thomas (2007) e Côté, Turnnidge e Evans (2014) no que diz respeito à qualidade da relação pai-atleta ser fundamental nos anos de experimentação, já que neste estágio é importante que os pais se envolvam com os filhos, incentivando a prática.

É nítido que existe uma grande similaridade entre o discurso de G1 e G2 no que concerne esta participação constante dos pais no esporte. Para G2, assistir os jogos de várzea com seu pai e um funcionário da empresa, associado às transmissões dos jogos pela rádio foram fundamentais para ele se motivar para as práticas esportivas e, especialmente, por começar sua admiração pela função de goleiro de futebol. A participação efetiva do pai como um grande apoiador nos primeiros anos de envolvimento do participante com atividades esportivas se mostrou similar à G1, o que corrobora novamente os estudos de Côté e Fraser-Thomas (2007) e Côté, Turnnidge e Evans (2014).

Ainda, observa-se em G2 a influência de um meio de comunicação social para aumentar essa motivação, evidenciando que não apenas a influência familiar, mas também a própria valorização do futebol pela mídia foram fatores relevantes para facilitar o desejo e prazer por esse envolvimento, o que corrobora o que foi descrito por Stambulova et al. (2009) quanto às tradições culturais e normas sociais de um país interferirem no desenvolvimento da carreira esportiva.

Abaixo os discursos de G1 e G2 revelam a importância dos treinadores que tiveram neste período, principalmente no que diz respeito à educação física escolar, novamente evidenciando a importância desta vivência para o desenvolvimento esportivo e pessoal. O último discurso de G2 elucida um primeiro contato, mesmo que informal e inconstante, com um atleta da mesma função que treinava o participante.

O Z., que era da seleção brasileira, ele foi meu professor de Educação Física, era da escola do exército. Então a gente tinha um trabalho magnífico, hoje uma coisa que reclamo é que não há educação física nas escolas, isso aí era maior formador em todos os aspectos, e eu sou oriundo disso (G1).

Eu tive bons professores de Educação Física, que hoje são doutores, até, ou foram da área... Professores que gostavam de estar ensinando, que demonstravam. Eu achei isso muito importante. Eram pessoas que não estavam ali preocupadas com o ganho financeiro! Estavam ali porque gostavam de fazer aquilo. Acho que isso foi determinante também. (G2).

De maneira geral, os relatos acima evidenciam os treinadores nos anos de experimentação como grandes incentivadores responsáveis por construir um ótimo ambiente de aprendizagem, seguro e livre de estresses, o que pode ser um fator influente para o PYD (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Os relatos de G1 retratam que seu professor de educação física desenvolveu uma identidade esportiva no participante, além de aumentar o prazer em se manter envolvido em

práticas esportivas, desenvolvendo habilidades fundamentais para o esporte e para a vida. Em G2 percebe-se que as demonstrações e a motivação destes professores por ensiná-lo também foram responsáveis para que esse ambiente fosse construído de maneira positiva pelo participante, corroborando a literatura (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2009).

Observa-se em G1 que a educação física escolar em sua época ainda estava atrelada ao exército brasileiro, associando-se ao momento histórico que o Brasil vivenciava na época, o regime militar.

Abaixo, os discursos de G1 e G2 descrevem a presença dos amigos durante as brincadeiras relacionadas as práticas esportivas.

Na hora do intervalo nós jogávamos aquelas duplinhas, que era moda, e aquilo ali virava uma competição feroz. No intervalo estávamos fazendo atividade física, voltávamos todos suados, e ali virava uma competição, porque você começa a aprender a competir ali, de uma forma inconsciente até, ganhar do outro, ter raça, ganhar na bola (G1)

Meus amigos chutavam para eu ficar pulando... toda criança fazia o que eu fazia naquela época! Brincava na rua mesmo... (G2).

É importante destacar que o relacionamento com os parceiros de G1 e G2 se baseava, majoritariamente, na manutenção do jogo deliberado e na motivação pela atividade, o que corrobora o estudo de Abernethy et al. (2002). O próprio relato de G2 destaca que todas as crianças naquele estágio se inseriam neste tipo de atividades, confirmando novamente que este relacionamento entre parceiros era baseado no envolvimento e manutenção do jogo deliberado.

Porém, o discurso de G1 ainda revela a importância destas interações sociais para aprender a competir e ganhar de maneira justa. O fato de aprender este *fair play* é reflexo do desenvolvimento de valores positivos oriundos dessas relações e brincadeiras, como propõe o DMSP e o PAF. Entretanto, o relato permite assegurar que este tipo de relacionamento não estava baseado apenas em manter o jogo deliberado, mas a competição e o fato de vencer já eram valorizados mesmo nessas brincadeiras, o que se diferencia um pouco da definição de jogo deliberado proposto inicialmente por Côté (1999).

Ainda neste sentido, novamente é possível relacionar o discurso acima com o estudo de Scaglia (2005) no que se refere à existência de uma preocupação com a competição, mesmo se tratando de jogos e brincadeiras realizados no intervalo. Deste modo, a definição de jogo

deliberado de Côté (1999) não está em total congruência com os jogos e brincadeiras em que as crianças se envolvem no contexto brasileiro.

Consubstancialmente, os participantes G1 e G2 vivenciaram os anos de experimentação, tiveram grande envolvimento com o jogo deliberado e se envolveram em várias práticas esportivas. Porém, este estágio apresentou algumas diferenças do que foi proposto pelo DMSP de Côté, Baker e Abernethy (2007). Primeiramente no que se refere à um período mais estendido desse estágio em G2; em segundo, no que se refere ao alicerce de motivação para fases posteriores ter ocorrido não apenas pelo envolvimento no jogo deliberado e pela diversificação de vivências, mas pelo bom rendimento e nível de desempenho nas competições ou nos treinamentos, como se observou nos dois participantes; em terceiro, o segundo postulado de Côté, Lidor e Hackfort (2009) assegura que os anos de experimentação e a grande quantidade de jogo deliberado estão relacionados com implicações positivas em longo prazo e carreiras esportivas mais duradouras. A primeira parte do postulado foi constatada nos relatos de G1 e G2. Porém, a maior durabilidade da carreira não pode ser confirmada para G1, que encerrou aos 31 anos de idade, uma distância de pelo menos seis anos para os demais. Apesar das condições de treinamento na época em que o participante atuava serem inferiores comparadas às que os outros seis vivenciaram, é necessário fazer uma ressalva que a longevidade de uma carreira pode não estar associada apenas à diversificação de vivências e à alta quantidade de jogo deliberado.

Além disso, o relacionamento com os pais, os parceiros e os treinadores parecem não serem os únicos a influenciarem a motivação para as práticas esportivas, já que o envolvimento de G1 no clube fundado pelo seu próprio pai só ocorria por dois fatores: justamente pelo próprio pai ser o dono e poder incluí-lo, apesar de não apresentar um bom nível de habilidades; por ser goleiro, sendo que durante a década de 1960, período da infância de G1, essa função era desvalorizada e não existia concorrência entre as crianças para jogar, o que revela uma cultura de resultados imediatos, mesmo se tratando de uma iniciação esportiva, em que esse processo poderia ser evitado. Em G2 um dos meios de comunicação (rádio) também parece ter sido um fator influente para motivá-lo a se tornar goleiro de futebol.

7.1.2. BRINCAR DE FUTEBOL: O JOGO DELIBERADO VIVENCIADO PELO GRUPO PIONEIROS NO TREINAMENTO ESPECÍFICO

Os próximos relatos evidenciam a disponibilidade de espaços seguros para as brincadeiras relacionadas ao futebol. De acordo com G3, G4 e G5, que moravam em cidades

de pequeno e médio porte, existiam muitos espaços que possibilitavam estas brincadeiras. O discurso de G4 evidencia o prazer em estar envolvido nessas atividades e a aprendizagem proporcionada neste engajamento.

A gente brincava de bola o dia inteiro, interior, 40 mil habitantes. Onde meus pais moravam não tinha asfalto ainda, era terra, então a gente tinha qualquer terreno, colocava um golzinho ali e fazia brincadeira no final da tarde, todos os meninos do bairro (G3).

Na roça a gente tem muito “potreiro”, aquele gramadinho perfeito, e naquilo a gente jogava muita bola, fui um grande jogador de “potreiro”, com muitos amigos, a gente se reunia, jogava. Para nós era tudo alegria! Meu início foi essa coisa de ter espaço, de brincar, de aprender, com aquela alegria, com aquela disposição (G4).

Eu como todo garoto de interior, tinha muito campo de pelada, e a gente vivia jogando futebol (G5).

De maneira geral, é possível observar grandes semelhanças nos discursos deste grupo (G3, G4 e G5) em comparação ao primeiro (G1 e G2) no que diz respeito à grande disponibilidade de espaços, a imprevisibilidade do jogo, a flexibilidade no número de participantes e a execução das atividades com poucos recursos materiais, o que também caracteriza e revela a importância do jogo deliberado nos primeiros contatos com o esporte, corroborando a literatura supracitada no grupo anterior em relação a dois aspectos: o DMSP e seus postulados referentes ao jogo deliberado; O PAF, no que se refere às configurações apropriadas durante os anos de experimentação (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

O relato de G4 enfatiza o prazer relacionado a este tipo de atividade ao ter mencionado a palavra aprender, que foi construído de maneira informal por meio do engajamento no jogo deliberado, o que também corrobora o DMSP. Ainda é importante descrever que os participantes relataram a existência de locais amplos seguros para que essas atividades pudessem ocorrer, o que também apresenta similaridade com o grupo *Autodidatas* e, consequentemente, está de acordo com o que fora proposto por este modelo. Diante do exposto, constata-se que o grupo *Pioneiros no Treinamento Específico* vivenciou o jogo deliberado já relacionado ao esporte principal, o futebol, o que também está de acordo com a literatura e apresenta-se igualmente entre os dois grupos (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Novamente, é possível observar a importância do jogo deliberado e da diversificação de vivências neste grupo de participantes. Deste modo, é possível associar os discursos acima com

atletas de outras modalidades esportivas em diversos estudos na literatura (VICENTINI; MARQUES, 2018; MASCARIN et al., 2019; GALATTI et al., 2019).

É importante ressaltar nos próximos relatos a importância da educação física escolar na diversificação de vivências e também apontar para a semelhança de diversos gestos técnicos das modalidades esportivas praticadas entre os participantes e a função de goleiro de futebol (G3, G4, G5), de modo que a prática de esportes que envolvem a utilização das mãos para realizar os gestos fundamentais (basquetebol, voleibol, handebol, arremesso de peso) e de salto (salto em distância e salto em altura) foi demasiadamente enfatizada na infância e adolescência pelos atletas.

Eu jogava vôlei, jogava basquete, handebol. Eu pratiquei atletismo um período, na escola, porque era obrigatório, a escola exigia você praticar três tipos de esporte. Nessa época tinha competição intercolegiais no interior e isso me deu uma coordenação muito boa para trabalhar com as mãos, tanto o basquete, o vôlei... E o futebol foi acontecendo. Então a importância da Educação Física no colégio: fantástica! Acho que não tem muito mais isso, não sei como que está a Educação hoje. Você tinha que entender cada esporte, com as regras. Eu fazia arremesso de peso, conquistei o título regional. Eu tinha 1,85 metros, com 13 anos de idade, então eu era diferente naquela turma toda, até apelido, na época era *Hulk* e eu gostava. A situação do esporte na minha vida foi fundamental para poder ingressar no futebol (G3).

Eu era bom também no atletismo, gostava de salto em distância, salto em altura. Corrida eu não era muito bom, mas handebol e basquetebol eu era médio. O vôlei era o meu esporte, até porque no meu colégio se jogava muito vôlei, então eu me dedicava muito a ele (G4).

Na época de infância jogava vôlei. Praticava bastante basquete, mais envolvendo a mão, sempre. Eu era presidente do grêmio escolar, nessa parte de esporte, então eu era responsável e a gente criava os torneios, a cada semestre um torneio. Torneio de inverno, a gente estava sempre envolvido, participando em tudo! Envolvia todos os esportes: futsal, corrida, longa distância, média distância, a gente estava sempre participando (G5).

Os relatos acima permitem a reflexão no que concerne à Educação Física escolar como um fator de influência para a diversificação de vivências em distintas modalidades esportivas. A iniciação vivenciada por G3, G4 e G5 no voleibol, basquetebol, handebol, futsal e atletismo se mostraram importantes para que os atletas pudessem ingressar futuramente no futebol.

De maneira semelhante ao grupo anterior, as experiências deste grupo estão de acordo com algumas características que constituem os cinco primeiros postulados propostos por Côté, Lidor e Hackfort (2009): o jogo deliberado se mostrou relevante para o desenvolvimento de diversas habilidades; na criação de uma identidade saudável; na motivação para manter o envolvimento em práticas esportivas e construir um alicerce sólido para fases posteriores; a

diversificação de vivências em distintos esportes permitiu o desenvolvimento de habilidades fundamentais que puderam ser posteriormente transferidas para a função de goleiro de futebol; a exploração de diferentes contextos de aprendizagem; na construção do capital social, especialmente no que se refere ao discurso de G5, que era presidente do grêmio escolar e, por esta razão, precisava ter um bom relacionamento com os demais parceiros para que os torneios fossem organizados, além do envolvimento com diferentes grupos em diversos esportes por parte dos três participantes do grupo (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; CÔTÉ; ERICKSON, 2014).

É possível analisar no discurso de G3 uma crítica à Educação Física escolar atual, semelhantemente ao discurso de G1 no grupo *Autodidatas*, no que se refere à desvalorização desta disciplina nas escolas. A limitação deste espaço de diversificação de vivências, que é seguro para a iniciação em diversas modalidades esportivas, pode reduzir o desenvolvimento motor, cognitivo e social das crianças, influenciando negativamente na formação das crianças, como já foi mencionado anteriormente (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2009).

Essas críticas reforçam novamente o estudo de Scaglia, Reverdito e Galatti (2014) no que se refere à necessidade de a educação física escolar permitir condições favoráveis para o jogo, para que o praticante consiga construir conhecimentos esportivos que podem ser transferidos para a sociedade, permitindo e oportunizando constante ressignificação de valores.

Ainda em G3, pode-se observar que seu perfil físico era considerado acima da média, similarmente a G2. De acordo com Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2005) os jovens inseridos em práticas esportivas constantes reconhecem suas capacidades e têm o seu desenvolvimento físico facilitado, o que pode ajudar a explicar essa identidade esportiva a facilidade nos esportes que o participante desenvolveu.

O G5 mencionou que era presidente do grêmio escolar, evidenciando que além de se envolver com diversas práticas esportivas, também era responsável por organizar os torneios em que ele e seus parceiros do colégio participavam. Deste modo, é válido constatar que esse participante, durante esse período, vivenciou maiores interações com outras crianças, adolescentes e até mesmo adultos. Portanto, pode ter desenvolvido habilidades psicossociais, principalmente essa capacidade de comunicação, o que corrobora diversos estudos no entorno do DMSP (BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003a; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009).

Ainda, este discurso de G5 reafirma a importância da educação física escolar como um ambiente essencial para construção de conhecimentos e habilidades necessárias não apenas ao

esporte, mas que são transferíveis para a vida em sociedade (SCAGLIA; REVERDITO; GALATTI, 2014).

Nos relatos dos três participantes é válido constatar que a diversificação de vivências ocorreu de maneira mais intensa em comparação ao grupo *Autodidatas*, em relação à quantidade de práticas esportivas em que se envolveram durante os anos de experimentação.

Os relatos abaixo nos permitem observar a diversificação de contextos dentro do futebol nos três participantes do grupo. Apesar de G3 e G4 não relatarem nenhuma função específica em que atuavam neste estágio, os discursos de ambos explicitam o prazer que sentiam em experimentar diferentes situações. De maneira mais específica, G5 enfatiza a influência de seu pai para inseri-lo em uma escolinha e escolher a função de ponta esquerda, devido ao fato do participante apresentar dominância com esta mesma perna e por existir pouca concorrência durante o processo. Porém, por não conseguir ter um bom desempenho, experimentou atuar como lateral esquerdo antes de tornar-se goleiro.

Eu gostava de jogar na linha também, mas, eu não tinha recurso físico para jogar na linha, então comecei a brincar no gol, e também junto com essa situação do vôlei, do basquete na escola (G3).

Eu gostava de jogar fora do gol também, porque as vezes tinham outros goleiros, ou se revezava, eu sempre gostei de jogar fora do gol também (G4).

Meu pai queria que fosse ponta esquerda, porque eu era canhoto, ele achava que no futebol tinha sumido ponta esquerda, ponta direita, e como é muito mais difícil ter canhoto, ele queria que eu fosse ponta esquerda. Comecei então, na escolinha da cidade... tentava. Aí de ponta esquerda fui para lateral esquerda, já falei “não estão mais me escalando”, mas vou então tentar jogar na lateral (G5).

De acordo com Côté e Erickson (2014), a diversificação de vivências não pode ser baseada apenas no que se refere à quantidade de práticas esportivas que um indivíduo participa, mas também deve-se considerar os contextos e as oportunidades para a prática. As variações destes contextos podem incluir as diversas funções dentro de um mesmo esporte e, deste modo, principalmente os participantes G4 e G5 experienciaram uma diversificação entre e dentro de uma mesma modalidade esportiva, similarmente a G2.

É possível observar uma similaridade entre estes discursos e a pesquisa de Vicentini e Marques (2018). Os autores entrevistaram seis atletas da elite do jiu-jitsu no interior do estado de São Paulo e descobriram que todos os atletas vivenciaram uma diversificação esportiva e se envolveram em grande quantidade no jogo deliberado na infância e adolescência. Portanto, mesmo no contexto brasileiro, os discursos dos participantes encontram-se em congruência com

os estudos no entorno do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

Observa-se no relato de G3 uma característica similar aos relatos de G1 e G2 no que se refere à valorização do nível de habilidade para atuar em outra função. Para o participante, sua estrutura física forte não permitia que ele tivesse um bom rendimento e, portanto, decidiu iniciar como goleiro, também pela menor concorrência. Nota-se que vencer e apresentar um bom nível de desempenho parece ser importante desde os anos de experimentação.

É possível analisar que G5 iniciou seu contato com a prática deliberada no futebol antes de G3 e G4. Porém, observa-se que este envolvimento ocorreu de maneira simplificada, em pouca quantidade de horas, já que manteve seu envolvimento no grêmio escolar, participava de diversas modalidades esportivas e as atividades da escolinha ocorriam apenas duas vezes na semana pelo período de uma hora. De acordo com Baker e Young (2014) sabe-se que a relação entre a quantidade e a qualidade de prática deliberada é extremamente importante para o desenvolvimento esportivo, de modo que é importante iniciar em padrões mais simples e progredir de maneira gradativa e, assim, afirma-se que G5, por vivenciar uma grande quantidade de jogo deliberado associada com padrões mais simples de prática deliberada, encontra-se de acordo com o PYD.

Abaixo os participantes relatam como ocorreu o processo de se tornarem goleiros de futebol. De acordo com G3, seu perfil físico associado às habilidades desenvolvidas durante os anos de experimentação foram responsáveis para que ele obtivesse destaque em uma competição escolar como goleiro de futebol de salão e se motivasse para permanecer nesta função. Para G4 existiu uma influência familiar desde os primeiros anos de infância, já que ele recebia uniformes e luvas de seus tios e padrinhos, mas praticava apenas como lazer com seus amigos durante o final de semana. Já G5, pela ausência de um goleiro em uma categoria de idade menor na escolinha em que frequentava, decidiu atuar como goleiro pela primeira vez e, depois deste jogo, motivou-se e escolheu permanecer nesta função.

Junto com a prefeitura organizavam esses torneios de bairros, e isso para nós era interessantíssimo, isso tudo na cidade que me desenvolvi. Tinham 40 equipes, tinha um limite de idade, que era até 15 anos, então participava de 11 anos até 15. Essa competição nós fomos campeões, eu era destaque, mas eu não sabia jogar no gol, com técnica! Eu sabia agarrar a bola! Eu tinha uma facilidade para defender as bolas, eu era rápido, eu era alto, eu tinha uma coordenação motora muito boa, da movimentação de perna... então isso me dava um destaque (G3).

Então nesse primeiro grau lá eu não treinava (até os 14 anos), era coisa de potreiro, era brincadeira, era colégio, era jogar um vôlei [...] Meus tios, meus

padrinhos, no natal, aniversário, meus presentes eram bola de futebol, luva de goleiro, luva que na época era aquelas de eletricitista, aquilo que era a luva (risos), camisa de goleiro, que tinha aquelas proteções no cotovelo, aqui em cima outra no ombro... Mas futebol eu jogava final de semana, quando tinha a equipe lá no meu bairro, que era toda hora, tínhamos um time de várzea, eu jogava ali, jogava no time, então o futebol era só lazer mesmo, não tinha nada de você querer, pretender alguma coisa [...] Então esse vôlei com esse colégio (a partir dos 15 anos) ficou bastante importante. E te digo, eu treinava mais vôlei do que jogava futebol (G4).

Justamente nessa situação que, eu já era um pouco mais velho que os outros meninos (com 14 anos de idade), da escolinha, quando eu jogava lá, eu era um ano mais velho e já jogava na equipe de cima, e a escolinha mais nova faltou goleiro, e goleiro podia ser, não tinha idade para jogar. Aí eu fui para o gol e não saí mais, tomei gosto e fiquei jogando direto no gol da escolinha lá da minha cidade e foi dando certo (G5).

O processo de tornar-se goleiro foi, para G3, influência do seu perfil físico, do desenvolvimento das diversas habilidades construídas durante os anos de experimentação por meio da diversificação de vivências e pelo jogo deliberado, que permitiram que ele obtivesse destaque em uma competição escolar como goleiro de futebol de salão. Portanto, novamente é possível relacionar este discurso com o de G2 e semelhantemente associa-lo com a literatura (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT; CÔTÉ; ERICKSON, 2014). Porém, observa-se que o bom desempenho em uma competição formal também foi um fator importante para motiva-lo a se manter como goleiro de futebol, o que evidencia que essa motivação é influenciada por outros fatores além do jogo deliberado e da diversificação inicial.

Para G4, apesar de existir uma influência familiar por darem presentes referentes às vestimentas de goleiro, continuou no esporte apenas por lazer, dedicando-se mais ao voleibol por influência da educação física escolar e do investimento que a escola fazia nesta modalidade esportiva. Portanto, é correto afirmar que o indivíduo, a partir deste momento, dedicou-se mais ao voleibol e manteve-se no futebol em nível recreativo. Confirma-se que o participante teve a possibilidade de escolher o esporte em que queria iniciar uma especialização, corroborando novamente o que fora proposto por Côté e Fraser-Thomas (2007). Porém, a transição para esse estágio ocorreu aos 15 anos de idade e em outra modalidade esportiva, sendo que o participante não vivenciou o esporte principal nessa fase, o que não corresponde ao caminho que foi proposto pelo DMSP.

De acordo com Vicentini e Marques (2018), os atletas de elite de jiu-jitsu também decidiram se especializar em outra modalidade esportiva antes do esporte principal ser escolhido. Outra similaridade diz respeito à idade de especialização deste grupo de participantes

também ocorrer de maneira tardia, assim como pode ser observado em G4. Deste modo, é possível, assim como os autores acima o fizeram, criticar a estrutura do DMSP para o contexto esportivo brasileiro.

Em um estudo que teve a participação de 13 atletas de elite do futsal do gênero feminino, Mascarin et al. (2019) também encontraram disparidades em relação às trajetórias do DMSP, assim como foi observado pelo discurso de G4 e também em atletas de jiu-jitsu, especialmente no que se refere à especialização tardia em relação ao que é proposto por este modelo (VICENTINI; MARQUES, 2018; MASCARIN et al., 2019).

Similarmente à G4, o participante G5 também teve influência familiar para ingressar no futebol na função de ponta esquerda. Porém, com o decorrer do tempo, descobriu que suas habilidades não eram suficientes para ter um bom rendimento, recuando primeiramente para a lateral-esquerda. Devido à ausência do goleiro de uma categoria menor para um dos treinamentos, o próprio G5 escolheu experimentar essa função, apresentando um bom desempenho e motivou-se a iniciar essa função. Portanto, assim como G4, é correto afirmar que o participante pôde decidir o caminho de sua carreira esportiva em um ambiente livre de estresses e pressão em seu entorno (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007) e associar a desvalorização do goleiro de futebol presente no próprio discurso do participante ao afirmar que essa foi a sua última opção no esporte. Porém, observa-se novamente que, assim como em G2, a transição para os anos de especialização não ocorreu, contrariando o caminho para a elite esportiva por meio da diversificação de vivências descrito pelo DMSP. Assim como em G2 e G3, o sucesso em um treinamento também motivou o participante G4 a se inserir e manter como goleiro de futebol.

Abaixo nota-se de maneira mais direta a influência que a família exerceu neste estágio para os três participantes. Em G3 e G5 é possível constatar que diversos membros de suas famílias atuaram como goleiros de futebol, mas isso não influenciou diretamente a opção destes. Ainda em G3 é nítido que a educação rígida dos pais foi responsável por desenvolver diversos valores positivos para o esporte e para a vida do participante. No que diz respeito ao futebol, que já exercia uma função importante em sua vida, nota-se que seu pai apoiou seu desejo em especializar-se no esporte, diferente da situação que havia ocorrido com seu irmão. Os familiares de G4 também ofereceram grande apoio ao participante neste estágio, incentivando-o desde a vestimenta de goleiro nos primeiros anos da infância (discursos anteriores) e assistindo as competições de voleibol no colégio. Em G5 observa-se que os pais apoiavam não apenas o esporte ao participar de algumas atividades, mas incentivavam também o investimento nos estudos do participante.

Meu pai gostava de futebol. Eu tenho um irmão quatro anos mais velho, que era goleiro, ele jogou em alguns clubes até profissional, mas não chegou a ser nada, porque a cobrança dos pais era trabalhar. Meu pai tinha um comércio, e o filho tinha que ajudar, então meu irmão ajudava, de vez em quando ia jogar, não teve a sequência como profissional, porque tinha que estar ajudando o pai no comércio. Eu com 13 anos, eu gostava de jogar futebol, minha vida era futebol, eu sempre falava para minha mãe: “eu quero jogar futebol”, e meu pai no começo, de tanto ele prender meu irmão nessa situação, que ele gostava, queria jogar e meu pai falava “futebol não é assim, não dá nada”... Comigo ele teve essa situação de apoiar [...] Essa foi a grande preocupação e, talvez sabedoria dos meus pais assim, de educar, foi uma educação um pouco mais rígida, mas que eu acho que é o correto. A educação dos meus pais foi muito importante na minha vida nesse sentido de dar valor a muitas coisas no futebol e na vida (G3).

Minha mãe sempre foi muito mais incentivadora da gente, no esporte em si. Vinha sempre assistir, vinha torcer, na época do vôlei vinha ver a gente... meu pai também, mas era um pouco mais calado, não se expressava muito, mas a minha mãe fazia muito esse tipo de apoio (G4).

Como qualquer garoto de interior meus pais me obrigavam a estudar, não podia ficar longe dos colégios, os colégios eram excelentes, bons professores, cidade pequena sempre, geralmente fica um pouco mais fácil de arrumar bons colégios e boas escolas, tudo fica muito mais arrumadinho. Então era obrigado a estudar, sempre um período [...]. Meu pai sempre foi envolvido com futebol, sempre gostou muito, levava meus irmãos e eu para os jogos, acompanhando... meu pai foi goleiro, o irmão do meu pai foi goleiro, o irmão da minha mãe, caçula, também foi goleiro [...]. Às vezes meu pai ia me treinar também, chutava bola de fora da área para ir aprendendo, mas a parte específica da coisa eu não sabia fazer, era muito difícil (G5).

Constata-se que os familiares de G3, G4 e G5 exerceram uma influência positiva no desenvolvimento esportivo e também em outras esferas da vida dos participantes. Explicitamente nos discursos de G3 e G5 evidencia-se uma educação rígida quanto ao desenvolvimento de caráter, valores pessoais e nos estudos. Essa preocupação corrobora o estudo de Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2005) que afirma que familiares com direcionamento firme, mas que proporcionam liberdade para que o filho tome suas decisões estão relacionados com um desenvolvimento positivo. Esse bom relacionamento está associado com uma maior motivação por parte dos participantes em se manterem engajados em práticas esportivas, além de conseguirem valorizar mais suas atividades e experiências, como o participante G3 deixou explícito ao afirmar que os valores construídos neste relacionamento foram fundamentais para que ele percebesse o significado de suas experiências na vida e no esporte, e o participante G5 expressou que seus pais consideravam a necessidade de conciliar os esportes e os estudos.

Neste sentido, os discursos acima podem ser sustentados pela pesquisa de Alfermann e Stambulova (2007), no que se refere à relevância do suporte familiar como um recurso essencial para superar as dificuldades de transições futuras no desenvolvimento da carreira esportiva de um atleta de elite.

De acordo com Côté e Fraser-Thomas (2007) os pais são responsáveis por transmitir diferentes tipos de apoio: emocional, informativo, tangível e de *networking*. Tanto no grupo *autodidatas* quanto no grupo *pioneiros no treinamento específico* (G1, G2, G3, G4, G5) é possível observar que os pais deram liberdade para que o filho tomasse suas próprias decisões e, ainda, proporcionaram recursos suficientes para que os participantes conseguissem cumprir com todos os compromissos, valorizaram o esforço e o investimento do filho nas atividades, além de estarem envolvidos direta e/ou indiretamente no jogo deliberado e também nas competições em que os filhos estavam inseridos, o que apresenta concordância com a literatura acima.

Abaixo encontra-se um único discurso de G3 relacionado à importância do seu professor de educação física neste estágio. Os participantes G4 e G5 não mencionaram os treinadores e professores referentes a este período.

Não lembro o nome do meu professor, mas ele foi fundamental nessa educação, desse contato com o atletismo, porque a gente ganhava nota de Educação Física. Era você entender as regras de cada esporte. Esse contato foi interessante nessa fase, de você se dedicar, entender o esporte, a questão dos valores também. Eu precisava saber como jogava vôlei, como era passar a bola, cortar, o basquete, as regras da época do futebol de salão. Não era só jogar, ser bom e querer jogar. Você tinha que entender cada esporte com as regras (G3).

O discurso acima é semelhante aos do grupo *Autodidatas* no que se refere à relevância do professor de educação física escolar no desenvolvimento esportivo de G3. Nitidamente esse profissional foi responsável por facilitar um ótimo processo de aprendizagem criando um ambiente positivo nos anos de experimentação que permitiu que diversas habilidades fundamentais relacionadas à diferentes modalidades esportivas fossem construídas, semelhantemente ao grupo anterior (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Neste sentido e associando com o contexto brasileiro, o discurso de G3 reforça novamente o que foi descrito por Scaglia, Reverdito e Galatti (2014), no que se refere à importância do professor de educação física escolar para incentivar o praticante a entender o jogo, manter-se ativo e, por meio do esporte, ressignificar seus valores em prol da sociedade.

No que se refere à G4 e G5, os mesmos não discorreram sobre os professores de educação física escolar e/ou das escolinhas de esporte em que frequentavam e, por esta razão, não foram incluídos nesta discussão. O que se pode atestar em G4 e G5 é que, de acordo com relatos anteriores, a educação física escolar se mostrou importante para o desenvolvimento esportivo dos participantes nesse estágio, já que G4 se engajou no voleibol e teve essa escolha influenciada pelo investimento que a instituição fazia no esporte, além de sentir prazer em se envolver com as práticas esportivas. De uma maneira similar, é correto afirmar que G5, que era presidente do grêmio escolar, também se envolvia com vários esportes e motivava-se com isso. Portanto, assegura-se que a educação física escolar criou um ambiente positivo para a aprendizagem neste estágio (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2009).

Abaixo os discursos de G3 e G4 ressaltam a importância das amizades com outras crianças em suas respectivas infâncias para que tivessem a possibilidade de brincarem de futebol.

Colocava um golzinho ali e fazia brincadeira no final da tarde, todos os meninos do bairro (G3).

Fui um grande jogador de “potreiro”, com muitos amigos, a gente se reunia, jogava... A gente pisava nas merdas das vacas, mas isso aí para nós era tudo alegria (G4).

Os discursos acima apresentam alguma similaridade com o grupo anterior, devido aos mesmos deixarem explícito que o brincar de futebol era responsável por reunir os amigos e que a maior razão para este relacionamento ocorrer era a manutenção do jogo deliberado, o que corrobora novamente a literatura (ABERNETHY et al., 2002; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Entretanto, neste grupo não se observou a valorização da competição e de ter um bom desempenho para esse estágio, contrariamente ao que foi constatado no grupo *Autodidatas*.

Consubstancialmente, todos os participantes do grupo *Pioneiros no Treinamento Específico* vivenciaram os anos de experimentação de uma maneira mais estendida do que o proposto pelo DMSP, de maneira similar ao que ocorreu em G2. O jogo deliberado envolvendo o esporte principal e a diversificação de práticas esportivas pela educação física escolar se mostraram como fatores importantes para o desenvolvimento de diversas habilidades e valores pessoais, principalmente como um alicerce de motivação para fases posteriores, como apontam os postulados de Côté, Lidor e Hackfort (2009).

A qualidade do relacionamento com os pais parece ter tido grande importância para a existência de um ambiente facilitador para o PYD. Associado ao incentivo e apoio, o fato dos familiares de G3 e G5 já terem atuado como goleiros de futebol podem ter auxiliado na decisão de apoiar os filhos em suas carreiras esportivas em fases posteriores e também podem ter motivado os atletas para essa decisão.

7.1.3. BRINCAR DE FUTEBOL: O JOGO DELIBERADO VIVENCIADO PELO GRUPO GOLEIROS DA ERA GLOBALIZAÇÃO

Os discursos abaixo revelam que G6 e G7 envolveram-se com brincadeiras relacionadas ao futebol. Os participantes explicitam essas brincadeiras em seus cotidianos, que tinham como principal objetivo o divertimento e a motivação por estarem inseridos nestas.

Quando eu morava no subúrbio da capital, jogava bola com meu irmão mais velho, a tradicional pelada, e eu sempre ia no gol. O futebol sempre esteve presente na minha vida (G6).

Eu sempre gostava de ficar me jogando em casa, colocava colchão, jogava bola no armário, pulava, fazia essas bagunças sempre. Mas quando tinha que jogar na linha eu sempre jogava. Na época eu nem era goleiro, brincava na linha, jogava na rua, jogava no colégio, era o dia todo jogando futebol, só que de uma maneira mais divertida (G7).

O divertimento e o prazer inerente ao brincar de futebol podem ser constatados explicitamente ao observar os discursos dos participantes G6 e G7, já que o primeiro se reunia com seu irmão e os amigos do bairro onde residia para jogar, enquanto G7 relata que esses jogos e brincadeiras ocorriam em diversos lugares com seu irmão e com seus amigos. Faz-se pertinente, portanto destacar a relevância do jogo deliberado para se motivarem para as práticas esportivas corroborando com a literatura no entorno do DMSP e do PAF, semelhantemente aos grupos *Autodidatas* e *Pioneiros no Treinamento Específico* (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Novamente, é possível relacionar os discursos acima com os estudos de Scaglia (2003) e Scaglia et al. (2013), no que se refere ao jogador se entregar ao jogo e mobilizar recursos para jogar cada vez melhor, de modo que estes jogos são responsáveis por ampliar o repertório motor e facilitar a compreensão e solução de problemas para fases futuras, o que também corrobora com os estudos do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Também percebe-se a associação entre os relatos de G6 e G7 no que se refere à diversificação de vivências nos primeiros anos da infância e o envolvimento com o jogo deliberado, similares às vivências de atletas de elite de jiu jitsu (VICENTINI; MARQUES, 2018), futsal (MASCARIN et al., 2019), voleibol (MARQUES et al., 2014) e basquetebol (GALATTI et al., 2019).

Entretanto, o discurso de G6 revela que o mesmo morava no subúrbio de uma metrópole, o que não representa na verdade um ambiente totalmente seguro e positivo para esse tipo de atividade, não necessariamente de acordo com as configurações apropriadas citadas pelo PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014), mas isso não parece ter sido um fator limitante para que essas atividades acontecessem.

Os discursos abaixo revelam que as práticas esportivas relacionadas com o futebol foram as mais predominantes desde esse estágio para os dois participantes, como também foi observado nos dois grupos anteriores. Porém, em G6 verifica-se que mesmo a educação física escolar não diversificava os esportes, sendo o futsal a atividade mais praticada. De acordo com G7, apesar do futsal também predominar em sua escola, em algumas ocasiões ainda existiam aulas de voleibol e basquetebol. Neste mesmo discurso é interessante notar que G7 diversificou entre diversas modalidades esportivas fora do ambiente escolar e, desde a infância, já se identificava com o esporte.

Era só futebol, minha vida só era futsal e futebol desde menino, até na Educação Física (G6).

Na Educação Física, eu era um dos que pegava da minha sala, da sala do lado, do outro, as vezes eu chegava no meio da segunda aula assim, porque eu ficava na primeira jogando na Educação Física da outra. Era futebol, para menino assim, quando não tinha jogava vôlei. Sempre gostei muito de Educação Física, também participei de basquete, mas o futebol predominava. Escola Municipal, não sei se você já estudou ou não, mas era legal, quando não tinha bola, amassava latinha e jogava no pátio, e era desse jeito que a gente fazia... Fora da escola fiz de tudo, caratê, basquete, natação. Sempre gostei de esporte, sempre fui muito ativo... para resumir, o futebol eu comecei porque eu quis, não fui forçado a nada, mas na minha infância eu fiz de tudo e sempre me dava bem porque gostava de fazer, eu não gostava de fazer outras coisas (G7).

O discurso de G6 revela que as modalidades esportivas que praticava, desde os primeiros anos da infância, só estavam relacionadas ao futebol. Entretanto, pelo estudo de Côté e Erickson (2014) sabe-se que é possível existir uma diversificação de vivências em um mesmo esporte, desde que existam contextos diferentes que permitam oportunidades de prática

igualmente distintas. Ao associar este relato com o anterior é possível afirmar que G6 participava do futebol de várzea com seu irmão e amigos, além do futsal escolar.

No entanto, o discurso de G7 expõe que a diversificação de modalidades esportivas se deu em sua maioria pela inserção em clubes e outras associações esportivas, já que o futsal era o esporte predominante na educação física escolar. O discurso de G6 também revela que a única prática que teve contato na escola foi o futsal. Evidencia-se portanto que, com o decorrer do tempo, existe uma menor influência da educação física escolar como um auxílio para o desenvolvimento multilateral, já que G6 e G7 são os participantes mais jovens, o que se assemelha à crítica realizada nos discursos de G1 e G3 referentes à ausência de espaços e consequentemente a dificuldade para que ocorra uma diversificação de vivências na atualidade, devido à elitização do esporte e à importância deste envolvimento nessas atividades para o desenvolvimento de distintos valores no esporte e em outras esferas da vida em fases posteriores.

Acredita-se que a diversificação de vivências auxilia o desenvolvimento de uma identidade saudável, interação entre diferentes grupos de parceiros, habilidades motoras, cognitivas e emocionais (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; CÔTÉ; ERICKSON, 2014). Deste modo, a educação física escolar apresenta um papel fundamental como um ambiente facilitador para essa diversificação e, quando esse cenário se torna unilateral, isto é, com predominância de apenas um ou dois esportes, existe uma maior possibilidade de se desencorajar diversas crianças e jovens a permanecerem engajados em um programa esportivo. Apesar disso, G6 e G7 permaneceram inseridos e motivados nas práticas esportivas.

Constata-se ainda as críticas de G1 e G3 sobre a diminuição da educação física escolar na atualidade e da diversidade de modalidades esportivas ensinadas neste ambiente na atualidade. Deste modo, é pertinente mencionar a crítica de Scaglia, Reverdito e Galatti (2014) no que se refere à redução do ensino do esporte em conhecimentos prontos ou imitações de gestos esportivos. A educação física escolar, a partir dos relatos deste grupo, tornou-se passiva no que se refere a construir conhecimentos transferíveis para a vida em sociedade.

Abaixo observa-se a decisão precoce de G6 em se especializar como goleiro, ao deixar explícito que desde os primeiros anos da infância já se sentia motivado por iniciar essa carreira esportiva, mesmo atuando em outras funções táticas. Já os relatos de G7 revelam a importância do seu pai como principal motivador para iniciar em práticas esportivas, além de enfatizar que estava inserido em diferentes atividades neste estágio.

Sempre gostei de jogar no gol, mas no começo eu atuei fora do gol. Profissionalmente dizendo, eu comecei na linha, mas foi um período muito curto, e logo depois eu fui para o gol, onde a minha vocação era maior, onde eu me sentia melhor, gostava realmente, onde eu sentia mais paixão. Sempre gostei de jogar no gol. Eu, desde pequeno, eu sempre tive uma ideia muito fixa do que eu queria (G6).

Meu pai levava o futebol como um lazer e eu aproveitava, comecei a gostar e a treinar no clube e depois em um outro lugar [...]. No clube eu treinava sábado e jogava domingo. Só que no outro lugar eu treinava na linha e jogava durante a semana, treinava de terça e quinta. Horas? Não sei te falar, era terça e quinta, mas contando os da rua, do bairro, da escola, colégio, dá um monte de tempo (G7).

Apesar da Educação Física escolar ter sido predominantemente unilateral ao ensino do futsal, pode-se afirmar que ainda existiu uma diversificação de vivências que foi positiva para G6 (futebol de várzea e futsal na escola), mas a quantidade desse envolvimento foi inferior comparado aos outros seis participantes, já que G7 diversificou as práticas esportivas fora do ambiente escolar (caratê, natação, futebol em outra função em duas associações). É correto afirmar que esse estágio foi vivenciado de maneira diferente pelos participantes do grupo e entre os grupos quanto à quantidade de horas de envolvimento e pela quantidade de esportes e/ou contextos de uma mesma modalidade esportiva em que se envolveram, revelando que na verdade não existe um padrão, como o que foi proposto pelo DMSP.

Entretanto, o objetivo da educação física escolar, que segundo Scaglia, Reverdito e Galatti (2014) é oportunizar a apropriação de uma cultura esportiva por meio da diversificação de vivências e manutenção do ato de jogar, não foi completamente atingido para G6, já que o mesmo permaneceu restrito ao envolvimento em apenas uma modalidade esportiva. Observa-se ainda a desvalorização deste ambiente com o decorrer do tempo, de acordo com o relato dos participantes.

Nesse aspecto, os postulados quatro e cinco (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009), que mencionam que altas quantidades de jogo deliberado constroem um alicerce de motivação e transferem habilidades para fases posteriores, podem ser confirmados apenas para G7, já que os anos de experimentação de G6 foram mais curtos em relação aos demais participantes do estudo e, ainda, a diversificação de contextos dentro da mesma modalidade esportiva, que foi mencionada por Côté e Erickson (2014), também ocorreu com menor frequência, já que o próprio G6 explicita a sua decisão precoce de se especializar no esporte.

É correto afirmar, portanto, que essa decisão de G6 aumentou de forma abrupta a sua inserção na prática deliberada, contrariando o processo gradativo proposto por Baker e Young (2014) e iniciando o caminho da Especialização Esportiva Precoce do DMSP (CÔTÉ; BAKER;

ABERNETHY, 2007). Entretanto, a transição para esse caminho não ocorreu da maneira como expõe o DMSP, já que o participante teve um período referente aos anos de experimentação antes de decidir se especializar e, por essa razão, a alta quantidade de prática deliberada não foi observada até essa decisão ser tomada.

Diante dos dados, pode-se afirmar que diferentemente de G6, o participante G7 vivenciou uma inserção gradativa na prática deliberada, mantendo as brincadeiras, atividades esportivas do colégio e iniciando os treinamentos específicos de futebol apenas três vezes na semana, em outra função, corroborando Baker e Young (2014) e toda a literatura no entorno das ondas do DMSP, similarmente ao que fora discutido nos dois grupos anteriores (CÔTÉ; HANCOCK, 2014).

Para G7 a decisão de se tornar goleiro de futebol fica evidente abaixo, que ocorreu após motivar-se por ter sido o destaque em uma competição.

Teve um campeonato que faltou goleiro, o goleiro não pôde ir e eu falei: “ah, eu jogo no gol”. Foram meus primeiros jogos no clube que meu pai frequentava, porque eu jogava na linha também, aí joguei, fui muito bem no campeonato e tomei gosto (G7).

Destaca-se novamente nos discursos de G7, que foram similares aos de G1 e G5 no que se refere a este processo, a menor concorrência pela função de goleiro de futebol. No século XX existia uma maior desvalorização deste atleta no cenário nacional comparado com os dias atuais (THIENGO; HUNGER, 2014), mas o que se percebeu foi que todos os participantes tentaram se inserir em outras funções e em muitas ocasiões se tornaram goleiros pela ausência destes jogadores nas práticas e competições, o que revela o menor interesse das crianças brasileiras em se envolverem com esta função, ressaltando ainda essa desvalorização.

Confirma-se no discurso de G7 que a maior ênfase das atividades praticadas pelos participantes até então era voltada ao divertimento e a diversificação de vivências, em que construíram um alicerce importante para as fases futuras. Observa-se que existiu pouco contato com a prática deliberada e quando houve, ocorreu em pouca quantidade e em padrões mais simples de treinamento (BAKER; YOUNG, 2014).

O relato ainda permite assegurar que o destaque em uma competição esportiva foi um fator determinante para motivá-lo a tornar-se goleiro de futebol, similarmente à G2, G3 e G5. Nesse sentido, o jogo deliberado e a diversificação inicial parecem não ter sido suficientes para explicar a permanência no esporte, sendo que essa está associada também ao nível de desempenho atual, ao desenvolvimento de algumas habilidades específicas e o sucesso em

competições, diferente do que foi proposto pelo DMSP e seus postulados. Novamente, é possível associar estes resultados encontrados em G7 com o estudo de Scaglia (2005), que descreve que a competição esportiva é importante, mesmo no que concerne à iniciação esportiva, diferenciando novamente o contexto brasileiro do que foi proposto pelo DMSP.

Abaixo é possível observar a influência dos familiares nesse estágio no que diz respeito à motivação para se inserir no esporte em G7. É importante ressaltar que G6 não mencionou a influência familiar neste estágio durante a entrevista e, por esta razão, não existem discursos do mesmo quanto a este tema.

Meu pai sempre gostou de jogar bola com os amigos e eu gostava de ir ver. Tempo que tinha disponível no intervalo eu ia lá chutar bola. Primeiro contato foi assim, foi praticamente vendo meu pai jogar, e tomando gosto por aquilo que o meu pai fazia. Meu pai trabalhava numa loja na época e levava o futebol como um lazer e eu aproveitava, comecei a gostar [...] Meu pai e minha mãe nunca me forçaram a jogar bola, inclusive minha mãe mandava eu estudar do que jogar bola, normal, as mães: “vai estudar, jogar bola não vira” (G7).

O discurso de G7 revela que o apoio de seu pai nesse estágio se baseava em brincar de futebol com o filho nos intervalos das competições em que participava. Este fator parece ter tido grande influência para que o participante iniciasse seu envolvimento com as práticas esportivas, corroborando a literatura de maneira similar aos grupos anteriores (CÔTÉ, 1999; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005).

Em G7 constata-se que os pais não obrigavam o participante a se inserir no futebol, mostrando-se atentos aos desejos do filho, corroborando a literatura como nos grupos anteriores (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

O relato de G7 permite uma associação com o que foi observado em G3 e G5 no que se refere aos pais terem sido goleiros de futebol em clubes de elite. Apesar do pai de G7 não atuar na elite, o fato de jogar futebol e levar o filho para assisti-lo foi um fator de influência para que ele se motivasse nesse mesmo esporte, o que pode ter facilitado sua decisão em se especializar futuramente, o que também pode ter ocorrido em G3 e G5 pelos seus familiares próximos já terem atuado profissionalmente. Percebe-se alguns aspectos da liderança transformacional e dos pais revelando-se como espelhos para os filhos, o que está de acordo com o que foi descrito no PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

É importante ressaltar que o participante G6 apenas descreveu o apoio dos pais em sua carreira esportiva depois que iniciou o processo de especialização esportiva precoce, não mencionando nenhum tipo de apoio quanto aos anos de experimentação.

No que diz respeito ao relacionamento com os parceiros durante os anos de experimentação, o discurso de G6 retrata que brincava com os amigos jogando futebol até os nove anos de idade, momento que representa o início da especialização esportiva precoce. É importante destacar que G7 não mencionou nada diretamente relacionado com as suas amizades durante os anos de experimentação. Porém, em alguns momentos da entrevista, foi notório que grande parte destes relacionamentos se baseavam em brincar de futebol neste estágio, quando o participante menciona que não sentia prazer em se inserir em outras atividades que não envolvessem algum esporte.

Na minha infância (dos seis aos nove anos) eu jogava futebol o dia inteiro com meus amigos e meus irmãos, até iniciar no futsal, quando minha rotina mudou (G6).

Sempre me dava bem (no esporte) porque gostava de fazer, eu não gostava de outras coisas. Naquela época também não tinha muito negócio de rede social. Minha infância era completamente diferente dos meus filhos de hoje, eu prefiro a minha. Mas, o futebol foi uma coisa que aconteceu naturalmente na minha vida (G7).

Os relatos acima de G6 e G7 mencionam a presença dos amigos nas situações que envolviam jogar futebol por lazer e divertimento, seja no ambiente escolar (G7) ou em outro contexto (G6). Deste modo, estes participantes apresentam uma característica semelhante aos outros dois grupos anteriores ao apontar que o relacionamento com os parceiros durante os anos de experimentação é baseado no envolvimento e manutenção do jogo deliberado (ABERNETHY et al., 2002; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

Ainda, é importante mencionar que a duração dos anos de experimentação em G6 e essa maior vivência no jogo deliberado ocorreu em um período mais curto em comparação aos outros seis participantes, diferente do que é proposto pelo DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007), já que aos 10 anos iniciou sua especialização precoce no futsal e teve uma mudança abrupta de rotina, o que será aprofundado no próximo capítulo referente a esse grupo.

O participante G7 revela a preferência pela sua infância em comparação à dos seus filhos, por não existir o contato com redes sociais e, consequentemente, ter mais espaços e oportunidades para brincarem de futebol. Esta sentença enfatiza novamente as críticas quanto à falta de espaços livres e seguros na atualidade para se brincar de futebol, corroborando Scaglia, Fabiani e Godoy (2020) no que se refere à ressignificação dos jogos e brincadeiras em relação a décadas anteriores.

7.1.4. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ANOS DE EXPERIMENTAÇÃO DOS TRÊS GRUPOS DE PARTICIPANTES

Os anos de experimentação foram importantes para o envolvimento inicial e a permanência dentro do esporte pelo engajamento positivo com as práticas esportivas, mas sabe-se que isso ocorreu de maneira diferente entre os participantes do estudo. A diversificação entre modalidades esportivas e dentro de um mesmo esporte ocorreu de maneira distinta quanto à quantidade de horas desse envolvimento, sendo que nem sempre esse estágio se encerrou aos 12 anos de idade como propõe o DMSP, revelando na verdade que esse período aconteceu de maneira estendida em cinco participantes do estudo (G2, G3, G4, G5, G7), de uma maneira encurtada em um (G6) e coincidindo com a idade apenas em G1. O jogo deliberado e a diversificação de vivências inicial foram responsáveis por desenvolver diversas habilidades fundamentais para os três grupos, mas o alicerce de motivação para fases posteriores também foi oriundo do destaque em competições, do nível de rendimento atual, da necessidade de um desenvolvimento mínimo de habilidades específicas e até mesmo da influência dos familiares de maneira direta e indireta.

Também foi possível analisar uma diversidade de contextos dentro do próprio futebol, pois a maioria dos participantes (exceto G1) vivenciaram outras funções táticas antes de se tornarem goleiros de futebol e, ainda, praticaram o futebol em diferentes ambientes, que ofereceram oportunidades igualmente distintas de aprendizagem, corroborando o que fora elucidado por Côté e Erickson (2014).

Constata-se que os grupos *Autodidatas* e *Pioneiros no Treinamento Específico* enfatizaram a multilateralidade envolvida na educação física escolar, com a iniciação em diversos esportes que foram essenciais para que desenvolvessem habilidades fundamentais para fases posteriores. Além disso, mencionaram a grande quantidade de jogos adaptados do futebol praticados em seu tempo livre em diversos contextos (campos de várzea, rua, garagem, escola), além do prazer e aprendizado inerentes a estes ambientes.

Entretanto, no grupo *Goleiros da Era da Globalização* (relatos de G6 e G7), apesar do “brincar” de futebol na rua e em campos de várzea ainda ter se mostrado importante para os anos de experimentação, confirma-se uma mudança referente à diversificação de vivências na educação física escolar, em que foi notória a prioridade dada ao futsal frente à outras práticas esportivas, reduzindo um ambiente que deveria ser multilateral, em um espaço seguro para o envolvimento no jogo deliberado e até mesmo em padrões mais simples de prática deliberada

em distintas modalidades esportivas, igualmente limitando a diversidade de contextos que são únicos para a aprendizagem de diversas habilidades e interação social. Nos discursos de G7 observa-se que existiu uma maior inserção em escolinhas de esporte em comparação aos outros dois grupos e, ainda, afirma a preferência pela sua infância em comparação com a de seus filhos, o que pode evidenciar uma diminuição de ambientes disponíveis para a diversificação de vivências na atualidade.

Nos três grupos foi nítida a relevância de espaços livres e seguros que proporcionassem a oportunidade de jogo deliberado, corroborando o DMSP e o PAF neste aspecto. Ainda, é possível citar a importância dos jogos e brincadeiras com bola nos pés não apenas como motivação inicial para permanecer no esporte, mas, como menciona Scaglia (2003), é nesta base que se aprende jogando.

No que diz respeito ao tornar-se goleiro de futebol, observa-se que cada participante apresenta singularidades relacionadas a este processo. Porém, no grupo *Autodidatas* nota-se a desvalorização desta função naquele período, ao mencionarem que as crianças menos habilidosas com os pés eram obrigadas a ir para o gol (G1 e G2) e não existia concorrência (G2), corroborando o livro de Wilson (2012) e o estudo de Thiengo e Hunger (2014). Todavia, a influência familiar e dos meios de comunicação associados à diversificação de vivências e o jogo deliberado foram essenciais para a inserção e manutenção deste processo, já que G1 foi incluído na equipe de futebol de salão da família apenas na condição de ser goleiro de futebol por não apresentar um bom nível de rendimento em outras funções e G2 revelou o grande divertimento proporcionado por se imaginar como um goleiro de futebol durante as brincadeiras na rua, influenciado pelos jogos de várzea que seu pai o levava para assistir e as partidas que escutava na rádio.

O grupo *Pioneiros no Treinamento Específico* vivenciou uma realidade singular. Apesar de ainda existir uma desvalorização do goleiro similar à referenciada pelo grupo anterior por ainda não existir concorrência e estar relacionada à função que representava o jogador com poucas habilidades para esta prática (THIENGO; HUNGER, 2014), os participantes G3 e G5 tiveram familiares que atuaram como goleiros profissionais, enquanto G4 recebia acessórios e uniformes desta função desde os primeiros anos da infância. Essa situação pode não ter influenciado diretamente a escolha dos participantes, que obtiveram destaque em outras modalidades esportivas e/ou vivenciaram por um curto período uma outra função no futebol, antes de decidirem, sem pressão excessiva dos pais e em um ambiente positivo, tornarem-se goleiros. Porém, o fato dos familiares terem atuado como goleiros em equipes profissionais pode ter facilitado e motivado a decisão dos atletas.

O grupo *Goleiros da Era da Globalização* revelou que enquanto G6 sempre sentiu prazer por atuar como goleiro e decidiu já na infância se especializar na modalidade esportiva, o participante G7 só se inseriu nesta função após a ausência de um goleiro que atuava pela sua equipe em uma competição. Por não existir concorrência, optou por ser o substituto naquela ocasião, motivou-se e se manteve nesta função. Apesar dessa desvalorização ter diminuído, G7 demonstra que essa ainda existe e, ainda, revela o que foi explicitado no primeiro parágrafo quanto ao destaque em competições também ter sido um fator de motivação para manter-se como goleiro.

De uma maneira geral, cinco participantes se envolveram, motivaram-se e se mantiveram como goleiros de futebol pela menor concorrência e por consequência do destaque em competições, amistosos e treinamentos (G1, G2, G3, G5, G7). O participante G4 se envolveu como goleiro e diversificou funções recreativamente de maneira espontânea e G6 foi o único que, desde os primeiros anos de infância, optou por especializar-se nesta função.

Ainda, é correto afirmar que a maioria dos participantes esteve envolvida no jogo deliberado em espaços seguros, o que torna possível a correlação com a importância das configurações apropriadas explicitadas pelo PAF para o desenvolvimento positivo na juventude (PYD).

No que se refere aos relacionamentos com treinadores, existe forte congruência com a literatura, pois estes agentes foram responsáveis por: incentivar as práticas esportivas em um ambiente livre de estresses e sem pressões excessivas; motivar a manutenção dessas práticas; desenvolver habilidades essenciais nos participantes (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2009) e, deste modo, assegura-se que a qualidade destas relações nos anos de experimentação influenciaram positivamente o desenvolvimento dos participantes. Apenas os participantes G5, G6 e G7 não relataram diretamente a influência destes profissionais nesse estágio.

Quanto ao relacionamento com os pais, constata-se que foi baseado: em um envolvimento moderado, de modo que todos os participantes puderam escolher as práticas esportivas que queriam se envolver; expectativas moderadas, já que nenhum pai optou por acelerar o processo de especialização; todos os pais apresentaram os diferentes tipos de apoio necessários para esse estágio, sendo responsáveis pelo incentivo, inserção, motivação e manutenção dessas atividades (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2009). Os pais e especialmente os irmãos de alguns participantes (G1, G2, G5, G6; G7) também participavam do jogo deliberado ou até mesmo da iniciação na prática deliberada (G5).

No que concerne os parceiros, é notório que, quando este tema foi mencionado, em todos os grupos evidenciou-se que este relacionamento se baseou no envolvimento e manutenção do jogo deliberado, em congruência com os estudos referentes ao PYD (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; STRACHAN; CÔTÉ; DEAKIN, 2009). Vale ressaltar que os participantes mencionaram apenas indiretamente este tipo de envolvimento e, deste modo, a discussão deste tema neste estágio foi realizada interpretando as entrelinhas dos discursos.

7.2. OS ANOS DE ESPECIALIZAÇÃO DOS TRÊS GRUPOS DE PARTICIPANTES

A discussão desse estágio foi dividida nos mesmos três grupos. É importante enfatizar que os discursos do grupo *Autodidatas* relacionam-se em sua maioria com a carreira esportiva de G1, pois G2 não transitou para os anos de especialização, contrariando a existência deste estágio proposta pelo DMSP de Côté, Baker e Abernethy (2007). No que se refere ao grupo *Pioneiros no Treinamento Específico*, os discursos de G3 apenas enfatizam que, apesar do desejo do mesmo em se especializar no voleibol, esse processo não ocorreu. Deste modo, apenas os discursos de G4 foram aprofundados, pois G5 também não vivenciou esse estágio. Mesmo em G4, é correto afirmar que o mesmo iniciou uma especialização em uma modalidade esportiva diferentes do futebol, também contrariando o DMSP. No que se refere ao grupo *Goleiros da Era da Globalização*, é evidente que G6 especializou-se precocemente e, deste modo, a discussão foi realizada de maneira individual neste grupo.

7.2.1. O GRUPO AUTODIDATAS E OS ANOS DE ESPECIALIZAÇÃO

O início de G1 como goleiro de futebol de salão ocorreu no clube fundado pelo seu pai até ser chamado para jogar em outro clube, onde teve uma maior participação em treinos sistematizados, próximo aos 13 anos de idade e federou-se. Entretanto, ainda não existia a profissão de treinador de goleiros e, deste modo, não vivenciou este tipo de prática neste período. Porém, devido suas habilidades já começou a ter destaque nesta função e, por meio de um novo convite, transferiu-se para um outro clube, onde conquistou alguns títulos nas categorias de base.

Eu tinha 13 anos de idade e alguém me chamou para jogar num clube que disputava o futebol de salão federado, o estadual. Aí fui para esse clube lá e

fiz o teste, passei, ainda era muito garoto. Do futebol de salão não tinha assim uma atividade específica, você participava do bate-bola, aquelas coisas assim, não havia nenhum específico (G1).

De repente veio um convite para eu fazer o teste no meu clube formador, futebol de salão ainda, na época, não o futsal de hoje. Eu fui aprovado, aí começa uma carreira lá no futebol de salão do meu clube formador. Aos 14 anos de idade, me tornei sócio atleta do clube, ganhei vários títulos no futebol de salão e, depois disso aí, acharam que eu poderia fazer um teste no campo, mas eu nunca tinha jogado futebol de campo na minha vida (G1).

O participante G1 iniciou este processo próximo aos 13 anos de idade, corroborando o estudo que Abernethy, Côté e Baker (2002) realizaram com atletas de esportes coletivos na Austrália quando descreveram que existiu uma transição que representou a diminuição do envolvimento destes atletas em diversas modalidades esportivas para um maior engajamento em um ou dois esportes, transição correspondente aos anos de especialização. Deste modo, assegura-se que estes dados correspondem à carreira de G1 no que concerne a idade em que este período ocorreu.

Entretanto, Baker, Côté e Abernethy (2003) descrevem que os anos de especialização se caracterizam pelo equilíbrio entre a quantidade de prática deliberada em uma ou duas modalidades esportivas e o jogo deliberado, sendo uma dessas a principal a ser desenvolvida até o alto rendimento. Essa afirmação não sustenta completamente os achados do estudo em G1, pois o mesmo aumentou a quantidade de treinamentos sistematizados e participações em competições em outro esporte (futebol de salão), não se especializou na função de goleiro de futebol propriamente dito. Apesar de existirem muitas semelhanças entre as modalidades esportivas, existem características singulares a cada esporte que devem ser respeitadas. Além disso, não é possível afirmar que existiu um equilíbrio na quantidade de horas de envolvimento entre jogo e prática deliberada.

Frente ao exposto, assegura-se que G1 se inseriu na prática deliberada com padrões mais simples de complexidade, mas não se envolveu com o treinamento específico de sua função, o que revela que esse envolvimento com a prática deliberada depende não só dos fatores citados por Baker e Young (2014), mas também da estrutura institucional, da organização do clube e também do momento histórico do esporte, pois não existia a função de treinamento de goleiros, nem mesmo no futebol de salão, como fica explícito no relato do participante.

Quando o participante se transferiu para o seu clube formador, constata-se que existiu um maior engajamento nos treinamentos e, ainda, o fato de tornar-se um sócio atleta do clube evidenciava na época que G1 estava se destacando neste processo. Na última frase pode-se analisar a importância de ter conquistado títulos para que tivesse uma oportunidade de ser

avaliado no futebol de campo do mesmo clube. Essa assertiva permite uma associação com o estudo de Stambulova et al. (2009) ao constatar que a maneira como ocorre o desenvolvimento esportivo é diretamente influenciada pelo sistema esportivo, as normas sociais, os valores culturais, a maneira como a sociedade se organiza. No caso de G1 é nítido em seu discurso a importância relacionada a bom rendimento atual para obter destaque e prestígio no ambiente em que estava inserido.

Por fim, o discurso de G2 confirma que o mesmo não vivenciou esse estágio, já que o destaque em um amistoso foi responsável para que ele iniciasse os treinamentos nos anos de investimento em uma rotina exaustiva no seu clube formador.

Aos 14 anos eu fui fazer esse teste, o técnico era o T., juvenil do meu clube formador, aí fui fazer o teste e fui aprovado, mas não quis ficar! Achei um ambiente diferente do salão, e eu não fiquei. Voltei ainda aos 14 anos, e como este clube estava reformando o campo, era horroroso, eu não tinha chuteira, e o técnico não era mais o T., era o P. Aí chego no local, ele perguntou se eu tinha chuteira, e respondi que não tinha. “Então você não vai treinar”. Aí eu fiquei até as 19 horas lá, não treinei, voltei muito chateado e falei para os diretores que nunca mais eu ia para o campo, porque eu fui desrespeitado, pois o clube sabia quem eu era, mas tudo bem. No começo do outro ano retornei. Eu tinha 15 anos de idade. Aí quando acabou o teste, vieram me procurar e falaram: “você foi aprovado, está aqui um papel para você levar para sua casa, para o seu pai assinar, você vai ser federado e já vai ficar na reserva do próximo jogo”. Aí cheguei em casa com papel, meu pai também achou aquilo muito rápido, e eu trabalhava como *office boy*, ganhava mais ou menos 120 cruzeiros na época, e eu ia ganhar 80 cruzeiros para ficar jogando no meu clube formador (G1).

Até que num determinado dia, quando tinha 14 anos de idade, a minha primeira equipe profissional foi realizar um jogo amistoso e teve uma preliminar. Me convidaram para ir jogar no time da preliminar e eu fui... durante o segundo tempo eles chegaram e o treinador me viu jogando. Acabou o jogo, ele foi conversar comigo e com meu pai, se eu não queria ir treinar nesta equipe. Aí passei um determinado período, viajando todo dia, de minha cidade natal até uma cidade importante do interior, uma viagem se transcorria em torno de duas horas mais ou menos, pelas condições das estradas na época. Eu estudava de manhã, vinha após o almoço para a cidade deste clube, treinava, voltava para casa (G2)

É possível associar o discurso de G1 ao estudo de Stambulova et al. (2009) novamente no que concerne à dependência da especialização esportiva quanto a modalidade esportiva praticada, o sistema de organização esportiva, as normas sociais e tradições culturais do país estudado. O participante foi submetido a diversas avaliações, em um processo de seleção de “talentos” e, na primeira vez, não se sentiu confortável ao novo ambiente em que foi exposto. Em uma segunda vez, por não ter o tipo de calçado ideal para a prática, não participou do

treinamento e ficou frustrado pela experiência negativa. Em uma terceira vez foi aprovado e transitou diretamente dos anos de especialização no futsal para os anos de investimento já como goleiro de futebol de campo, e essa decisão pode estar relacionada com o fato de G1 já estar exercendo uma atividade remunerada e ter recebido uma proposta financeira do clube parecida com a do seu emprego atual, o que enfatiza que fatores que estão fora do contexto esportivo também exercem influência nos anos de especialização e na transição para os anos de investimento, diferenciando-se do que foi proposto pelo DMSP e aproximando-se do que foi descrito por Alfermann e Stambulova (2007) e Stambulova et al. (2009).

Assegura-se que pelo início do ganho financeiro e pelo processo de federar-se como atleta, ocorre uma transição dos anos de especialização para os anos de investimento. É importante destacar que os anos de especialização apresentaram características bem diferentes às propostas pelas quatro ondas de pesquisas do DMSP (CÔTÉ; HANCOCK, 2014). Além do participante não ter vivenciado este estágio como goleiro de futebol de campo, essa transição ocorreu de maneira abrupta e não gradativa, como propõe a literatura supracitada. Essa contradição pode ser vista também em G2, afinal, o mesmo não se inseriu neste estágio, transitando diretamente aos anos de investimento.

Deste modo, é possível observar que as trajetórias do DMSP não estão em congruência com os participantes deste grupo, existindo caminhos alternativos àqueles propostos por Côté, Baker e Abernethy (2007). Resultados similares foram encontrados em atletas de elite de jiu-jitsu (VICENTINI; MARQUES, 2018) e de futsal feminino (MASCARIN et al., 2019) no contexto nacional, permitindo sustentar essa afirmação.

No que diz respeito ao sexto postulado de Côté, Lidor e Hackfort (2009), pode-se afirmar que a idade de 13 anos para iniciar o processo de especialização em uma ou duas modalidades esportivas, sendo uma delas a que será futuramente a principal, não se aplica aos participantes do estudo. Para G1, apesar de ter iniciado a especialização no futebol de salão aos 13 anos de idade, a transição para o futebol de campo foi abrupta, marcada por curtos processos de avaliação e pela inserção direta nos anos de investimento. Para G2 o período referente a este estágio não existiu, sendo que permaneceu na várzea até os 14 anos de idade, praticando recreativamente e mantendo-se em diversos esportes na escola e no jogo deliberado com seus amigos, transitando diretamente para os anos de investimento de maneira abrupta. Essa mudança bem-sucedida pode ter tido relação direta com o repertório de habilidades oriundo de fases anteriores, que foram desenvolvidas no futebol de salão nos anos de especialização e em diversas outras práticas esportivas nos anos de experimentação.

Por se tratar de um curto período na carreira dos indivíduos e pela prioridade ao desempenho, os temas referentes ao relacionamento com pais, parceiros e treinadores foram amplamente discutidos nos anos de investimento.

7.2.2. O GRUPO PIONEIROS NO TREINAMENTO ESPECÍFICO E OS ANOS DE ESPECIALIZAÇÃO

No discurso de G3 evidencia-se um desejo do participante em se dedicar mais aos treinamentos no voleibol aos 13 anos, sendo que treinava com adultos com o objetivo de melhorar o rendimento, mas o maior envolvimento com o futebol revela que essa transição para os anos de especialização não existiu. Já G4 aumentou a quantidade de prática deliberada no voleibol no início do ensino médio, próximo aos 15 anos de idade, inserindo-se nos anos de especialização nesta modalidade, que perdurou até os 18 anos.

Antes de entrar no futebol eu joguei vôlei, joguei vôlei treinando mesmo. Eu era infantil, mas eu jogava com os adultos, eu tinha 13 anos de idade já com 1,85 metros, então isso me ajudou [...] O vôlei a gente não tinha muito acesso, então para você jogar vôlei no interior era muito difícil, tinha que procurar um ginásio. Não tinha! Aí era duas vezes por semana. O futebol não! Futebol eu jogava toda hora, na escola, pelada e com os amigos no bairro (G3).

Quando eu voltei para a cidade em que me desenvolvi, para fazer esse segundo grau, aos 15 anos, aí sim o vôlei começou a ser um esporte importante na minha vida, praticamente todo dia nós treinávamos, nós tínhamos uma equipe boa no colégio e ganhávamos vários torneios, campeonatos e viajávamos muito para jogar com a nossa equipe (G4).

O relato de G3 revela que o primeiro contato com o treinamento sistematizado foi no voleibol, praticando com adultos e iniciando a especialização na modalidade esportiva. O perfil físico de G3 e as habilidades desenvolvidas por meio da diversificação de vivências em fases anteriores auxiliaram fossem selecionados e/ou aprovados num processo para se inserirem nas categorias de base de um clube de futebol, o que refuta a normatividade deste estágio nos participantes. Além disso, assegura-a sua inserção neste esporte. A quantidade de prática deliberada não era considerada alta, sendo que G3 tinha treinos sistematizados apenas duas vezes por semana, devido à dificuldade de acesso à prática deste esporte. Desta maneira, é possível afirmar que o primeiro contato deste praticante com a prática deliberada ocorreu tardiamente e em pouca quantidade, respeitando um processo de desenvolvimento multilateral

em longo prazo, por meio de um padrão mais simples deste tipo de atividade (BAKER; YOUNG, 2014).

Vale ressaltar que o voleibol praticado por G3, mesmo tendo como foco primário a melhora de rendimento, ocorreu em menor quantidade do que o futebol, que era praticado recreativamente em diferentes contextos de prática. Pode-se assegurar que apesar de existir um desejo de se especializar no voleibol, a quantidade de jogo deliberado no futebol ainda era maior em comparação à prática deliberada no voleibol. Verifica-se uma diferença entre este estágio do participante com o que fora proposto pelo DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007), já que os autores enfatizam o equilíbrio existente entre a prática deliberada e o jogo deliberado e, ainda, afirmam que os anos de especialização são conectados à modalidade esportiva principal que será praticada futuramente pelo atleta, o que não foi observado neste caso, já que G3 logrou a elite esportiva como goleiro de futebol.

Assim como em G1 e G2, observa-se que alguns aspectos abordados pelo DMSP são insuficientes para explicar o processo de especialização esportiva, já que fatores que estão fora do contexto esportivo, como a dificuldade de acesso ao esporte, influenciaram direta e negativamente na possibilidade de G3 se dedicar mais aos treinamentos, que só eram realizados duas vezes por semana. Essas interferências que são externas ao contexto esportivo aproximam-se daquelas mencionadas por Alfermann e Stambulova (2007) e Stambulova et al. (2009) e apresentaram-se como essenciais para que o atleta não permanecesse praticando esse esporte, o que significa que essa transição dos anos de experimentação para os anos de especialização não existiu em G3, devido ao maior envolvimento com o futebol pela facilidade quanto ao acesso à prática.

De acordo com Baker, Côté e Abernethy (2003) é importante que o participante, com pouca ou nenhuma influência externa, escolha suas modalidades esportivas preferidas para se especializar. Porém, este discurso reafirma que o desenvolvimento esportivo pode ser influenciado também por normas sociais e tradições culturais, como também afirmam Stambulova et al. (2009). O voleibol, na época em que o participante se encontrava nos anos de especialização, ainda não era um esporte de fácil acesso, pois a cultura esportiva brasileira sempre teve como prioridade o futebol, sendo o esporte de maior massificação e divulgação até os dias atuais.

Portanto, confirma-se o que Stambulova et al. (2009) descrevem quanto à necessidade de complementar generalizações elucidadas em modelos descritivos (DMSP), já que as transições normativas do desenvolvimento da participação esportiva, por mais previsíveis que

sejam, ainda estão sujeitas à diversas demandas de ordem mais imprevisível, como as que foram supracitadas.

Frente ao exposto, G4 apenas transitou para os anos de especialização, em uma idade aproximada de 15 anos de idade, ao afirmar em seu discurso que o voleibol se tornou um envolvimento relacionado diretamente com o desempenho no início do segundo grau, atualmente conhecido por ensino médio. Deste modo, este processo ocorreu de maneira tardia comparados aos diversos estudos das ondas de pesquisas no entorno do DMSP (ABERNETHY; CÔTÉ; BAKER, 2002; SOBERLAK; CÔTÉ, 2003; BAKER; CÔTÉ; ABERNETHY, 2003ab; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007) que reforçam à proximidade desta transição aos 13 anos e, além disso, apresentou uma contradição aos achados dos estudos supracitados no que concerne à modalidade esportiva principal, já que o participante praticava o voleibol com o objetivo de atingir a elite, e não o futebol.

É possível relacionar estes resultados de G1, G2, G3, G4 e G5 com o estudo de Stambulova et al. (2009), visto que para os autores as modalidades esportivas são diferentes quando se considera a idade de início de especialização e, portanto, este estágio é esporte-dependente. Observa-se nestes dois grupos que cada carreira esportiva apresentou exclusividades no que diz respeito à este estágio, já que G1 vivenciou apenas o futebol de salão, os participantes G2 e G5 transitaram diretamente dos anos de experimentação para os anos de investimento e, por fim, G3 e G4 iniciaram uma especialização no voleibol.

Já G4 relata que participava ativamente de duas modalidades esportivas: voleibol e futebol, de modo que seu envolvimento com a primeira tinha como objetivo alcançar a elite esportiva, enquanto que a última era praticada apenas para o lazer, apesar de ainda existir o sonho de se tornar goleiro.

Eu treinava mais vôlei do que jogava futebol. Futebol eu jogava final de semana, era só lazer mesmo, não tinha nada de você pretender alguma coisa. O vôlei sim, o vôlei era mais profissional, muito mais profissional que futebol [...]. Mas o sonho sempre era ser o goleiro, mas como eu morava longe da capital do meu estado essa coisa de ser jogador ficava cada vez mais difícil (G4).

Na análise destes discursos é possível ainda fazer novamente uma crítica ao sexto postulado de Côté, Lidor e Hackfort (2009, p. 11-14) que descreve que:

Próximo ao fim do ensino fundamental (13 anos de idade) o participante pode escolher em se especializar em uma modalidade esportiva ou vivenciar o esporte recreativamente.

Primeiramente, observou-se que G3 iniciou os anos de especialização aos 13 anos em outra modalidade esportiva (voleibol), G2 transitou diretamente dos anos de especialização para os anos de investimento. O próprio G4 se inseriu no processo de especialização depois dos 15 anos de idade. Portanto, a idade de especialização relacionada ao final do ensino fundamental (próxima aos 13 anos) não se sustenta nos participantes deste estudo.

Ainda, o participante G3 não permaneceu no voleibol pela dificuldade de acesso à prática e G4 relata a dificuldade existente em se especializar no futebol pela distância de sua cidade à metrópole mais próxima, contrariando novamente este postulado de Côté, Lidor e Hackfort (2009), pois nitidamente a transição para os anos de especialização neste estudo dependeu de outros fatores, como aqueles citados por Stambulova et al. (2009): a maneira como o esporte de base se organiza; a dificuldade de acesso à prática em esportes com menor investimento no cenário nacional; situação socioeconômica do ambiente em que o participante está inserido; as tradições culturais brasileiras no esporte, como a prioridade ao resultado imediato em detrimento do desenvolvimento em longo prazo, o que é valorizado não apenas pelos clubes em que estiveram, mas na ênfase às conquistas e vitórias presentes no próprio discurso dos participantes.

Apesar de Côté e Fraser-Thomas (2007) apontarem que o DMSP não é estanque e que existem trajetórias horizontais nesse modelo que se referem à possibilidade de abandono do esporte, os autores não mencionam a possibilidade de retorno para um novo processo de investimento rumo à elite em outro esporte, o que posteriormente ocorre com G3. Para esse participante, o caminho para a elite esportiva demonstrou que não existiu uma linearidade, apresentando características únicas, como a transição para os anos de recreação e posteriormente a transição direta para os anos de investimento em outra modalidade esportiva, demonstrando a insuficiência desse modelo descritivo para explicar as possibilidades de caminhos para a elite esportiva.

No grupo *Pioneiros no Treinamento Específico* é correto afirmar que a falta de acessibilidade ao voleibol em G3 e a distância da cidade em que G4 se desenvolveu e a capital de seu estado, local onde segundo o próprio participante existiam as melhores oportunidades de desenvolvimento no futebol, podem ser consideradas como barreiras para que essa transição fosse dificultada e/ou não ocorresse (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

Neste sentido, o discurso de G4 sobre uma especialização em outra modalidade esportiva corrobora o que foi encontrado em seis atletas de elite de jiu-jitsu no interior do estado de São Paulo no estudo de Vicentini e Marques (2018). Neste estudo, os autores descobriram

que, além de se inserir nos anos de especialização de maneira tardia, os atletas também se especializaram em outro esporte antes de escolherem o jiu-jitsu como modalidade esportiva principal. Estes achados são similares ao discurso do participante G4 e revelam que o contexto brasileiro apresenta algumas peculiaridades que não são sustentadas pelo DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

No que diz respeito ao relacionamento com parceiros e treinadores, o G4 não discursou sobre o tema. Porém, estes serão amplamente discutidos nos anos de investimento.

Referente ao relacionamento com os pais, o discurso abaixo de G4 revela que os pais foram fundamentais nos anos de especialização do participante, pois incentivavam, assistiam aos jogos e auxiliavam com o que era necessário para sua carreira.

Então vinha sempre assistir, vinha torcer, na época do vôlei vinha ver a gente, vinha torcer [...]. Mas o incentivo deles, a preocupação sempre foi muito grande, estar junto, querendo ajudar de qualquer forma (G4).

Pode-se afirmar que G4 foi o participante que vivenciou um período mais longo no que concerne os anos de especialização, mesmo que em outra modalidade esportiva. Assegura-se pelos discursos acima que seus pais ofereceram o apoio necessário para o estágio, ao auxiliá-lo em todas as situações e também o acompanhando durante as competições. Isso corrobora os estudos de Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2005) referente ao envolvimento moderado e em um ambiente livre de pressões, e o de Côté e Fraser-Thomas (2007) quanto à influência positiva dos diferentes tipos de apoio dos pais para manter a motivação do filho em permanecer no esporte e valorizar seu esforço, desenvolvendo valores importantes para o PYD.

Portanto, pode-se afirmar que o suporte dos pais e o incentivo da escola ao esporte foram considerados grandes recursos para que ele se mantivesse nesse estágio.

7.2.3. O GRUPO GOLEIROS DA ERA DA GLOBALIZAÇÃO A ESPECIALIZAÇÃO ESPORTIVA PRECOCE E OS ANOS DE ESPECIALIZAÇÃO

A carreira de G6 apresenta características distintas, devido ao processo de especialização esportiva precoce e consequentemente um maior envolvimento com o treinamento sistematizado e específico voltado ao goleiro de futsal e futebol, apesar do atleta relatar que se sentia motivado com estas práticas durante esse período. Destaca-se ainda que G6, após um período em que estava sendo especializado nas duas modalidades esportivas ao mesmo tempo, sentiu-se saturado e queria optar apenas por permanecer no futsal. Entretanto,

por influência familiar abandonou este esporte e manteve seu envolvimento no futebol de campo, em decorrência das maiores chances de ascensão social nesta última.

Desde os 10 anos, (futebol de salão) eu sempre tive esse treinamento voltado especificamente para o goleiro, e isso com certeza me ajudou bastante, uma evolução enorme, para que eu pudesse além do talento que papai do céu me deu, aprimorar ele da melhor maneira possível [...]. No futebol de salão, quando a gente fazia um treinamento específico de goleiro, sempre colocavam um colchão para a gente fazer as quedas. Eu adorava, porque era a parte que eu mais gostava do treino, aquela coisa de criança mesmo de quando você se joga no colchão, para realizar aquelas defesas bonitas, a famosa ponte. Eu comecei no futebol de salão no sub-10, e o meu clube formador estava precisando de goleiro nascido na minha idade, e o meu treinador do futsal estava fazendo uma experiência no futebol de campo mirim. Eu tive a oportunidade através dele de fazer alguns testes, passei, e dois anos depois eu já estava compondo a equipe federada do sub-13 do meu clube formador. Comecei a trabalhar nos dois campos (dos 11 aos 13 anos), sendo no futebol de campo e no futebol de salão, então eu estudava a tarde, fazia futebol de campo de manhã e fazia futebol de salão a noite [...] Era muito complicado porque eu atuando no futebol de campo e no futebol de salão, final de semana não existia, porque domingo eu tinha jogo no futebol de salão, e sábado era no futebol de campo, e vice-versa, então era muito complicado conciliar um final de semana em casa [...] Chegou um período que estava cansativo pra mim, eu queria continuar somente com o futebol de salão, mas a minha mãe, com aquele “*feeling*” disse que eu teria que continuar no meu clube formador e que a projeção pro futebol de campo seria melhor do que futebol de salão, então eu optei em deixar o futsal e fazia somente o futebol de campo (G6).

Primeiramente, o que se observa pelos discursos de G6 é a existência, desde o sub-11, da profissão de treinador de goleiros no clube no futebol de salão e posteriormente no sub-13 já no futebol de campo. Estes achados evidenciam a evolução da função de goleiro de futebol, com uma maior valorização da importância deste tipo de treinamento para o desenvolvimento da carreira de um atleta (THIENGO; HUNGER, 2014).

Entretanto, é verossímil que G6 se especializou precocemente como goleiro de futsal e posteriormente de maneira simultânea no futebol de campo, pois as competições e treinamentos tornaram-se prioridade comparados às brincadeiras praticadas com os amigos neste período. Sabe-se que existe a possibilidade de se lograr o alto rendimento por meio deste processo, que se configura em altas cargas de prática deliberada desde o período referente à pré-puberdade e, deste modo, representa um possível caminho dentro do DMSP, apesar de estar relacionado com diversas consequências negativas como lesões por estresse, saturação e abandono da prática (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; WALL; CÔTÉ, 2007; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2007). Entretanto, o próprio atleta desejava se especializar nesta

função desde os primeiros anos da infância e tomou essa decisão livre de pressões, segundo o mesmo.

Nesse aspecto, apesar da especialização esportiva precoce ter ocorrido, esse caminho parece não ter sido linear como aponta o DMSP, já que G6 revela que já tinha tomado a decisão sobre seu futuro no esporte, mas o mesmo inseriu-se em dois processos simultaneamente, por influência de seu treinador de futsal estar inserido na mesma função e na mesma categoria do participante em um clube de grande expressão nacional no futebol de campo e, por esta razão, convida-lo para um processo de avaliação neste esporte, em que veio a ser aprovado. Deste modo, assegura-se que ocorreu uma especialização esportiva precoce em dois esportes de maneira simultânea, o que não está descrito neste modelo descritivo proposto por Côté, Baker e Abernethy (2007).

Os relatos de G6 deixaram explícito que a inserção e o envolvimento nesse processo de especialização precoce dupla ocorreu pela própria decisão do atleta associado à influência do treinador ter começado uma carreira em um clube de grande expressão nacional. A possibilidade ascensão social e da realização do sonho de infância do participante, que estão fora do contexto esportivo, parecem ter sido essenciais para que essas decisões fossem tomadas, aproximando-se novamente do que foi descrito por Alfermann e Stambulova (2007) e Stambulova et al. (2009).

Porém, os relatos de G6 mostram a dificuldade no que concerne à quantidade de tempo para poder brincar com seus amigos pela prioridade dada ao treinamento, deixando explícito que a rotina relacionada à prática deliberada foi responsável por deixá-lo exausto, a ponto de saturar-se e querer abandonar justamente a modalidade esportiva em que atingiu a elite, o que corrobora os efeitos negativos da especialização esportiva precoce apontados pelos estudos citados no parágrafo anterior. O último discurso de G6 certifica que o esporte de alto rendimento, principalmente os de grande apelo popular como o futebol, ainda são percebidos como um meio de ascensão social em classes mais baixas da sociedade, fato que se comprova pela decisão de G6 quanto à continuidade no futebol ter sido influenciada pela mãe de acordo com a maior oportunidade em atingir o alto rendimento e ser bem sucedido, o que é contraditório à literatura (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007) que afirma que a inserção em um processo de especialização deve ser realizada com pouca ou nenhuma influência de treinadores e familiares.

Os discursos de G6 também elucidam o estudo de Stambulova et al. (2009) que descreve que os modelos descritivos que abrangem o desenvolvimento da carreira esportiva não podem especificar algumas generalizações, pois muitas vezes as transições, mesmo as normativas,

podem depender do sistema esportivo, da modalidade esportiva, normas sociais e tradições culturais. No caso de G6, a visibilidade que o futebol de alto rendimento proporciona no cenário nacional foi percebida pela mãe do participante como uma alternativa de melhorar as condições socioeconômicas do seu ambiente familiar, ressaltando o pensamento de Stambulova et al. (2009) no que concerne todos os aspectos acima.

Sabe-se que enfatizar unilateralmente um processo de treinamento especializado e ter um bom rendimento desde os primeiros anos da infância e/ou adolescência não predizem o sucesso na modalidade esportiva (CÔTÉ; FRASER-THOMAS; DEAKIN, 2005; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; WALL; CÔTÉ, 2007; FRASER-THOMAS et al., 2008; FRASER-THOMAS et al., 2009). Diante dos dados, o discurso de G6 sobre o fato de ter iniciado o treinamento específico de goleiro precocemente aliado ao relacionamento positivo com treinadores que foram considerados responsáveis por desenvolver um talento inato do participante é, na verdade, intrigante. De acordo com Garganta (2013, pp. 465) a expressão do talento como a identificação de capacidades inatas é um erro e deve ser substituída por uma outra que está relacionada com a interação entre o desenvolvimento destas capacidades por consequência da vivência inicial, preferências, oportunidades para prática, relacionamento com treinadores que motivam e lideram, além do equilíbrio entre a quantidade e a qualidade dos treinamentos executados durante a carreira esportiva.

Para Scaglia et al. (2013), a atribuição ao “dom divino” é pautada pelo senso comum, pois existe uma grande complexidade na integração dos fatores que são responsáveis pelo desenvolvimento esportivo, especialmente no que se refere à exposição e interações do ser/criança/jogador nos mais variados ambientes de jogos na infância e adolescência.

Portanto, a opinião de G6 sobre o seu sucesso esportivo ter acontecido devido à especialização precoce aliada ao talento inato recebido por um “dom divino” pode ser criticada na medida em que as suas experiências esportivas, mesmo neste ambiente extremamente controlado, foram em sua maioria positivas por meio do bom relacionamento com treinadores competentes e motivadores somado às experiências iniciais no futebol de rua com os amigos e com seu irmão, dos 6 aos 9 anos de idade, onde começou a ter melhor percepção sobre suas próprias habilidades e se motivou por iniciar neste processo. Ainda, é importante mencionar que talvez esse ambiente positivo associado com o jogo deliberado dos 6 aos 9 anos de idade podem ter sido responsáveis para que o atleta suportasse essa dupla especialização precoce.

Abaixo os relatos identificam o apoio dos pais de G6 durante esse estágio. Primeiramente observa-se que a mãe do participante se comportava de maneira reservada, ou seja, não influenciava diretamente as opções de seu filho. O apoio no transporte, no

cumprimento de suas agendas, assistindo aos jogos e acompanhando todo o processo em direção aos profissionais. Por fim, G6 menciona o auxílio de sua mãe ao ter que decidir uma das duas modalidades esportiva para continuar investindo.

A minha mãe sempre se comportou de uma maneira muito reservada. Ela me ajudava no transporte, no fato de eu ter que cumprir minhas agendas, de manhã treino, tarde escola e a noite em outro treino. Então minha mãe ficava mais por essa parte. Ela sempre me acompanhou, sempre foi muito presente, nos jogos, de final de semana, sempre tive total apoio da minha mãe em relação àquilo que escolhi para minha vida [...]. Meu pai foi menos presente na minha formação como atleta, porque viajava bastante, não dormia em casa, e a minha mãe basicamente foi meu braço direito, meu anjo da guarda, foi ela que me acompanhou basicamente em todo esse processo que antecedeu os profissionais. Se hoje tudo que eu conquistei, com certeza minha mãe tem um percentual muito grande em relação a isso tudo (G6).

Os discursos de G6 revelam que sua mãe não influenciava diretamente nas escolhas do participante, dando-lhe liberdade e, simultaneamente, o apoio suficiente para que ele se motivasse e mantivesse engajado no esporte, o que está de acordo com os estudos de Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2005) que afirmam que pais moderadamente envolvidos estão mais relacionados ao sucesso esportivo e também de Côté e Fraser-Thomas (2007), de maneira em que é possível constatar que existiram diferentes tipos de apoio: um apoio tangível, pelo fato da mãe de G6 ajudá-lo a cumprir sua agenda; o apoio emocional ao valorizar o esforço e comprometimento do participante; no terceiro discurso fica evidente o apoio informativo, que se refere aos conselhos em situações problemáticas, como escolher um programa adequado para as necessidades e desejos da criança.

Portanto, no processo de especialização esportiva precoce de G6 é plausível assegurar que os familiares, principalmente sua mãe, foram responsáveis por construir um bom ambiente por meio de um relacionamento de qualidade que contribuiu para o desenvolvimento do atleta. Vale ressaltar que apesar do conselho recebido em permanecer apenas no futebol de campo ter influenciado o caminho da carreira esportiva do participante, o participante sempre desejou ser goleiro de futebol profissional. Deste modo, pode-se interpretar que essa decisão não foi influenciada por um desejo da mãe, mas por uma escolha que estava relacionada diretamente com a ascensão social, o próprio desejo de G6 e o fato do futebol de campo ser muito mais reconhecido e valorizado no país, corroborando o artigo de Stambulova et al. (2009) novamente no que diz respeito ao processo de especialização esportiva ser dependente de normas culturais e sistemas esportivos.

Abaixo também pode-se observar o relacionamento que existia entre os treinadores e o participante, de modo que o mesmo relata o desenvolvimento da liderança construída por meio dessas relações. Ainda, revela que o treinamento específico foi responsável por melhorar seu rendimento, já que sempre teve profissionais capacitados em seu ambiente.

Os treinadores de goleiros que eu tive, desde criança até o profissional, eu sempre escutei muito, sempre foram treinadores de goleiros capacitados e, se eu me tornei o goleiro que eu me tornei, foi porque eu pude escutar e extrair de cada um sempre alguma coisa que pudesse me ajudar. Com certeza o treinamento específico de goleiro é uma joia muito grande para a função (G6).

Neste discurso é possível observar que existia um relacionamento profissional e próximo entre G6 e seus treinadores de goleiros desde os primeiros anos de sua especialização. O desejo por aprender associado à capacitação dos profissionais com quem trabalhou foi responsável para que o participante se desenvolvesse rumo ao alto rendimento. Estes achados corroboram com os estudos no entorno do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Para os autores supracitados os treinadores têm a função de dar exemplos positivos e facilitar o ambiente de aprendizagem. Ao fazê-lo, consequentemente desenvolvem valores pessoais importantes para a carreira esportiva de seus atletas, como afirmam Côté e Fraser-Thomas (2007).

Percebe-se neste relato de G6 a construção de dois recursos pessoais que são essenciais para o desenvolvimento da carreira esportiva de um atleta: o apoio do treinador e a dedicação máxima aos treinamentos, corroborando a literatura (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2009).

Abaixo, observa-se que G6, mesmo em raras ocasiões, brincava alguns finais de semana com seus amigos e, quando essas oportunidades existiam, brincava de futebol.

Eu tinha alguns dias em que eu podia curtir os amigos, naquela época, aos 13 anos de idade, mas era muito complicado porque eu atuando no futebol de campo e no futebol de salão, final de semana não existia, porque domingo eu tinha jogo no futebol de salão, e sábado era no futebol de campo, e vice-versa, então era muito complicado conciliar um final de semana em casa, mas quando tinha a oportunidade, que não eram muitas, eu jogava futebol. Futebol é uma coisa que está presente na minha vida desde que eu me conheço por gente (G6).

Acima pode-se evidenciar que a especialização foi responsável por diminuir o contato de G6 com seus amigos devido sua rotina exaustiva de treinamentos. Apenas em raras ocasiões, quando tinha a oportunidade de encontra-los, brincava de futebol para se divertir. Esse

relacionamento, mesmo de maneira inconstante, pode ter construído um ambiente positivo capaz de diminuir o estresse e a exaustão do participante desta rotina com o envolvimento no jogo deliberado. De certo modo, isso corrobora os resultados de Abernethy et al. (2002), mas é importante destacar que o jogo deliberado, mesmo na especialização esportiva precoce do atleta, ainda era responsável por manter seus relacionamentos, diferente do que apontam os autores.

De uma maneira geral no que se refere aos relacionamentos com os agentes esportivos supracitados, pode-se afirmar que apesar de G6 vivenciar a especialização esportiva precoce, o ambiente em seu entorno durante esse período foi positivo, já que foi notório o apoio dos pais, treinadores e até mesmo dos amigos de seu bairro em raros momentos de diversão, o que pode ter sido responsável por aliviar o estresse do participante durante esse estágio e, principalmente, por desenvolver os valores pessoais (4C's) importantes para a carreira esportiva no estudo de Côté, Turnnidge e Evans (2014).

A qualidade dessas relações foi responsável por desenvolver a conexão e, por meio dela, o caráter e a competência. Isso se comprova pelo fato dos relacionamentos serem positivos durante esse estágio, pelo apoio do ambiente e pelo próprio engajamento de G6 durante os treinamentos e, ainda, aceitando e valorizando os conselhos e o apoio familiar, o que revela a importância do desenvolvimento desses valores pessoais, em congruência com o PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Completamente diferente do processo que ocorreu em G6, os discursos abaixo referentes ao participante G7 relatam que a transição para os anos de especialização não ocorreu antes dos 15 anos de idade, pois após destacar-se por um período como goleiro na primeira escolinha em que estava inserido, foi convidado a realizar um treino na escola oficial de um clube profissional. Devido ao mau relacionamento com o treinador de goleiros no primeiro dia de treinamento, o participante retornou ao clube anterior, onde apenas treinava de sábado e competia no domingo. Com uma idade próxima aos 15 anos, devido a uma mudança de treinador de goleiros e de um bom relacionamento com o mesmo, G7 se inseriu neste processo de maneira positiva.

Eu era gordo quando eu era pequeno, bem gordo na verdade, e quando eu cheguei para treinar na escolinha do meu clube formador aos 14 anos, o treinador de goleiro me recebeu e falou: “já vi uma coisa em você que eu não gostei, você está acima do peso”, e aquilo para mim foi um choque, porque eu estava indo feliz para um lugar treinar, e recebi uma “porrada”, e estava do lado do meu pai. Quando o treinador virou as costas, virei para o meu pai e

falei: “olha, aqui eu não quero jogar mais não, não jogo mais aqui”. No primeiro dia isso (G7).

Depois, no outro ano, quando eu tinha 15, quando me convidaram de novo para voltar para o meu clube formador, foi quando eu já comecei, era outro treinador de goleiro, que é o L. Conheço o L; quando ele tinha 18 anos. Aí ele já falou: “oh, garoto, vem cá”, me chamou para conversar e até hoje tenho amizade com ele (G7).

Revela-se nos discursos de G7 a cultura da preocupação com os resultados, de modo que o treinador de goleiros de uma escolinha de futebol analisou o seu perfil físico para julgá-lo, o que intimidou o participante e retardou o processo de especialização deste atleta. Côté e Fraser-Thomas (2007) reforçam que as experiências negativas oriundas de um mau relacionamento com o treinador podem desmotivar o atleta e leva-lo à saturação e possível abandono da prática. Neste caso, o participante não se inseriu no processo de especialização na escolinha de um clube tradicional do país pela relação negativa inicial com o treinador de goleiros e retornou para o lugar onde se sentia feliz nos treinamentos, o que corrobora o que fora supracitado.

Os anos de especialização somente iniciaram quando o participante retornou depois de um ano à mesma escolinha e, pela mudança de treinador de goleiros e bom relacionamento inicial com este último, que tinha como objetivo primário construir um ambiente positivo para que os goleiros aprendessem gradativamente, reforçando Côté e Fraser-Thomas (2007) e os estudos no entorno da quarta onda de pesquisas do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; FRASER-THOMAS et al., 2008; FRASER-THOMAS et al., 2009; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; CÔTÉ; HANCOCK, 2014; CÔTÉ; ERICKSON, 2014).

O último discurso de G7 revela que o participante reconhecia o seu treinador de goleiros como um especialista esportivo e que ele se tornou fundamental para o seu desenvolvimento esportivo pela capacidade de ensinar. Isto evidencia o que Abernethy et al. (2002) descreveram sobre os anos de especialização representarem um período em que o atleta começava a reconhecer o relacionamento com o treinador de maneira mais séria e profissional. Diante do exposto, é extremamente relevante refletir neste processo de aprendizagem para que ele não seja reduzido àqueles que já apresentam características físicas mais desenvolvidas no momento imediato.

Neste aspecto, Souza, Vicentini e Marques (2020) em um estudo sobre o efeito da idade relativa sobre a formação de goleiros da elite da série A do campeonato brasileiro de futebol dos gêneros masculino e feminino, descobriram que privilegiar aqueles atletas que apresentam um melhor desempenho imediato não prediz o alto rendimento. Portanto, dar oportunidades e

criar condições iguais de prática durante a rotina de treinamentos, principalmente no início da carreira esportiva pode ser uma boa estratégia para um desenvolvimento esportivo em longo prazo.

De acordo com as quatro ondas de pesquisas no entorno do DMSP, faz-se pertinente perceber o desenvolvimento de um atleta como um processo em longo prazo. Côté e Fraser-Thomas (2007) apontam para que os programas de desenvolvimento esportivo cumpram de maneira equilibrada o foco na participação esportiva prolongada, no rendimento esportivo e no desenvolvimento pessoal simultaneamente para facilitar o PYD, para que seja possível não apenas revelar atletas de alto rendimento, mas adultos com hábitos saudáveis integrados à sociedade.

O discurso de G7 retrata a importância de treinadores que percebem este processo em longo prazo, têm cuidado com o atleta e atenta-se para necessidades individuais, o que corrobora alguns aspectos da liderança transformacional descrita por Côté, Turnnidge e Evans (2014). Neste momento da carreira do participante, ficaram evidentes em seu discurso a boa qualidade desta relação treinador-atleta pela: influência idealizadora, pela abordagem do treinador na primeira conversa com o atleta; consideração individualizada, por conversar separadamente com o atleta. Ainda, é possível observar também em G7 a construção de um recurso importante para sua carreira esportiva: o apoio do treinador (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

Nos discursos abaixo evidencia-se novamente a discriminação que o participante sofreu durante os anos de especialização por não ter um perfil atlético adequado para um goleiro de futebol, pelo sobrepeso nesta faixa etária, que era exercida por parte de pais de outros parceiros antes e durante as partidas em que participava. Devido ao excelente relacionamento com o treinador e sua resiliência, permaneceu engajado e desenvolvendo-se gradualmente até transitar para os anos de investimento no mesmo clube.

Não lembro se era segunda, quarta e sexta, ou se já era a semana toda, mas era treino técnico, tinha treino com o time, aí já entrando na rotina duma escolinha mais séria, uma coisa mais séria [...]. Estava aprendendo, estava jogando porque gostava, não porque tinha técnica ou sabia. Eu era gordo, tinha dificuldade para algumas coisas, mas o L. até hoje é um treinador de goleiros que eu indicaria para qualquer criança que queira jogar no gol, porque ele tem uma capacidade de ensinar e trabalhar [...]. Você não sabe se vai dar certo ou não, porque é um sonho, então muita gente fala assim: “mas gordo desse jeito, vai jogar bola onde? Vai ser a bola”. Só que sempre isso para mim foi um objetivo, eu tentar fazer você ver que estava errado. Fui jogar bola um dia e o cara perguntou quem era o goleiro do time, o pai de um menino, e eu falei: “sou eu”. Ele olhou, deu risada e disse: “estamos perdidos então”. Terminou

o jogo, eu joguei muito, peguei um pênalti, e o pai desse menino veio depois me cumprimentar e pediu desculpa, que estava errado, que joguei muito bem. Eu sempre fui quebrando barreiras [...]. Fiz meu segundo ano de infantil lá (15 anos), e o terceiro ano (16 anos) já era subindo para o meu clube formador, no caso, a base (G7)

Os dois primeiros relatos de G7 evidenciam o início da especialização esportiva ao mencionar que ao menos três vezes na semana o participante treinava já com o objetivo de melhorar o rendimento para tentar lograr a elite esportiva, o que evidenciam a existência desse estágio do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Porém, os autores mencionam que essa transição ocorre aproximadamente aos 13 anos de idade e, segundo o último discurso, o período referente à categoria infantil corresponde aos 15 anos de idade, contrariando o estudo. Percebe-se que este momento de transição ocorreu de maneira individualizada em todos os participantes de estudo, seja em diferentes modalidades esportivas, de maneira tardia ou pela especialização esportiva precoce. Sendo assim, o estudo de Stambulova et al. (2009) é importante para destacar que este processo é dependente de diversos outros fatores já citados anteriormente.

Ainda, o participante G7 vivenciou este período como goleiro de futebol, mas apenas durante um ano, diferentemente do que elucidam os estudos no entorno DMSP que descrevem a duração de dois anos para este estágio (ABERNETHY; CÔTÉ; BAKER, 2002; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Provavelmente este período mais curto está relacionado ao início tardio nas categorias de base, já que o atleta não esteve inserido nas categorias de base na categoria sub-14 e sub-15. Portanto, existia uma demanda para um rápido desenvolvimento, para que ele fosse integrado ao alto rendimento dentro de um período que é considerado ideal para o esporte.

É pertinente ressaltar que a quantidade de treinamento específico se elevou progressivamente, respeitando períodos de descanso entre as sessões e exigindo um maior esforço por parte do praticante para as atividades, o que corrobora Baker e Young (2014).

Frente ao exposto, atesta-se que o treinador de goleiros foi fundamental não apenas de maneira explícita nos discursos de G7, mas implicitamente por saber desenvolver o atleta de maneira equilibrada, aperfeiçoando não só o rendimento, mas o desenvolvimento pessoal, mantendo a motivação do participante e proporcionando um ambiente positivo para que superasse as críticas ao seu sobrepeso e mantivesse seu envolvimento nesse estágio, novamente congruente com o desenvolvimento positivo (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007) e dos valores pessoais propostos pelo PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Neste aspecto, a atitude do pai de um dos seus parceiros demonstra a preocupação com o imediatismo de resultados e com a cobrança de um estereótipo ideal de um atleta para um adolescente de 15 anos de idade que está iniciando um processo de especialização. De acordo com a definição de Alfermann e Stambulova (2007) é possível associar o sobrepeso de G7 e as críticas relacionadas a este como barreiras para essa transição. Simultaneamente, pode-se analisar o bom relacionamento com o seu treinador, sua dedicação aos treinamentos e resiliência como recursos que foram responsáveis por superar essas barreiras e permanecer engajado neste processo.

O discurso abaixo aponta para a importância do relacionamento positivo com seus pais para auxiliá-lo a quebrar as barreiras existentes nesse estágio.

Assim, eu sempre fui quebrando barreiras, quebrando, mas nunca precisando do meu pai: “pai, vai lá”. Nunca! Eu mesmo, encarando, batendo a cara, acertando, errando, mas meu pai estava sempre ali: “filho, se acontecer alguma coisa, estamos aqui para te ajudar, fica tranquilo” (G7).

Diante dos dados, atesta-se que o apoio do pai de G7 nesse estágio também foi responsável para que ele superasse as barreiras impostas nesse estágio, como apontam Alfermann e Stambulova (2007). Fica nítido também que o relacionamento entre os dois ocorreu de forma positiva e, principalmente, do envolvimento constante e discreto, que permitiu que o participante tivesse liberdade sobre suas próprias decisões e ações e criou um ambiente que facilitou seu desenvolvimento. Estes achados foram similares em todos os participantes do estudo e elucidam a força das pesquisas de Côté e colaboradores no entorno do PAF e do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; CÔTÉ; HANCOCK, 2014).

É importante mencionar que o participante não discursou sobre o relacionamento com outros parceiros durante essa fase e, portanto, este tema não foi discutido.

Por fim, quanto ao local onde G7 treinava durante os anos de especialização, o mesmo menciona que a estrutura não apresentava uma boa qualidade, nem os materiais que estavam disponíveis para treinar, mas que essa situação foi importante para que ele valorizasse esse processo.

E acho até importante para a formação passar por essa situação de treinar num campo de terra, ralar joelho, sujar roupa, um monte de situação que hoje talvez as crianças não tenham. Já pega um campo sintético, bola boa, chuteira boa. Na minha época não, era chuteira que era rasgada, luva que não tinha palma,

mas foi bom. Não era um lugar que tinha uma estrutura espetacular, mas também não importava, porque queria estar lá, aprender e jogar bola (G7).

O relato do participante mostra que a estrutura institucional disponibilizada para o treinamento, em geral, não era de boa qualidade. Porém, revela que o mais importante era o aprendizado disponibilizado e não essa estrutura em si. Portanto, para G7, a acessibilidade à bons treinadores supera a necessidade dos recursos e facilidades de treinamento propostas por Erickson et al. (1993).

Este relato é interessante pois também explicita que a falta de recursos não foi percebida como uma barreira que dificultasse este processo, mas como uma maneira de se valorizar primeiramente o processo de aprendizagem propriamente dito, destacando que os recursos são fatores pessoais que auxiliam a vivenciar uma transição de maneira bem-sucedida, como apontam Alfermann e Stambulova (2007).

De maneira geral, a participação e influência desses agentes parecem ter sido essenciais para construírem um ambiente positivo no entorno de G7 para que ele superasse a discriminação por parte de outros pais de parceiros e treinadores quanto ao seu sobrepeso, o relacionamento negativo com esses últimos e a falta de estrutura do clube e desenvolvesse as habilidades específicas ao esporte e valores pessoais para fases posteriores, destacando a correspondência desses achados com a influência dos relacionamentos entre pai-atleta e treinador-atleta descritos pela literatura (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; TURNNIDGE; CÔTÉ, 2016). É importante mencionar que esse ambiente positivo não foi proporcionado pelo clube ou pela infraestrutura do mesmo, mas por alguns agentes específicos citados explicitamente por G7.

Portanto, apesar de alguns agentes terem se comportado de acordo com a liderança transformacional, o ambiente e os objetivos do programa esportivo como um todo não podem ser considerados como positivos, visto que o resultado imediato (desempenho) era percebido como uma prioridade em detrimento do desenvolvimento pessoal e da participação continuada, mesmo se tratando de uma escola de futebol.

7.2.4. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ANOS DE ESPECIALIZAÇÃO DOS TRÊS GRUPOS DE PARTICIPANTES

Em uma análise geral sobre os anos de especialização dos sete participantes, foi notório que existiu uma enorme distinção desse estágio do desenvolvimento da participação esportiva dos participantes com o que foi proposto pelo DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Alguns aspectos se mostraram similares, como a diminuição na quantidade de jogo deliberado, inserção em competições regulares, e o aumento da prática deliberada em G1, G3, G4, G6 e G7. Porém, os participantes G2 e G5 não transitaram para os anos de especialização, caminhando direto em direção aos anos de investimento. Os participantes G1, G3 e G4 vivenciaram esse estágio em outra modalidade esportiva antes de se tornarem goleiros de futebol de campo e transitarem diretamente para os anos de investimento. O participante G6 especializou-se precocemente no futsal e, posteriormente, decidiu caminhar neste caminho como goleiro de futebol de campo também, diferenciando-se do caminho da especialização esportiva precoce apontado pelo DMSP. Após indícios de saturação esportiva, decidiu com a influência de sua mãe e pela possibilidade de maior ascensão social, investir apenas nesta última modalidade esportiva. Já G7 foi o único a tornar-se goleiro e vivenciar os anos de especialização em uma escola oficial de um clube, mas apenas durante um ano, distinguindo-se também deste modelo descritivo.

Vale ressaltar que a idade de início desse estágio ocorreu de maneira singular, de maneira tardia ou precoce aos 13 anos de idade e, ainda, não teve como regra a duração de dois anos deste estágio, não obedecendo o que fora proposto pelas ondas de pesquisa do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; CÔTÉ; HANCOCK, 2014).

Sobre o aumento da prática deliberada, é seguro afirmar que o mesmo existiu, mas não de uma maneira gradativa como propõe o DMSP e os estudos ao entorno deste modelo, vindo a ocorrer de distintas maneiras. Nem todos reconheciam e compreendiam suas próprias habilidades e competências durante esse estágio, já que ainda não estavam inseridos em treinamentos sistematizados regulares no esporte principal, o que ressalta a individualidade do desenvolvimento esportivo, que se mostrou dependente do nível de desenvolvimento individual, do apoio social e financeiro, do ambiente em que cada atleta está inserido, das oportunidades para a prática, da especificidade do desenvolvimento de carreira no futebol brasileiro, da maneira como a sociedade local se organiza e devido à evolução do próprio futebol, da função e da profissão de treinador de goleiros. Portanto, a compreensão deste estágio vai além das generalizações realizadas em modelos descritivos como o DMSP, como aponta o estudo de Stambulova et al. (2009).

Em uma linha do tempo, pode-se observar que no grupo *Autodidatas* não se pode visualizar o treinamento de goleiros vivenciado neste período, já que G1 e G2 não atuaram como goleiros de futebol de campo nesse estágio. Porém, em relatos de G1, o futebol de salão e/ou futsal em um clube tradicional do país também não apresentava este tipo de treinamento.

Foi possível notar a importância dos resultados esportivos no futebol de salão para que o participante tivesse oportunidade de realizar uma avaliação no futebol de campo, ou seja, o primeiro era percebido como uma escada para o último, sendo que os jogadores que tinham destaque durante esse estágio tinham a possibilidade de mudar o esporte investido por meio dessa avaliação. Portanto, é correto afirmar que, na verdade, o futebol de salão era percebido como uma seleção de “talentos”, em que os indivíduos mais habilidosos tinham a oportunidade de fazer uma avaliação no futebol de campo, o que significa um pensamento imediatista voltado prioritariamente para o desempenho esportivo, contrariando os estudos de Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2005) e Côté e Fraser-Thomas (2007) que descrevem que os três objetivos do PYD (3P's) devem ser balanceados durante o programa esportivo.

O relacionamento com parceiros e treinadores não foi descrito pelo participante nesse período. Apenas o apoio por parte dos pais foi percebido como importante para criar um bom ambiente no entorno do atleta e auxiliando seu desenvolvimento, confirmando o que foi proposto pela literatura exposta acima. Porém, o programa esportivo propriamente dito claramente tinha como foco principal a melhora do rendimento esportivo.

Os participantes do grupo *Pioneiros no Treinamento Específico*, similarmente aos anteriores, não vivenciaram os anos de especialização como goleiros de futebol. Contudo, o participante G3 revelou que não se especializou no voleibol pela dificuldade de acesso à prática. Já G4, que também praticou a mesma modalidade esportiva, não descreveu essa adversidade e apontou, na verdade, a falta de oportunidades de se especializar no futebol, devido à distância de sua cidade de desenvolvimento para a capital. Constata-se novamente que o início da especialização é dependente de diversos fatores, como apontou Stambulova et al. (2009). No que diz respeito ao relacionamento com os pais, os dois participantes descreveram a influência moderada e positiva oriunda dessa conexão, similarmente ao grupo anterior, corroborando os estudos de Fraser-Thomas, Côté e Deakin (2005) e Côté e Fraser-Thomas (2007). Nenhum deles citou as amizades e os treinadores durante esse estágio.

O grupo *Goleiros da Era da Globalização* apresentou diversas singularidades. Primeiramente, assegura-se que o treinamento de goleiros foi vivenciado pelos dois participantes nesse estágio, o que aponta para uma evolução e valorização da função e, consequentemente, da profissão de treinador de goleiros, o que corrobora o estudo de Thiengo e Hunger (2014). Apesar de G6 ter se especializado precocemente em dois esportes e saturar-se de sua rotina, o ambiente controlado em que estava inserido associado ao bom relacionamento com seus treinadores, parceiros e pais foram fundamentais para que o participante escolhesse apenas uma modalidade esportiva para investir e continuar no processo

em direção a elite esportiva. A decisão do participante em se manter apenas no futebol de campo foi considerada não só pelo seu melhor desempenho, mas pela maior chance de ascensão social e futuro no esporte, evidenciando novamente as singularidades e interferências de fatores fora do contexto esportivo para a o desenvolvimento da carreira esportiva, como descrito por Stambulova et al. (2009).

Já o participante G7 precisou do apoio de seu treinador de goleiros e dos seus pais associado à sua dedicação e resiliência para construir recursos suficientes para superar as críticas relacionadas ao seu sobrepeso e continuar seu caminho para a elite esportiva, o que revela que o ambiente propriamente dito tinha como objetivo primário o rendimento esportivo, e essa pressão foi amenizada por alguns agentes esportivos, destacando a influência dos mesmos para o desenvolvimento da carreira esportiva, como apontam os estudos que envolvem o relacionamento pai-atleta e treinador-atleta (JOWETT; COCKERILL, 2003; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; VELLA et al., 2013; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

7.3 OS ANOS DE INVESTIMENTO DOS TRÊS GRUPOS DE PARTICIPANTES

A discussão sobre os anos de investimento também foi dividida em três grupos. Esse estágio da carreira esportiva considerou: o desenvolvimento do desempenho esportivo; desenvolvimento dos valores pessoais; relacionamentos com diferentes agentes esportivos; as transições não normativas, como mudanças de clubes, de treinadores, lesões e oportunidades em períodos críticos. Assim, englobou desde o período que marcou o início desse estágio até a primeira convocação para um grande evento com a seleção brasileira olímpica ou principal.

7.3.1. O GRUPO AUTODIDATAS E OS ANOS DE INVESTIMENTO

Os primeiros relatos dos participantes neste tópico concernem à transição para este período. Após o destaque durante os anos de especialização no futsal, G1 foi convidado a realizar um processo de seleção de talentos dentro do mesmo clube para ser goleiro do futebol de campo, em que foi aprovado e iniciou o investimento aos 15 anos de idade. Após o destaque em uma partida de futebol de campo na várzea, G2 também foi selecionado para um processo de avaliação em um clube tradicional do país, em que foi aprovado e transitou diretamente dos anos de experimentação para os anos de investimento aos 14 anos de idade.

Eu tinha 15 anos de idade. Quando acabou o teste, vieram me procurar e falaram: “você foi aprovado, está aqui um papel para você levar para sua casa, para o seu pai assinar, você vai ser federado e já vai ficar na reserva do próximo jogo”. Cheguei em casa com papel, meu pai também achou aquilo muito rápido, eu trabalhava como *office boy*, ganhava mais ou menos 120 cruzeiros na época, e eu ia ganhar 80 cruzeiros para ficar jogando no meu clube formador (G1).

Me convidaram para ir jogar no time da preliminar, e eu fui. Durante o segundo tempo a minha primeira equipe profissional chegou e o treinador me viu jogando. Acabou o jogo, ele foi conversar comigo e com meu pai, se eu não queria ir treinar lá (G2).

Este período evidencia a transição para os anos de investimento dos participantes. É interessante atentar-se para a individualidade dessa transição, já que G1, pelo seu destaque no futebol de salão de uma grande equipe nacional teve uma oportunidade de realizar uma avaliação no futebol de campo dentro deste mesmo clube e foi aprovado. Este relato evidencia a falta de concorrência para essa função nessa época, corroborando Wilson (2012) e Thiengo e Hunger (2014). O relato de G2 elucida que a oportunidade de iniciar o investimento em uma equipe tradicional do país ocorreu após o destaque em um amistoso, após o treinador observá-lo e convidá-lo, juntamente com seu pai.

Os dois participantes revelam que o caminho dos anos de especialização para os anos de investimento não é tão linear quanto àquele proposto pelas pesquisas do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; CÔTÉ; HANCOCK, 2014), pois observa-se, além dos fatores já discutidos nos anos de especialização, que existiu a influência de outras esferas da vida que facilitaram esse processo: o atleta G1 exercia uma atividade remunerada associado aos treinamentos do futebol de salão até ser aprovado na avaliação e receber a proposta financeira do clube, o que comprova que o participante já estava preocupado em ter uma ocupação pela insegurança e imprevisibilidade de se lograr o alto rendimento; o atleta G2 apenas jogava nos campos de várzea de sua cidade natal e conseguiu a oportunidade de ir para um clube de futebol pelo destaque em um amistoso associado à coincidência dessa equipe profissional estar no mesmo local e, posteriormente, fazer o convite.

Portanto, pode-se afirmar que as carreiras esportivas dos participantes apresentaram suas exclusividades no que se refere à uma transição ser um processo complexo que apresenta demandas específicas em que os atletas devem se ajustar, além de englobar contextos esportivos e não esportivos para que ocorra com sucesso, como afirmam Alfermann e Stambulova (2007).

Os próximos discursos descrevem uma peculiaridade na carreira esportiva de G2 neste período. No primeiro não somente torna-se nítido que o participante iniciou os anos de investimento, mas também aponta a dificuldade vivenciada neste período, devido à viagem cansativa que percorria diariamente para poder treinar no clube por consequência das más condições das rodovias da região na época. O atleta dispendia muito tempo por dia nas viagens e nos treinamentos, totalizando por volta de quatro horas na estrada somado ao período do treinamento, permanecendo por três meses nesta rotina.

Ainda, destacam que o participante veio a saturar-se, o que se evidencia no segundo discurso ao revelar que o prazer pela prática não era o mesmo, comparado com o brincar de futebol com os amigos em idades anteriores. Portanto, aos 15 anos de idade, optou por abandonar a prática e manter-se em nível recreativo, o que evidencia uma trajetória horizontal dos anos de investimento para os anos de recreação que foi ocasionada por um ambiente negativo e pelo aumento abrupto da quantidade de prática deliberada. O retorno aos anos de investimento no mesmo clube só foi possível pela interferência do próprio treinador do clube de sua cidade natal que, pelo bom relacionamento com o treinador das categorias de base do clube em que G2 iniciou o investimento, intermediou para que o atleta retornasse à modalidade esportiva, proporcionando um alojamento e um contrato amador para melhorar as condições para que tivesse a possibilidade de se dedicar completamente aos treinamentos.

Passei um determinado período viajando todo dia, de minha cidade natal até a do meu clube formador, uma viagem se transcorria em torno de 2 horas mais ou menos, pelas condições das estradas na época. Eu estudava de manhã, vinha após o almoço para treinar, e voltava para casa... Três meses nessa rotina [...]. Essa vida não é legal e eu não gosto de fazer isso não. Estuda de manhã, viaja, treina. Não é uma coisa gostosa e prazerosa como você ficar brincando no campinho com seus amigos na hora que você tem vontade. Quer dizer, um compromisso, coisa séria. Tinha 14 anos de idade. Resolvi: não vou mais [...] Esse senhor de minha cidade natal que tinha o “dente de leite”, tinha um bom relacionamento com o treinador da minha primeira equipe profissional. Ele tinha um bom relacionamento, tinha amizade, e o treinador desta equipe resolveu interferir, intermediar, para eu voltar. Até que chegou um dia que eu falei: tudo bem! Vocês querem que eu volte? Então eu gostaria de morar e estudar na cidade do clube, para poder me dedicar. Porque essa viagem é cansativa, não é legal. Assina o tal contrato de gaveta e fica alojado embaixo da arquibancada. Aí treina durante o dia, a noite vai para a escola (G2).

Os discursos acima com assertividade elucidam todas as características referentes à transição direta dos anos de experimentação para o início, interrupção (anos de recreação) e reinício dos anos de investimento, já que a rotina de treinamento era extremamente cansativa e sistematizada, com alta quantidade de prática deliberada em detrimento do jogo deliberado,

como propuseram Côté, Baker e Abernethy (2007), além de ter se tornado prioridade frente à outras atividades, até mesmo sobre os estudos. O que realmente intriga, porém, é a negligência do clube para proporcionar ao atleta boas condições para a dedicação exclusiva à modalidade esportiva, como a proximidade da escola, dos parceiros de time e até mesmo de segurança, já que a rodovia para o trajeto não apresentava boa qualidade.

De acordo com Fraser Thomas et al. (2005) o PYD ocorre através do equilíbrio no desenvolvimento físico, psicológico, social e intelectual durante o processo de participação e formação esportiva. Ao dar ênfase em apenas um destes aspectos, os outros são prejudicados, e isto limita diversas oportunidades e a aquisição de diversas habilidades, fazendo com que o indivíduo se sature (*burnout*) e, abandone a prática (*dropout*). Analisando os discursos acima, o participante aponta que não tinha motivação para permanecer envolvido com o processo, pois o clube não apresentava uma estrutura ideal para que se adaptasse ao novo cotidiano, o que elucida que a relevância proporcionada pelo clube era direcionada apenas ao desempenho imediato, sem considerar melhores condições para a prática, no que diz respeito ao desenvolvimento pessoal, a participação continuada, a proximidade com os parceiros de time, com a escola e com a segurança do atleta.

Erickson et al. (2017) apontam para a importância da proximidade da escola e das amizades para o atleta, sendo que esta conexão é benéfica para o desenvolvimento de valores pessoais. Logo, quando G2 retratou as dificuldades quanto à viagem, escola e a rotina neste período, constata-se que o clube não proporcionava recursos e facilidades de treinamento apropriadas, como propuseram também Ericsson et al. (1993), já que limitava o tempo de convivência com os parceiros de treino, com os parceiros de escola, e até mesmo o engajamento pessoal. Todos estes fatores limitavam também o desenvolvimento dos valores pessoais do atleta, e foram responsáveis pelo processo de saturação e abandono esportivo.

É possível observar no relato de G2 que revela o abandono dos anos de investimento, que existe um caminho horizontal desse estágio para os anos de recreação, corroborando o que foi descrito por Côté e Fraser-Thomas (2007) quanto ao modelo do DMSP não ser estanque, permitindo a existência desses caminhos. Observa-se que o prazer de brincar como goleiro de futebol era mais importante para G2 do que o compromisso sério que assumiu com o clube, o que enfatiza uma interrupção em sua carreira esportiva em direção aos anos de recreação.

O último discurso desvela esta mudança, proporcionada por intermédio do treinador do clube em que teve uma experiência esportiva mais formal aos 11 anos de idade, permitiu que se envolvesse mais com os parceiros de time, pelo tempo de convivência, além de ter auxiliado o desenvolvimento físico, técnico, tático e intelectual do atleta às suas necessidades individuais,

melhorando, ainda que não de maneira adequada, os três objetivos principais do PYD propostos por Fraser Thomas et al. (2008), fazendo com que G2 retornasse aos anos de investimento.

Estes três relatos de G2 permitem refletir sobre as falhas do sistema de organização das categorias de base para um processo de investimento no futebol brasileiro no período em que o participante estava ativo em sua carreira esportiva. O contexto esportivo nacional distingue-se em muitos aspectos do que é considerado um desenvolvimento esportivo positivo na juventude (PYD) proposto pelas quatro ondas de pesquisas no entorno do DMSP. Deste modo, evidencia-se a relevância do Quadro de Desenvolvimento de Valores Pessoais (PAF) proposto por Côté, Turnnidge e Evans (2014), que proporciona uma análise relacional sobre o contexto em que o atleta está inserido, sendo necessário que se equilibre o engajamento pessoal, as configurações apropriadas e a qualidade dos relacionamentos para que um desenvolvimento positivo do rendimento e de valores pessoais sejam facilitados.

Indiretamente, um bom relacionamento com o primeiro treinador de futebol na infância proporcionou a G2 uma nova oportunidade de se inserir nos anos de investimento, com condições melhores comparadas às anteriores. Isto reforça Côté, Baker e Abernethy (2007) quando descrevem que um dos benefícios dos anos de experimentação por meio da diversificação de vivências é o capital social, isto é, a melhor capacidade de se comunicar e interagir melhor com diferentes grupos de parceiros e até mesmo de adultos. O segundo discurso descreve explicitamente a importância que o participante dava ao período referente ao brincar de futebol, evidenciando novamente a importância do estágio referente aos anos de experimentação para as fases posteriores (CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009).

Nos trechos abaixo, é possível afirmar que G2 procurava se motivar nesta difícil transição relembrando os amigos que não foram selecionados e/ou que não conseguiram permanecer no caminho rumo ao futebol profissional. O medo de não ter um desempenho suficiente para permanecer no clube, como seus amigos em avaliações anteriores, era responsável por manter o atleta motivado e comprometido com as atividades e treinamentos do clube, que eram exaustivos.

Além disto, G2 aponta para este aumento dos treinamentos, quando dá ênfase ao máximo engajamento pessoal nas atividades, e atribui a continuidade da sua participação esportiva ao seu esforço. Neste mesmo discurso, G2 ressalta também que existia uma comparação entre ele e os amigos que não foram aprovados em testes anteriores no mesmo clube. Nos últimos dois relatos G2 explicita a importância deste período inicial com falta de recursos, pois construiu por meio desta dificuldade um alicerce para estar preparado para as próximas transições.

Eu me recordava muito nesse período dos meus amigos que iam fazer avaliação e não eram aprovados. Eu tinha uma preocupação muito grande de ser dispensado: você é ruim, não serve para jogar futebol. Aí eu me esforçava bastante, treinava bastante, tentava melhorar e procurava me corrigir. Treinava, treinava, treinava. Não posso ser mandado embora, já que eu comecei a vir aqui, então eu quero ficar, não quero ser mais um a passar! Foi assim que eu me iniciei no caminho profissional. Esse receio de não dar certo fazia com que eu me esforçasse e esse esforço foi conduzindo naturalmente para dar continuidade [...] Treinamento (de goleiros) em si não tinha, tinha o campo e o recurso era a bola, material não tem nada, não tem luvas, não tem nada. Acho importante isso. Acho que quanto mais recurso você tem no começo, o recurso que eu falo assim: tudo é fácil para você, você pode se acomodar [...]. Vamos fazer uma comparação: você vai para um clube de elite na sua iniciação, então você já tem tudo, é o lugar que todo mundo quer atingir. Pode trazer um certo comodismo, você já pulou tudo para chegar lá! Eu acho essa vivência com falta de recurso que vai te fornecer recursos internos para você alcançar. Quando você está lá em cima mesmo, no alto rendimento, você tem uma estrutura interna que essas dificuldades iniciais te proporcionaram para você enxergar aquilo como uma coisa muito mais fácil. Então, eu vejo assim: recurso? Ótimo! Mas desde que você saiba usar! Acho que muita regalia as vezes prejudica (G2).

Analisando os discursos acima, é importante ressaltar a importância deste momento para a continuidade da carreira esportiva de G2. Sabe-se que toda transição apresenta demandas específicas que criam um conflito de desenvolvimento entre o que “o atleta é” no momento e o que “deveria ser” durante este processo, de modo que ele deve estimular seus recursos disponíveis para que o *coping* seja eficiente (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

Com base no Modelo de Transição de Carreira de Stambulova (2003), o que se observa em G2 é que, em um primeiro momento, as estratégias de enfrentamento da transição foram ineficientes, já que as barreiras (rotina exaustiva de treinamentos e estudos somada à viagem diária) superaram os recursos do atleta, fazendo com que ele retornasse da transição direta ao investimento para os anos de recreação. A partir do momento de intervenção do treinador para que as condições do atleta melhorassem para que ele conseguisse se dedicar melhor à rotina, a transição direta dos anos de recreação para os anos de investimento se tornou facilitada. A partir deste momento, a estratégia que G2 utilizou para ter sucesso foi a de se dedicar totalmente aos treinamentos, persistir até conseguir atingir a elite da modalidade esportiva e tentar aprender com o erro dos seus parceiros que foram reprovados em avaliações anteriores. Estas estratégias de G2 corroboram o estudo de Stambulova et al. (2012) que afirma que atletas suecos próximos à transição juniores-sênior utilizaram estratégias similares para permanecerem neste processo. Apesar do participante não estar vivenciando essa categoria de idade, é possível construir essa analogia pelas semelhanças existentes entre os recursos utilizados.

Ainda neste aspecto, pode-se fazer uma associação entre a primeira parte do discurso de G2 com a Teoria da Comparação Social mencionada no estudo de Côté, Turnnidge e Evans (2014), pelo fato do participante comparar o desempenho e consequente fracasso de seus parceiros em avaliações anteriores como um quadro de referência capaz de gerar percepções próprias sobre sua própria competência e no desenvolvimento de sua própria identidade esportiva.

As últimas partes dos discursos de G2 deixam explícito que as barreiras vivenciadas neste processo de transição foram essenciais para que ele construísse uma estrutura melhor para ser bem-sucedido em outras transições. Estas afirmações corroboram Alfermann e Stambulova (2007) quando apontam que as demandas e barreiras experienciadas em uma transição podem se transformar em recursos e facilitar transições posteriores.

Essa análise nos permite perceber a importância de enxergar o atleta de maneira relacional, isto é, considerando o seu próprio contexto (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). Em comparação aos outros participantes, G2 foi o único a saturar, abandonar e retornar ao futebol neste estágio de desenvolvimento da participação esportiva e, deste modo, foi o único a ter uma transição crítica, que foi superada pouco tempo depois com estratégias internas do próprio participante construídas a partir desta crise primária e da falta de materiais para o treinamento. Esses recursos foram desenvolvidos a partir das dificuldades encontradas no início deste período.

Ainda neste aspecto, vale ressaltar que Ericsson et al. (1993) mencionaram que o desenvolvimento da prática deliberada no decorrer de uma carreira esportiva é dependente da concentração do participante, dos recursos e das facilidades de treinamento. O discurso de G2 demonstra que existia uma grande concentração por parte do mesmo durante os treinamentos, o que é evidentemente uma característica deste tipo de atividade. Porém, a falta de recursos e de facilidades de treinamento existentes na época em que o indivíduo atuou parecem ter sido importantes para o início de sua carreira esportiva, para que ele encontrasse uma maneira de superar essas falhas existentes na estrutura institucional e na própria sistematização do treinamento da época.

Abaixo os discursos revelam como a rotina de treinamentos de G1 e G2 se organizava durante o início dos anos de investimento. Observa-se que nas categorias de base dos clubes dos participantes ainda não existia a profissão de treinador de goleiros, sendo que quem ministrava os treinamentos específicos desta função, realizados depois do treino com o grupo, eram os próprios treinadores da equipe. Porém, este trabalho era realizado empiricamente, sem controle de carga e descontextualizado, com o foco apenas no desenvolvimento de habilidades

técnicas e físicas. O próprio G2 descreve que o maior desenvolvimento ocorria por meio da participação em competições organizadas, já que a prática não tinha como objetivo resolver problemas e desenvolver a parte tática do goleiro.

Quando fui para o campo, dos 15 para os 16 anos, quem nos treinava era o treinador da equipe e treinava muito forte, mas era o treinador (da equipe) mesmo. Então acabava a atividade normal as 11 da manhã, e das 11 até 12:30 ele pegava os goleiros, embaixo de um sol danado, o agasalho era aquele de algodão pesado, encharcado. Você não tinha treinador específico nas categorias de base, e o trabalho deste treinador da equipe era mais empírico (G1).

Quando comecei na minha primeira equipe aos 15 anos, quem ministrava os treinos era o próprio treinador da equipe, não existia um treinador específico de goleiros. Então o treinador, após o treinamento que ele fazia com todos os jogadores, com o grupo, ficava com os goleiros fazendo algum trabalho. O treinamento em si eram finalizações com o grupo, jogos coletivos e trabalhos físicos [...] Ele (treinador da equipe) fazia um trabalho sempre com as mãos, exercícios que você fazia dentro do gol, ele jogava a bola, você salta, salta, salta. Fica extenuado de tanto saltar, não tem controle de carga, não tem nada. O goleiro tinha que saltar e pegar a bola, esse era o trabalho [...] Não tinha algo voltado para isso, mas o desenvolvimento ocorria mesmo com você participando do jogo. Participando do jogo você vivia o problema e pensava: como eu posso melhorar para defender determinado tipo de bola? Para tal situação do jogo como eu tenho que me comportar? Quanto mais você joga, mais experiência você vai tendo, mais vivência e você vai aprendendo mais. Não era o treinamento em si que te levava a uma evolução, e sim os jogos (competições). O treinamento em si, você tinha pouca prática de resolução de problema (G2).

De acordo com G1, G2 é plausível constatar a desvalorização do goleiro no cenário futebolístico nacional neste período referente às décadas de 1970 e início de 1980, corroborando Domingues (1997), Wilson (2012), Thiengo e Hunger (2014) no que concerne à ausência da profissão de treinador de goleiros propriamente dito, já que o treinamento era ministrado pelo treinador principal após a sessão com os outros jogadores da equipe baseado no conhecimento construído pela experiência no esporte, somado à base do treinamento militar (G1, G2). A informalidade e o empirismo destas práticas ficam explícitos nos relatos dos participantes e, ainda, que os goleiros treinavam com maior duração comparado aos atletas de outras funções táticas, pois permaneciam para esta sessão adicional com o treinador que, segundo G1, tinha a duração de uma hora e 30 minutos.

A alta quantidade de prática deliberada fica evidente ao analisar os discursos. Porém, os treinamentos não eram progressivos, não existia preocupação com o descanso e sobrecarga adequados, de modo que G1 e G2 enfatizam a extrema exaustão ocasionada por essas práticas,

o que contradiz Côté, Baker e Abernethy (2007) e Baker e Young (2014) quanto à necessidade deste processo ser periodizado de forma adequada para maximizar o desenvolvimento do atleta. Ainda, G2 enfatiza que este desenvolvimento ocorria muito mais em razão do acúmulo de horas em competições do que por meio do treinamento, que era considerado incompleto pelo participante por não existir nada relacionado com a aprendizagem tática desta função.

De acordo com Côté, Turnnidge e Evans (2014) a competência é caracterizada pelo desenvolvimento das habilidades físicas, técnicas e táticas. Reforçando este pensamento, as pesquisas de Voser, Guimarães e Ribeiro (2006) e Gallo et al. (2010) elucidam que existem diversas características que não devem ser negligenciadas durante as sessões: habilidades físicas, técnicas, táticas e psicológicas. O que se pode observar nos discursos é a preocupação exclusiva com os gestos técnicos específicos ao goleiro.

Apesar da ênfase à prática deliberada neste período estar de acordo com a literatura supracitada no entorno do DMSP, a maneira como os treinamentos se organizavam e evoluíam era baseada no empirismo e na execução de gestos técnicos, o que não é considerado positivo para a carreira esportiva de um atleta de alto rendimento, já que para este processo gradativo é importante existir um equilíbrio entre a prática deliberada, a recuperação das sessões, o desenvolvimento psicossocial e a participação continuada (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

De acordo com Scaglia et al. (2013), aprender qualquer esporte coletivo não pode se resumir apenas ao aprendizado de gestos técnicos estereotipados e descontextualizados. É necessário considerar um universo de jogos, pois cada um está contido ao mesmo tempo em todos os outros jogos. Estes, por sua vez, estão relativamente circunscritos em cada um, mantendo suas individualidades e contextos distintos, construindo diversos conhecimentos.

O relato de G2 é sustentado pelo parágrafo a cima, ao explicitar que este tipo de treinamento não era suficiente para desenvolvê-lo de maneira adequada, sendo que este desenvolvimento ocorria durante as competições oficiais, ao vivenciar os problemas referentes à cada partida. Sabe-se que a competição não é considerada como prática deliberada e não foi desenvolvida para aumentar o rendimento, mas demonstrar níveis de habilidades atuais, a capacidade de tomar decisões e, principalmente vencer (CÔTÉ et al. 2013; BAKER; YOUNG, 2014).

Como fora descrito no capítulo de referencial teórico, o treinamento específico de goleiros apresenta um elevado grau de complexidade devido a diversas peculiaridades desta função e, deste modo, a sessão empírica ministrada pelo treinador principal não era responsável por um desenvolvimento completo, já que todos reportaram que não se considerava nenhum destes fatores, o que corrobora Thiengo e Hunger (2014) quando apontam para a desvalorização

do goleiro de futebol no Brasil nas últimas décadas do século XX. Frente ao exposto, o treinamento deveria ser responsável por auxiliar o atleta a ser capaz de tomar o maior número de decisões corretas possíveis durante as competições. Contudo, o que se observa é que pela ausência do treinador de goleiros e da desvalorização dessa função na época, os treinamentos não eram adequados a todas as necessidades dos atletas e, por isto, limitavam o desenvolvimento dos mesmos. Deste modo, essa limitação tinha que ser suprida por meio da observação de seus próprios acertos e erros durante as competições. Este foi um dos motivos para a nomeação deste grupo como *Autodidatas*.

Abaixo os discursos de G1 afirmam que o treinamento em que foi submetido no seu clube formador associado à observação do goleiro que atuava como titular da equipe foram responsáveis pelo desenvolvimento do participante.

O menino que era titular, que eu admirava até ele treinando, ele treinava muito, gol grande, ele fazia aqueles voos enormes no gol. Aí falei: “nunca vou chegar perto desse rapaz aí”, tinha uma flexibilidade, impulsão, incrível [...] O trabalho do treinador era um trabalho empírico, na vontade, na força [...] Acho que dentro deste treinamento que eu também me destaquei e ganhei a confiança, mas o treinamento começou lá no infanto-juvenil do meu clube formador (G1).

Sabe-se que G1 não teve contato com o futebol de campo até a categoria sub-15 e, por isso, não tinha todas as habilidades necessárias desenvolvidas, apesar da sua vivência no futebol de salão. Portanto, observar e analisar o goleiro que era titular de sua categoria mostrou ter sido importante para que o participante tivesse um quadro de referência para comparar a evolução de seu próprio desempenho, o que corrobora novamente a Teoria da Comparação Social mencionada por Côté, Turnnidge e Evans, (2014). Pode-se observar ainda uma outra associação com esse mesmo estudo, no que diz respeito ao maior envolvimento com os treinamentos sistematizados ter sido responsável por desenvolver a competência (habilidades físicas e técnicas) e a confiança do atleta, corroborando novamente o estudo supracitado. Sabe-se que as experiências esportivas imediatas quando são repetidas em uma quantidade de tempo desenvolvem os valores pessoais (4C's) e influenciam diretamente no desempenho, desenvolvimento pessoal e na participação continuada. Nos relatos de G1 constata-se a competência e a confiança como valores desenvolvidos no início desse estágio.

Atesta-se novamente o empirismo do treinamento específico de goleiros nos relatos acima, o que está de acordo com o que foi descrito por Thiengo e Hunger (2014) no que se

refere à essa função na década de 1970. Apesar disso, esse treinamento influenciou positivamente o rendimento de G1.

Os relatos abaixo de G2 relacionam-se com a relevância dada pelo próprio atleta à altura e envergadura ao afirmar que este perfil físico, considerado pelo mesmo como privilegiado, foi responsável por inseri-lo e desenvolve-lo nos anos de investimento. Destaca também a importância do desenvolvimento de outras habilidades, como coordenação motora, percepção espaço-temporal, agilidade e velocidade também para este processo. Por fim, comprova que a estrutura do treinamento quando transitava da categoria sub-15 para a sub-17, por exemplo, só mudava quanto às exigências físicas, sem referenciar mudanças nos aspectos técnicos e táticos.

Minha carreira foi acontecendo de uma forma rápida, o meu perfil atlético era privilegiado na época. Eu tinha estatura, tinha agilidade, tinha velocidade. O que era difícil, você tinha um goleiro alto, mas geralmente os altos eram mais lentos, desengonçados, sem coordenação nenhuma. Acredito até que as aulas que eu tive na Educação Física na escola, no ginásio, as brincadeiras que eu fazia, me ajudaram nisso daí. Esse meu perfil me ajudou muito, e fui me desenvolvendo rápido [...]. Quando você mudava de etapa, o que mais você fazia era trabalho físico: trabalho de força, resistência, velocidade, aí se fazia uma vez por semana finalização, uma outra vez fazia coletivo e num outro dia o próprio treinador da equipe fazia um treino específico para goleiro (G2).

De acordo com o que fora exposto, observa-se que G2 atribuiu a importância de um perfil atlético privilegiado, com diversas habilidades que o atleta já havia desenvolvido, para que lograsse o investimento como goleiro de futebol. Côté, Turnnidge e Evans (2014) descrevem que as experiências esportivas imediatas desenvolvem diversos valores pessoais, entre eles a competência, que é considerada pelo aprimoramento técnico, tático e físico. O participante já relatou que durante os anos de experimentação se inseriram em diversas atividades esportivas e que elas foram imprescindíveis em suas respectivas formações. Logo, constata-se novamente a relevância da diversificação multilateral precedendo a especialização (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Ainda entre as competências, G2 aponta para a importância de uma boa estatura para se tornar goleiro, contudo o próprio participante destaca que o envolvimento no jogo deliberado e a diversificação de modalidades esportivas na infância teve influência para que desenvolvesse habilidades fundamentais que geralmente são difíceis de se desenvolver em goleiros de grande estatura, como: coordenação motora; velocidade; agilidade.

A importância dada à altura como imprescindível para o desenvolvimento do goleiro de futebol pode ser questionada na medida em que existiram diversos goleiros, conforme descreveu Wilson (2012), durante o século XX e até mesmo no século XXI, que tiveram

destaque internacional mesmo com a baixa estatura. De acordo com Voser, Guimarães e Ribeiro (2006) observa-se que para se desenvolver um goleiro de alto rendimento são necessárias diversas habilidades: psicológicas, técnicas, táticas e físicas. Portanto, limitar-se à altura em um processo de avaliação nas categorias de base de futebol pode ser um erro grave cometido pelos treinadores, pois a competência de um goleiro depende de vários fatores, como os que foram expostos acima.

Vale ressaltar que dentre as demandas de transições normativas, segundo Alfermann e Stambulova (2007), destaca-se o aumento das exigências esportivas (física, técnica e tática). Porém, o que se observa no relato do participante é um aumento gradativo apenas no que se refere ao desenvolvimento físico, o que na verdade não comprova que esse processo era realmente gradativo, se respeitava períodos de descanso adequado e se ocorria uma evolução de padrões de prática deliberada mais simples para os mais complexos, como aponta a literatura (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; BAKER; YOUNG, 2014). Isso pode estar relacionado à ausência de uma pessoa especializada para o treinamento de goleiros e até mesmo do amadorismo do esporte referente à essa década.

O discurso abaixo revela a característica tecnicista do treinamento no início dos anos de investimento. Porém, o mesmo relatou que pela prioridade dada a aspectos técnicos e físicos, sentia dificuldades durante as partidas devido à existência de poucas práticas relacionadas com a solução de problemas, ou seja, com o desenvolvimento tático. Por fim, critica essa ausência e afirma que o ideal seria existir um equilíbrio neste processo.

Isso para fazer uma comparação: quando eu estava na minha equipe formadora, vivenciava muito o treinamento analítico, pouco treinamento de situação de jogo, e sentia dificuldades no jogo. Porque tudo é importante, você ter uma técnica excelente vai determinar a tua qualidade de jogo. Mas, o teu entendimento do jogo que vai determinar totalmente a sua qualidade de jogo! Você pode também ter completamente o entendimento do jogo, mas não ter a técnica para resolver esse problema, então tudo é interligado. Mas eu vivi situações bem diferentes, muito com situação de desenvolver técnica, para depois num determinado momento, resolver o jogo [...] Hoje eu posso falar que o segredo está numa associação da técnica com o conhecimento de jogo. Porque a boa técnica vai te tornar melhor ainda, mas essa separação de trabalhar só a técnica, para depois trabalhar só o jogo... Tudo tem que ser trabalhado em paralelo, desde que um não prejudique o outro. Acho que o jogo é importante para você diagnosticar e, em paralelo você trabalhar a parte técnica, depois você persistir no jogo, para que aquilo seja muito bem feito. Eu acho que essa reflexão é importante. Eu tive essas duas etapas e, no final, me sentia bem porque tinha a experiência do jogo. Se conseguir associar, fazer o treinamento contextualizado, vai ser fundamental para esse desenvolvimento (G2).

Apesar da importância dos aspectos físicos e dos gestos técnicos para se desenvolver um goleiro de futebol, sabe-se que é necessário existir um equilíbrio entre as diversas competências que esta função exige, como a questão tática (posicionamento, percepção espaço-temporal) e psicológica (liderança, motivação, autocontrole), que são mencionadas no estudo de Côté, Turnnidge e Evans (2014) no que diz respeito ao desenvolvimento dos valores pessoais que são oriundos da experiência esportiva imediata. Portanto, pode-se inferir que a prioridade ao treinamento de gestos técnicos descontextualizados do jogo revela que a competência não era desenvolvida de maneira equilibrada e, conseqüentemente, o participante ainda revela a insegurança existente nas competições, o que evidencia a falta de confiança (um dos principais valores pessoais) por parte do mesmo. Esses resultados são assegurados pelo segundo relato de G2, que faz uma reflexão atual sobre o que aconteceu àquela época e percebe que essa associação, ou seja, trabalhar a competência do goleiro como todo, sem negligenciar alguns aspectos, é importante para um desenvolvimento positivo.

Esta prioridade relacionada aos gestos técnicos do goleiro também foi observada no trabalho de Souza e Marques (2013) que investigou os procedimentos pedagógicos adotados por cinco treinadores de goleiros da região de Ribeirão Preto por meio de entrevistas semiestruturadas. Os resultados dos autores supracitados demonstraram que estes participantes investem a maior parte de seus treinamentos nas capacidades motoras específicas aos goleiros de maneira integrada com gestos técnicos descontextualizados, evidenciando-se pouco investimento na parte tática. Apenas um dos treinadores relatou dar prioridade às práticas relacionadas com situações de jogo durante a carreira esportiva dos goleiros nas categorias de base. Neste mesmo estudo notou-se que os treinadores, em sua maioria, ainda ministravam as sessões de treinamento baseados majoritariamente no empirismo e na própria experiência como atleta.

Em um estudo que envolveu 16 praticantes de uma escola de futebol do interior do estado de São Paulo, Aquino et al.(2015) sistematizou um programa de treinamento baseado em 37 aulas organizadas em três diferentes módulos, cada um com seu conteúdo específico. Foram realizadas quatro avaliações, sendo uma antes do início do programa, uma depois e duas entre os módulos. Os principais resultados deste estudo demonstraram que a sistematização do ensino dos jogos oportunizou um desenvolvimento significativo da aprendizagem tática dos participantes, de modo que o índice de desempenho tático ofensivo e defensivo aumentou de maneira significativa.

Menezes, Marques e Nunomura (2014) também apontam para a necessidade de se utilizar diferentes metodologias em momentos igualmente distintos da carreira esportiva de um

atleta, com criatividade e criticidade, com o objetivo de sempre atingir um ambiente de aprendizagem eficaz.

Modolo e Menezes (2019), em um artigo que analisou a percepção de treinadores de handebol sobre o treinamento de goleiros da categoria sub-16 descobriram que é necessário que exista um foco na aprendizagem dos gestos técnicos, associados a treinamentos que estimulem a velocidade de reação, para que este atleta seja capaz de tomar decisões rápidas e eficazes. Deste modo, os autores apontam que o treinamento dos gestos técnicos específicos não deve ocorrer de maneira estereotipada, mas devem ser orientados para solucionar problemas que são encontrados no jogo.

Frente ao exposto, sabe-se que o desenvolvimento técnico por meio de gestos técnicos descontextualizados não é suficiente para melhorar o desempenho de um atleta de elite, o que corrobora o discurso de G2 sobre a necessidade de associação entre as metodologias.

De acordo com Wilson (2012) e Thiengo e Hunger (2014) os goleiros brasileiros eram ridicularizados no cenário internacional principalmente até o final da década de 1980, por não apresentarem um bom desempenho técnico comparado aos atletas desta função de outras nacionalidades. Os primeiros treinadores de goleiros, que eram ex atletas, tentaram desenvolver no goleiro brasileiro este aspecto e, por esta razão, existiu uma maior ênfase nestas capacidades.

Entretanto, o tecnicismo dos treinadores foi responsável por deixar as sessões extremamente exaustivas pelo grande número de repetições executadas pelos atletas (THIENGO; HUNGER, 2014).

Frente às dificuldades relacionadas com a falta de estrutura por parte dos clubes e do próprio futebol brasileiro neste momento dos anos de investimento, os participantes desenvolveram diversos recursos para permanecerem engajados durante esse período. O participante G2, por meio do relato acima, elucidou ter se dedicado ao máximo para otimizar a aprendizagem durante os treinamentos, por meio de muita repetição e perseverança para conseguir atingir o objetivo principal, a elite esportiva. É possível aproximar novamente esse discurso do que foi proposto por Ericsson et al. (1993) quanto à necessidade de recursos e facilidades de treinamento de acordo com a evolução da quantidade de prática deliberada. Quando essa necessidade não é suprida, o participante/atleta pode encontrar dificuldades em seu desenvolvimento, como relatado pelo próprio G2.

Portanto, pode-se atestar que estes recursos construídos pelos atletas foram suficientes para superar as barreiras impostas durante os anos de investimento para que alvejassem objetivos em curto e longo prazo (titularidade nas competições e elite esportiva, respectivamente), corroborando Alfermann e Stambulova (2007) e Stambulova et al. (2009).

Os próximos relatos de G1 e G2 relacionam-se com transições que foram cruciais para permanecerem nos anos de investimento no futebol. Neste sentido, G1 ganhou a titularidade ainda no mesmo ano em que iniciou este período, pois o goleiro que estava atuando foi demitido do clube. Ressalta-se ainda a admiração que G1 tinha pelas habilidades deste atleta e que só foi possível substituí-lo por consequência da sua demissão e não pelas habilidades desenvolvidas até o momento. Mesmo assim, G1 demonstrou estar preparado e conseguiu ser bem-sucedido neste ano, sagrando-se campeão invicto e relatando o desenvolvimento referente aos treinamentos em que fora submetido neste estágio.

No mesmo ano, devido ao destaque da equipe no torneio, o treinador da seleção brasileira das categorias de base foi observar o time em um amistoso e, ao final do jogo, G1 foi convocado pela primeira vez, iniciando seu ciclo amador pela seleção nacional. Estas convocações foram importantes para G1 pois o primeiro treinador de goleiros específico de sua carreira foi na seleção brasileira, e o participante destaca a importância de um treinamento que parece ter ocorrido de maneira mais sistematizada. Por fim, reforça que só foi submetido a este tipo de treinamento na seleção amadora, pois nenhum clube ainda contava com a presença de um treinador específico para a função, apenas este indivíduo, que depois de um período com a seleção de base transferiu-se para o clube formador do participante.

Similarmente, G2 ressalta que se desenvolveu de maneira rápida e da importância de ter sido convocado para a seleção brasileira sub-17 e de ter vivenciado um ciclo amador nesta função. Ainda relata que seus primeiros treinamentos específicos de goleiro também ocorreram neste período, não com uma pessoa especializada para esta profissão, mas com uma maior preocupação com o desenvolvimento do goleiro, mesmo que de maneira informal. Nos clubes G2 também não tinha um treinador específico, mas no último discurso nota-se que o clube já começou a perceber a necessidade de existir um indivíduo responsável por auxiliar o desenvolvimento destes atletas. Percebe-se que ainda assim que não existia uma especialização para este cargo, mas o próprio G2 menciona que, apesar da informalidade desta relação e dos próprios treinamentos realizados neste período, a construção destes aprendizados foi extremamente importante para a carreira.

O meu clube formador naquela época era extremamente organizado, então foi um clube muito importante na minha formação, eles tinham muito cuidado com o atleta e, pra você ter uma ideia eles tinham uma enfermaria dentro do clube, o atleta se machucava e ficava dentro da enfermaria no clube, você vê como era na época, isso no início da década de 1970, machucava um atleta, ao invés dele ir pra casa, ficava na enfermaria do clube, então a gente fazia tratamento 24 horas por dia e tinha todo um atendimento [...] Aí ele (goleiro

titular) fez uma bobagem, mandaram ele embora e me colocaram, acabei esse ano como titular do meu clube formador, foi tão rápido, fiz uns quatro ou cinco jogos como titular. Veio o outro ano e fomos campeões invictos, em um torneio que era infanto-juvenil na época ainda. Acho que dentro desse treinamento eu me destaquei e ganhei confiança. Aí o técnico da seleção brasileira amadora queria ver nosso time jogando e teve um jogo oficial. Ele foi só para ver essa preliminar, porque ele ia fazer uma convocação para a seleção brasileira juvenil. Fui convocado! [...]. Já na seleção, veio o Co., que era da Escola de Educação Física do Exército, que foi quando eles fizeram aquela separação: cada membro da comissão técnica um pegava um setor da equipe, e aí o Co. ficou responsável, ele era um tenente da Escola de Educação Física, pelos goleiros. Era um cara estudioso e pegou alguns trabalhos que tinham trazido da Europa, os que fizeram estágio lá. Começou a desenvolver esse trabalho, aí já foi uma coisa bem mais específica. O Co. já começou a dar mais qualidade para o trabalho, então já tinha um objetivo, mas não havia o trabalho físico, era só o trabalho técnico, debaixo da baliza. Isso a gente trabalhou muito, e eu gostava de fazer, entusiasmava. Especificamente acho que este treinamento específico foi só no meu clube formador, porque o Co. depois da seleção foi para lá (G1).

Esse meu perfil (físico) me ajudou muito, eu fui me desenvolvendo rápido e logo passei a equipe profissional. Eu tive a felicidade de na própria base do meu clube formador ter uma transição para a equipe profissional numa idade de 17 anos, e eu começar a ser convocado pela Seleção Brasileira de base. Mas aí você já começa a ter um pouco de trabalho voltado para o goleiro, mas sempre nessa mesma linha. É um trabalho de você ficar saltando, você trabalha na areia, você trabalha alguns outros movimentos que você não fazia com o treinador. Não tinha nada com uma pessoa especializada para o treinamento. É algo voltado um pouco mais para dar atenção ao goleiro (G2).

Os relatos se referem ao destaque que tiveram nas categorias de base de seus respectivos clubes e de um consequente início de um ciclo amador de G1 com a seleção brasileira. Observa-se a relevância dos fatores não normativos para o desenvolvimento da carreira esportiva do participante, ao considerar que o mesmo iniciou seu investimento como goleiro de futebol no mesmo ano, após um processo de avaliação conturbado e, no final desta primeira temporada, conquistou a titularidade por meio da exclusão do goleiro titular de sua categoria e sua equipe foi campeã do campeonato estadual. Esse destaque foi um fator preponderante para que lograsse a primeira convocação amadora com a seleção brasileira e vivenciasse o treinamento de goleiros com um profissional mais qualificado para este cargo. Ainda é importante mencionar a organização do clube, que pela estrutura que proporcionava, facilitava o desenvolvimento do atleta. Todos esses fatores supracitados evidenciam as demandas, recursos e barreiras que marcaram transições não normativas dentro dos anos de investimento, que foram imprescindíveis para o desenvolvimento da carreira esportiva de G1 (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2009).

Pode-se descrever também que os treinamentos em que foi submetido na época associados à titularidade em um torneio que a equipe se sagrou campeã e o primeiro ciclo amador com a seleção brasileira foram responsáveis por acelerar o desenvolvimento da competência e da confiança de G1, reafirmando a relevância desses valores citados por Côté, Turnnidge e Evans (2014). Isso significou também o primeiro envolvimento com um treinador de goleiros e, de acordo com o participante, essa vivência foi extremamente relevante para o desenvolvimento de sua carreira.

Pelo bom desempenho em sua categoria de idade, G2 já estava inserido na equipe profissional, logrou convocações para a seleção brasileira amadora e teve um maior engajamento com práticas relacionadas ao treinamento do goleiro, porém ainda de uma maneira informal e muito tecnicista. O desenvolvimento rápido e a inserção nos treinamentos com a equipe profissional foram responsáveis para que o participante obtivesse esse sucesso esportivo em pouco tempo de investimento, o que destaca, assim como em G1, a influência de transições normativas e não normativas dentro desse processo: o início da transição juniores-sênior, que apesar de ser normativa, ocorreu quando o participante ainda estava na categoria sub-17 devido ao seu bom rendimento; a primeira convocação para a seleção brasileira amadora e o maior envolvimento com um treinamento específico de goleiros, ainda que tecnicista e sem um indivíduo especializado para essa função, mostraram-se essenciais para o desenvolvimento de G2 (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2009).

Tanto em G1 quanto em G2 é perceptível a prioridade técnica do goleiro em detrimento de outras habilidades e capacidades, o que também foi evidenciado por Thiengo e Hunger (2014) no que se refere a este período da década de 1970. Inclusive, G1 menciona este treinador como primordial para o início do treinamento de goleiros na seleção brasileira amadora por meio de gravações de práticas que eram realizadas no continente europeu, o que corrobora também os autores supracitados e também a importância dessa “escola” de goleiros, como apontou Wilson (2012).

Diante dos discursos acima também pode-se atestar a imprevisibilidade da transição para a seleção brasileira amadora em ambos participantes, que ocorreu de maneira distinta entre eles. Enquanto G1 conseguiu construir seus recursos para permanecer na titularidade da equipe após a saída do goleiro que atuava na função, entre eles a dedicação total aos treinamentos, que também foi responsável por desenvolver um dos valores pessoais importantes para um desenvolvimento positivo, a confiança (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). Ainda, conseguiu obter destaque suficiente para lograr a seleção brasileira amadora pela primeira vez no mesmo ano. Já G2 estava em um momento considerado o mais complexo do

desenvolvimento da carreira esportiva de um atleta, a transição juniores-sênior (STAMBULOVA, 1994).

Na verdade, em G2 ocorreu uma transição da categoria juvenil (sub-17) para a profissional, de modo que se inseria nos treinamentos diários com os profissionais, mas atuava em competições ainda pela sua própria categoria. Porém, ainda assim é possível encontrar semelhanças com os recursos e barreiras deste período destacado primeiramente por Stambulova (1994). O destaque como goleiro em sua categoria foi responsável para que G2 conquistasse o prestígio de parceiros, treinadores e, como já descrito pelo próprio participante em discursos anteriores, aprendia com erros e acertos de outros atletas da mesma função e adaptava essas estratégias para os treinamentos e competições, além de basear-se em suas próprias vivências esportivas, analisando suas atuações em partidas oficiais anteriores que eram transmitidas na televisão.

Em G1 também existe uma semelhança com estes recursos, no que concerne ao apoio do clube, por meio da organização e da maneira como a instituição tratava o atleta em uma lesão, o que era visto como um diferencial para o próprio participante. É possível afirmar que o participante também conquistou o prestígio de treinadores e parceiros e soube lidar com este momento de pressão, sendo que isso pode estar relacionado com suas transições anteriores que foram bem-sucedidas, corroborando também Stambulova (1994).

Os próximos discursos se referem à importância das competições com a seleção brasileira amadora para o desenvolvimento dos participantes e para a permanência nos anos de investimento, o que também se mostrou um fator crucial para atingirem os anos de manutenção.

Em G1 afirma-se que sua relação com o treinador da seleção, a conexão com o ambiente, o êxito na maioria das competições e o desenvolvimento de diversos valores foram fundamentais para sua carreira esportiva. Similarmente, G2 participou de um ciclo amador na seleção e enfatizou a importância deste ciclo de competições para a continuidade de sua carreira esportiva. Por fim, observa-se que ao final dos Jogos Olímpicos ambos encerram suas carreiras amadoras, transitam para a categoria profissional e para os anos de manutenção, pois, na década de 1970, apenas atletas amadores (sem contrato profissional) podiam participar dos Jogos Olímpicos.

Aí fui para a seleção, aos 21 anos de idade, nós conquistamos um título. Foi a primeira vez que o Brasil disputava um torneio na Europa, nunca tinha disputado, e nós ganhamos o torneio. Joguei contra a seleção principal, num amistoso em Minas, a gente ia fazer a preparação para os Jogos Olímpicos. Foi muito legal, uma experiência fantástica, fui o melhor jogador em campo, ganhei um rádio, na época você ganhava essas coisas, mas não cheguei a

competir pela seleção (principal). Fomos para o Pré-Olímpico, dois meses antes, para se aclimatar, altitude. Aí ganhamos também o pré-olímpico, e acabei nos Jogos Olímpicos aos 22 anos, e naquela ocasião você não podia ser profissional, você tinha que ser amador, então isso o Brasil sofreu muito, porque a gente jogava contra equipes do Leste Europeu, e todos os jogadores tinham 35 anos, que disputavam Copa do Mundo, e a gente era garoto. Ali eu encerro meu ciclo como amador, porque depois dos Jogos Olímpicos, fomos para os profissionais [...]. Antigamente havia uma diferença muito grande, o menino do juvenil, do infanto-juvenil, ele não entrava no vestiário do profissional, era uma diferença muito grande entre o profissional e o amador. Porque é nesse período que você forma o homem também, você dá a ele o limite, e a gente sempre teve limite, antigamente tinha muito limite, e por isso que se formou uma geração vitoriosa. Acho que hoje em dia se perdeu um pouco do limite, havia um respeito enorme com os profissionais, com treinador, como falei para você: a gente não entrava no vestiário do profissional, para você ver como havia um respeito enorme. Então quando você se tornava profissional era uma conquista, conquistei esse espaço, então você buscava isso, era um orgulho (G1).

Eu tive a felicidade de na própria base da minha equipe formadora, uma transição para a equipe profissional, numa idade de 17, 18 anos, eu começar a ser convocado pela Seleção Brasileira de base. Então eu tive todo um histórico participando de Mundial Sub-18, participando de Sul-Americano, Pan-Americano, Pré-Olímpico, Jogos Olímpicos. Então teve um ciclo todo completo! Após os Jogos Olímpicos, a profissionalização, porque na época, para se disputar os Jogos, era só como atletas amadores, então com 20 anos de idade me profissionalizei (G2).

Os participantes G1 e G2 destacam nos discursos acima a facilitação do processo de transição para a categoria profissional por consequência do destaque na seleção amadora e consequente prestígio entre treinadores, parceiros e do próprio clube com seus respectivos rendimentos. Reitera-se pelos discursos que este processo ocorreu gradativamente, respeitando um ciclo olímpico com a seleção aproximadamente de quatro anos. Neste período, os atletas puderam vivenciar contextos de aprendizagem distintos, em função do maior envolvimento com o treinamento de goleiros específico, competições importantes e diversificadas interações sociais com parceiros e treinadores e, deste modo, percebe-se uma transição positiva e bem-sucedida para a categoria profissional.

No segundo discurso de G1, por exemplo, pode-se constatar que este ciclo amador com a seleção brasileira foi responsável por desenvolvê-lo não apenas no que concerne o desempenho esportivo, mas em valores pessoais como a disciplina, caráter, e explicita a relevância desta evolução para que sua geração se tornasse vitoriosa. Este relato é congruente com o que descrevem Côté, Turnnidge e Evans (2014) sobre a importância de um programa esportivo perceber o atleta de maneira relacional, isto é, a importância da interação deste com

o ambiente para o desenvolvimento de diversos valores que são importantes para sua evolução no contexto esportivo e em outras esferas da vida, como membro integrado à sociedade.

Ainda no que se refere a este relato, é importante enfatizar que, apesar de ser importante existir um respeito das categorias de base com os profissionais, é necessário que exista uma integração entre eles. Esses achados contrariam essa integração, já que o próprio participante revela que existia uma distância muito grande entre esses profissionais. De acordo com Stambulova (2012) e Larsen et al. (2014) a integração dos profissionais com as categorias de base auxiliam os atletas a desenvolverem recursos e facilitam a transição juniores-sênior. Sabe-se que essa transição é muito complexa e deve ser percebida como uma conquista para os atletas que a superam e, ainda, que deve existir um respeito mútuo no relacionamento atleta-atleta, de modo que os mais velhos devem servir de espelhos para os mais novos, influenciando o comportamento pró-social, melhorando a coesão social e de grupo (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). Porém, esse discurso revela que, na verdade, existia pouco relacionamento entre sua categoria e os profissionais do clube, o que pode ter prejudicado o desenvolvimento da carreira esportiva de G1.

Para G2, o fato de estar integrado à categoria profissional auxiliou em suas convocações para a seleção amadora e, consequentemente, esta evolução durante este ciclo foi responsável por facilitar também a transição para a futura profissionalização, o que também corrobora a discussão anterior de G1. Ainda, é pertinente desvelar a importância destas competições para os dois participantes. O discurso de G2 torna nítida a facilitação desta transição que, segundo Stambulova (1994), é a mais complexa do desenvolvimento da carreira esportiva de um atleta. Portanto, é necessário descrever que estas competições, interações sociais e treinamentos foram vivências responsáveis por desenvolver os recursos necessários que permitiram com que os participantes conseguissem superar as diversas barreiras impostas nesta fase para serem bem-sucedidos, como propôs Stambulova (2003).

Abaixo nota-se que o período referente aos anos de investimento também foi marcado pela dificuldade em conciliar os estudos com o esporte para G1 e para G2. Ambos atletas completaram o ensino médio, porém não conseguiram dar sequência ao ensino superior devido à intensidade das atividades cotidianas rumo ao esporte de elite. Porém, G1 relatou a dificuldade de estar com menos tempo disponível com a família devido às viagens e treinamentos, enquanto que G2 já relata um privilégio quanto a este aspecto, pela proximidade de sua cidade natal e o clube onde passou o maior período de sua carreira.

Você começa a ficar longe de casa, você não fica mais em casa. Por exemplo, eu já estudava, já fazia vestibular, nós tínhamos que passar dois meses preparando para uma competição, dois meses, você há de convir que é muito tempo, isso nos preparando. Isso interfere, te tira da sua família, e assim ia, foram quatro seleções, viagem, concentração, tudo isso vai te tirando da família. Aí você vai para o profissional, você passa mais tempo dentro do clube do que em casa, fica concentrado, quase não fica em casa, então existe essa modificação, modifica sua vida, e as vezes é duro, até você se adaptar a ficar longe da família, longe dos filhos. O atleta de futebol vive muito longe de casa (G1).

Quando eu jogava futebol, no início de carreira, terminei o colegial, vou fazer faculdade! O que eu vou estudar? Vou estudar Administração de Empresas. Fiz um ano, tranquei matrícula e nunca mais voltei! Porque o tempo para frequentar as aulas era difícil, era muito limitado, viagens constantes, e chega num ponto que você fala: “Difícil!” [...]. Eu tive meu início e a sequência foram 13 anos dentro de um mesmo clube, do mesmo lugar, proximidade de cidade. Depois, a fixação de residência na mesma cidade, então eu tive esse privilégio no caso (G2).

No que se refere ao processo de transição para a equipe profissional, Stambulova (1994; 2003) afirmam que é necessário que um atleta equilibre os objetivos dentro e fora do ambiente esportivo, reorganizando seu estilo de vida. Pode-se observar que G1 e G2 passaram por esta dificuldade ainda no período entre o último ano da categoria sub-17 e o primeiro ano da categoria sub-20, em um período próximo aos 18 anos de idade, em que estavam completando o ensino médio. A prioridade de ambos participantes era o esporte em detrimento dos estudos, em razão do sucesso em competições com a seleção de base, da integração ao cotidiano do elenco profissional e da possibilidade de ascender socialmente. Os participantes já relataram em discursos anteriores o apoio do clube, de familiares, de treinadores e outros recursos construídos pelos participantes (dedicação aos treinamentos, observação de acerto e erros de parceiros) para superar as demandas e barreiras deste processo.

Vale ressaltar que G2 permaneceu 13 anos no clube de sua formação que era localizado próximo a sua cidade natal, o que foi considerado pelo mesmo como um privilégio. Sabe-se que o apoio dos familiares é um recurso importante especialmente por aliviar o ambiente de estresse ocasionado pela exigência do ótimo desempenho no alto rendimento (STAMBULOVA, 2003; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

Diante dos dados, é importante destacar a influência de diferentes agentes esportivos durante os anos de investimento. Abaixo pode-se observar que os treinadores tiveram grande destaque nesse período, não apenas para desenvolver o rendimento, mas para moderar o caráter dos participantes.

O meu primeiro treinador do clube formador foi muito importante para todos nós. O meu clube formador era muito organizado, a gente concentrava, havia uma disciplina rígida, o treinador era rígido, estava preocupado não só com o atleta, mas com o homem, ele cobrava muito da gente, e o meu clube formador era um clube que exigia comportamento, postura. Ele era muito preocupado com a postura do atleta, do homem. E o treinador na nossa formação, porque formou uma geração enorme, teve importância fundamental, além do técnico da seleção brasileira, nas quatro seleções que fui, as quatro como titular, ele também era uma pessoa muito carinhosa, atenciosa, soube lidar com isso. Porque é nesse período que você forma o homem também, você dá a ele o limite, e a gente sempre teve limite, antigamente tinha muito limite, e por isso que se formou uma geração vitoriosa (G1).

Eu quando jogava, eu olhava, imitava, puxava aquilo para mim. Porque você não vai estar fazendo nada diferente do que já fizeram, você vai adaptar algo a você, você vai criar seu estilo. Nesse aspecto, tive um privilégio, pois sempre tive bons exemplos na minha frente, olhava, tentar imitar as coisas boas. Agora, fazer discernimento do que é bom e do que é ruim. Isso aqui não é legal, então não quero, mas isso eu quero. Se você tem uma pessoa que puder dar um *feedback*, parecer, melhor ainda (G2).

Os discursos acima revelam que os treinadores foram muito importantes nesse período. Para G1, o treinador do seu clube formador foi importante para desenvolver seu rendimento e, principalmente, seu caráter, exigindo comportamento adequado e disciplina. Similarmente, o treinador das categorias de base da seleção brasileira foi importante por desenvolver esses mesmos valores, além de ser destacado como um indivíduo atencioso e carinhoso. Esse relato enfatiza a responsabilidade dos treinadores na carreira esportiva e a literatura no entorno deste tema, por serem os agentes que mais facilitam a aprendizagem por meio da construção de um ambiente positivo, sendo eficientes para transmitir sua liderança para os seus atletas, moderando sua especialidade às necessidades individuais dos atletas, desenvolvendo a competência e o caráter dos mesmos, aumentando a coesão do grupo e o aprimoramento de diversas habilidades, como descreveram Gilbert e Côté (2009), Côté, Turnnidge e Evans (2014) e Turnnidge e Côté (2016).

De acordo com G2, foi importante ter bons exemplos que o influenciassem em seu desenvolvimento. No início desse estágio e até a sua profissionalização, o participante teve poucos treinadores de goleiros, mas já evidenciou a relevância desses profissionais por ajudá-lo a tomar importantes decisões. Pode-se assegurar a similaridade entre G1 e G2 quanto a estarem de acordo com a literatura (GILBERT; CÔTÉ, 2009; VELLA et al., 2013; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; TURNNIDGE; CÔTÉ, 2016).

Neste sentido, Galatti et al. (2015) estudaram sete atletas de excelência no basquetebol brasileiro e descobriram que um dos fatores determinantes para que atingissem o nível de elite

foi a ótima relação entre treinador-atleta em toda a carreira esportiva, o que corrobora o discurso dos participantes e também os estudos envolvendo o PAF e o DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Abaixo, G1 e G2 destacam o apoio familiar durante esse período. De acordo com G1, o pai foi responsável por sempre o incentivar e estar ao seu lado, acompanhando-o durante as competições desde o seu início. Semelhantemente, G2 elucida esse apoio por parte dos familiares associado à pouca interferência dos mesmos após os resultados de suas competições.

O meu clube formador foi fazer uma excursão para outro estado, a primeira divisão era já adulta, e eu era menino, 16 anos de idade. Fomos jogar contra a seleção da cidade e meu pai me acompanhou. Eu me recordo que quando entramos em campo para fazer o bate-bola, os torcedores do local diziam: “ah, com esse garotinho no gol vai ser goleada”, porque eu era muito garoto. Acabou o jogo, eu joguei pra caramba e meu pai falava: “está vendo o garotinho que vocês falavam? ” Então ele sempre me incentivou, estava sempre ao meu lado. Na verdade, ele me coloca como goleiro, coloca roupa de goleiro em mim (G1).

A influência dos meus pais foi a seguinte: eles nunca interferiram em nada, o único momento foi quando eu me acertei com a minha equipe formadora de ir morar nesta cidade, para poder me dedicar a aquilo que eu estava fazendo. Então o sair de casa, primeira vez na vida, minha mãe falou assim: “eu quero que você se dê bem, eu não queria que você fosse, mas se é a sua vida, vá, tranquilo, não se preocupa, é pertinho e tudo bem”. Mas nunca estavam ali juntos e ficar dando palpite, e assediando. Como se percebe muito essas interferências! Eu acho que essas interferências mais atrapalham do que ajudam. Eu tenho felicidade nesse aspecto (G2).

Os relatos acima destacam que o apoio dos pais foi um fator influente para que atingissem o alto rendimento. Para G1, o pai além de incentiva-lo desde a sua iniciação como goleiro, apoiava suas decisões. Isso evidencia novamente o que já fora discutido nos anos de especialização desse grupo, pois os pais demonstraram diferentes tipos de apoio, criaram um ambiente positivo para que o atleta se desenvolvesse e agiram de acordo com alguns aspectos da Liderança Transformacional, ao proporcionarem confiança, respeito e mostrarem preocupação com o desenvolvimento dos filhos (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007. CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

No relato de G2 ficam evidentes os seguintes aspectos do relacionamento com os familiares nesse estágio: o envolvimento moderado dos pais, que apesar de sempre apoiarem e acompanharem o participante, nunca interferiram durante as suas competições, respeitando as autoridades; apoiaram e proporcionaram liberdade para que tomasse suas próprias decisões;

não criaram expectativas altas demais com o desempenho de seu filho; valorizavam o seu esforço e investimento. Todas essas características também se encontram de acordo com a literatura supracitada e demonstram sua relevância para o desenvolvimento da carreira esportiva de G2 (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007. CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Beneli, Galatti e Montagner (2017) estudaram 28 jogadoras da seleção brasileira de basquete, sendo 14 da sub-19 e 14 da profissional. Por meio de um questionário, descobriram que o suporte familiar foi um dos fatores essenciais para atingir a elite esportiva, o que corrobora os discursos dos participantes e também os estudos expostos no parágrafo acima.

Abaixo os participantes G1 e G2 falam sobre o relacionamento com seus parceiros de treino. Para ambos, essa relação foi majoritariamente positiva, baseada em respeito mútuo e, principalmente, para se desenvolver durante os treinamentos.

Mas quando cheguei no meu clube formador, eu tinha três goleiros de ponta, que foram espelho para mim. Então a gente faz grandes amizades no futebol, e isso é um grande valor da vida que você tem no futebol. Você faz grandes amizades, você conhece muita gente (G1).

Eu nunca gostei de jogar com pessoas que se poupavam, tanto a nível de treinamento, como principalmente no jogo! Pessoas que se omitem! Sempre gostei de trabalhar, de jogar com gente que quer vencer, gente que faça o seu melhor. Acho que tem que haver respeito ao indivíduo, ao profissional. Cada um busca seu espaço fazendo seu melhor (G2).

Apesar do distanciamento com a categoria profissional que já fora discutido anteriormente, G1 revela que quando se integrou à equipe profissional, os goleiros que já estavam nesse grupo eram vistos como espelho para o participante. Esse respeito se mostrou importante para que uma boa relação fosse desenvolvida, corroborando Bruner, Boardley e Côté, (2013) e Côté, Turnnidge e Evans (2014) no que diz respeito à relação ser baseada em comportamentos pró-sociais e na afetividade com outros goleiros.

Para G2, além do respeito mútuo entre os atletas, a relação era baseada na competência, isto é, no desempenho e dedicação diária nos treinamentos e competições. É correto afirmar pelo discurso do participante que esse relacionamento ocorria com forte coesão de tarefa, isso é quando todos os atletas estão envolvidos em prol de um objetivo coletivo, o que também corrobora a literatura (BRUNER; BOARDLEY; CÔTÉ; 2013; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Neste sentido, Galatti et al. (2015) em um estudo com sete atletas de excelência do basquetebol no Brasil, descobriram que a consciência coletiva, o respeito mútuo e a coesão

social e de tarefa foram essenciais para o sucesso em competições, para atingir e permanecer no nível de elite, corroborando os autores do parágrafo acima e os discursos dos participantes deste grupo.

De uma maneira geral vale destacar que os relacionamentos positivos com pais, parceiros e treinadores, associados com o apoio do clube, a dedicação máxima aos treinamentos e a observação de acertos e erros de outros atletas foram responsáveis por construírem importantes recursos para os atletas durante esse período, corroborando Stambulova (2003), Alfermann e Stambulova (2007), Stambulova et al. (2009) e Stambulova (2012).

Os discursos abaixo marcam os momentos de transição dos anos de investimento para os anos de manutenção da elite esportiva de G1 e G2. Para G1, o prestígio da seleção olímpica não foi o suficiente para assumir a titularidade do seu clube na categoria profissional e, como o clube tinha outros três goleiros de destaque no cenário nacional, sua carreira estagnou e, por isto, foi emprestado para outro clube, onde atuou pela primeira vez na elite esportiva, permaneceu seis meses neste clube e retornou para o seu clube formador.

Diferentemente, G2 logo se destacou entre os profissionais e, apenas um ano após seu primeiro contrato, já começou a integrar a seleção brasileira e a ter um envolvimento com o mesmo treinador de goleiros que G1 teve pelo seu ciclo amador com a seleção, desenvolvendo ainda mais os aspectos técnicos específicos de goleiro.

Logo depois dos Jogos Olímpicos, aos 23 anos assino o primeiro contrato com o meu clube formador, foi um valor muito baixo, porque a gente está vindo do juniores, não tinha essa proporção que tem hoje, era muito diferente. A gente assina o primeiro contrato, aí logo depois de três meses eu fui emprestado para um time de Santa Catarina, fomos jogar lá. Então nessa idade foi meu primeiro contrato, com o meu clube formador, que me empresta e depois eu volto para o meu clube formador [...]. Eu no meu clube era o quarto goleiro, apesar do prestígio da Seleção Olímpica, mas tinham três goleiros de ponta. Isso foi ruim, pois deu uma interrompida na minha carreira, porque parei de jogar. Aí fomos jogar o brasileiro lá em Santa Catarina. Esse para mim foi um choque de realidade, pois encontramos uma realidade totalmente diferente, em todos os aspectos: você treinava de manhã e tinha que colocar a camisa para secar, então isso para a gente foi um choque, a diferença do meu clube formador para o de Santa Catarina, porque ficamos seis meses lá. Então essas coisas vão te deixando mais “cascudo”, mas o meu clube formador foi uma base muito boa para mim, nesse aspecto. Então aos 23 anos foi meu primeiro contrato, sou emprestado e depois eu volto, fico até os 25 e depois vou para o meu terceiro clube. (G1)

Dali para a frente, vamos dizer, eu tive presente em todas as Seleções possíveis, da base a equipe profissional. Mas aí você já começa a ter um pouco de trabalho voltado para o goleiro, mas sempre nessa mesma linha. É um trabalho de você ficar saltando, você trabalha na areia, você trabalha alguns outros movimentos que você não fazia com o treinador [...]. Com 21 anos

comecei a integrar, participar da equipe principal da Seleção Brasileira, na Eliminatória, como um dos goleiros. Eu participei de uma primeira Copa do Mundo estando no meu clube formador, numa segunda Copa do Mundo estando no mesmo clube (G2).

Pelos discursos acima fica evidente que o desenvolvimento da participação esportiva deve ser percebido de maneira individual e relacional, como aponta Alfermann e Stambulova (2007) e Côté, Turnnidge e Evans (2014). Observa-se que o final do processo de transição para os profissionais e o momento de conseguir a titularidade em um clube da elite esportiva foi muito mais crítico para G1 do que G2. Enquanto G1 precisou ser emprestado de um clube com grande expressão no cenário futebolístico nacional para um clube de infraestrutura inferior para não interromper sua carreira, G2 já conseguiu, pelo destaque e prestígio da seleção amadora, assumir a titularidade e logrou a seleção principal um ano após ter assinado seu primeiro contrato.

Portanto, é plausível assegurar que a transição juniores-sênior realmente representa um período de muita complexidade e existe a influência de uma série de fatores que podem facilitar ou dificultar essa transição (STAMBULOVA, 2012; LARSEN et al., 2014). Apesar do prestígio da seleção amadora, da boa organização do clube e da construção de recursos oriundos de vivências anteriores e de outros processos de seleção, para G1 existiram duas barreiras que foram cruciais para tornar essa transição crítica: o destaque no cenário nacional dos três goleiros do clube em que se desenvolveu e assinou o primeiro contrato profissional; a existência de uma grande distância de relacionamento e de idade cronológica entre ele e os jogadores da categoria profissional.

Para diversos autores na literatura (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; CÔTÉ; FRASER-THOMAS; DEAKIN, 2005; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; BAKER ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014) o ambiente construído dentro de uma instituição é fundamental para desenvolver diversos valores pessoais necessários ao rendimento, à manutenção da participação esportiva e ao desenvolvimento pessoal. Este ambiente positivo ocorre, dentre muitas interações, pela qualidade das relações entre atletas. Larsen et al. (2014) também corroboram estes dados, afirmando que a receptividade e a maior interação entre atletas juniores e profissionais pode ser responsável por auxiliar nesta transição. Portanto, a dificuldade encontrada por G1 quanto à dificuldade de integração ao elenco é compreensível e está em concordância com a literatura supracitada.

Deste modo, com a mudança para um clube com menor infraestrutura, apesar de também ter encontrado barreiras, os recursos desenvolvidos por G1 no seu clube formador foram

essenciais para que G1 lograsse a transição para os anos de manutenção, o que ressalta a importância de transições não normativas para o desenvolvimento da carreira de um atleta (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

Já para G2, os recursos desenvolvidos pelo prestígio da seleção amadora, pelo maior envolvimento com treinadores de goleiros (especialmente na seleção brasileira), por aprender com seus próprios erros, pelas competições, e o fato de já estar integrado no cotidiano da categoria profissional foram suficientes para facilitar esta transição para os anos de manutenção da elite esportiva, o que também corrobora a literatura acima no que concerne à importância de um bom relacionamento entre atletas e do consequente ambiente positivo que isso proporciona. O apoio do clube para o atleta e a sua dedicação máxima aos treinamentos também se mostraram fundamentais para este processo (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2009).

7.3.2. O GRUPO PIONEIROS NO TREINAMENTO ESPECÍFICO E OS ANOS DE INVESTIMENTO

Após ter dificuldades de acesso à especialização no voleibol, G3 transitou para os anos de recreação em que continuou inserido na educação física escolar e jogos de futebol de maneira informal, de modo que por influência do destaque em uma competição escolar, participou de um processo de seleção de talentos, foi aprovado e iniciou esta fase aos 15 anos de idade.

Depois de uma especialização de três anos no voleibol, G4 realizou uma avaliação em um grande clube de futebol brasileiro, onde foi aprovado e iniciou os anos de investimento de maneira tardia comparado aos outros seis, aos 18 anos de idade.

Também pelo destaque em uma competição de futebol de seu estado, enquanto ainda estava nos anos de experimentação, G5 foi selecionado por um grande clube, transitando diretamente para os anos de investimento aos 14 anos de idade.

Mas eu fui aprender depois com 15 anos em uma cidade do interior de SP, a ter uma técnica de como cair, de como pegar bola, como sair do gol, era diferente. Aí eu já tinha uma responsabilidade que era jogar, tentar ser titular, ser o melhor, já defendia um clube, com um profissional também direcionando esse trabalho. Isso foi na minha opinião muito tarde nesse aprendizado. Fiz o teste através de uma pessoa que viu eu jogando e se interessou. Na época era peneira, não era nem teste. Eu passei na primeira de 10, 15 goleiros que tinham nessa idade. O treinador no final já me escolheu e falou: “Volta no próximo treino”. Passou mais uma semana e falou: “Quero ver um pouquinho mais, vem treinando! ”. Aí eu comecei a ir, e comecei a entender um pouco, a

entrosar com o grupo, eu viajava todos os dias para fazer esse treino. Fiquei seis meses nesse percurso (G3).

Eu tive um teste em uma grande cidade do sul do país, quando eu tinha 17 anos, um ano antes, e fui reprovado, mas um teste junto com os garotos da categoria, que já estavam ali desde o infantil, muito técnico, e eu de técnica de goleiro não sabia nada, nunca tinha sido goleiro, nunca tinha feito uma queda pra direita ou pra esquerda, não tinha coordenação nenhuma, tinha só o sonho de ser goleiro...Mas aí quando eu fiz este teste num outro grande clube de uma metrópole e, por incrível que pareça, se fizesse o mesmo teste eu ia ser reprovado. Mas quando eu fui fazer, o cara: “fica no gol, que o pessoal vai chutar em você”. E foi mais ou menos assim, o pessoal começou a chutar e eu comecei a defender... E os caras: “é, ele se mexe bem, tem uma boa coordenação”, e era isso aí que eu tinha da época do vôlei, eu tinha uma força na perna, quer dizer, começava a defender as bolas (G4).

No Estado do ES tinha uma competição chamada Copa Gazetinha, que envolve todo o estado. Joguei pelo município vizinho ao meu, eles estavam precisando de um goleiro para a idade. Uns 2 meses antes a gente fez um jogo treino contra esse time e eu fui bem nesse jogo, tanto é que vieram atrás para jogar por eles. A gente classificou já para as finais e sempre tinha um olheiro do meu clube formador. Naquela ocasião ele me observou jogando, gostou. Fui escolhido porque tinha uma boa noção embaixo do gol e porque era muito alto. O pessoal naquela época, aos meus 14 anos, já estava preocupado com o goleiro ter que ser alto. Ele me trouxe pela altura mesmo, porque com 14 anos já tinha 1,82m. Fui aprovado em dezembro daquele ano. Nessa época eu praticamente não participava de treino específico, tanto é que eu não sabia fazer nada, queda, entrada, só sabia jogar no gol! Posicionava muito bem, era esperto, bem rápido. Tanto é que o trabalho específico todo eu vim aprendendo dentro do meu clube formador, quando cheguei. Porque esses times de interior, divide os times, cada um para um lado, e vai tentar fazer gol de um lado e de outro, e eu participava desses coletivos, a gente tinha uma hora só pra poder usar o campo, porque não deixavam mais e a gente aproveitava dessa forma. Pessoal às vezes fazia chute a gol, ficava chutando de fora da área (G5).

Neste aspecto, confirma-se por meio dos discursos de G3, G4 e G5 uma maior imprevisibilidade para este estágio, já que estavam inseridos em outras modalidades esportivas, nos anos de experimentação, ou nos anos de recreação. Apesar de se sentirem motivados por atuarem como goleiros, apenas praticavam esta função de maneira recreativa nas cidades em que permaneceram na adolescência. Deste modo, o momento de transição se deu pelo destaque em competições formais (G3, G5) ou no próprio processo de avaliação (G4). Evidencia-se uma diferença no que se refere à ausência de um desenvolvimento específico na função de goleiro até o momento do processo de seleção de talentos em que foram submetidos e, por esta razão, é possível assegurar que estes achados se distinguem do que foi proposto pelas quatro ondas de pesquisa do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; HANCOCK, 2014) quanto ao aumento da prática deliberada ser gradativo durante o desenvolvimento da participação

esportiva. Quanto às similaridades com este modelo, apenas o desenvolvimento de diversas habilidades fundamentais pela diversificação inicial e a grande quantidade de jogo deliberado vivenciados nos anos de experimentação se mostraram relevantes para facilitar a transição para esse estágio.

No caso dos três participantes, é importante ressaltar que todos tiveram muito contato com esportes que as habilidades fundamentais desenvolvidas nos anos de experimentação e/ou especialização foram extremamente relevantes para que eles tivessem o destaque suficiente para serem convidados a um processo de seleção de talentos. Ainda, os esportes praticados por G3, G4 e G5 apresentavam diversas semelhanças com as habilidades necessárias para a função de goleiro de futebol, como saltos e movimentos que envolviam gestos técnicos manuais e de membros inferiores (voleibol, basquetebol, handebol, atletismo e futsal), o que elucida novamente a importância dos cinco postulados propostos por Côté, Lidor e Hackfort (2009) e ratificados por Côté e Vierimaa (2014) no que se refere à diversificação esportiva inicial precedendo o processo de especialização e investimento.

É pertinente ressaltar a semelhança do discurso de G5 com o de G2, na década de 1970, no que se refere à importância dada pelo atleta ao seu perfil físico para que fosse possível ser aprovado em um processo de avaliação. Assim como em G2, também é possível criticar algumas partes dessa afirmação de G5 pois, na verdade, o desenvolvimento de um goleiro de elite não necessariamente está ligado exclusiva e diretamente à sua estatura, já que na história do futebol existiram diversos goleiros com destaque internacional, principalmente na América Latina e na Espanha, que eram considerados baixos, como aponta Wilson (2012). De acordo com o próprio G5, o desenvolvimento de habilidades oriundo da diversificação e do jogo deliberado vivenciado nos anos de experimentação também foi extremamente valioso para facilitar esse processo, corroborando a literatura (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; CÔTÉ; HANCOCK, 2014; CÔTÉ; VIERIMAA, 2014).

Apesar da transição para os anos de investimento ser considerada como normativa, existiu uma maior imprevisibilidade nas transições para os anos de investimento por parte de G3, G4 e G5, similares à G1 e G2, que foram provenientes do destaque dos participantes, mesmo sem as habilidades específicas desenvolvidas, em competições ou situações formais que foram cruciais para que eles fossem selecionados e/ou aprovados num processo para se inserirem nas categorias de base de um clube de futebol. Além disso, assegura-se que G3, G4 e G5 iniciaram os anos de investimento sem terem se especializado como goleiros de futebol em estágios anteriores, ou seja, esse aprendizado ocorreu de maneira tardia e por razões distintas às propostas pelo DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Isto evidencia o que Stambulova et al. (2009) explicitou ao apontar que as modalidades esportivas são distintas quando se consideram: as demandas específicas nos atletas; as habilidades necessárias para caminharem rumo à excelência esportiva; à idade que se especializam, investem e terminam a carreira. Logo é possível afirmar que os estágios de desenvolvimento da participação esportiva apresentam muitas exclusividades associadas ao que é proposto em modelos descritivos, como descrevem as autoras acima.

Diante dos dados, é possível criticar a real necessidade de um goleiro de futebol se especializar ou investir no esporte escolhido antes dos 15 anos de idade. Todos os participantes do grupo *Autodidatas e Pioneiros no Treinamento Específico* não vivenciaram treinamentos sistematizados constantes nessa função até o processo de avaliação e mesmo assim lograram a excelência esportiva, já que participaram de pelo menos um grande evento esportivo com a seleção brasileira. A diversificação inicial e o tempo dispendido no jogo deliberado pareceram ter forte influência para que os participantes obtivessem sucesso em suas avaliações para se inserirem nos clubes. Portanto, essa exigência extremamente tecnicista desde os primeiros anos da adolescência e os anos de especialização dos 13 aos 15 anos na modalidade esportiva principal propostos pelo DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007) podem ser criticados nesses dois grupos de participantes.

Ainda, é possível observar novamente uma tendência tecnicista da sistematização do treinamento específico de goleiros, em detrimento das habilidades táticas. Os estudos de Aquino et al. (2015) e Scaglia et al. (2013) demonstram que basear-se apenas em gestos técnicos descontextualizados do jogo não é o ideal para um atleta de elite, que deve ser capaz de ter criatividade e inteligência para solucionar os problemas deste jogo.

Daolio e Marques (2003) em um estudo de caso com uma escolinha de futsal de crianças de nove a 12 anos de idade no interior de São Paulo descobriram, por meio de um método que procurou desenvolver a técnica e a tática de maneira simultânea (metodologia centrada nos jogos condicionantes), que após a sistematização dos treinamentos as crianças aumentaram a capacidade de compreensão do jogo, também existindo um aumento da interação coletiva em diferentes situações de jogo, desenvolvendo melhor relação com a bola nos pés e preenchendo os espaços de maneira inteligente.

Deste modo, essa tendência tecnicista observada nos discursos dos participantes deste estudo pode limitar o desenvolvimento de um atleta, que pode encontrar dificuldades para a compreensão do jogo e para solucionar problemas no futuro.

Abaixo, percebe-se que G3 desvelou algumas particularidades em sua carreira esportiva que evidenciaram a transição para uma maior valorização do goleiro de futebol no cenário

nacional. A partir deste participante já se pode observar que o treinamento de goleiros específico se tornou mais presente na rotina dos participantes. Para G3, o primeiro treinador de goleiros, que na verdade era um ex atleta desta função, foi um alicerce para a continuidade do atleta.

Quando chegou ao clube passou por uma alta quantidade de treinamentos para que pudesse emagrecer, já que apresentava sobrepeso quando iniciou o investimento. Neste aspecto, relatou no mesmo discurso que a preocupação sistemática com a alimentação e com o treinamento ainda não existia nos clubes do país, que era realizado ainda de forma empírica.

No terceiro discurso, reportou que as práticas em que era submetido eram baseadas e adaptadas do treinamento militar realizado pelo Exército. Explicitou no mesmo relato o desenvolvimento da automatização dos movimentos por meio da repetição dos gestos técnicos específicos do goleiro de futebol durante sua rotina de treinamentos.

Então eu peguei a Lei do Passe, o contrato chamava contrato de gaveta, que era o primeiro contrato. No time do interior de SP eu fiquei esse período todo com esse chamado contrato de gaveta, que era um contrato registrado na Federação, mas que não era um contrato profissional, eu não era registrado, não existia uma carteira. Então você ganhava uma ajuda de custo. Eu fiquei dos 15 aos 18 anos [...] O alicerce todo da minha carreira foi essa base deste time. Foi o primeiro contato que eu tive com um treinador de goleiro. Ele foi goleiro deste time muito tempo. Eu treinei muito porque eu tinha que perder peso. Eu pesava 96 quilos com 13 anos e, quando cheguei lá, eu perdi dez quilos em 6 meses de muito treino! Nós não tínhamos nutrição, não existia. Você comia salada, mas não tinha essa preocupação de balancear a alimentação. O treinamento nosso, quando existia uma corrida, saía todo mundo, o grupo. Trinta pessoas iam correr no parque e quem chegava na frente era melhor fisicamente, e quem chegava por último, fisicamente não estava apto ainda. Eu fui ver luva praticamente no profissional! A gente usava a luva muito velha. Não era velha, era muito velha, dos goleiros profissionais, que eles doavam para a gente [...]. Depois começou a parte da fisiologia, a mudar o conceito. Isso veio na década de 1990, mais ou menos, que começou a dividir os grupos: lateral tem que fazer um treinamento, zagueiro outro, meia, volante, goleiro. Mudou esse conceito, mas quase que foi uma década de você treinar como Exército! A Educação Física, ela veio um pouco do Exército, se você pegar os grandes preparadores físicos da década de 1970 e 1980, são todos que davam treino para o Exército e muita coisa veio dessa formação, de achar que o treinamento do Exército era muito forte, muito puxado, “então vamos colocar no futebol também, introduzir essa maneira de treinar”. Claro que com algumas adaptações. Hoje não, mudou completamente o estudo do atleta brasileiro e mundial (G3).

É possível observar diversas semelhanças do discurso de G3 com G2. Primeiramente, a questão do contrato amador, denominado pelos participantes de “contrato de gaveta”, evidencia a transição para os anos de investimento pelo maior envolvimento e dedicação do atleta para

lograr a elite esportiva associada a ajuda de custo recebida (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). A segunda semelhança diz respeito ao treinamento ser baseado em práticas militares e também ter prioridade para o desenvolvimento técnico, não abrangendo todas as competências do goleiro e limitando seu desenvolvimento esportivo e de valores pessoais (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). A terceira semelhança se dá pela falta de infraestrutura que G2 e G3 tiveram nos seus anos de investimento no que concerne a qualidade dos materiais esportivos para treinar e, principalmente, pela escassez de profissionais especializados no treinamento de goleiro (THIENGO; HUNGER, 2014). Por fim, a quarta semelhança se dá pelos recursos desenvolvidos pelos participantes para superar essas barreiras, que se consistiu em ser crítico com seus próprios erros, aprender por meio da observação de acertos de outros goleiros, adaptar as técnicas e movimentos observados ao seu próprio estilo de jogo para desenvolver-se e atingir a elite esportiva e dedicar-se ao máximo nos treinamentos (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2009; STAMBULOVA, 2012).

Todavia, foram notadas algumas características exclusivas à carreira esportiva de G3. Em um primeiro momento, percebe-se que apesar de não existir um treinador de goleiros para cada categoria de idade, o clube já contava com a presença desta profissão na categoria profissional e, em alguns dias da semana, este ministrava treinos para os amadores, o que elucida uma evolução na função referente à década de 1980, o que corrobora Thiengo e Hunger (2014).

A alta quantidade de treinamento para emagrecer aliada a este envolvimento com o treinamento de goleiros desde a categoria sub-15 foram essenciais para o desenvolvimento de G3, o que elucida novamente a relevância da prática deliberada para o aumento de desempenho nos anos de investimento (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007), mas é importante mencionar que esse aumento ocorreu de forma abrupta pela decisão de um dos treinadores e pelo ótimo nível de habilidades específicas do participante logo no início deste processo, o que revela algumas distinções entre os achados e o DMSP. É pertinente perceber a carreira esportiva de um atleta de maneira relacional, já que G3 foi o único que precisava treinar mais para desenvolver um perfil físico ideal em um curto período de tempo, apesar da infraestrutura existente no clube não auxiliar o atleta corretamente, pois não existiam luvas, os treinamentos ainda eram descontextualizados e não havia preocupação com aspectos nutricionais (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2009).

Por fim, observa-se que no início da década de 1980 o treinamento de goleiros já começou a ser mais valorizado, apesar de ainda não existirem profissionais suficientes para todas as categorias de idade, da maior prioridade a aspectos técnicos e do empirismo do

treinamento. Porém, já se observa uma maior especificidade de treinamentos. Deste modo, os achados corroboram novamente o estudo de Wilson (2012) e Thiengo e Hunger (2014). Ainda, é possível fazer uma associação com a discussão sobre um discurso de G2 no grupo anterior quanto à existência ou não de uma mudança na quantidade e complexidade do treinamento de acordo com as transições de categorias de idade, pois fica nítido que a estrutura de treinamento não era sistematizada e organizada, sendo que isso começou a ocorrer a partir da década de 1990. Portanto, apesar da prática deliberada já ocorrer de maneira mais complexa em comparação ao grupo anterior, essa pode ter sido uma razão da não evolução de maneira gradativa como propõe a literatura (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; BAKER; YOUNG, 2014).

Os próximos discursos de G3 falam sobre três aspectos importantes: a dificuldade inicial de aprendizagem e as vivências das categorias de base como alicerce da carreira esportiva; a falta de recursos neste período e a necessidade de se adaptar para se desenvolver, explicitando a importância de ter aprendido com o erro e acerto de outros atletas da mesma função, além da dedicação máxima aos treinamentos e a superação das barreiras relacionadas com a falta de estrutura da época; a necessidade de aceitar os erros durante as categorias de base, ter paciência e perseverar.

Então quando você está começando sua formação, você pensa para fazer uma defesa, você pensa para sair na bola, e aí existe o erro, existe o bloqueio do medo. “Se eu errar, vou ser chamado a atenção”, e o que vai acontecer? Então essa repetição, quando eu comecei no time do interior de SP, eu tomei vários gols que falei “Como que tomo um gol desse?” Porque eu sabia que se eu tomasse gol, meu treinador ia me cobrar muito, ia ter gozação dos amigos. Enfim, eu acho que essa fase do interior de SP foi uma fase mais de aprendizado para mim. Por isso que eu falo que é meu alicerce. Você, de tanto repetir, você não pensa mais, você age, reage, e faz o movimento. Você está condicionado a isso de tanto repetir [...]. Eu sempre fui muito crítico, e eu era muito observador também. Eu treinava com os profissionais, e como eu não tinha muita atenção, de ter um preparador físico só para minha categoria, esse profissional dava treino para todo mundo. Uma vez por semana para o amador, mas ele era do profissional. Mas como eu estava sempre corrigindo, sempre olhando: “Se aquele goleiro faz isso, vou tentar fazer”. Tentava imitar os caras do bem que a gente chama, os caras que fazem o movimento correto. Então isso foi minha trajetória nesse time [...] Às vezes a gente erra com alguns goleiros que estão começando, e critica “Ah, esse goleiro não vai a lugar nenhum” e quando passa essa formação de adolescente pra adulto, com 17 anos tem um nível, mas quando ele chega com 21, muda completamente. Às vezes a gente se engana com muitos atletas que a gente vê lá na base e chegam no profissional e muda completamente, o cara é um fenômeno! Justamente por você na base ter que errar, você tem que ser usado, tem que ter essa diferença (G3).

O primeiro relato de G3 retrata o medo de errar e a dificuldade inicial no contato com a prática deliberada. Essa dificuldade foi superada por meio da dedicação total aos treinamentos, sendo que o mesmo relata a automatização dos movimentos oriunda da repetição diária. É interessante notar que Côté e Abernethy (2012) descrevem que o jogo deliberado é responsável por desenvolver uma aprendizagem implícita, isto é, devido a imprevisibilidade do jogo. Porém, o que se observa nos relatos de G3 é que essa automatização de movimentos está relacionada também com a prática deliberada, por meio da repetição de gestos técnicos específicos da modalidade esportiva com o intuito de melhorar o rendimento.

Esse desenvolvimento associou-se às estratégias de G3 no que se refere à observação dos outros goleiros que tinham desempenho acima da média. O segundo relato do participante é semelhante ao de G1 e G2, sendo correto afirmar que esses recursos foram construídos durante esse estágio para que fosse possível se desenvolver e manter no caminho rumo aos profissionais, como aponta a literatura (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2009).

Ainda, G3 reforça a importância dos treinadores para o desenvolvimento da carreira esportiva de um atleta visto que, em seu último relato, discorre sobre a necessidade de ser testado, dos erros e acertos durante os treinamentos e competições para o processo de ensino-aprendizagem-treinamento. Isto corrobora diversos estudos no entorno do DMSP (ERICKSON et al., 1993; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ ET AL., 2013; CÔTÉ; ERICKSON, 2014; ERICKSON; CÔTÉ, 2017) no que concerne ao contexto único de cada atividade para a construção de habilidades e valores igualmente únicos e imprescindíveis para um atleta de elite. Pode-se perceber ainda que para G3 é extremamente relevante saber que cada atleta tem um desenvolvimento individual e o momento de melhor rendimento é logrado em momentos distintos entre os próprios atletas, o que refuta novamente o sétimo postulado de Côté, Lidor e Hackfort (2009) que afirma que um atleta de 16 anos já desenvolveu todas as habilidades necessárias para investir no esporte. Estes achados reforçam a necessidade de se perceber a complexidade da carreira esportiva além das generalizações dos modelos descritivos do desenvolvimento da participação esportiva.

Os discursos abaixo dão continuidade à ênfase dada ao desenvolvimento técnico e físico nos anos de investimento para G4 e G5. Porém, é possível observar que, diferentemente de G1, G2 e G3, as categorias de base dos seus respectivos clubes já tinham treinadores de goleiros específicos para cada idade.

Para G4, que nunca havia se envolvido com práticas organizadas e sistematizadas no futebol até os 18 anos de idade, o método de repetição integrado com a prioridade ao

desenvolvimento técnico realizado pelo seu treinador foi relevante para a carreira esportiva do participante. A melhora no desempenho ocorreu de maneira rápida, com treinos primeiramente baseados em aspectos físicos específicos para, posteriormente, aperfeiçoar os gestos técnicos desta função. Relatou ainda que existia pouca variação do treinamento por não existirem recursos materiais como na atualidade, mas que sua facilidade de aprendizagem aliada ao estilo de treinamento deste treinador, que era realizado com as mãos devido a um acidente que o deixou com paralisia parcial de um dos lados do corpo, foram essenciais para que G4 lograsse a elite esportiva rapidamente.

Inferese nos relatos de G5 a existência de um treinador de goleiros e um psicólogo para cada categoria de idade em seu clube de formação e, em comparação com G4, o desenvolvimento de habilidades físicas, técnicas e táticas ocorreu gradativamente e em um intervalo de tempo maior, já que o participante se inseriu nos anos de investimento na categoria sub-15 enquanto que G4 o fez apenas na categoria sub-20. Relatou ainda que o treinador de goleiros focava nas habilidades físicas e técnicas, enquanto que os aspectos táticos eram treinados juntamente com o grupo e que essas práticas integradas foram essenciais para a carreira esportiva. O segundo discurso destaca que encontrou dificuldades em alguns movimentos específicos em razão de sua estatura, mas, concomitantemente auxiliou-o em outros. Por fim, descreveu a importância de sua dedicação máxima aos treinamentos cotidianos.

Goleiro realmente eu me transformei quando eu tive meu primeiro treinador, aos 18 anos. Ele me deu o melhor dele, que era a técnica. Eu tive pouco tempo de aprendizado, mas aquilo que aprendi foi rápido e me serviu para toda carreira. A gente ficou um bom tempo trabalhando somente essa parte física, da força, na época se fazia muito aquele polichinelo, apoio, levantava, saltava, esse tipo de exercício, para te dar força, explosão e realmente deu um efeito muito grande, eu me sentia muito forte. Depois quando começou a parte da bola, que na época era diferente, porque não tinha muito exercício, não tinha muita variação, não tinha esse método (atual), não tinha o cone, não tinha estaca, não tinha o boneco, não tinha a barreirinha, que hoje ajudam a criar um bom treinamento. Era só o cara chutar, e por incrível que pareça o meu primeiro treinador tinha sofrido um acidente, um chute na cabeça, e o lado direito dele era praticamente todo paralisado, então ele não conseguia chutar. O trabalho dele era feito somente com a mão, naquele momento, naquele início, foi o melhor possível, porque o trabalho dele era muito centralizado na parte física, na parte técnica, não queria dar chutão para o cara voar, ele queria era jogar uma bola para você usar sua força, sua coordenação. Isso para mim foi muito importante ter esse treinador, baseado em muita repetição [...] A partir do momento que eu comecei no meu clube formador eu tive uma evolução muito rápida, eu aprendi rápido, eu me dediquei bastante a isso, eu tive uma oportunidade, comecei a jogar na primeira equipe, e você só vai aprendendo, crescendo e, dependendo do seu potencial, do seu foco, as coisas podem ser mais rápidas, e isso aconteceu comigo (G4).

No primeiro ano do sub-15 do meu clube formador cada categoria tinha seu treinador de goleiro. Já tinha um psicólogo para cada categoria e hoje continua dessa forma. O específico eu vim aprendendo dentro do clube, quando cheguei. Vamos desenhar o A, o B, de joelho, cai para um lado, cai para o outro, cai de frente, para aprender devagarzinho, não sabia fazer nada. De uma forma mais específica mesmo, de queda, de trabalho de salto, com duas bolas para essa parte de coordenação motora, e era necessário, porque principalmente nessa função exige bastante. Fora os trabalhos táticos do próprio treinador: chute a gol, cruzamento, finalização, que eu acho uma das partes mais importantes, pois justamente aí exige você como te exige no jogo, é tudo bem parecido. O treinamento de goleiro, em todas as categorias, a parte fundamental é a repetição, igual faz no vôlei hoje, quanto mais você repete, mais rápido você está para poder executar os seus movimentos. No jogo quando tem uma situação em que você tem que decidir uma defesa, que é uma coisa muito rápida, você já traz do trabalho técnico, se vai entrar na bola, se vai fazer uma defesa lateral, qual a velocidade tem que imprimir para chegar nessa bola, fazer uma coordenação em velocidade para poder sair numa bola aérea. Principalmente no infantil e juvenil se trabalhava esse tipo de coordenação e as passadas laterais, frontais todos esses movimentos que eram necessários [...]. Eu tinha uma certa dificuldade por causa do tamanho, eu era muito alto e tinha que fazer esse movimento com muito mais velocidade para poder cortar cruzamentos. As passadas laterais minhas geralmente exigiam um pouco mais de velocidade, justamente por causa da altura, eu tinha que fazer esse movimento sempre em muita velocidade para poder chegar bem nas bolas, embora minha envergadura ajudasse, às vezes uma ou duas passadas eu já estava para executar o movimento e praticar a defesa. Aí existe evolução, você pega um menino cru do interior e você colocar ele para fazer todos esses movimentos, a tendência para um crescimento desse garoto é muito grande. Na minha época sempre fui um garoto muito centrado, nunca foi preciso chamar minha atenção para nada, porque eu sempre me dediquei, sempre ia no limite (G5).

Afirma-se nos discursos que os atletas se envolveram em uma alta quantidade de treinamento sistematizado e organizado, com o objetivo de melhorar o rendimento para atingir a elite esportiva, além de um engajamento exclusivo como goleiros de futebol nos respectivos clubes. Isto evidencia novamente a característica inerente aos anos de investimento de Côté, Baker e Abernethy (2007), mas simultaneamente comprova que o investimento ocorreu em momentos distintos do que aponta a literatura acima (16 anos), já que desde o primeiro momento em que iniciaram os treinamentos no clube vivenciaram apenas esta função, desde a categoria sub-15 (G1, G2, G3, G5) e sub-20 (G4), elucidando novamente que as carreiras podem seguir caminhos individuais.

É notório que os participantes se inseriram em um treinamento específico de goleiros no Brasil que sempre priorizou aspectos físicos e tecnicistas em detrimento do tático. Apesar dos dois grupos de participantes ressaltarem a importância do desenvolvimento destas habilidades para possibilitar ao goleiro brasileiro ser reconhecido positivamente no cenário internacional e de todos os participantes citarem uma grande evolução no desempenho oriundo

desta prática, é importante ressaltar que um goleiro de elite depende não apenas de características físicas e técnicas, mas também táticas e psicológicas (VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO, 2006; THIENGO; HUNGER, 2014). Neste sentido, Côté et al. (2013) também descreveram que atletas de elite que competem/competiram em nível internacional investiram mais tempo no treinamento organizado, mas que cada atividade cria um contexto único que têm uma importância ímpar para a aprendizagem de novas habilidades. Côté, Turnnidge e Evans (2014) reforçam este pensamento ao afirmar que a competência e a confiança de um atleta se consistem na interação entre o desenvolvimento de habilidades físicas, técnicas e táticas, que devem ser trabalhadas em momentos oportunos durante a carreira esportiva.

Porém, a inserção de G4 nos anos de investimento foi tardia e, desta maneira, a prioridade ao treinamento das habilidades físicas e dos gestos técnicos por meio de um alto volume de repetições era relevante para lograr a elite esportiva, pois o mesmo também não se envolveu como goleiro de futebol nos anos de especialização e, por isto, havia pouco tempo para que o atleta se desenvolvesse suficiente e eficientemente até a elite esportiva. A aprendizagem rápida de G4 no que concerne as habilidades específicas do goleiro de futebol ressaltam a importância das habilidades desenvolvidas em sua diversificação inicial e do seu envolvimento no jogo deliberado e nos anos de especialização no voleibol, como apontam diversos autores na literatura (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2003; CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; LIDOR; HACKFORT, 2009; CÔTÉ; ERICKSON, 2014), mas concomitantemente mostram-se contrárias aos mesmos estudos quanto à relevância de transições gradativas aos anos de especialização e investimento, reforçando a individualidade do desenvolvimento da participação esportiva entre os participantes.

É possível novamente apontar que a dedicação total nos treinamentos associada ao apoio do clube, do envolvimento com este primeiro treinador e do desenvolvimento rápido de G4 foram responsáveis para que ele fosse integrado à equipe profissional, corroborando a literatura como nos atletas anteriores (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2009). É interessante atentar-se para o fato de que seu primeiro treinador, que foi essencial em sua carreira esportiva, sofreu uma paralisia devido a um acidente e, por esta razão, não conseguia realizar chutes durante seus treinamentos. Diante dos dados, vale destacar o apoio do clube e dos atletas com este treinador, pois sabe-se da dificuldade de ministrar esse tipo de treinamento com essas limitações.

Quanto à G5, infere-se novamente, como em G2, que é possível questionar a estatura como fator primordial para a carreira esportiva de um goleiro de futebol, já que os mesmos apontaram em seus discursos para a relevância do desenvolvimento de diversas habilidades para

que fosse possível economizar movimentos e realiza-los com eficiência, sendo que a estatura foi um fator limitante no seu início devido à falta de coordenação para executar alguns movimentos. Apenas quando essas habilidades foram desenvolvidas o participante conseguiu tornar a estatura uma vantagem. É extremamente relevante perceber que em G5 a infraestrutura das categorias de base era superior a dos outros quatro participantes, já que em seus relatos percebe-se que cada categoria de idade tinha seu próprio treinador de goleiros, representando uma evolução dessa profissão e também havia uma preocupação com o desenvolvimento psicológico do atleta, o que é sustentado na literatura no entorno do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007), do PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014) e do Modelo de Transição de Carreira Esportiva (STAMBULOVA, 1997; STAMBULOVA, 2003).

Entretanto, observa-se também em G5 a grande preocupação com os aspectos tecnicistas do treinamento, novamente em detrimento da parte tática e da associação com as situações de jogo. O próprio relato do participante descreve que a parte do treinamento com maior transferência para as competições eram realizadas juntamente com os jogadores de outras funções táticas pelo treinador da equipe. Assim, o treinador de goleiros era responsável apenas pelo desenvolvimento das habilidades físicas e técnicas dos atletas, negligenciando a parte tática. Da mesma maneira que nos outros quatro participantes, assegura-se que a competência de G5 não foi desenvolvida completamente, o que pode significar uma limitação no desenvolvimento do participante (SCAGLIA et al., 2013; THIENGO; HUNGER, 2014; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; AQUINO et al., 2015).

Nos relatos de G4 e G5 percebe-se uma semelhança com G2 e G3 no que se refere à automatização de movimentos oriunda da prática deliberada em que foram submetidos durante os anos de investimento, por meio da repetição de gestos técnicos específicos, que foi responsável para que eles executassem os movimentos de maneira mais econômica e eficiente. Esses achados permitem afirmar que a aprendizagem implícita ocorre não apenas o jogo deliberado como descrevem Côté e Abernethy (2012), mas pela exposição à prática deliberada.

De maneira similar aos outros quatro participantes (G1, G2, G3 e G4) foi verossímil que a disciplina, a dedicação máxima aos treinamentos e o bom relacionamento com os treinadores foram os recursos considerados como os mais importantes para os atletas conseguirem ultrapassar as barreiras e serem bem-sucedidos nesse primeiro ano de envolvimento (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2009).

Observa-se em G5 um aumento gradativo da prática deliberada no início dos anos de investimento, que ocorreu de padrões mais simples para padrões mais complexos de acordo

com o nível do participante, corroborando o proposto pelo DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007) e pelo estudo de Baker e Young (2014).

É importante atentar-se para a estrutura do clube em que G5 iniciou o processo de investimento nas categorias de base, já que o mesmo contava com um psicólogo e um treinador de goleiros para cada categoria de idade, o que evidencia um avanço na valorização do goleiro de futebol, o que é sustentado por Thiengo e Hunger (2014). Além disto, é notório que a estrutura de um clube é essencial para que o atleta conquiste a elite esportiva.

Neste sentido, é possível associar o discurso de G5 com o estudo de Galatti et al. (2015), em que os autores evidenciam que sete atletas de basquetebol de elite no Brasil relataram a importância de uma equipe multidisciplinar e de uma boa estrutura institucional para melhorar as condições de treinamento para facilitar o desenvolvimento de suas respectivas carreiras esportivas.

De uma maneira geral, é notório que G3, G4 e G5 dissertam com muito mais profundidade e revelam muito mais complexidade na rotina de treinamentos quando comparados ao grupo *Autodidatas*, o que revela um desenvolvimento mais completo da prática deliberada proposta por Ericsson et al. (1993) pela maior acessibilidade aos treinadores, por apresentarem mais recursos e facilidades. Ainda, tal complexidade se deve à evolução do treinamento de goleiros no cenário nacional na segunda metade da década de 1980, como citado por Thiengo e Hunger (2014).

Abaixo, os relatos de G3, G4 e G5 evidenciam a importância da vivência de treinarem com a equipe profissional e competir em sua própria categoria de idade. Para G3, o sucesso em sua primeira competição oficial pelo clube aliado às habilidades que já havia desenvolvido em sua carreira foi responsável para que o treinador da equipe profissional percebesse o atleta, que ainda estava no juvenil (sub-17), como um promissor candidato para a elite esportiva e, deste modo, incluiu-o no cotidiano dos profissionais.

A rápida evolução do rendimento de G4 na categoria sub-20 fez com que ele fosse integrado na seleção de seu próprio estado em uma competição que era extremamente relevante. Devido ao sucesso do participante nessa competição, o treinador da equipe profissional incluiu-o nos treinamentos do elenco um ano após iniciar nos anos de investimento. Ainda, o destaque de G4 neste mesmo campeonato foi responsável para que ele lograsse a seleção amadora sub-20 e iniciasse um ciclo de convocações e, felizmente, ser bem-sucedido nas competições que participou com esta equipe.

Já G5 ressaltou que as transições de categoria no seu respectivo clube ocorreram de maneira gradativa e, deste modo, foi o único participante a estar engajado nos dois anos da

categoria sub-15 e dois anos da categoria sub-17. Todavia, em decorrência do destaque e conquistas no sub-15, na transição para o sub-17 o participante logrou consecutivas convocações com a seleção brasileira da categoria, o que foi responsável para que ele assumisse a titularidade mesmo com sua idade cronológica sendo inferior à média do elenco. Por fim, relata que desde o seu primeiro ano no sub-15 já existia uma grande cobrança por resultados esportivos por consequência da grande expressão do clube no cenário futebolístico nacional e que ele se adaptou a esta situação facilmente.

Aos 16 anos, que eu fui morar, estudar, transferir. Eu já tinha disputado uma competição, porque aos 15 que eu fui fazer teste, ia começar um torneio de todos os clubes do Estado de São Paulo e nós fomos campeões! Foi o primeiro teste, fui com esse grupo, eu defendi pênalti, fui o goleiro menos vazado e apareceu! Quando eu voltei depois, para a cidade do meu clube formador, depois dessa viagem, o treinador do profissional ficou sabendo desse garoto que estava lá embaixo, que era alto, que era bom, coordenado já, desde pequeno, sem ter essa técnica. Então ele falou “Vamos ficar com esse menino, já põe para treinar no profissional!”, porque só o profissional tinha treinador de goleiro! Então ele vai treinar com o profissional e descer para jogar o infanto-juvenil. Eu treinava com o profissional e descia para jogar na base, na categoria de base. Isso foi até os 18 anos, mais ou menos. Disputei duas taças São Paulo pelo meu clube formador, que também foi fantástico porque eu era juvenil, eu tinha 16 anos, e estava já como reserva de um goleiro que já estava muito próximo de chegar ao profissional (G3).

Joguei no sub-20 só um ano, aos 18. Comecei a jogar no juniores, teve uma convocação para a seleção gaúcha que ia disputar aquele brasileiro de seleções, e eu fui convocado, nós fomos campeões, no final do ano eu já fui convocado para a seleção brasileira e nós fomos para o sul americano, e fomos campeões, que foi aquela época que tinha muita gente boa, todo mundo que jogou contra a gente nesse campeonato brasileiro de seleções, cada estado fazia sua seleção. No outro ano, aos 19, comecei a treinar no profissional, mas jogar no juniores. Em outubro teve o mundial sub-20, fomos campeões (G4).

Você está no mirim, pula para o infantil, juvenil, juniores, na época. Hoje é sub-15, 17 e 20. Aí você também é muito analisado durante esse período que você está participando dessas categorias, são os jogos, os caras te preparam tecnicamente, armava parte tática e você ia para os jogos, jogar o estadual, outras competições da categoria, e você era analisado, e você ia passando de etapa. Eu, ainda bem, consegui ser bicampeão infantil e subi para o juvenil, no sub-17, então tem toda transição, porque no sub-17 geralmente joga o titular que é do último ano. Eu como era primeiro ano, tem que aguardar, você vai treinando no time de 16 anos para jogar quando tiver 17 anos. Então são as etapas que você tem que ir queimando para ir se aperfeiçoando. Mas nessa etapa do sub-17 minha vida realmente deu uma decolada aqui no meu clube formador, porque quando subi para o juvenil eu peguei seleção brasileira da categoria, aí já muda a história, não quer dizer que o que tem 17 anos é o que tem que jogar, então com 16 anos eu já assumi o posto de titular do juvenil do meu clube formador. Eu fiquei os dois anos, mas jogando o juvenil, os dois anos, o sub-17, e toda vez que tinha convocação, eu era lembrado... Apesar das outras categorias você já ter uma certa pressão, você já começa a

acostumar com isso desde cedo, e quando você joga num time grande igual o meu clube formador, enfrentar outros grandes clubes é uma pressão muito grande, e você é cobrado desde cedo por isso, por essa competitividade, você tem que vencer, está em time grande tem que vencer (G5).

De maneira geral, é notório que as competições nas categorias de base durante os anos de investimento apresentaram uma função extremamente importante para o desenvolvimento dos atletas. Após conquistarem títulos em suas respectivas idades e terem destaque individual, transitaram para o elenco profissional (G3 e G4), e/ou conquistaram convocações consecutivas e iniciaram um ciclo igualmente bem-sucedido com a seleção brasileira amadora, tendo vivências similares ao grupo *Autodidatas* (G1; G2/ G4; G5).

Esses achados destacam que a existência de recursos individuais pode acelerar ou retardar algumas transições normativas durante esse estágio, por exemplo: o sucesso na primeira competição esportiva de G3 fez com o que o atleta fosse integrado aos treinamentos da equipe profissional já aos 16 anos de idade, facilitando seu desenvolvimento esportivo, já que apenas os profissionais contavam com o treinador de goleiros e, ainda, sabe-se que essa maior integração facilita a transição juniores-sênior (STAMBULOVA, 2012; LARSEN et al., 2014) e desenvolve a competência (treinamentos com jogadores mais desenvolvidos), a confiança (a percepção do indivíduo sobre suas próprias habilidades), a conexão (integração e relacionamentos com os atletas profissionais) e o caráter (oriundo do bom relacionamento com o treinador e jogadores), ou seja, os principais valores pessoais propostos pelo PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Em G4 observa-se muitas características similares à G3, como: o rápido desenvolvimento devido às habilidades fundamentais que já foram desenvolvidas durante a diversificação inicial e o jogo deliberado nos anos de experimentação (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007) e a dedicação máxima aos treinamentos; o destaque em competições importantes como fator de influência para ser integrado ao elenco profissional e, conseqüentemente, desenvolver os mesmos aspectos citados no parágrafo acima em G4 (STAMBULOVA, 2012; LARSEN et al., 2014; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). Porém, o participante apresentou algumas características únicas a sua carreira esportiva: o sucesso advindo dessas competições foi responsável para que o mesmo conquistasse um ciclo de convocações para a seleção brasileira sub-20 e, ainda, conquistasse dois campeonatos importantes para sua categoria de idade, o que se mostrou um fator crucial para que ele conquistasse um grande apoio de treinadores e do próprio clube para se inserir no elenco

profissional e completar a transição juniores-sênior de uma maneira muito mais facilitada, devido aos recursos construídos durante esse período superarem as barreiras dessa transição.

Em G5 pode-se destacar características que também foram similares à G4, mas de uma maneira mais gradativa, já que o primeiro se inseriu nos anos de investimento aos 14 anos de idade e participou dos dois anos de todas as categorias de idade do seu clube de formação: o destaque individual e o bicampeonato estadual da categoria sub-15 foram responsáveis por auxiliá-lo não apenas na transição para o sub-17, mas também para que ele iniciasse um ciclo de convocações para a seleção brasileira de sua categoria e, mesmo com 16 anos de idade, já assumisse a titularidade em seu clube, evidenciando novamente a importância dos recursos individuais para superar barreiras impostas em cada transição normativa (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2012; LARSEN et al., 2014). Porém, o discurso do participante revela uma característica que não foi mencionada por nenhum outro atleta do estudo: a cobrança por resultados esportivos desde o primeiro ano da categoria infantil (14 anos de idade). Esse relato evidencia o início dos anos de investimento antes do que foi proposto pelo DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETNHY, 2007) e revela que o participante teve de se desenvolver e construir recursos suficientes para conseguir superar essa pressão e adequar-se ao imediatismo de resultados desse processo. Ainda, vale ressaltar que este imediatismo pode prejudicar o equilíbrio do PYD no que se refere aos três objetivos principais: participação continuada, desempenho esportivo, desenvolvimento pessoal.

Frente ao exposto, é possível criticar essa cultura de resultados imediatos em G5 desde o primeiro ano da categoria infantil. Sabe-se que é importante balancear três objetivos para que o desenvolvimento esportivo ocorra de maneira positiva: desenvolvimento pessoal; rendimento esportivo; participação continuada (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007). Pelo relato de G5 constata-se que o rendimento esportivo é considerado o objetivo principal do programa esportivo e que os jogadores são avaliados constantemente para apresentarem bons resultados, apesar de existir um apoio psicológico para cada categoria de idade. Essa pressão excessiva para se formar novos “talentos” para o alto rendimento percebida no discurso do participante pode ser visualizada no discurso de todos os participantes dos dois primeiros grupos. Sabe-se que apenas uma pequena porcentagem dos atletas que estão em categorias de base conseguirá lograr o alto rendimento e que o sucesso esportivo é conquistado não apenas por esta minoria, mas também aos que se mantêm no esporte como um hábito saudável na vida adulta. Deste modo, faz-se pertinente refletir sobre uma alternativa para este imediatismo, já que isso pode ocasionar a saturação e abandono esportivo de diversos indivíduos e, ainda, a aversão a práticas esportivas até mesmo em nível recreativo na vida adulta, o que revela que o programa esportivo

pode não ter cumprido seu objetivo de uma maneira adequada (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007).

Contudo, esses achados podem ser relacionados com o que foi descrito por Stambulova et al. (2009) ao afirmarem que os programas de desenvolvimento esportivo são influenciados por tradições culturais, normas sociais, pela maneira como a sociedade se organiza e pelo próprio sistema esportivo do país. Seguindo o estudo acima, é possível perceber o Brasil como um país que apresenta uma cultura individualista vertical, isto é, que estimula mais a competição entre as pessoas e, desse modo, coloca o rendimento como elemento-chave do sucesso esportivo. Ainda é plausível apontar que existe pouca preocupação com o desenvolvimento de carreira de atletas e isso pode ser visto até mesmo pela escassez de pesquisas neste tema apontadas por Stambulova et al. (2009). Atrelados a este fator, destacam-se ainda a informalidade e o amadorismo da gestão do futebol e até mesmo da formação de treinadores no cenário nacional.

Frente ao exposto, transferindo essa discussão para o contexto brasileiro, é possível associar o parágrafo acima com o estudo de Galatti et al. (2015), em que os autores destacaram que o declínio dos resultados no basquetebol de elite no cenário nacional ocorre por diversos fatores, entre eles a gestão inadequada da modalidade esportiva e o baixo investimento na formação de treinadores. Apesar do futebol e do basquetebol serem esportes diferentes, é possível aproxima-los no que se refere a este tema.

De uma maneira geral, é assertivo que dentro dos anos de investimento as transições normativas (processo do sub-15 para o sub-17, do sub-17 para o sub-20) foram facilitadas por diferentes recursos: desenvolvimento eficiente com treinadores competentes; bom relacionamento com parceiros de treino competentes e promissores; destaque individual em competições; conquistas de títulos em suas respectivas categorias de idade; convocações para a seleção brasileira; sucesso e destaque nas competições com a seleção amadora. Estes fatores podem ser considerados como recursos facilitadores que prepararam os participantes G3, G4 e G5 para ultrapassarem as barreiras impostas nestas transições (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

De acordo com Abernethy et al. (2002), Côté, Baker e Abernethy (2003), Soberlak e Côté (2003), a maior inserção em competições e envolvimento em horas de treinamento ocorreu durante os anos de investimento nos atletas de elite. Analisando os dados, é possível corroborar estes resultados, pois as competições e treinamentos nas categorias sub-15, sub-17 e sub-20 apresentaram alta relevância para o desenvolvimento dos participantes.

Estes achados também corroboram o estudo de Côté et al. (2013) no que se refere ao maior envolvimento por parte dos atletas de elite em uma maior quantidade de competições e treinamentos organizados na modalidade esportiva principal.

Observa-se a influência da qualidade dos relacionamentos, do engajamento pessoal e da estrutura institucional para o desenvolvimento de habilidades que foram essenciais aos atletas G3, G4 e G5, corroborando Côté, Turnnidge e Evans (2014).

Apesar da transição para os anos de investimento ter sido bem-sucedida em G3, G4 e G5, foi possível observar a dificuldade encontrada pelos atletas em outras esferas da vida. Nos relatos abaixo, G3 relata que quando iniciou os anos de investimento, vivenciou e dedicou-se às atividades do clube intensamente e, deste modo, teve dificuldades para se manter no estudo, porém completou o ensino médio e, devido ao engajamento total com os treinamentos, não conseguiu inserir-se no Ensino Superior, mesmo com o sonho de se envolver em um curso de artes plásticas.

Porém, G4 não apresentou dificuldades em relacionar os estudos e o esporte, pois iniciou os anos de investimento de maneira tardia e, durante os anos de especialização, o voleibol era praticado pelo próprio colégio. Ainda assim, o participante relatou que sua prioridade sempre foi o esporte em detrimento dos estudos.

Diante dos dados, G5 relatou que o próprio clube o obrigava a estudar e, deste modo, mesmo com a prioridade com o foco no esporte, devido às regras rígidas que o clube impunha aos seus atletas, teve que conciliar os estudos com o esporte. Mas, como o próprio praticante relata, a estrutura que o clube proporcionava facilitou este envolvimento com ambos.

Estudei até o momento que deu para estudar e conciliar o futebol! Quando eu mudei para a cidade do meu clube formador, eu passei a viver 24 horas futebol, na verdade! Eu treinava quase todos os dias dois períodos e a noite eu estudava. A gente ia estudar a pé, chegava meia noite, e no dia seguinte tinha treino. Isso foi durante quase três anos da minha adolescência aí (16, 17, 18). Quando eu vim para capital do estado, terminei o terceiro ano, e quando eu me profissionalizei, que comecei a ir para outro estado do sul do país, nessa mudança. A vida profissional toma conta, eu não conseguia tempo para estudar. Aí já era minha realidade, eu já dependia disso, eu já não dependia mais dos meus pais, eu tinha que pagar aluguel! Então o estudo acabou ficando de lado, o estudo voltado para a faculdade, porque eu sempre tinha a ideia de fazer artes plásticas, era o sonho da época, mas fui adiando, fui deixando. Quando você está num clube, você vive 24 horas o clube, o esporte é aquele, é dedicação, a escola fica como um segundo plano, quase todos os atletas deixam como segundo plano, mas dá para conciliar, dá para fazer (G3).

Na sala de aula eu era um fracasso, então eu tinha que ser bom no esporte, e acabava me destacando bastante (G4).

A gente saía do clube para estudar fora e tinha horário para chegar aqui, a aula acabava 22 horas, as 23h tinha que estar no alojamento, senão não entrava mais, meio militar mesmo, e estudava fora do clube. Mas foi legal, período difícil aqui, naquela época não tinha muita mordomia, era colchão de capim, aqueles capim que furavam a gente, mas tinha um pra cada um, um quarto pra 12 meninos, eram 6 beliches. A gente tomava café, almoço, janta e lanche a noite, o meu clube formador nunca deixou faltar nada em relação a sua preparação em todos os sentidos, até os senhores e as senhoras que tinham que ficar na concentração com a gente tomando conta, como se fossem nossos pais na época, me lembro de todos eles: Jorge, Muniz, Dona Maria que era nossa cozinheira na época de infantil. Então a gente tinha essa proteção aqui, criou-se uma família dentro do meu clube formador. Eu saía do alojamento e pegava o ônibus aqui embaixo onde era o vestiário do amador e entrava nos ônibus para ficar treinando nos campos da cidade, que o clube alugava... A primeira vez que fiz isso foi passado uma ligação em que eu não havia arrumado minha cama, então o ônibus só saiu depois que eu voltei para o alojamento, arrumei a minha cama, botei o lençol na cama, coloquei o travesseiro no lugar e desci para treinar, então tinha que ser assim (G5).

O participante G3 relatou dificuldades relacionadas a combinar estudos e o futebol durante os anos de investimento. Os participantes G4 e G5 não revelaram dificuldades quanto ao estudo, já que G4 iniciou este processo de maneira tardia e G5 tinha o transporte proporcionado pelo clube para frequentar a escola. Porém, em ambos participantes é possível assegurar a prioridade relacionada ao esporte em detrimento dos estudos, já que G4 descreveu que tinha dificuldade na escola e preferia praticar esportes, enquanto que G5, apesar de conseguir conciliar os estudos, relatou a dificuldade de se adaptar às regras do alojamento.

Stambulova (1994) descreve que equilibrar os objetivos esportivos e fora deste contexto, reorganizar o estilo de vida, procurar o próprio caminho no esporte e lidar com a pressão constante de avaliações são barreiras impostas pela transição juniores-sênior. Isso corrobora as demandas relatadas por todos os participantes. Entretanto, estas já foram encontradas nos discursos dos participantes no período referente à categoria sub-15 (G5) e categoria sub-17 (G3).

A prioridade dada aos treinamentos em detrimento dos estudos também pode ser entendida por meio de uma associação com os estudos de Alfermann e Stambulova (2007) e Stambulova et al. (2009) ao afirmarem que em esportes com possibilidade de recompensa financeira alta, como o futebol no Brasil, os estudos encontram-se em segundo plano.

Vale ressaltar a dificuldade da rotina vivenciada por G3, que treinava dois períodos por dia e tinha que frequentar a escola a noite. O participante tinha o sonho de cursar artes plásticas, mas seu cotidiano no clube o impedia de fazê-lo, evidenciando a literatura acima. Para G4, apesar do esporte ser prioridade em sua vida por não gostar de estudar, o mesmo não teve dificuldades em conciliar os estudos, já que os anos de investimento ocorreram de maneira

tardia (aos 18 anos de idade) e o participante não queria seguir uma carreira acadêmica. Já em G5, observa-se que sua rotina também era exaustiva, mas seu relato enfatiza um auxílio do clube no que diz respeito aos estudos e a disciplina em ações cotidianas, como arrumar a cama do alojamento antes de ir para o treinamento e o horário para entrar e sair do alojamento. Apesar do clube não oferecer, em alguns aspectos, a melhor estrutura para os atletas, já que a qualidade dos colchões não era boa e o alojamento era localizado embaixo das arquibancadas do estádio, pode-se afirmar que eles estavam inseridos em um ambiente positivo, com regras e exigências que facilitaram não apenas o desenvolvimento esportivo, mas o desenvolvimento da conexão (relacionamento com outros atletas que dividiam o quarto) e do caráter, como expuseram Côté, Turnnidge e Evans (2014).

Em um estudo com sete atletas medalhistas olímpicos e campeões mundiais de basquetebol, Galatti et al. (2019) descobriram que estes atletas, ao lograr a elite esportiva, encontraram dificuldades para associar a rotina de treinamentos com a vida social, optando por negligenciar esta última. Apesar das modalidades esportivas serem diferentes, é possível aproximar os resultados destes autores com o discurso de G3.

Abaixo, G3 relata uma pequena interrupção na carreira por ter sido excluído das categorias de base do clube por consequência de uma mudança de treinadores. Porém, o participante conseguiu realizar uma avaliação em um clube de maior expressão nacional e, por coincidência, encontrou no trajeto para o primeiro treinamento um dos seus ex treinadores do clube anterior. Surpreendentemente, este treinador estava trabalhando na categoria sub-20 do clube em que G3 seria avaliado. Devido ao bom relacionamento com o treinador, foi aprovado e iniciou os treinamentos neste clube. Por existirem muitos goleiros na categoria sub-20 e profissional, foi emprestado depois de três meses para uma agremiação de outro estado do país. Nesta, assinou seu primeiro contrato profissional, obteve destaque individual e sagrou-se campeão do torneio e, quando retornou ao seu clube, transitou para a equipe profissional e permaneceu no banco de reservas por seis anos até conseguir lograr a titularidade.

Fui mandado embora do meu clube formador, umas mudanças de diretores, de comissão técnica, trouxeram outros jogadores, e acharam que aqueles que estavam lá tinham que dispensar. Mas as coincidências do destino na minha carreira, isso me ajudou! Eu não acredito em sorte e azar, mas acredito em você estar equilibrado mentalmente naquela hora para tomar as decisões. Tive uma oportunidade de vir fazer uma avaliação em um grande time da capital e, a coincidência do destino de vir: a data, horário, local. Esse amigo meu que veio comigo de carro, quando ele passou em frente a Marginal, no ponto de ônibus estava parado um dos meus treinadores do meu clube formador. Eu reconheci, parei o carro e ele perguntou: “Quanto tempo, tudo bem? O que você está fazendo aqui? ”. Falei: “Vou treinar neste time da metrópole”. Ele

falou: “Mas eu sou o treinador deste time agora! ”. Então foi a coincidência, dei carona para ele e ele falou: “eu já te conheço, você vai ficar treinando aí”, porque ele era o treinador dos juniores, abaixo do profissional. A Taça São Paulo eu disputei com ele! Ele falou “você fica lá treinando e a gente vai vendo a hora que aparecer uma oportunidade, tem bastante goleiro” [...] Por volta de três meses de treinamento eu fui emprestado para um time do sul do país. Foi meu primeiro contrato profissional, aos 19 anos e a minha história foi fantástica porque eu fui considerado o melhor goleiro, o mais jovem a atuar no profissional na história do clube e do estado. Fui campeão brasileiro pela Seleção de Juniores, porque eu tinha idade e acabei disputando. Antigamente existia o Campeonato Brasileiro de Juniores, cada estado tinha uma representação e era muito importante, porque quase todos os times os 11 jogadores jogavam no profissional! Em seis meses, de fazer o teste no time da metrópole, essa coincidência de encontrar o treinador e jogar no Sul, quando eu voltei para o time da capital, eu já fui reserva de um goleiro com prestígio no clube, eu já estava pronto para jogar no profissional. Eu esperei ali, durante quatro anos, até ter uma oportunidade de jogar mesmo, de entrar no gol (G3).

Em G3 evidencia-se que o participante não foi convocado para a seleção brasileira de base. Porém, o que é pertinente ressaltar é a existência de uma pequena interrupção em sua carreira pela exclusão de seu primeiro clube e um rápido retorno após ser aprovado no primeiro clube da capital do estado pela coincidência de encontrar um treinador de seu clube formador no trajeto para o seu primeiro treinamento no novo clube e, obviamente, por ter tido um bom relacionamento com o mesmo em sua passagem nessa cidade do interior. Logo, cronologicamente: a interrupção, o retorno, o empréstimo para outro clube, o destaque individual e o sucesso por ter sido campeão foram determinantes para que o participante permanecesse nos anos de investimento e lograsse a elite esportiva. Isto evidencia novamente a relevância dos recursos facilitadores construídos por G3 para superar as demandas específicas de uma transição (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2009) aliados a uma coincidência surpreendente, que torna improvável qualquer associação com a literatura, exceto no que se refere à influência de fatores que ocorrem fora do contexto esportivo para a carreira esportiva, como afirmam os autores acima.

Dentre os recursos, destacam-se no participante: o bom relacionamento com os treinadores; as habilidades desenvolvidas em períodos anteriores; seu desempenho, já que o treinador confiava no participante a ponto de aprova-lo antes mesmo do processo de avaliação; a preparação para as competições e o destaque nas competições (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2009; STAMBULOVA et al., 2012; LARSEN et al., 2014). A excelência de rendimento de G3 integrada com a qualidade de relacionamento com treinadores e as oportunidades de competição foram essenciais para que conquistasse o prestígio do clube e dos treinadores durante essa transição, que a princípio era crítica, e acabou

sendo bem-sucedida. Ainda, é possível associar alguns recursos com o estudo de Côté, Turnnidge e Evans (2014), especialmente no que diz respeito à importância da relação treinador-atleta, baseada na confiança e respeito mútuo.

Já G4 teve uma transição mais rápida e facilitada. O sucesso com a seleção sub-20 fez com que ele conquistasse a confiança do treinador e, deste modo, assumiu a titularidade da equipe profissional, assinando seu primeiro contrato. Porém, por ainda ser um goleiro jovem, continuou sendo convocado para as seleções de base durante um ciclo olímpico completo até ser convocado para a seleção principal.

E aí quando eu voltei, o treinador me chamou e disse: “olha, vou te colocar para jogar”, e aí me colocou no final dos meus 19 anos para jogar no profissional, e tive o meu primeiro contrato. Aos 20 anos teve o Toulon, aos 21 teve o pan-americanos, aos 22 os Jogos Olímpicos, já ia gente profissional, mas não era a seleção profissional. Aos 23 anos, Copa América, ali começou a seleção principal mesmo (G4).

Depois de um início de sucesso com a seleção brasileira amadora e pelo destaque nas competições em seu primeiro ano de sub-20, o treinador da equipe profissional o incluiu no elenco como titular já no segundo ano desta categoria de idade. A partir deste ano, G4 vivenciou um ciclo olímpico completo com a seleção, até ser convocado para a principal para um grande evento esportivo com a seleção brasileira profissional, quatro anos depois. Destaca-se nesse participante que o seu desempenho e dedicação aos treinamentos aliados ao destaque nas competições foram responsáveis para que ele conquistasse o prestígio do clube, dos treinadores e de outros parceiros, facilitando a transição juniores-sênior, como apontam também os estudos de Stambulova et al. (2012) e Larsen et al. (2014). O relacionamento entre treinador-atleta pareceu ser relevante para esse processo, pois o próprio participante relata uma conversa individual com o treinador e uma relação baseada em respeito mútuo e confiança, aspectos da Liderança Transformacional, como apontam também Côté, Turnnidge e Evans (2014).

Neste sentido, Folle et al. (2016), em um estudo com 31 atletas e dois treinadores de um clube de basquetebol no interior de Santa Catarina, descobriram por meio de entrevistas semiestruturadas, que a transição destes atletas para a categoria profissional dependeu da integração de alguns fatores. Entre eles, destaca-se os relacionamentos interpessoais, principalmente no que se refere à relação treinador-atleta. O discurso de G4 permite uma associação com o estudo destes autores, apesar das modalidades esportivas serem diferentes.

Pelos relatos de G5 nota-se que o destaque individual pela seleção brasileira sub-17 e uma questão de limite de idade foram responsáveis para ele permanecer na sub-20, mesmo

sendo reserva nesta transição de categoria em seu respectivo clube. Por ter sido bem-sucedido nas partidas em que foi convocado, assumiu a titularidade do seu clube e permaneceu nas convocações até lograr a integração com o elenco profissional. É perceptível que esta transição foi gradual e progressiva, de modo que as competições do sub-20 eram partidas preliminares ao elenco profissional e, portanto, G5 relatou que já tinha um maior envolvimento com os torcedores e com a cobrança o ambiente bem próximo aos de uma partida da elite esportiva. Para o participante, essas partidas foram essenciais para facilitar sua transição para o profissional, que veio a ocorrer em 1990, quando este ainda estava atuando pelo sub-20.

Quando subi para os juniores aos 18 anos eu esperei, porque os rapazes que estavam na frente realmente tinham um nível totalmente acima. Eu tinha que trabalhar para conseguir minha vaga. Aí o treinador da seleção me convocou para fazer alguns amistosos pela seleção sub-20, mais para fazer um teste, porque eu era o mais novo da turma. Eu fui muito bem nos jogos e ele me convocou para o Sul Americano. A gente foi campeão e o ano seguinte a gente foi para o Mundial. Quando voltei, aos 19 anos, assumi minha vaga de titular, a minha visibilidade dentro do clube aumentou muito. O meu clube formador começou a apostar muito que eu pudesse assumir essa vaga depois que o Acássio fosse sair do clube, ou se aposentasse. Aí vem seleção pré-olímpica, então eu tive essas possibilidades, tanto é que quando eu fui jogar pré-olímpico, eu já estava jogando no profissional. Com 19 anos já subi, treinava no time principal e descia para jogar no sub-20, já estava fazendo essa transição. Meu primeiro contrato foi no ano seguinte, aos 20 anos. O presidente na época pegou todos esses sub-20 que estavam no profissional para assinar contrato [...] O meu clube formador ia jogar no estádio e o sub-20 fazia preliminar antes, e os torcedores tinham possibilidade de conhecer os atletas do sub-20 que poderiam estar despontando num time principal, que hoje eu acho que faz muita falta isso. Até para os meninos, você vai para um grande estádio jogar um clássico, geralmente torcedor chega 40 minutos antes para ver pelo menos o segundo tempo dessa preliminar. Já é uma pressão, pois já existe a cobrança do torcedor, que está ali, então eu tive o prazer e a possibilidade de vivenciar isso, eu já cheguei em cima, já tinha um peso enorme, mas não com tanto com o torcedor. É o mesmo torcedor que me viu jogar no sub-20, está me vendo no profissional (G5).

Em geral, os discursos de G4 e G5 desvelam a relevância de um ciclo amador com a seleção brasileira e o destaque nestas competições e/ou nos seus respectivos clubes para lograrem a elite esportiva e transitarem para os anos de manutenção. Portanto, os próximos parágrafos foram discutidos com o referencial de Stambulova (2003), Alfermann e Stambulova (2007), Stambulova et al. (2009) e Stambulova et al. (2012).

Em G4 e G5 elucida-se a relevância do ciclo amador com a seleção brasileira, o desenvolvimento eficiente do rendimento esportivo e o bom relacionamento com o treinador da equipe profissional como recursos facilitadores desta transição. Para G4, a excelência no

rendimento esportivo ocorreu de maneira mais rápida comparada à G5, em que este processo foi mais gradual e progressivo. O prestígio pelo destaque na seleção amadora foi responsável para que os atletas conquistassem a confiança dos treinadores, do clube e, desta maneira, assumissem a titularidade da equipe sub-20 (G5) ou profissional ainda em um processo com a seleção olímpica (G4). Similarmente a G3, reforça-se em G4 e G5 o desenvolvimento por meio das vivências durante os treinamentos com a equipe profissional e a importância desta aproximação entre categorias como recursos para facilitar a transição (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

Ressalta-se em G5 ainda que a facilitação deste processo pelas partidas preliminares que eram realizadas horas antes da partida da categoria profissional e, portanto, essa vivência era responsável por expor os atletas a um nível de cobrança e contexto próximos aos que enfrentariam após essa transição juniores-sênior, desenvolvendo os recursos necessários para superar as demandas específicas deste processo. Portanto, observa-se que G5 teve uma aproximação ainda maior pelas vivências com a equipe profissional em comparação com os outros participantes desta década e teve um suporte mais contínuo do clube nesta transição, o que reforça a importância destes recursos para facilitar a transição (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

Novamente observa-se a importância dos relacionamentos interpessoais, principalmente no que se refere à relação treinador atleta, o que corrobora diversos estudos na literatura internacional (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; TURNNIDGE; CÔTÉ, 2016) e nacional (GALATTI et al., 2015; FOLLE et al., 2016; GALATTI et al., 2016).

Abaixo os discursos de G3, G4 e G5 destacam a importância dos treinadores nos anos de investimento. Para G3 existiram diversos treinadores com características singulares, mas que foram essenciais para sua carreira esportiva não apenas por desenvolver seu rendimento, mas na produção, reprodução e difusão de valores pessoais. Para G4 os treinadores do juniores e dos profissionais de seu clube formador foram essenciais para seu desenvolvimento esportivo, pessoal e pela ascensão rápida à titularidade. De acordo com G5 os profissionais de seu clube formador e o ambiente em que estava inserido foram fundamentais para seu desenvolvimento esportivo e na formação de seu caráter.

Eu sempre tive excelente relação com os treinadores de goleiros e treinadores profissionais. O E. foi um treinador maravilhoso, com uma competência fantástica, um conhecimento. O C. foi um cara importante nesse período, tinha uns métodos diferentes de treinamento que ajudou todos a crescer na parte

física e técnica. O T., mestre de todos, que tinha um comportamento durão, de paizão, elogiava muito pouco. O V., fiquei quase 10 anos trabalhando com ele, como treinador de goleiro, e ele na minha opinião foi o grande mestre para extrair de mim tudo que eu tinha para doar dentro de campo e fora também. Ele foi o cara que me entendeu, tinha dia que ele não dava nem treino, ele falava: “Senta aqui, vamos conversar, que a gente precisa bater um papo”. Ele sabia quando estava exagerado o treino ou quando a maratona de jogos era muito grande, porque um dos grandes times da capital que eu me transferei chegou a fazer 101 jogos no ano e eu participei de 79, ele tinha um conhecimento muito grande para poder tirar do atleta (G3).

O D., que apostou num menino de 19 anos para entrar no gol do Internacional numa época que goleiro tinha que ter mais de 30 anos para jogar, porque senão não pode, é muito jovem, então nunca pode esquecer... Tive o S., foi meu grande amigo, a gente chamava ele de paizão, a gente era muito amigo, teve sempre um relacionamento muito bom, então esses dois treinadores que tive no meu clube formador: B. era da base e o S. dando aquela sequência de trabalho realmente me ajudaram bastante (G4).

Desde o infantil peguei um pessoal muito qualificado não somente nessa parte técnica e tática, mas de formar um menino preparado para esse mundo fora desses muros daqui. Você vive um mundo aqui dentro do meu clube formador, agora passou esses muros altos, lá fora é muito mais difícil. Então dentro das possibilidades eles tentavam preparar eu pra esse mundo, pois nem todos vão chegar, nem todos vão ter essa possibilidade... Os próprios professores que trabalhavam com a gente, eles tinham esse lado de interagir contigo nessa competitividade, de você ter sempre uma sombra, aquele menino que você tem que chegar se você quiser jogar, explicava pra gente os caminhos, como deveria se portar diante de algumas situações, cumprir à risca os horários, disciplina, respeito com colega, vai se criando o ser humano de amanhã: firme, decidido, sabe o que pode ser feito, as coisas que tem que ser decididas, fora de campo, que são levadas pra dentro de campo, que vão fazer o torcedor feliz. Meu treinador de goleiro foi o J., a gente trabalhou no sub-17, subiu junto para o sub-20, seleção brasileira a gente treinou junto, depois, no profissional a gente voltou a trabalhar mais 7 anos juntos, conquistou tudo junto, então ele foi meu segundo pai aqui, um cara de uma cabeça espetacular, sempre muito centrado e muito legal, vai criando esses elos, as famílias se falam até hoje (G5).

O JS que me deu a primeira chance no meu clube formador, levou para a excursão como titular, fui pra Europa fazer alguns jogos, e quando voltei, voltei de titular, aos 21 anos. Aquela pressão: “tem que contratar goleiro”, na época eram dois goleiros de grande nome para jogar... Falei: “se trouxer, não vou jogar mais”, mas o JS me deu oportunidade, e aí fui campeão invicto, os 11 primeiros jogos fiquei sem tomar gol no estadual, a torcida sempre me apoiou, entrava em campo, gritava meu nome... Fui campeão invicto, entrei e não saí mais (G5).

De acordo com Baker, Côté e Abernethy (2003) durante os anos de investimento a relação entre o treinador e o atleta torna-se cada vez mais profissional e próxima. De uma maneira geral, isso se confirma nos discursos de G3, G4 e G5 quando ambos consideram alguns treinadores de sua carreira esportiva como “pais”, devido ao grande tempo de convivência e

pela capacidade do treinador em criar um ambiente positivo, responsável pela facilitação do desenvolvimento, pela afetividade e pela coesão de grupo, desenvolvendo maior cooperação entre os atletas e estimulando comportamentos prós sociais entre eles, o que corrobora a literatura (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). Para esses autores os treinadores têm como objetivo não formar apenas atletas, mas membros integrados à sociedade, sendo que a aprendizagem esportiva não deve estar desvinculada e, por isso, deve ser transferível para as situações cotidianas fora do contexto esportivo, e isso fica evidente principalmente no discurso de G5, quando o mesmo descreve que os profissionais do seu clube formador foram responsáveis por desenvolvê-lo dentro e fora dos “muros” do clube, ensinando-o a disciplina, o respeito e, principalmente, a tomar decisões importantes.

Constata-se a aproximação dos discursos de G3, G4 e G5 sobre a relação treinador-atleta com o PAF e com a Liderança Transformacional citada por Côté, Turnnidge e Evans (2014). De acordo com G3, que detalhou os treinadores mais importantes desse período, cada treinador apresentou uma característica singular: alguns preocupavam-se mais com o desenvolvimento da competência, principalmente no que se refere à aspectos físicos e técnicos, novamente confirmando a prioridade do treinamento dos gestos técnicos e corroborando novamente o estudo de Thiengo e Hunger (2014); alguns destacavam-se pelo seu conhecimento e capacidade de liderarem e estimularem esse aspecto em seus atletas; em especial um treinador de goleiros destacou-se nesse período, por não se preocupar apenas com o atleta, mas com o ser humano. Deste modo, foi o treinador responsável por entender as necessidades individuais de cada atleta, além de saber orientar e transmitir o seu próprio conhecimento, desenvolvendo o atleta de maneira facilitada. Este treinador foi extremamente importante e, segundo o estudo de Wilson (2012) e o de Thiengo e Hunger (2014), foi um dos responsáveis pela consolidação dessa profissão e pela grande evolução dessa função na década de 1990.

De acordo com G4, a confiança do treinador da equipe profissional sobre seu desempenho, a decisão de inseri-lo como titular em uma idade de 19 anos que era extremamente criticada por todos, associado à competência dos dois treinadores de goleiros que se envolveu durante os anos de investimento no seu clube formador no que se refere ao desenvolvimento de seu desempenho esportivo, no relacionamento positivo com eles e na formação de seu caráter. A discussão é similar à do participante anterior, mas vale ressaltar que esse estágio da carreira esportiva de G4 teve menor duração que a de G3.

De acordo com G5, os treinadores com quem se relacionou desde a categoria sub-15 no seu clube formador foram responsáveis por desenvolvê-lo completamente no que se refere à competência (física, técnica e tática), a sua confiança (por sempre o incentivar a lograr um

rendimento melhor e permanecer no processo) e, principalmente o seu caráter (por meio das conexões positivas existentes nas relações treinador-atleta e até mesmo pela influência dos treinadores na relação positiva atleta-atleta). De maneira similar à G4, é correto afirmar que o participante sofreu uma cobrança excessiva por assumir a titularidade da categoria profissional sem experiências suficientes para a função.

Quanto ao último aspecto, é possível afirmar que existiam na época algumas tradições, que na verdade podem ser consideradas como superstições, no que se refere à uma idade ideal de 27 a 30 anos para que o goleiro tenha todas as habilidades desenvolvidas e experiência suficiente para assumir a titularidade de um clube de elite. Porém, como o próprio G5 descreve, não existe possibilidade de se adquirir experiência apenas por meio do treinamento. De acordo com Côté et al. (2013) os atletas que atingem a excelência esportiva dispendem muitas horas em treinamentos e competições e para Baker e Young (2014) as competições desenvolvem habilidades únicas no atleta, melhorando inclusive a sua capacidade de tomar decisões. Portanto, esperar um goleiro atingir uma idade avançada para assumir uma grande responsabilidade pode não ser garantia de sucesso. É necessário perceber esse processo de maneira individual, e isso fica claro ao analisar o desenvolvimento da carreira esportiva dos cinco primeiros participantes deste estudo.

De uma maneira geral, é importante ressaltar que as relações interpessoais são extremamente importantes para que um atleta consiga atingir o nível de elite, corroborando diversos estudos na literatura internacional e nacional (CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; TURNNIDGE; CÔTÉ, 2016; GALATTI et al., 2015; FOLLE et al., 2016; GALATTI et al., 2016).

Abaixo os participantes G3, G4 e G5 falam sobre a influência e o apoio que tiveram de seus familiares durante esse estágio da carreira esportiva. Para G3, seus pais foram essenciais no apoio financeiro, principalmente nos primeiros anos das categorias de base em que o participante não tinha salário no clube, apenas uma ajuda de custo como recompensa financeira. Para G4, além do apoio financeiro, seus pais costumavam assistir aos treinamentos, levar chimarrão e até mesmo seu cachorro para poderem compartilhar o tempo juntos após o término de seus compromissos com o clube. Além disso, o participante percebe que a influência excessiva por parte dos familiares, principalmente no que se refere a criar altas expectativas sobre os filhos, não são positivas para o desenvolvimento e, por isso, acredita que seus pais o auxiliaram sem precisar agir dessa maneira. Para G5, sua mãe sempre teve um posicionamento firme, mas permitia que ele tomasse suas próprias decisões, além de apoiá-lo nesse aspecto. Porém, devido à grande distância entre estados e aos seus três irmãos serem crianças, os pais

não podiam estar presentes e, assim, o participante não tinha um contato frequente com seus familiares, que ocorria apenas em raros dias de folga.

Meu pai liberou (fazer o teste no clube formador), porque era muito difícil isso acontecer e falou “Tudo bem!”. Passei no teste, ele não acreditou, falou: “Não, eu quero conhecer, quero ir lá”. Então ele foi para o clube conhecer todo mundo, o treinador, e entender se era verdade isso. Ele não estava acreditando muito no que estava acontecendo. Aí eu mudei para o clube, então, ele me apoiou sempre, me dava dinheiro porque eu não ganhava nada, e tinha que ter dinheiro para estudar, porque eu estudei na cidade do clube. Tudo que eu precisava comprar: tênis, roupa, sempre tive esse apoio dos meus pais, mas no meu tempo eu guardava muito, tinha que saber economizar (G3)

Na época do meu clube formador ela vinha ver treino, fazer chimarrão, trazer cachorro, ficar atrás do gol assistindo. Depois que acabava o treino ficava lá tomando chimarrão, brincando com o cachorro no gramado. Lógico que quando você é jovem e vai fazer um teste em um grande clube, um jovem que está no primeiro ano de clube, eles acabam sendo o pai e a mãe. Eu vejo hoje muito adolescente que se perde justamente por isso, porque o pai e a mãe acabam colocando um peso muito grande nesse adolescente, que ele acaba não suportando, porque quer que ele vire um craque. Aí não vira um craque. Então a família precisa ajudar muito esse início, foi o que minha família fez (G4).

Liguei para minha mãe e falei: “estou indo para o meu clube formador”, e ela falou: “Pode ir, vai tranquilo que tua casa está aqui”, ela sempre foi muito decidida, sempre muito firme nessas situações. Meu pai gostava muito de futebol, mas era mais mole um pouco para essa situação, queria o filho próximo. A minha mãe sempre foi: “menino vai correr atrás do que ele gostava, fazer o teste”, sempre foi muito firme... Acho que durante os cinco anos aqui dentro, meu pai e minha mãe me visitaram duas vezes só, muito pouco. Eles não acompanhavam pois tinham mais três irmãos novos, pequenos, eles tinham que tomar conta. Mas final de semana que tinha uma folga, era meio raro, mas quando tinha, eu ia pra lá na sexta, voltava no domingo, nem que ficasse um ou dois dias, mas ia. Acho que por isso também que eles não vinham muito, mas sempre muito firmes nessas decisões (G5).

Vale ressaltar que nenhum dos familiares apresentou altas expectativas e influenciou de maneira negativa os participantes. Pelo contrário, o relato de G4, semelhantemente ao de G2 no grupo *Autodidatas*, revela que os pais que pressionam e cobram os filhos por resultados esportivos geralmente decepcionam e desmotivam o próprio adolescente. Percebe-se no relato de cada participante um tipo de apoio diferente: G3 primeiramente reforça, como em relatos anteriores, que o pai tinha uma aversão ao futebol profissional como futuro para ele e seus irmãos e, por isso, destacou a surpresa quando o filho foi aprovado e sua consequente visita ao seu clube formador e ao seu primeiro treinador. Depois dessa fase inicial, o maior apoio que o pai pôde oferecer ao participante foi o financeiro; G4 relata a valorização de seu esforço por

parte dos pais, que assistiam os treinamentos constantemente em seu início e o ajudavam em algumas decisões; Já G5 aponta para o direcionamento firme de sua mãe para que ele fosse livre para tomar suas decisões.

Diante dos dados, observa-se que os relatos coincidem com muitos aspectos do PYD (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007), principalmente no que se refere aos pais criarem um ambiente positivo com pouca demanda e pressão. Apesar de G3 e G5 revelarem que na verdade os pais tinham pouco envolvimento nesse estágio, pode-se observar que os mesmos sempre tiveram o apoio que necessitaram e vivenciaram um ambiente positivo nesse aspecto.

No estudo de Beneli, Galatti e Montagner (2017) o suporte familiar também foi destacado como um dos fatores essenciais para que atletas da elite do basquetebol atingissem a elite esportiva, sendo possível associar este estudo com os relatos dos participantes.

Abaixo os participantes G3, G4 e G5 destacam o relacionamento com outros atletas como fator de influência para o desenvolvimento da carreira esportiva. Os três participantes compartilham relatos semelhantes no que se refere ao respeito mútuo entre atletas, em um relacionamento marcado por competições saudáveis para buscar a titularidade da equipe e que foi responsável por desenvolver também o caráter dos participantes.

Eu queria ser igual o titular, que era ídolo do clube! Queria tentar imitar muitas coisas, então essa observação me corrigiu muitos movimentos, e ele falava: “tudo o que for bom que eu tiver fazendo, pega! Tem um monte de coisa ruim, isso aí você não deve fazer”. Tinha uma dificuldade do lado bom que tinham cinco goleiros e um queria ser melhor do que o outro. Quando ele saiu, eu fui o titular, ganhei a titularidade, mas eu tinha dois goleiros abaixo que se eu piscasse ou dormisse seis horas só, eles estavam jogando no dia seguinte, porque eram muito bons, então um forçava o outro. Por isso que o terceiro goleiro, quando entrou no meu lugar, ele estava voando e teve essa condição de agarrar a função, e ninguém quis contratar outro goleiro! Em outro grande clube do estado da mesma forma, a gente tinha um grupo muito bom de goleiros que treinavam juntos, mas é importante você ter o relacionamento sadio, em nenhum momento perder o respeito, mas ter a seriedade do treinamento. Com o G., o treinamento era 9 horas e umas 8 e 15 ele já estava pronto, entrava no campo e ficava batendo bola para o outro goleiro. Comecei a chegar 8 horas para fazer o mesmo! Passou uns dois dias, o G. as 7 e meia estava no campo, aí depois de uns dias cheguei as 7, e até 6 e meia da manhã o roupeiro aguentou. Nós ficamos nessa brincadeira séria porque eu queria treinar e mostrar para o treinador, para os jogadores principalmente, que eu estava treinando e que eu estava bem, o G. da mesma forma, mas não houve em nenhum momento falta de respeito, houve a situação de profissionalismo (G3).

Eu sempre fui assim um cara bom de grupo, todo mundo que eu joguei, os clubes que eu passei, sempre deixei assim uma marca bem positiva, até pelo

meu caráter, um cara mais tranquilo, brincalhão, que o pessoal sabia que estava ali para trabalhar e dar o melhor (G4).

Tanto é que eu tenho vários grupos do meu clube formador de ex jogadores, na época de infantil, que a gente se fala até hoje, tem grupo montado, a gente sempre se encontra, a cada 6 meses vai para um sítio, bate papo, e meninos que não deram certos aqui dentro, mas são bem-sucedidos na vida. Dessa turma de infantil, praticamente cinco a seis jogadores fazem parte desse grupo que a gente conversa. Eu era do infantil e eles eram sub-20, a relação nossa era muito boa, a gente era moleque, eu tinha 14 anos, eles já tinham 18 e tomavam conta da gente no alojamento, eram os mais velhos. Olha o que saiu desse grupo, praticamente todos jogaram bola. Criamos uma família muito forte aqui, pessoal com uma cabeça muito bem postada, bem centrado, pareciam já que eram adultos com a postura que eles tinham. É aquilo que te falei daquela criação que tínhamos aqui dentro (G5).

De acordo com Fraser-Thomas e Côté (2009) a relação atleta-atleta é responsável por desenvolver habilidades físicas (rendimento esportivo), sociais (comunicação e valores) e psicológicas (liderança). O relato de G3 aponta para a existência de uma competição saudável durante os treinamentos para incentivar o desenvolvimento do rendimento durante as práticas e, ainda, para mostrar para os outros parceiros de treino e para o treinador que estavam preparados para assumirem a titularidade da equipe, mas esse relacionamento era baseado em um respeito e admiração mútuos. O relato de G4 revela a predominância de ações pró-sociais oriundas de seu bom caráter e sua preocupação com a boa relação entre os membros do grupo. O relato de G5 fala sobre a relação que o próprio clube proporcionava de interação dentro do alojamento com atletas de idade mais avançada e compara esses relacionamentos aos de uma família, devido ao bom comportamento e cuidado dos mais velhos para com os mais novos e da manutenção desses laços afetivos até os dias atuais.

Frente ao exposto, é possível encontrar congruência desses discursos acima com a literatura que envolve o desenvolvimento positivo na relação atleta-atleta (FRASER-THOMAS; CÔTÉ, 2009) e o PAF no que diz respeito aos aspectos da Liderança Transformacional existente nesse tipo de relações (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; BRUNER et al., 2014).

Ainda, é possível associar estes discursos com o estudo de Galatti et al. (2015) com jogadoras da elite do basquetebol brasileiro. Neste estudo, as atletas apontam que a consciência coletiva, a coesão de tarefa e o respeito mútuo foram essenciais para que elas atingissem e permanecessem na elite esportiva.

Vale ressaltar que nenhum participante citou a relevância de amigos fora do contexto esportivo para apoiar e diminuir o ambiente de cobranças e estresse, como propõem

Abernethy et al. (2002). Porém, é interessante notar que a escola e os estudos ficaram em segundo plano na carreira dos participantes, como já discutido anteriormente, o que pode ter sido um fator para a falta de evidências sobre esse tipo de relacionamentos.

Abaixo é possível verificar o desenvolvimento das carreiras esportivas de G3 e G5 até o momento de uma sequência de convocações para a seleção brasileira, o que evidencia a transição para os anos de manutenção da elite esportiva. Pode-se observar pelos relatos de G3 que sua carreira esportiva foi marcada por diversas transições não normativas nesse período até lograr a seleção (mudanças de clubes, lesões). Para G5 existiram também alguns momentos críticos dentro de seu clube formador até que ele assumisse a titularidade, obtivesse destaque e conquistasse uma vaga na seleção.

O campeonato estadual foi o divisor de águas para mim, porque eu entrei na titularidade do primeiro clube da capital que passei, fiquei 13 jogos sem sofrer gols. Imagine, você fica esperando todo esse tempo, quando você entra no lugar de um goleiro que é ídolo no clube até hoje, você tem que ser o cara diferente, porque senão você vai ser passageiro ali... E o que que foi ser diferente? Eu fiquei invicto 13 jogos! É muito tempo, foram 1238 minutos. De disputar competição: desde a Taça São Paulo até campeonatos estaduais, que são os sonhos de todos os jogadores que estão começando. Aí vem o Brasileiro, que foi também para mim muito bom, aí já era uma referência diferente, eu muito jovem, eu era um dos goleiros mais jovens a jogar neste clube da capital, e disputar um Campeonato Nacional. Já fui pré-convocado pela seleção sub-23 e acabei não indo por ter nascido em janeiro, só podia ir quem nascia em julho para a frente [...]. Logo depois, ainda aos 22 anos, quebrei a perna, aí entrou o I., que acabou se machucando e o VI., que era o terceiro, o mais jovem, assumiu a condição de titular e não saiu mais. Quando eu recuperei minha fratura, que eu voltei, o VI. já estava jogando e muito bem, nem se cogitava em tirar o VI. da titularidade [...]. Eu fui ser conhecido mesmo internacionalmente depois que eu saí do primeiro time da metrópole e fui para o segundo, aos 24 anos. Aí sim o pessoal sabia quem era, que eu fui Campeão Brasileiro, Campeão da Libertadores, Campeão Mundial e, através da Libertadores eu fui para a Seleção Brasileira aos 28 anos. Então eu tive que ser campeão da Libertadores, campeão Brasileiro, Estadual, Libertadores, Mundial, aí apareceu a Seleção, aí já era uma realidade (G3).

Então meu primeiro estadual foi em 1991, a gente não foi muito bem, fui depois para a seleção olímpica e quando eu voltei quem estava jogando era o Rs. Então fiquei novamente seis meses esperando uma vaga para poder voltar a jogar. Eu recebi uma pressão muito forte na época, principalmente de alguns diretores do meu clube formador que eu era muito jovem, e era o seguinte: o goleiro bom era o goleiro depois dos 25, 26 anos, que tem mais experiência! Eu debati em relação a isso, eu falava que não ia pegar experiência nunca se eu não jogasse. Com 27 anos, vai entrar em campo, vai tremer! [...]. Depois fui bicampeão aos 22 anos, tricampeão aos 23. Aí fiquei, joguei 10 anos de titular do meu clube formador [...]. Minha primeira convocação principal foi aos 23 anos, num jogo amistoso na Alemanha, eu fiquei na reserva. Aí aos 25 já foi minha primeira convocação para jogar (Eliminatórias), foi a reabertura

da Fonte Nova, Brasil *versus* Uruguai. No segundo jogo foi Brasil *versus* Argentina na Argentina (G5).

É importante notar que existiram momentos cruciais específicos a cada carreira esportiva. No que se refere à G3, observa-se que o mesmo obteve destaque em suas primeiras competições como profissional no estado do Paraná, onde estava emprestado. Ao retornar para o primeiro clube da capital de SP, permaneceu por alguns anos como reserva de um dos ídolos do clube até conquistar o seu espaço e assumir a titularidade. Ao destacar-se novamente por uma série de 13 jogos sem sofrer gols no campeonato estadual começou a ser reconhecido nacionalmente e até mesmo foi pré-convocado para a seleção brasileira sub 23. Porém, ainda com essa idade sofreu uma grave lesão e até recuperar-se, perdeu a titularidade para um outro goleiro, que viria a se tornar ídolo do clube posteriormente. O participante precisou se transferir para um outro grande clube do estado, o São Paulo. Neste, obteve grande sucesso pela conquista de campeonatos continentais e mundiais, finalmente alcançando uma vaga na seleção brasileira.

O parágrafo acima apresenta diversas transições não normativas que foram cruciais para a carreira esportiva de G3: duas mudanças de clubes e uma grave lesão. Apesar dessas mudanças serem menos previsíveis, Alfermann e Stambulova (2007) apontam que os recursos construídos em transições anteriores podem auxiliar a lidar com esse novo processo. Em discursos anteriores, ficou evidente que o participante se dedicava ao máximo aos treinamentos, além de aprender com acertos e erros de outros atletas, ter apoio do clube, bom relacionamento com treinadores, pais parceiros. Segundo Stambulova et al. (2012) esses são as principais estratégias utilizadas pelos atletas para superar a transição juniores-sênior.

Apesar dessa transição já ter ocorrido, é interessante notar que a persistência e a dedicação para estar preparado para assumir a titularidade do seu primeiro clube da capital de SP são bem similares ao analisar o discurso do participante. No que se refere à lesão, a estratégia de G3 foi se transferir para outro clube, pois sabia que o seu espaço já havia sido conquistado por outro goleiro. Essa última transição foi a de maior sucesso para o atleta, que conquistou os títulos mais importantes de sua carreira e a vaga para a seleção brasileira após essa mudança. Assegura-se que o participante soube lidar com a pressão de processos de seleção e avaliação constantes devido a essas três mudanças de clubes nos anos de investimento, conquistando o prestígio dos diferentes clubes, treinadores e parceiros com quem trabalhou por meio da dedicação aos treinamentos, do destaque em competições, da sua competência, do seu caráter. É importante ressaltar que mesmo com todas as dificuldades oriundas das mudanças o desempenho de G3 continuou evoluindo, já que a lesão ocorreu em um momento em que sua

carreira estava em ascensão e foi superada pela última transferência citada no discurso, o que evidencia que essas transições referentes às mudanças de clubes em sua carreira foram bem sucedidas, como aponta a literatura (STAMBULOVA, 2003; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2009; STAMBULOVA ET AL., 2012; LARSEN et al. 2014).

Para G5, a maior dificuldade para assumir a titularidade de seu clube ocorreu em um primeiro momento por uma interrupção de partidas disputas em decorrência de sua participação em uma competição com a seleção brasileira pré-olímpica. Ao retornar dessa, sua vaga de titular já havia sido perdida para um outro parceiro de treino. O participante perseverou durante seis meses até conseguir uma nova possibilidade de atuar. Porém, existia uma pressão extrema por parte da diretoria do clube em deixá-lo como titular, devido ao atleta não ter experiência suficiente para tal responsabilidade. Após criticar a diretoria e do apoio recebido pelo seu treinador, conseguiu a titularidade e obteve um rápido destaque nas competições dessa mesma temporada, conquistando diversos títulos em sequência, tornando-se ídolo da torcida e logrando convocações consecutivas para a seleção brasileira principal.

Diferente de G3, não existiram mudanças de clubes, mas é importante destacar alguns fatores. Apesar da transição juniores-sênior já estar no seu final, o mesmo precisava manter-se em alto rendimento e isso só foi possível graças aos recursos e estratégias construídas pelo próprio participante: a dedicação máxima aos treinamentos; a persistência em esperar o momento ideal, além de saber se comunicar e argumentar com a própria diretoria do clube sobre sua situação; o apoio do treinador; o destaque rápido nas competições, seguido de convocações consecutivas para a seleção brasileira, revelando que o participante realmente estava preparado para essa transição. Portanto, pode-se observar que os recursos e estratégias de G5 foram suficientes para que essa transição para a manutenção da elite esportiva fosse atingida com sucesso ((STAMBULOVA, 2003; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2009; STAMBULOVA ET AL., 2012; LARSEN et al. 2014).

7.3.3. OS GRUPO GOLEIROS DA ERA DA GLOBALIZAÇÃO E OS ANOS DE INVESTIMENTO DOS PARTICIPANTES

É possível afirmar que este momento representa uma transição da especialização esportiva precoce em duas modalidades esportivas simultâneas para o investimento em um único esporte e, ainda, discorre sobre a diferença do que vivenciou no futsal para o futebol de campo, além da transferência de habilidades oriunda dessa mudança.

O futebol de salão não te exige muitos saltos, porque, normalmente, a bola vem mais em cima, devido ao gol ser menor, então futebol de salão me ajudou muito na parte do reflexo (velocidade de reação), porque são bolas rápidas, o jogo não para, então você trabalha muito reflexo. Acabei tendo isso como um fator positivo para o futebol de campo. No futebol de campo, obviamente, desde que eu cheguei no meu clube formador, eu tinha também o treinamento de goleiros específicos, e aprendi algumas técnicas que só o futebol de campo pede, e não o futebol de salão, há uma diferença muito grande (G6).

O relato de G6 apresenta características peculiares comparado aos outros participantes, sendo o único que passou pela especialização esportiva precoce dupla, decidiu investir no futebol de campo por influência familiar e ainda se manteve com sucesso na elite. Apesar de reconhecer as consequências negativas oriundas deste processo (CÔTÉ; FRASER-THOMAS; DEAKIN, 2005; WALL; CÔTÉ, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; FRASER-THOMAS et al., 2008; STRATCHAN et al., 2009), sabe-se que é possível lograr o alto rendimento por meio de uma alta quantidade de prática deliberada desde o primeiro contato com a modalidade esportiva, como foi o caso do participante, já que o mesmo em relatos anteriores descreveu que já tinha tomado essa decisão por motivação própria desde a infância.

Observa-se que a escolha pelo futebol de campo e o início neste período realmente marcaram uma grande mudança na participação esportiva de G6, que começou a vivenciar mais o cotidiano do clube e os treinamentos sistematizados na função de goleiro com ênfase em um único esporte e, claramente, com o objetivo de melhorar o rendimento para atingir a elite, o que revela o início dos anos de investimento no futebol por G6.

Todavia, G6 se envolveu, mesmo que em menor quantidade comparado aos outros participantes do estudo, com o jogo deliberado por meio do futebol de rua com seus amigos e familiares antes de iniciar os treinamentos sistematizados aos 10 anos de idade, revelando que os anos de experimentação fizeram parte de sua introdução no esporte antes do processo de EEP, o que se diferencia do que foi proposto pelo DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007). Portanto, mesmo com o desenvolvimento unilateral advindo da EEP, é possível assegurar que o desenvolvimento oriundo de estágios anteriores integrado com a própria motivação do participante nos treinamentos específicos e o desejo de se especializar desde os primeiros anos da infância construíram mais vivências positivas do que negativas para sua carreira esportiva, o que também não corresponde à literatura acima.

Além disso, a especialização no futebol de salão foi responsável também por transferir algumas habilidades para o futebol de campo (como a velocidade de reação), apesar do participante relatar a diferença existente entre as características dos esportes. Apesar dessa

transferência estar associada ao jogo deliberado e à diversificação inicial nos estudos do DMSP (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007) pode-se observar que essas habilidades desenvolvidas em seu primeiro esporte por meio da prática deliberada também foram importantes para facilitar essa mudança.

Ainda, sabe-se que se faz relevante existir um ambiente seguro para facilitar o desenvolvimento humano e esportivo (CÔTÉ et al., 2006) e que as configurações apropriadas são essenciais para desenvolver valores específicos que influenciam a participação esportiva continuada ou a manutenção na elite esportiva (ERICSSON et al., 1993; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). De acordo com relatos anteriores de G6, percebe-se que este residia no subúrbio e sua família não tinha condições socioeconômicas favoráveis.

Frente ao exposto, o fato de se especializar em duas modalidades esportivas em períodos distintos associado às atividades escolares preenchiam a agenda diária de G6 e, consequentemente, sendo responsável por mantê-lo afastado de um ambiente desfavorável ao seu desenvolvimento. Pelos relatos, o ambiente vivenciado pelo participante no futsal e no futebol era positivo e, deste modo, pode-se constatar que no caso do participante a especialização esportiva precoce ainda produziu mais experiências positivas do que negativas. Diante dos dados e referenciando o estudo de Stambulova et al. (2009) afirma-se novamente que o desenvolvimento da carreira esportiva de um atleta de elite é um processo individual dependente do sistema de organização esportiva, normas sociais, tradições culturais e, no caso de G6, da própria situação socioeconômica.

Neste sentido, o estudo Beneli, Galatti e Montagner (2017) com atletas da elite de basquetebol também descobriu que a estrutura social dos atletas não foi suficiente para que eles se tornassem jogadores profissionais, ou seja, assim como G6, estes atletas também precisaram superar as barreiras impostas pela condição socioeconômica desfavorável.

Abaixo, G6 relata que sua evolução nas categorias de base de seu clube ocorreu de maneira rápida e, por esta razão, transitou diretamente do sub-17 para a categoria profissional, por consequência da confiança do treinador de goleiros e do próprio treinador da equipe em seu desempenho. Ainda, relata que teve uma vivência na seleção brasileira sub-17, mas declara que o prestígio deste envolvimento, na verdade, não foi responsável para que ele lograsse a elite esportiva, pois a maioria dos atletas que atuou com o participante nesta categoria não conseguiram o mesmo sucesso.

Eu queimei toda uma etapa de juniores, então eu no segundo ano de juvenil (sub-17), quando eu ia começar a etapa de juniores o meu clube formador

estava precisando de goleiro, porque, na verdade tinham cinco goleiros na equipe profissional, mas três estavam sem contrato e um estava compondo a seleção sub-20 na época, então eu, com 17 anos, eu tive a oportunidade, através do Júnior e o Flavio que era o treinador de goleiros dos profissionais, com quem eu tive a oportunidade de fazer toda categoria de base com ele. Então em 1997 eu cheguei no profissional e fiquei até aos 24 [...]. Então eu acho que o fator que pesou para eu estar no meu clube formador foi o fato de ter trabalhado com o F., que foi meu treinador de goleiros na categoria de base, então pude compor a equipe profissional naquela época [...]. Aí seleção sub-17 também, mas que eu acho que isso é muito mais ilusão do que propriamente uma coisa que te dê credibilidade para você chegar numa equipe de profissional e se manter lá. Eu vi muitos jogadores que atuaram na categoria sub-17, sub-20, mas que não foram poucos, foram muitos (e não seguiram na elite) (G6).

Sobre G6, ressalta-se a singularidade de sua carreira esportiva comparado aos outros participantes no que concerne à transição direta da categoria sub-17 para a categoria profissional, o que significa a ausência do período relacionado à categoria sub-20. Porém, o desenvolvimento rápido das habilidades essenciais e a confiança da relação com o treinador de goleiros integrados a um momento de necessidade do clube foram responsáveis por acelerar este processo. Como descreve Côté, Turnnidge e Evans (2014) um bom treinador deve se preocupar não só a competência do atleta (física, técnica e tática), mas também é responsável pelo desenvolvimento da confiança e do caráter do atleta. Pelos relatos de G6, é plausível atestar essa correspondência com a literatura, já que existia uma situação crítica de contrato dos outros goleiros da categoria profissional e, neste momento conturbado, o treinador de goleiros do clube percebeu a competência do participante e, pela confiança desenvolvida durante os cinco anos em que trabalharam nas categorias de base, assinou seu primeiro contrato e transitou para os profissionais.

No último trecho de G6 é possível constatar que existe distinção comparado aos outros seis participantes no que se refere à importância do ciclo amador com a seleção brasileira para o prestígio em seu clube como recurso facilitador para esta transição juniores-sênior. Para o participante, apesar de destacar que foi convocado para a seleção brasileira sub-17, a mesma foi considerada como uma ilusão e, para confirmar seu relato, descreveu que muitos parceiros não conseguiram ser bem-sucedidos em seus clubes mesmo após participarem de competições com a seleção nas categorias de base. Esta opinião de G6 corrobora com o estudo de Vanden Auweele et al. (2004) feito com jogadores de futebol da Bélgica, que descrevem que apenas 17% dos atletas juniores mantiveram-se na seleção nacional profissional, 31% estagnaram em suas carreiras, 28% se mantiveram com desempenho irregular e 24% abandonaram a elite esportiva. Barreiros et al. (2012) encontrou resultados similares com atletas de futebol da

seleção portuguesa, reafirmando que a maioria dos atletas que atuaram na seleção nacional na categoria juvenil e juniores não se mantiveram na mesma na categoria profissional.

Portanto, o pensamento de G6 é correto ao afirmar que a participação nas categorias de base da seleção brasileira não necessariamente prediz a manutenção de um rendimento de excelência na elite esportiva e, ainda, outras estratégias e recursos se mostraram importantes para facilitar essa transição, como o relacionamento positivo com os treinadores e sua dedicação máxima aos treinamentos.

Abaixo, G6 declara algumas barreiras que enfrentou neste período: a infraestrutura da instituição era inferior comparada aos demais clubes do país e a necessidade de desenvolver a criatividade neste processo para obter bons resultados e melhorar o rendimento; a dificuldade de conciliar os estudos com a rotina de treinamentos.

Hoje o meu clube formador mudou bastante, mas na minha primeira passagem, realmente, em termos de infraestrutura deixava muito a desejar, em termos de material (pra treinar), enfim... Mas a gente segurava, acho que dentro das dificuldades a gente consegue até ser criativo de alguma maneira, você consegue também buscar, dentro das dificuldades, você consegue obter os mesmos benefícios, os mesmos resultados, sendo criativo, mas é claro que você com uma infraestrutura, isso facilita bem mais, não tenha dúvida [...] O início eu não consegui conciliar porque eu subi pro profissional muito cedo, com 17 anos. E realmente eu parei na 8ª série, comecei a fazer o primeiro ano do 2º grau, mas não consegui dar continuidade, porque eu não conseguia conciliar essa agenda (G6).

De acordo com Stambulova et al. (2009) uma transição é um processo complexo que envolve um equilíbrio entre demandas, recursos e barreiras para que um atleta seja capaz de ser bem-sucedido. É nítido que G6 passou por diversas barreiras, assim como G1, G2, G3 e G4, no que concerne a baixa infraestrutura que o clube proporcionava, principalmente quanto a quantidade de materiais para auxiliar nos treinamentos. Para G6, essa barreira fez com que houvesse a necessidade da criatividade do treinador e dos próprios atletas para diversificar a rotina de treinamentos.

Ainda, relatou que existia a dificuldade de conciliar a rotina escolar com a de treinamentos e, devido a maior prioridade dada ao esporte, abandonou a escola após concluir o último ano do ensino fundamental. De acordo com Alfermann e Stambulova (2007) e Stambulova et al. (2009) em esportes cuja recompensa financeira é maior, os estudantes-atletas tendem a optar por deixar os estudos em segundo plano, o que corresponde ao relato do participante. Apesar dos outros participantes também relatarem a dificuldade em conciliar estas duas esferas, todos conseguiram ao menos concluir o ensino médio. Esses achados podem

indicar que a própria especialização esportiva precoce de G6 foi um dos fatores que atrapalhou sua sequência escolar de uma maneira mais incisiva do que nos outros atletas do estudo.

No que se refere à importância de uma boa infraestrutura para desenvolver o atleta nas categorias de base, o discurso de G6 revela que seu clube formador não apresentava boas condições para treinamento quanto à materiais e espaço para treinamento. O próprio participante destaca que se a estrutura institucional auxiliasse de maneira eficiente, o desenvolvimento seria facilitado. Isso corrobora com o que fora descrito por Ericsson et al. (1993) quando menciona a importância dos recursos e facilidades de treinamento para a evolução na complexidade deste tipo de atividade. O estudo de Galatti et al. (2016) também revela a influência de um clube com uma boa organização para formar atletas e seres humanos integrados à sociedade. Sabe-se que a primeira passagem do participante pelo clube durou de 1992 até 2004, e o mesmo relata que durante todo esse período essa estrutura era inferior comparada a outros clubes, o que destaca a negligência de sua instituição para com os seus adolescentes promissores.

É pertinente novamente criticar as configurações apropriadas expostas no PAF no estudo de Côté, Turnnidge e Evans (2014), já que os autores apenas citam a importância destes ambientes pelo jogo deliberado durante os anos de experimentação. De acordo com os dados, é possível observar que a prática deliberada também necessita de cenários apropriados.

Ainda, é possível observar que a estrutura do clube e a presença de uma equipe multidisciplinar podem facilitar o processo de transição esportiva para atingir a elite esportiva, o que é sustentado pelo estudo de Galatti et al. (2015) com jogadores de elite de basquetebol. Portanto, é possível destacar que G6 teve diversas barreiras para superar essa transição.

É notório que G6 construiu recursos para superar essa difícil transição juniores sênior: o apoio familiar, principalmente da mãe, que era responsável pelo transporte, auxílio financeiro e presença nos jogos (em discursos anteriores; a dedicação máxima aos treinamentos e a percepção de evolução constante por meio desta rotina; o apoio dos treinadores que trabalhou nas categorias de base, que foram capazes de desenvolver diversos valores importantes rumo no caminho para a categoria profissional.

Acho que basicamente foi muito foco, muita repetição, muita perseverança para que você pudesse extrair de você mesmo o melhor. Os anos se passam e a gente se transforma em uma pessoa melhor do que antes, isso é normal. Então a cada dia, a cada treino, a cada semana eu sentia essa evolução, porque eu queria, eu tinha uma ideia bem fixa da minha cabeça do que eu queria para o meu futuro e para o futuro da minha família [...]. E os treinadores de goleiros que eu tive eu sempre escutei muito eles, então sempre foram treinadores de

goleiros capacitados, e, se eu me tornei o goleiro que eu me tornei, foi porque eu pude escutar e extrair de cada um sempre alguma coisa que pudesse me ajudar. Eu acho que com certeza o treinamento específico de goleiro, digamos, é uma joia muito grande para a função. Eu sempre acreditei nas pessoas com quem eu trabalhei, isso é muito importante. Eu nunca me senti acima do bem e do mal, apesar do talento ter sido grande eu sempre pude aprimorar esse talento devido aos profissionais com quem eu trabalhei. Os profissionais com quem eu trabalhei ao longo da minha carreira, eu acho que a maioria deles eram profissionais que sabiam liderar, então isso é importante, devido ao convívio com esses com esses líderes eu pude também despertar e começar a trabalhar também um lado meu em termos de liderança também (G6).

Apesar das disparidades com os outros seis participantes, é possível observar que mesmo com 17 anos G6 utilizou estratégias similares para conseguir ser bem-sucedido nesta transição para os profissionais. Como recursos, destaca-se em G6, mesmo em discursos anteriores: a dedicação máxima aos treinamentos; apoio do clube; apoio dos familiares; apoio dos treinadores. Portanto, essa transição direta foi considerada bem-sucedida devido aos fatores acima, corroborando diversos estudos na literatura (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2009; STAMBULOVA et al., 2012; LARSEN et al., 2014).

Quanto aos recursos citados no parágrafo acima, é pertinente atestar que a prática deliberada se apresentou como um fator importante durante a carreira esportiva de G6 principalmente em um dos aspectos citados por Ericsson et al. (1993): na concentração e esforço do participante durante os treinamentos e na acessibilidade aos treinadores.

No que diz respeito à importância dos treinadores neste período da carreira esportiva de G6, foi nítido que o participante desenvolveu o seu rendimento esportivo e outros importantes valores em razão da influência dos treinadores com quem trabalhou, corroborando Ericsson et al. (1993). Este relacionamento sempre se baseou em um respeito mútuo (coesão social, coesão de tarefa), dedicação nos treinamentos, ao escutar e se corrigir por meio do *feedback* dos treinadores e, principalmente, na capacidade de desenvolver a liderança, o que foi explicitamente declarado e corrobora com diversos aspectos da Liderança Transformacional (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014) que foram essenciais para o desenvolvimento do participante. O ambiente positivo proporcionado pela relação treinador-atleta também foi essencial para que G6 lograsse a elite esportiva. As afirmações descritas neste parágrafo sobre a relevância deste relacionamento corroboram fidedignamente a diversos estudos (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; STAMBULOVA et al., 2012; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; LARSEN et al., 2014).

Vale ressaltar que de acordo com Turnnidge e Côté (2016), a liderança é uma habilidade crítica para o atleta e pode ser desenvolvida pelo esporte de maneira eficiente por meio da

interação com os treinadores, que devem conhecer os atletas de maneira individual e proporcionar este tipo de comportamento durante as atividades diárias. Frente ao exposto, é importante perceber que G6 explicitamente apontou para a importância dos treinadores na construção dessa habilidade essencial para lograr a elite esportiva.

Abaixo, G6 discorre sobre a variação do treinamento conforme o método de cada treinador, afirmando que não existia um padrão e uma sistematização de treinamento durante os anos de investimento em sua carreira esportiva.

Aí quem dita é o treinador mesmo, não é a questão da evolução, é questão de atualização, você pega aqueles treinadores que acreditam numa coisa das antigas, de só passar técnica, e não querem se modernizar, atualizar. Então isso é complicado, porque eu acho que a evolução existe em qualquer ramo profissional, a gente está num mundo que não se para de evoluir (G6).

No referente ao envolvimento com a prática deliberada nesse estágio, observa-se que não existiu uma evolução gradual, como também não foi possível observar nos participantes G2 e G3. De acordo com G6, a quantidade de treinamento e sua complexidade variavam conforme à organização de cada treinador. Logo, nota-se que novamente que os achados não corroboram a literatura (BAKER; YOUNG, 2014). É possível também criticar a atuação de alguns treinadores em sua carreira esportiva, já que se sabe a importância da convivência com profissionais que saibam construir uma aprendizagem por meio da produção, reprodução e difusão de suas competências para os atletas (JOWETT; COCKERILL, 2003; GILBERT; CÔTÉ, 2009; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). Quando os primeiros não se atualizam, essa aprendizagem pode tornar-se incompleta e, assim, o desenvolvimento esportivo poderá ser igualmente limitado.

De acordo com Bettega et al. (2019), é necessário que o treinador apresente processos de sistematização, proporcionando ações de ensino e estabelecendo processos de aprendizagem a partir da interação significativa entre treinador e atleta. Para que isso aconteça de maneira eficiente, é necessário que exista uma constante avaliação de intervenção para melhor organizar a rotina de treinamentos e consequentemente, o ambiente de aprendizagem. Deste modo, o discurso de G6 aponta para alguns treinadores em sua carreira esportiva que não se atualizavam e, deste modo, isso pode ser prejudicial para o desenvolvimento da carreira esportiva de um atleta de elite.

De acordo com Menezes, Marques e Nunomura (2014), é necessário que o treinador selecione o método mais eficaz em cada etapa do desenvolvimento, com o objetivo de se atingir objetivos pessoais e coletivos. Para isso, é necessário que este agente tome decisões com

criatividade e criticidade. Analisando o discurso de G6, observa-se novamente uma tendência tecnicista no treinamento, em detrimento do desenvolvimento de habilidade táticas, além da falta de atualização por parte do profissional. Frente ao exposto, é necessário investir na gestão e em cursos de formação de treinadores, para que o desenvolvimento da carreira esportiva de atletas de elite seja otimizado.

Ainda, Modolo e Menezes (2019) destacam a necessidade dos goleiros desenvolverem habilidades técnicas, mas o treinamento destes gestos não deve ser descontextualizado dos problemas inerentes ao jogo.

Apesar de já ter aprofundado a discussão sobre o apoio familiar em capítulos anteriores, a mãe do participante foi uma grande influenciadora esportiva que foi responsável pelo apoio financeiro, social, pelo transporte para os treinamentos, auxiliando nas tomadas de decisões do participante, além de estar sempre presente nos jogos, o que revela a influência familiar como fator facilitador de todo o seu desenvolvimento até lograr a elite esportiva e desenvolvendo diversos valores e habilidades essenciais no participante (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2012; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Abaixo, novamente encontra-se um trecho que já foi discutido em capítulos anteriores sobre o apoio familiar em G6. Porém, existiu uma longa permanência do atleta no seu clube formador e, portanto, há uma continuidade na função que a mãe cumpria durante toda sua passagem no clube.

Minha mãe foi meu anjo da guarda durante todo esse período no meu clube formador” (G6)

Para Côté e Fraser-Thomas (2007) o envolvimento dos pais na participação esportiva é um fator importante que auxilia lograr a elite esportiva, de modo que os pais mais associados ao sucesso esportivo dos filhos são aqueles que se envolvem moderadamente, isto é, que apresentam direcionamento firme, mas flexível o suficiente para que o atleta tome suas decisões. Sabe-se que a mãe de G6 influenciou na decisão do filho quanto ao esporte escolhido para lograr a elite esportiva, porém, é relevante ressaltar que essa influência pode ser, na verdade, considerada como um apoio informativo, isto é, de um conselho em uma situação em que o participante deveria escolher um esporte para continuar o processo de especialização, o que corresponde aos achados do estudo citado acima. Ao analisar a carreira de G6, pode-se perceber que o próprio participante já havia tomado a decisão de lograr a elite esportiva como goleiro e, deste modo, é verossímil que a mãe, na verdade, apenas auxiliou o filho a decidir o que era melhor para a sua carreira esportiva e para a ascensão social de sua família.

Ainda sobre a relação pai-atleta, como o próprio participante discorreu, o comportamento de sua mãe era reservado, isto é, é seguro afirmar mesmo implicitamente que existia também um apoio de *networking* da mãe, isto é, a mesma respeitava árbitros, autoridades e outros pais presentes nas competições, o que corrobora também o estudo de Côté e Fraser-Thomas (2007) e Côté, Turnnidge e Evans (2014).

Abaixo o discurso de G6 revela o relacionamento com diversos parceiros de treino durante sua carreira esportiva. O respeito mútuo associado e a relação de afetividade nessas relações parecem ter sido essenciais para o desenvolvimento do participante.

São quatro para uma vaga, então dentro de um respeito, de uma competitividade saudável, você acaba evoluindo e fazendo com que os outros também evoluam. Acho que essa competitividade interna, dentro de um respeito mútuo, você acaba crescendo e quem ganha com isso são os clubes. É claro que isso vai muito do caráter do profissional, se são profissionais sérios, profissionais com caráter, e respeitosos. Não é porque eu não estou jogando que eu vou deixar de respeitar um colega e o clube. Mas é cada um dando seu máximo, dentro daquilo que cada um é capaz para poder jogar, e isso acaba fazendo com que você evolua. Fora da minha função: eu sempre fui um cara de muita personalidade, e também de cobrar dos companheiros um certo profissionalismo na hora dos treinamentos, porque o treinamento te prepara bem para os jogos. Então quando eu ia treinar por exemplo finalização, eu fazia uma brincadeira de apostar com os atacantes, para eu poder tirar deles o máximo e também me aproximar o mais perto da realidade de um jogo. Então mesmo que em tom de brincadeira, a gente fazia com que o treino ficasse mais em alto nível e era importante essa relação. Fora de campo, o fato da gente estar sempre juntos, a gente passa normalmente mais tempo nos clubes do que na nossa própria casa, então acaba realmente criando aquele elo afetivo de amizade, irmandade (G6).

De acordo com Côté, Turnnidge e Evans (2014) o relacionamento atleta-atleta que é baseado nos aspectos da Liderança Transformacional facilita o desenvolvimento dos quatro valores pessoais do PAF: competência, confiança, conexão e caráter. Esses achados correspondem com o discurso de G6 quando o mesmo menciona que o respeito mútuo e a afetividade dessa relação dependem do caráter dos profissionais com que se trabalha. Porém, sua fala evidencia que até mesmo as brincadeiras realizadas entre parceiros durante os treinamentos auxiliavam o participante a desenvolver também o seu próprio desempenho, mantendo os treinamentos em alto nível. Por fim, a importância da coesão de grupo e dos laços de afetividade ficam evidentes quando relata que essa amizade era transferida para outros contextos de sua vida.

De uma maneira geral, pode-se assegurar que o relacionamento positivo com seus parceiros de treinamento foi responsável também por facilitar o desenvolvimento de sua carreira esportiva, como nos outros participantes.

Os relatos abaixo evidenciam a transição dos anos de investimento para os anos de manutenção de G6. Sabe-se que o mesmo obteve destaque rápido nos profissionais pela confiança que o treinador de goleiros tinha em seu desempenho, o que facilitou sua evolução na carreira até o momento de sua primeira convocação, em 2002. Depois, o participante manteve o alto rendimento e permaneceu constantemente em convocações até o ano de 2014.

Então em aos 17 anos eu cheguei no profissional e fiquei até os 24, quando eu me transferi pra Europa [...]. Primeira convocação minha foi aos 22 anos. Fiquei na seleção até os 34 anos, na Copa do Mundo, que foi minha última participação. Então foram basicamente 12 anos de seleção brasileira, é o ápice para o jogador você representar o país, você realizar um sonho de criança, escutar hino nacional, disputar Copa do Mundo, competições internacionais com a seleção, ganhar títulos com a seleção (G6).

Observa-se que G6 teve uma transição para a categoria profissional de maneira facilitada, compara aos outros participantes do estudo, principalmente pelo bom relacionamento com o treinador de goleiros que o acompanhou desde as categorias de base. O participante se desenvolveu no mesmo clube desde o primeiro ano das categorias de base, obteve reconhecimento rápido e logrou a primeira convocação para a seleção brasileira neste mesmo clube, o que revela uma carreira mais linear rumo à elite esportiva comparado aos outros cinco atletas do estudo.

Novamente vale ressaltar o estudo de Stambulova et al. (2009) que descreve que o desenvolvimento da carreira esportiva apresenta características exclusivas que são independentes de modelos descritivos. Ainda, observa-se que as transições de G6 foram facilmente bem-sucedidas, evidenciando estratégias e recursos eficientes construídos pelo participante que já foram evidenciados em outros parágrafos, correspondendo a literatura (STAMBULOVA, 2003; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007) no que se refere à estes recursos associados com a coincidência do clube estar com problemas com os outros quatro atletas da mesma função que estavam na categoria profissional.

Abaixo G7 evidencia que a transição para a categoria profissional ocorreu de maneira rápida, de modo que assinou seu primeiro contrato aos 16 anos de idade e atuava concomitantemente nas categorias sub-17, sub-20 e profissional. Para o participante, esse período foi extremamente relevante para refinar seu desenvolvimento rumo à elite esportiva.

O segundo relato mostra que desde o seu primeiro ano com as categorias de base foi submetido a treinamentos extenuantes e critica o fato do treinamento de goleiro em épocas anteriores ter um alto volume e ser obrigado a treinar mais que os jogadores de outras funções táticas.

Da escolinha eu fui para o meu clube formador (base), e aí começa todo o processo de profissional, de contrato, um monte de situação. Na época, o primeiro contrato que eu fiz profissional, foi com 16 anos. Então foi bem rápido que aconteceram as coisas. Com 16 anos eu era reserva no Paulistão. Depois na série B eu comecei a ser o reserva. Eu era profissional, mas jogava para o juvenil e para os juniores. É um momento de aprender, tirar os erros, para quando chegar no profissional, você não ter um erro grave de infantil [...]. Porque antigamente tinha aquela história de que goleiro tinha que vomitar, goleiro tinha que chegar primeiro e sair por último, o que eu acho um absurdo. Mas, quando a gente é mais novo, lógico que tem que passar por isso para você aprender, ganhar força, resistência, uma trajetória normal (G7).

Podemos observar em G7 duas características peculiares comparadas aos outros dois grupos: a rapidez do processo de profissionalização (similar à G6); atuar concomitantemente em três categorias de idade. Ficou evidente pelos discursos do atleta a correspondência da transição para os anos de investimento, já que explicitamente discorreu sobre a importância da aprendizagem, do refinamento de habilidades específicas, a grande quantidade de prática deliberada e participação em competições constantes, com o objetivo de lograr a elite esportiva (CÔTÉ; BAKER; ABERNETHY, 2007).

Foi perceptível que o momento de transição para os anos de investimento variou de maneira individual entre os participantes, pois G1 e G3 transitaram aos 15 anos de idade, G2, G5 e G6 aos 14 anos de idade, G4 aos 18 anos de idade e apenas G7 se inseriu aos 16 anos, o que permite uma crítica à literatura supracitada e também ao sétimo postulado proposto por Côté; Lidor e Hackfort (2009, p. 11-14) que descreve que:

Próximo aos 16 anos o participante já desenvolveu todas as habilidades físicas, motoras, cognitivas, físicas, emocionais e sociais para investir em uma modalidade esportiva buscando o alto rendimento.

Sabe-se que os outros seis participantes estavam preparados para essa fase em momentos distintos, o que correspondeu a um período anterior (G1, G2, G3, G5 e G6) ou posterior a esta idade (G4) e ainda não tinham desenvolvimento completo. Por exemplo, os participantes G2 e G6 foram titulares da equipe profissional aos 17 anos de idade, mas G4 e G5 sofreram críticas por serem inexperientes para assumir a titularidade do clube, com 19 e 22 anos

respectivamente. Logo, os relatos de todos os participantes do estudo revelam que a idade para se lograr a elite esportiva é individual a carreira esportiva de cada atleta.

Diante do exposto, é pertinente lembrar que Côté e Vierimaa (2014) avaliaram a qualidade dos sete postulados e consideraram o sétimo como aquele com sustentação teórica mais frágil e afirmaram que não necessariamente o adolescente está pronto para investir em um esporte aos 16 anos, já que ele ainda não pode ter desenvolvido todas as habilidades motoras, cognitivas, sociais e emocionais suficientes para atingir o alto rendimento, sendo importante aumentar a quantidade de prática deliberada progressivamente e em momentos apropriados. Porém, o que se pode atestar é que os participantes em sua maioria (exceto G4), transitaram para os anos de investimento em uma idade ainda mais precoce àquela que o postulado propõe inicialmente.

Estes dados revelam que esta transição é dependente não só da maturação biológica, mas da organização do sistema esportivo ou da própria oportunidade que o indivíduo têm para passar por um processo de avaliação, ser aprovado em um grande clube e atuar em sua categoria de idade, pois sabe-se que no Brasil o futebol é um esporte que representa um grande apelo nacional e têm um processo de seleção muito concorrido para atingir o alto rendimento e, ainda, é fato que, diferentemente de outras funções táticas, apenas um goleiro tem a possibilidade de jogar como titular na equipe (STAMBULOVA et al., 2009; THIENGO; HUNGER, 2014).

Pode-se ainda associar o segundo relato de G7 no que se refere ao envolvimento com a prática deliberada. Este mesmo aspecto já foi discutido nos dois grupos anteriores e, por isso, pode-se novamente observar que não existiu um processo gradual de padrões mais simples para os mais complexos de treinamento de acordo com a idade, sendo que desde o primeiro ano na categoria de base, o participante relata ter sido submetido à padrões mais complexos. Porém, considerou que esse período foi essencial para desenvolvê-lo na parte física. Portanto, observa-se que na verdade não existiu um padrão de evolução no treinamento específico dos sete participantes, diferente do que afirmam Baker e Young (2014). Ainda, é necessário apontar para a falta de recursos e facilidades de treinamento no início deste período em G7. Para o participante, essa ausência foi suprida pela acessibilidade ao treinador e pelos próprios recursos para superar essas adversidades.

Abaixo, pode-se observar que G7 evidencia as adversidades dessa transição para a equipe profissional e a necessidade de reorganizar seu estilo de vida. Relata ainda que, mesmo com a grande influência de seus pais para terminar o ensino médio, a dificuldade em conciliar a rotina escolar com os treinamentos exaustivos foi responsável para que o participante abandonasse os estudos no final do segundo ano do ensino médio.

Até você chegar nessa transição é muita coisa adversa que você tem que se sobressair, situações de treinadores que querem te prejudicar, de jogos, e tem gente que não aguenta e fala: “não vou mais jogar bola, vou estudar, não é isso que eu quero”, porque é uma vida difícil. Minha vida foi mais fora do que dentro de casa, quando meus amigos iam sair final de semana, eu estava viajando para não sei onde para jogar. Tem que ter persistência, senão não chega em lugar nenhum [...]. Meus pais sempre foram bastante rígidos com respeito ao estudo, porque o estudo na verdade ele tem que ir lado a lado, por mais que seja difícil. Era uma dificuldade muito grande, porque eu treinava de manhã, treinava de tarde e tinha que estudar a noite! Você imagina o jeito que eu chegava para estudar, tinha dia que eu chegava e capotava, não tinha como. Chegou um momento que eu comecei a perceber isso, que eu não estava concentrado para esse tipo de situação, de ter que treinar de manhã e de tarde, e chegar meia noite em casa depois de um colégio. Eu falava para minha mãe: “está difícil para mim, eu vou tentar fechar o ano, para poder pelo menos fechar o segundo ano e estar mais tranquilo” (G7).

É possível observar que G7 ultrapassou diversas barreiras para que conseguisse atingir a elite esportiva, entre elas: relacionamentos negativos com treinadores e excesso de competições. Sabe-se que a transição das categorias de base para a profissional é extremamente complexa (STAMBULOVA et al., 2012; LARSEN et al., 2014) e que, para supera-la, é necessário que o atleta construa diversos recursos para superar as demandas e barreiras impostas por esta. Em seu relato, é notória a dificuldade para conseguir atingir este objetivo, já que o participante relata a necessidade de negligenciar a vida social em prol de sua carreira esportiva, sendo a motivação para lograr a elite esportiva o principal recurso construído, o que corrobora diversos estudos na literatura internacional (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2012; LARSEN et al., 2014) e nacional (FOLLE et al., 2016; GALATTI et al., 2019).

Na última parte do discurso, o participante relatou a saturação e o abandono da rotina escolar aos 16 anos de idade, oriundos da tentativa de combinar o esporte com as atividades escolares, visto que existiam duas sessões diárias em períodos distintos e, deste modo, o período noturno, em que o atleta já estava exausto, era o único restante para poder estudar e, por isto, não conseguiu concilia-las em seu estilo de vida. De acordo com Stambulova et al. (2012), a profissionalização e consequente recompensa financeira influenciam na continuidade da carreira escolar. Segundo as autoras, em esportes com maior possibilidade de recompensa financeira, como o futebol no Brasil, a maioria dos atletas opta por priorizar a carreira esportiva frente aos estudos. Ainda neste aspecto, a prioridade ao treinamento comparado com outras esferas da vida ficou notória neste segundo discurso de G7, corroborando as autoras supracitadas.

Nos discursos abaixo é possível observar que G7 teve experiências negativas com alguns treinadores durante este estágio. Para o participante, muitos jovens promissores no esporte não logram a elite esportiva por consequência das ações negativas e do relacionamento conflituoso destes profissionais com os atletas nas categorias de base. Relata também um arrependimento por parte de um dos treinadores depois de conseguir alcançar a elite no futebol em um clube de grande expressão no cenário nacional, atribuindo uma parte do sucesso esportivo à sorte de se relacionar com bons treinadores durante a carreira esportiva.

É que tem muita gente que joga sujo e não é correto, e às vezes tem muitos adolescentes que perdem uma oportunidade da vida deles por culpa de treinadores que colocam um outro para jogar porque o pai é amigo. Eu tive muitas situações dessas, que foi um treinador na base, que ele nunca me colocava para jogar. Nunca! E tentava me colocar em situações difíceis, para tentar me prejudicar, para me queimar na época... E aí passou uma época, tinha um bar que ele ficava ali perto da casa do meu pai, e eu não fiquei sabendo disso, mas meu pai me contou depois... Um dia ele foi lá na casa, quando eu fui para um grande time brasileiro, apertou a campainha, chegou no meus pais: “desculpa, porque eu errei com seu filho, eu me equivoquei, fiz errado, tentei prejudicar ele”, abriu o jogo. Então aí você vê a mentalidade do pessoal, é uma mentalidade de que não é uma coisa séria. É o que eu falo, vai depender do que vai acontecer, da sorte que vai ter, se pega um cara bom ou ruim [...]. Teve até diretor de colégio que me falou para largar o futebol que eu não ia chegar em lugar nenhum, e eu falava: “por que? ”, um diretor de colégio falar isso é a mesma coisa que querer tirar o sonho de uma criança e isso me surpreendeu bastante. Hoje, pensando, eu falo, foi um absurdo o que eu escutei naquela época.

Acima fica nítido que durante os anos de investimento, no clube em que estava no primeiro ano da categoria sub-17, o participante teve um problema de relacionamento com um treinador que tentava lhe prejudicar de duas maneiras distintas: deixando-o no banco de reservas na maioria das competições oficiais ou escalando-o de titular em momentos difíceis. De acordo com Côté e Fraser-Thomas (2007) o treinador deve ser responsável por manter um ambiente positivo com os atletas, o que afeta positivamente rendimento esportivo, a coesão social do grupo, desenvolve diversos valores importantes para o esporte e para a vida dos atletas. Portanto, pode-se afirmar que este relacionamento conflituoso foi extremamente negativo para o desenvolvimento da carreira esportiva de G7, já que em nenhum momento o treinador considerou o desempenho do atleta como fator importante para escala-lo como titular e, ainda, tentou prejudica-lo para privilegiar outros atletas por questões políticas.

Este tipo de comportamento é considerado extremamente negativo para o desenvolvimento da carreira esportiva de um atleta, já que não desenvolve nenhum dos quatro valores principais apontados por Côté; Turnnidge e Evans (2014), principalmente no que diz

respeito à construção de caráter por parte do atleta. Sabe-se que não se deve dissociar o esporte e a vida cotidiana fora do contexto esportivo, pois a aprendizagem nestes dois campos está conectada e deve ser transferível de um para outro, de modo que é extremamente negligente pensar que os treinadores são agentes responsáveis apenas por construir atletas de alto rendimento, já que a minoria conseguirá lograr a elite esportiva.

Ainda neste aspecto, é inadmissível que um treinador beneficie um atleta em detrimento de outros apenas por questões políticas, sem considerar o rendimento esportivo e o desenvolvimento do caráter do atleta, isto é, conhece-lo individualmente e saber se existe um alinhamento entre seu comportamento com os demais membros do elenco. Deste modo, o processo de desenvolvimento deve ser visto de maneira relacional, já que um atleta deve ser percebido como um indivíduo integrado à sociedade e, por isto, faz-se pertinente que o treinador crie um ambiente positivo e seja capaz de desenvolver os diversos valores abordados pela literatura para estimular esta integração do contexto esportivo com a vida cotidiana (VELLA et al., 2013; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; TURNNIDGE; CÔTÉ, 2016).

No último relato nota-se mais uma adversidade: o próprio diretor de sua escola não apoiava o seu investimento no futebol. Esse acontecimento permite uma reflexão sobre a função da escola em auxiliar um estudante-atleta. Sabe-se que devido à possibilidade de grande recompensa financeira em alguns esportes, muitos adolescentes deixam os estudos em segundo plano (STAMBULOVA et al., 2009; STAMBULOVA et al., 2012), mas isso não significa que a escola deva influenciar na decisão do atleta em priorizar uma escolha em detrimento de outra. É importante que diretores e professores apoiem os estudantes-atletas e facilitem o seu caminho para que permaneçam nestes dois contextos, pois a rotina destes é extremamente exaustiva e, por isto, criar um ambiente negativo ao tentar influenciar estes indivíduos em suas escolhas pode ser responsável por auxiliar na saturação e abandono de um ou até mesmo dos dois caminhos.

Nota-se que G7 precisou de diversos recursos para superar as diversas adversidades relatadas, dentre eles: o apoio dos pais; o suporte do seu treinador de goleiros; a dedicação máxima aos treinamentos; a persistência; a motivação em quebrar as barreiras e atingir a elite.

Mas nessa época eu conheci o Lo., e eu conheço ele até hoje, ele é um cara sensacional. Destaco o Lo., porque é praticamente um formador meu, um cara que me formou como goleiro. Eu acho que em tudo, até em personalidade. Nessa época eu só queria aprender, eu não queria mais nada, porque eu sabia que se eu aprendesse bem, eu poderia levar isso para qualquer lugar, eu poderia jogar em qualquer lugar. Eu usei esse tempo para aprender, enquanto todo mundo queria jogar, eu queria aprender, claro que queria aprender e

jogar, é normal querer jogar, você treina para jogar. Mas eu acho que o treinador é importante [...]. Passei por todas as categorias de base da seleção brasileira, e nunca joguei, sempre fui reserva. Nem por isso parei de treinar ou de jogar, dediquei parte da minha infância e adolescência de buscar esse objetivo que era jogar e mostrar para todo mundo que eu tinha condição de jogar [...]. Então, até eu praticamente jogar no profissional deste grande clube, eu acho que meu pai não tinha essa certeza de eu ser jogador, fazer a vida dele jogando bola. Era um “vamos ver no que vai dar”, mas ele não falava, mas eu sentia que ele estava ali, mas não tinha essa certeza. Até o momento que deslanchou e aí não tinha como segurar, mas eu agradeço, porque eu vi muitos pais se intrometerem na vida das crianças, e essas crianças não chegarem. Ou chegarem de uma forma completamente errada, por um outro caminho, um caminho de jogar por amizade, ou jogar porque o pai pagava cerveja, ou porque o pai era diretor! Eu não, eu fui completamente ao contrário, eu jogava porque eu jogava e ganhava no treinamento, era assim, nunca falei: “pai, não estou jogando”, falava: “pai, vou jogar, vou treinar” [...] Eu sempre fui quebrando barreiras, quebrando, mas nunca precisando do meu pai: “pai, vai lá”. Nunca! Eu mesmo, encarando, batendo a cara, acertando, errando. Mas meu pai estava sempre ali: “filho, se acontecer alguma coisa, estamos aqui para te ajudar, fica tranquilo” [...] Eu vi muitos jogadores se perdendo no meio do caminho por isso, por estar acostumado de uma certa forma ser ajudado, e quando receber a primeira porrada, não aguentar. E as pessoas que se sobressaem são as pessoas que tomam porrada e conseguem superar (G7).

De acordo com os relatos do participante, percebe-se que apesar das diversas barreiras no seu desenvolvimento à elite esportiva, diversos recursos foram utilizados para que fosse possível uma estratégia de enfrentamento eficiente: o apoio de seu treinador de goleiros; a dedicação aos treinamentos e a aprendizagem de habilidades fundamentais nesse período; o apoio dos pais; sua motivação e persistência em atingir a elite.

Quanto ao apoio de seu treinador de goleiros, foi possível observar que G7 o gratifica por desenvolvê-lo no que se refere ao seu rendimento esportivo e também à sua personalidade e caráter. Portanto, assegura-se que o relacionamento treinador-atleta foi baseado nos aspectos da Liderança Transformacional (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014), por desenvolver valores e habilidades de maneira positiva, com o treinador preocupando-se individualmente com G7 e moderando seu caráter, em uma relação de respeito mútuo e de confiança, sendo que a afetividade oriunda dessa época permanece até os dias atuais, até mesmo fora do contexto esportivo. Isso também se associa com o que fora descrito por Alfermann e Stambulova (2007) e Stambulova et al. (2012) no que se refere à importância deste tipo de apoio para auxiliar a facilitar a transição juniores-sênior.

O mesmo pode ser dito em relação ao apoio dos pais, que não criaram altas expectativas sobre G7 e não se utilizaram de estratégias políticas com treinadores e diretores do clube para beneficiar o participante, como ocorreu com alguns parceiros de treino do mesmo. Portanto, as ações dos pais durante essa transição correspondem àquelas trazidas pela literatura, de maneira

similar aos outros participantes do estudo (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014), no que se refere ao envolvimento moderado, caracterizado pela presença constante dos pais em competições, respeitando autoridades e treinadores, dando suporte para G7 em suas ações e decisões durante esse estágio.

O próprio discurso do atleta evidencia que as altas expectativas, a influência excessiva e a facilitação por meio de questões políticas podem atrapalhar o desenvolvimento da carreira esportiva de um atleta, exemplificando o abandono esportivo de alguns parceiros de treino, que não estavam suficientemente preparados para superarem as barreiras em suas carreiras por não terem que construir seus próprios recursos para supera-las, o que corrobora o Modelo de Transição da Carreira Esportiva proposto por Stambulova (2003). Neste sentido, é necessário apontar a importância dos relacionamentos interpessoais positivos (pais, parceiros e treinadores) como um dos principais recursos para facilitar a transição para a categoria profissional. Neste sentido, relacionamentos negativos também são responsáveis por dificultar essa transição

Por fim, observa-se que G7 obteve destaque rápido nos anos de investimento e foi convocado para todas as seleções de base a partir da categoria sub-17, apesar de nunca atuar como titular. Porém, isso não impediu o atleta de permanecer engajado nos treinamentos e motivado para lograr a elite esportiva, o que evidencia novamente sua preparação para as transições que vieram a se seguir em sua carreira.

Os discursos abaixo destacam o relacionamento com os seus parceiros de treino durante as categorias de base e a diferença dessas relações quando atingiu o profissional do clube. É interessante notar que G7 esteve envolvido em bons e maus relacionamentos com esses parceiros, revelando que a qualidade dessa afetividade é influenciada pelo caráter de cada parceiro.

Encontrei gente que é meu amigo até hoje, e encontrei gente que virava a cara também. Mas quando a gente é adolescente ou está numa fase de juniores, juvenil, chega hoje na idade que eu estou, você olha, e fala: “que besteira que a gente pensava”. Tem um amigo meu, que disputava competição comigo que hoje está lá em Hollywood, tenho contato com ele até hoje, é impressionante, e ele era um goleiro bom... Tem pessoas que competem de uma maneira profissional, tem as que levam pro lado pessoal, e tem as que se ajudam [...] Automaticamente quando você está no profissional, já é um mundo diferente, acontecem coisas iguais, mas aí é cada um querendo ganhar o seu, porque por mais que: “ah, estou torcendo”, mas está todo mundo querendo seu lugar, e o cara que está

atrás está querendo seu lugar, e o cara da frente você quer o lugar dele. Aí começa essa disputa que é a competitividade que tem que ter (G7).

Os relatos de G7 evidenciam que a afetividade e a coesão advinda do relacionamento atleta-atleta são dependentes do caráter de cada parceiro de treino. As vivências do participante evidenciam a existência de bons e maus relacionamentos durante os anos de investimento. Algumas amizades continuam até os dias atuais até mesmo fora do contexto esportivo, mas existem outras que foram desconstruídas por consequência de uma relação negativa. Em comum, o participante destaca a competitividade sadia existente desde o seu primeiro ano de sub-17. Portanto, existiram alguns aspectos condizentes com a literatura e que foram similares aos outros seis participantes (CÔTÉ; FRASER; THOMAS, 2007; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014), como: respeito mútuo, coesão de tarefa, coesão social e afetividade, responsáveis por desenvolver o caráter por meio de comportamentos pró-sociais. Mas, em alguns casos, até mesmo retratados em discursos anteriores, essa boa relação não acontecia devido à comportamentos antissociais por parte dos seus parceiros de treinamento, ou por serem ajudados por diretores e treinadores de maneira injusta, ou até mesmo por não estarem atuando como titulares e competindo por uma vaga.

De maneira geral, observa-se que G7 foi o participante que mais teve de superar barreiras nesse período e esse pode ter sido um dos motivos que dificultaram não apenas as suas transições, mas sua titularidade na seleção brasileira de base.

Os discursos abaixo apresentam a transição dos anos de investimento para os anos de manutenção da elite esportiva. Após a profissionalização em um clube do interior de São Paulo, o participante transferiu-se para Minas Gerais, onde obteve um grande destaque e logrou, juntamente com uma transferência para o um clube europeu, uma vaga para a seleção olímpica, apesar de ter ficado na reserva. O momento em que os jogos olímpicos ocorreram correspondem à mesma época em que ocorreu a transferência para a Europa e, por esta razão, este último tema será discutido apenas nos anos de manutenção.

Me profissionalizei no meu clube formador com 16 anos e fiquei até aos 18. Depois da Taça São Paulo, um grande clube me contratou, e aí eu fui viver essa experiência, fiquei dos 19 aos 23 [...]. Até eu praticamente jogar no profissional em MG, eu acho que meu pai não tinha essa certeza de eu ser jogador, fazer a vida dele jogando bola.... Até o momento que deslanchou e aí não tinha como segurar [...]. Fui pré-convocado para a Copa América, pela seleção brasileira, mas fui pré-convocado, não fui convocado [...]. Fui ser convocado ainda aos 23 anos de idade, para os Jogos Olímpicos. (G7)

Nos relatos acima observa-se a importância do desenvolvimento esportivo oriundo da transferência de clubes, ou seja, uma transição não normativa. Apesar de saber que esse tipo de mudança é menos previsível e apresenta maior dificuldade de estratégias de *coping* (enfrentamento) para os atletas que a vivenciam (STAMBULOVA, 2003; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007), sabe-se que G7 já havia superado diversas barreiras em sua carreira, o que foi um facilitador para esse processo. Fica explícito que o seu rendimento esportivo melhorou a partir dessa mudança, o que pode ser compreendido pela mudança também de expressão dos clubes, sendo que o último apresenta um nível de competições mais elevado em comparação ao primeiro. A pré convocação para a Copa América e a convocação para os Jogos Olímpicos evidenciam essa transição para os anos de manutenção da elite esportiva.

7.3.4. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ANOS DE INVESTIMENTO DOS TRÊS GRUPOS DE PARTICIPANTES

Em um primeiro momento, é pertinente atentar-se para a individualidade da transição para os anos de investimento, confirmando que não existe um período ideal ou aproximado para que esse estágio se inicie, contrariando o sétimo postulado de Côté, Lidor e Hackfort (2009) e confirmando o que Stambulova et al. (2009) discutem sobre a especialização e a idade de se atingir a elite esportiva serem dependentes de normas sociais, valores culturais, organização da sociedade, do nível de desenvolvimento do atleta, do próprio sistema esportivo, e pode-se dizer até mesmo da situação socioeconômica do atleta, como foi observado em G6.

Em um segundo momento, percebe-se, cronologicamente, uma evolução da rotina de treinamentos específicos de goleiros, sendo que o grupo *Autodidatas* construiu recursos baseados na comparação de seu próprio rendimento com outros atletas e na dedicação máxima aos treinamentos que eram realizados pelos próprios treinadores da equipe, com foco no desenvolvimento físico e principalmente técnico, inclusive confirmando essa característica tecnicista no Brasil como apontam Wilson (2012) e Thiengo e Hunger (2014). Apesar disso, G2 afirmou que o maior desenvolvimento ocorreu por meio da sua experiência em competições e enfatiza que se houvesse equilíbrio entre a parte técnica e tática o seu rendimento seria melhor durante a carreira. O grupo *Pioneiros no Treinamento Específico*, apesar de ter vivenciado o treinamento de goleiros desde as categorias de base, relataram a pouca variabilidade das sessões, a falta de materiais e estrutura para treinar e a prioridade aos gestos técnicos ainda permaneceu (WILSON, 2012; THIENGO; HUNGER, 2014). Durante os anos de investimento, mais precisamente na categoria sub-20 e na transição para os profissionais, os treinadores de

goleiros se apresentaram como os agentes mais importantes em suas carreiras esportivas para desenvolver o rendimento e o caráter. O grupo *Goleiros da Era da Globalização* vivenciou esse tipo de treinamento desde o primeiro ano das categorias de base dos seus respectivos clubes, relatando a consolidação dessa profissão (THIENGO; HUNGER, 2014) e descreveu experiências distintas: enquanto G6 destacou que a maioria dos profissionais com quem se relacionou durante a carreira souberam desenvolver o seu rendimento e sua liderança, G7 aponta para o seu treinador de goleiros durante as categorias de base para superar as adversidades advindas de outros treinadores que o prejudicavam, colocando-o na reserva por questões políticas ou de amizade com os pais de outros parceiros da mesma função. De maneira geral, os sete participantes descreveram que o treinamento específico foi responsável por desenvolvê-los rumo à elite esportiva, mas principalmente quanto aos gestos técnicos.

Em um terceiro momento, nota-se que o aumento da quantidade de prática deliberada, que deveria ocorrer de forma gradativa como propuseram Côté, Baker e Abernethy (2007) e Baker e Young (2014), só foi observado explicitamente em G5. Os demais participantes sofreram um aumento abrupto na quantidade de horas relacionadas a este envolvimento, ou seja, majoritariamente esse processo não ocorreu da maneira simples para a complexa e respeitando intervalos de descanso adequados. Isso pode ter ocorrido devido às condições existentes de treinamento referentes à cada grupo, sendo que não existia uma pessoa especializada para ministrar os treinamentos de goleiro no grupo *Autodidatas*, enquanto no grupo *Pioneiros no Treinamento Específico* os próprios relatos de G3 enfatizam que a maior valorização e especificidade dos treinamentos ocorreu no início da década de 1990. Porém, o que se observa no grupo *Goleiros da Era da Globalização* é que mesmo com essa evolução os participantes foram submetidos à altas quantidades de prática deliberada desde os primeiros anos dos anos de investimento, sendo que não foi encontrado um padrão quanto a este treinamento ter ocorrido de maneira gradual. Apenas G2 mencionou que as mudanças de categorias eram marcadas pelo aumento do treinamento físico, mas que a estrutura do treinamento como um todo permanecia a mesma. Esses achados revelam novamente que o desenvolvimento da carreira esportiva pode apresentar diversos caminhos rumo à elite, não apenas as duas possibilidades expostas pelo DMSP, corroborando autores da literatura internacional (STORM; KRISTOFFER; KROGH, 2011) e nacional (VICENTINI; MARQUES, 2018; MASCARIN et al., 2019).

É interessante fazer uma associação com o que foi descrito por Baker e Young (2014) nos participantes deste estudo no que tange ao envolvimento anterior com a prática deliberada estar relacionada com o desempenho atual e facilitar o desempenho. Sabe-se que G1, G3, G4 e

G7 não se envolveram em treinamentos específicos de goleiro durante os anos de experimentação, G6 foi especializado precocemente e, por isso, apenas G5 engajou-se nesses padrões mais simples ao participar por um curto período de tempo das finalizações na escolinha, de algumas práticas em que seu próprio pai o auxiliava e de um aumento gradativo nas categorias de base de seu clube formador. Portanto, esse envolvimento inicial com padrões mais simples de prática deliberada nem sempre está relacionado com o desempenho atual e também as adaptações à essa não são necessariamente constantes e podem não mudar de acordo com a idade cronológica e biológica do indivíduo. Aliás, o que se observou muitas vezes foi a necessidade do próprio atleta se desenvolver rapidamente para conseguir se manter no caminho rumo ao alto rendimento.

Em um quarto momento, observa-se diversos fatores que auxiliaram os participantes do estudo na transição para a equipe profissional e para assumir a titularidade de seus clubes: o destaque nas competições durante as categorias sub-15, sub-17 e sub-20; as convocações e o consequente ciclo com a seleção brasileira amadora, principalmente em razão do bom desempenho dos participantes nessas ocasiões, apresentaram-se como fatores de influência para que os participantes conquistassem o prestígio dos treinadores, de seus parceiros de treino e do próprio clube para G1, G2, G4, G5; o bom relacionamento com treinadores, pais e parceiros de treino parece ter sido essencial para que todos os participantes desenvolvessem diversas habilidades importantes para o contexto esportivo e para outras esferas da vida, como a competência, a confiança, a conexão e o caráter, o que confirma a relevância de diversos aspectos da Liderança Transformacional e do PAF no que diz respeito ao “efeito cascata” deste modelo (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Em um quinto momento, ficou nítido que os anos de investimento corresponderam a um longo período da carreira esportiva dos participantes e foram marcados por diversos momentos cruciais. Pelos discursos dos atletas foram descobertas diversas demandas, recursos e barreiras da transição juniores-sênior e de outras transições não-normativas (lesões e mudanças de clubes) para o desenvolvimento de suas carreiras esportivas, confirmando a importância da literatura (STAMBULOVA, 2003; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2009; STAMBULOVA et al., 2012; LARSEN et al., 2014) para detalhar processos específicos que não podem ser visualizados em modelos descritivos.

Em um sexto momento, é relevante destacar uma tendência tecnicista em detrimento do desenvolvimento das habilidades táticas por parte dos treinadores dos três grupos de participantes. É possível observar, ainda, a falta de atualização de alguns profissionais, como foi relatado por G6. Frente ao exposto, é necessário investir em cursos de formação de

treinadores, com o intuito de ressignificar suas ideias, de modo que incluam em sua sistematização de treinamentos um ambiente de aprendizagem voltado para a melhor compreensão do jogo, como apontam diversos autores (DAOLIO; MARQUES, 2003; SCAGLIA, 2005; SCAGLIA et al., 2013; MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014; AQUINO et al., 2015; MODOLO; MENEZES, 2019).

As demandas que se destacaram foram: a organização do estilo de vida; a constante necessidade de evolução do rendimento esportivo; lidar com diversos processos de avaliação; conquistar o prestígio de treinadores, diretores, parceiros de treino e até mesmo torcedores.

As barreiras que se destacaram foram: dificuldade em conciliar os estudos com a rotina de treinamento; relações negativas com alguns treinadores que escalavam atletas por questões políticas ou por questões de amizade fora do contexto esportivo; a falta de estrutura proporcionada pelo clube; a ausência de treinamento específico de goleiro nas categorias de base; a prioridade relacionada aos gestos técnicos em detrimento da tática; a superstição que goleiros jovens não estão preparados para assumir a titularidade de um clube com grande expressão nacional.

Os principais recursos facilitadores e estratégias construídas foram: bons relacionamentos e o consequente suporte de treinadores, familiares e parceiros de treino; dedicação máxima aos treinamentos; criatividade dos treinadores e dos atletas para superar a falta de recursos; persistência em situações adversas com treinadores ou para assumir a titularidade.

De uma maneira geral, os participantes foram capazes de construir recursos e estratégias de *coping* eficientes para superar todas as complexas transições vivenciadas nos anos de investimento, corroborando o Modelo de Transição da Carreira Esportiva (STAMBULOVA, 2003). Vale ressaltar que não existiu um padrão de idade em que os atletas se profissionalizaram, assumiram a titularidade de seus clubes e atingiram o ápice de rendimento, evidenciando a individualidade deste processo e a necessidade de perceber o desenvolvimento esportivo de maneira individual, como apontam Stambulova et al. (2009) e Storm, Kristoffer e Krogh (2011).

7.4. OS ANOS DE MANUTENÇÃO DA ELITE E O ENCERRAMENTO DA CARREIRA ESPORTIVA DOS PARTICIPANTES

A discussão referente à este período também foi dividida nos mesmos três grupos e descreve principalmente: a influência de transições não normativas, como mudanças de clubes,

treinadores, lesões, convocações, competições com a seleção brasileira, vivências nos clubes onde se inseriram; a transição cultural como um fator determinante para o desenvolvimento da carreira esportiva de alguns participantes; a qualidade dos relacionamentos com treinadores, familiares e parceiros durante esse período e a importância dos primeiros para auxiliar os atletas a superarem algumas dificuldades encontradas em momentos cruciais da carreira esportiva; o fim do ciclo com a seleção brasileira, a preparação para a aposentadoria e o final da carreira esportiva dos participantes.

7.4.1. O GRUPO AUTODIDATAS, OS ANOS DE MANUTENÇÃO DA ELITE E O ENCERRAMENTO DA CARREIRA ESPORTIVA

Abaixo pode-se observar que G1 quando voltou dos Jogos Olímpicos com a seleção brasileira não conseguiu assumir a titularidade de seu clube, pois existiam outros goleiros que já estavam consolidados no clube. Com essa interrupção em sua carreira, foi emprestado para um clube com menor estrutura, onde atuou pela sua primeira competição como profissional. Por se tratar de um clube com estrutura menor, G1 descreve que as dificuldades encontradas neste clube foram muitas, mas que proporcionaram um desenvolvimento e capacidade de construir recursos para superar essas barreiras impostas. Após o retorno ao clube formador e a sua transferência para outro grande clube do estado, conseguiu atingir o ápice de sua carreira esportiva. Transferiu-se posteriormente para outros dois grandes clubes deste mesmo estado, destacando que todas essas mudanças foram positivas para sua carreira esportiva.

O segundo relato de G1 revela que dos clubes em que passou, o único com uma pessoa especializada para o treinamento de goleiros foi seu clube formador, pois após a passagem do mesmo com a seleção olímpica transferiu-se para essa instituição. Em um outro clube descreve que o responsável por ministrar essas sessões era um ex-atleta de outra função e no outro um dos auxiliares da comissão técnica, que também era ex-atleta, ficou responsável por auxiliar os goleiros no cotidiano.

Eu no clube formador era o quarto goleiro, apesar do prestígio da Seleção Olímpica, mas tinham outros três já com grande prestígio nacional e dentro do clube também. Isso foi ruim, deu uma interrompida na minha carreira, porque parei de jogar. Aí fomos jogar o brasileiro lá em Santa Catarina. Esse para mim foi um choque de realidade, pois encontramos uma realidade totalmente diferente, em todos os aspectos: você treinava de manhã e tinha que colocar a camisa para secar, a diferença do meu clube formador para esse que fui emprestado. Essas coisas vão te deixando mais “cascudo”, mas o meu clube formador foi uma base muito boa para mim, nesse aspecto... Em outro clube da metrópole eu encontrei um grupo da minha geração, o meu clube formador

não, o grupo era uma geração mais antiga... Quando eu chego neste outro clube encontro quem jogou comigo na seleção pré-olímpica. Uma geração que nós jogávamos um contra os outros antes, e foi legal nesse aspecto, porque a gente falava a mesma linguagem. Peguei um timaço, foi bicampeão estadual, inclusive um dos maiores times, que está na calçada da fama, como uma das maiores equipes do clube. Depois eu passei por outros dois grandes clubes do estado e tudo isso foi me dando uma nova experiência [...]. Quanto ao treinamento específico, acho que só tive treinador de goleiros no meu clube formador, porque o Co. depois da seleção foi para lá. Quem fazia isso, quem começou foi o Co., nas minhas passagens por clubes, não vi nenhum profissional voltado para isso, o que a gente treinava as vezes era com o preparador físico, o treinador mesmo treinava você... A coisa ficava mais no bate-bola mesmo, o treino em si não havia muita intensidade. Aliás, em um desses clubes que joguei, quem foi meu treinador de goleiros, na época, foi o V. O técnico era o L., e o V. queria entrar no futebol, como treinador. Aí naquele período o V. ficou sendo nosso treinador, até dava treino bem, tinha boa noção. No outro clube era o Ls., que era zagueiro, você não tinha um treinador específico pra fazer o treinamento não, era muito raro ter uma pessoa (G1).

De acordo com o que foi exposto por G1, constata-se que o prestígio de ter atuado com a seleção olímpica não foi suficiente para mantê-lo na elite esportiva nem lograr a titularidade de seu clube. Existiam três goleiros à frente do participante, o que interrompeu sua carreira por um período. De acordo com Vanden Auweele et al. (2004) em um estudo com atletas de atletismo da Bélgica, a maioria dos atletas que participaram de seleções nacionais de base não se mantiveram nessa na fase adulta, sendo que 31% conseguiram apenas se estagnar na elite, mas sem um rendimento suficiente para se manter na seleção, como foi o caso de G1 nesse estudo.

As demandas da transição juniores-sênior ficaram evidenciadas na discussão referente aos anos de investimento. No caso de G1, além dessas demandas, as principais barreiras encontradas que criaram uma crise no *coping* foram: a falta de afetividade e identificação com o grupo de jogadores que já estavam nos profissionais do seu clube formador, por serem de uma geração mais antiga e, principalmente, pelo distanciamento de relacionamento entre os profissionais e as categorias de base desde o seu primeiro ano de sub-15 no clube; a dificuldade encontrada para superar o desempenho de goleiros que já estavam consolidados no clube, seja pelo sucesso com a seleção brasileira principal ou em outros clubes ou pela própria história dos mesmos no clube.

Portanto, observa-se uma associação entre esses achados e a complexidade de superar essa transição, corroborando os estudos de Stambulova (1994) quanto às demandas e barreiras de transição que foram encontradas no Modelo Analítico de Carreira Esportiva, Stambulova (2003) quanto à existência de transições críticas no desenvolvimento da carreira esportiva,

Larsen et al. (2014) quando revelam que o distanciamento entre as categorias amadoras e a profissional podem dificultar essa transição.

A transferência para outro clube de menor estrutura foi responsável para que o participante percebesse uma nova realidade de sua carreira. Ao atuar como titular deste clube durante o período de seis meses, existiu um grande desenvolvimento de G1 que ao retornar ao seu clube formador, permaneceu por um curto período até se transferir para o seu segundo clube do estado, onde existiu uma transição bem-sucedida. Isso ocorreu devido à identificação de G1 com o grupo de jogadores que estavam compondo o elenco profissional deste, sendo que a maioria dos atletas já tinham convivido com o participante durante o ciclo amador com a seleção brasileira. Após um período bem-sucedido no clube, transferiu-se para outros dois grandes clubes do estado, onde também relatou vivências positivas em sua carreira.

Deste modo, constata-se que a existência de transições não normativas como a mudança de clubes, por serem menos previsíveis, podem dificultar a eficiência do *coping* (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007). Porém, o que se observou em G1 foi que a transferência para um clube de menor estrutura o auxiliou a construir recursos para retomar o desenvolvimento de sua carreira: a ausência de um roupeiro e a necessidade de lavar os próprios uniformes fez com que ele percebesse a diferença existente entre os clubes; a titularidade em uma primeira competição de nível nacional para que ele retomasse sua confiança e permanecesse na elite. Posteriormente, a transferência para o seu segundo clube do estado e o reencontro com uma geração de jogadores que atuaram juntos pela seleção olímpica facilitou essa mudança. Com mais maturidade e depois de ter um sucesso nesse clube, parece que as outras duas mudanças de clubes foram mais fáceis em sua carreira.

Portanto, pode-se concluir que as transições não normativas relacionadas às mudanças de clubes podem ser críticas, mas também podem ser a única alternativa para que um atleta permaneça na elite esportiva. Vale ressaltar que as crises nessas transições dependem das estratégias de *coping* e recursos construídos pelos atletas (STAMBULOVA, 2003; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007). Para G1, a primeira mudança para um clube de menor estrutura associado ao fato de atuar como titular em sua primeira competição de nível nacional foi responsável para que sua carreira, que estava estagnada, continuasse a evoluir. A segunda mudança e o bom relacionamento com outros parceiros dos profissionais do clube construíram uma identificação e afetividade responsável para a continuidade de sua carreira esportiva, enfatizando a importância dessas transições e do relacionamento atleta-atleta para o desenvolvimento dos valores pessoais propostos pelo PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

No que se refere ao treinamento específico de goleiros, observa-se que G1 teve o contato com apenas uma pessoa especializada, que foi o mesmo na seleção olímpica e no clube formador. Em outros clubes, ex-atletas e membros de outras funções táticas e diferentes membros da comissão técnica foram responsáveis por ministrar essas sessões, o que revela a informalidade e a desvalorização do goleiro durante esse período, novamente corroborando o estudo de Thiengo e Hunger (2014). Nesse aspecto, é possível afirmar que essa dificuldade relacionada à ausência de uma pessoa preparada para esse treinamento foi um fator limitante para a carreira esportiva de G1, o que destaca a influência dos treinadores e da relação treinador-atleta para o desenvolvimento de diversas habilidades e valores pessoais para um atleta (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

O relacionamento com outros atletas realmente se mostrou importante para a carreira esportiva de G1. Abaixo, o discurso revela que existia uma relação de admiração por outros atletas da mesma função, além da afetividade e amizade fora do contexto esportivo com jogadores de outras funções.

Sempre tive boa relação com eles todos, sempre fiz grandes amigos no futebol. Z. até hoje, nossos filhos se dão muito bem, meu filho frequentava a casa do Z. desde menino e até hoje vai lá, o próprio Al., cerca de um mês tive na casa dele, com ele. Então a gente faz grandes amizades no futebol, e isso é um grande valor da vida que você tem no futebol. Você faz grandes amizades, você conhece muita gente (G1).

Novamente evidencia-se a importância de relacionamentos positivos com outros parceiros para que exista uma coesão de tarefa, uma coesão social e o desenvolvimento de valores pessoais positivos por meio de comportamentos pró-sociais, como descrevem Côté, Turnnidge e Evans (2014). O participante G1 destaca que existia uma relação de admiração e que os atletas mais velhos eram como espelhos para ele, o que revela que essa influência positiva realmente é responsável por desenvolver esses valores. Essa afetividade que também foi descrita como um fator importante no estudo de Bruner et al. (2013) também pode ser evidenciada no discurso do participante, sendo que esses laços são conduzidos também para outros contextos da vida além do esporte. Portanto, é possível constatar que esses achados concordam que as vivências esportivas não estão dissociadas da vida social e que os valores aprendidos em um contexto podem e devem ser transferidos para outros, como também afirmam Côté e Fraser Thomas (2007).

O discurso abaixo revela a aposentadoria de G1 da elite esportiva e o início de seu envolvimento em outra função vocacional relacionada ao futebol, que ainda não era valorizada na época: treinador de goleiros.

Aí chegou um ponto que achei que não adiantava mais, eu estava bem, estava bom para mim, dali em diante eu não ia muito mais para a frente como atleta. Aí eu fui trabalhar como Treinador de Goleiros, me formei em Educação Física, e a primeira oportunidade quem me deu foi o E... eu achava que você tinha que desenvolver as qualidades específicas de um goleiro e os goleiros não tinham uma atividade específica, faziam todas as atividades dos demais jogadores: correr longa distância... eu entendia naquela ocasião que o goleiro era o atleta de voleibol, ele tinha que trabalhar agilidade, força explosiva, velocidade de reação. O que eu fiz? Tirei os goleiros do treinamento dos demais jogadores e comecei a fazer o trabalho físico e a parte do trabalho técnico à parte, então praticamente ninguém colocava a mão nos goleiros, só eu. Os goleiros só se juntavam aos demais jogadores quando precisavam fazer um coletivo, bate-bola, aí sim que ia para lá. Então essa mudança, eu que fui responsável por ela, para dar o treinamento físico e específico (G1).

Observa-se que a carreira esportiva de G1 foi mais curta em relação aos outros participantes. A partir da segunda metade da década de 1980, o participante já havia decidido parar de jogar e iniciar uma carreira como treinador de goleiros, por perceber a necessidade de valorizar essa profissão e auxiliar no desenvolvimento de outros goleiros. Vale ressaltar que a aposentadoria de G1 ocorreu de maneira voluntária e de maneira eficiente, como aponta Stambulova et al. (2009). É possível assegurar que este participante foi um dos primeiros treinadores de goleiros do país e auxiliou a consolidar essa profissão na década de 1990, como descrevem Wilson (2012) e Thiengo e Hunger (2014).

É interessante ainda notar que o discurso de G1 reflete uma característica presente até os dias atuais neste treinamento específico dessa função: a separação destes atletas do treinamento com o restante do elenco. Em um primeiro momento, essa separação pode ser necessária para desenvolver gestos técnicos específicos e aspectos físicos de uma maneira ótima, mas é importante refletir sobre a necessidade dessa separação sempre estar ocorrendo, já que foi discutido anteriormente que o goleiro atualmente têm sido reintegrado ao time (WILSON, 2008; 2012), sendo que a maior parte de suas ações ocorre de maneira ofensiva (GALLO et al., 2010), isso é, existe uma necessidade desse atleta ser capaz de integrar seus gestos técnicos, físicos e capacidades táticas, que muitas vezes são difíceis de reproduzir em um treinamento que é realizado de maneira separada do restante do elenco, por estar descontextualizado de uma situação de real de competição.

Sabe-se que o desenvolvimento da competência, que diz respeito às habilidades físicas, técnicas e táticas, faz-se necessária para o sucesso de uma carreira esportiva (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014), o que também torna relevante essa discussão sobre este tipo de treinamento para este estudo, já que a partir do participante G2 já foi possível observar a maior presença de treinadores de goleiros em seus clubes.

Os discursos abaixo já se referem ao início e continuidade de G2 na equipe profissional. Em seu primeiro clube, onde permaneceu os 13 primeiros anos de sua carreira, vivenciou diferentes situações que foram responsáveis para o desenvolvimento de sua carreira esportiva: primeiro contato, mesmo que de uma maneira informal, com um ex-atleta da mesma função que o aconselhava sobre suas ações em treinamentos e competições; a evolução da tecnologia e a correção de aspectos de seu desempenho por meio da observação da retransmissão das partidas em um canal de televisão; o treinamento de um dos treinadores que foi responsável por um maior desenvolvimento tático do participante.

Eu tive uma experiência com um ex goleiro que assistia os jogos no meu clube formador, tinha amizade com o treinador, e às vezes comentava: “se ele às vezes pudesse fazer isso, ele iria melhorar mais o jogo dele”, e aí o treinador falava “por que você não vai falar para ele?”. Até que ele começou a ir, trocava ideia, sugeria alguma coisa. Chegou um ponto que o clube o acolheu para ele ficar ajudando no dia-a-dia. Foi até interessante porque a gente conversava muito e ele demonstrava. Eu ficava perguntando o por que ele fazia aquilo, aí ele dava exemplos [...]. Eu vivi um momento do esporte, de evolução, em tudo na vida no meio social. Televisão não tinha em casa, depois começou a ter. Os jogos eram só final de semana à noite, passava o *replay*. Quando eu me vi a primeira vez jogando falei “nossa, mas que coisa horrível!”. “Preciso mudar esse jeito aqui, não está legal...”. Então eu começava a me esforçar para mudar, para ter um estilo melhor de jogo. Até minha vestimenta, eu tenho que ter uma aparência melhor para jogar. Eu fiz isso comigo profissionalmente, eu percebia as coisas, olhava, tentava mudar, corrigir e sempre achava coisas a melhorar. Isso foi me ocorrendo até o momento em que eu queria parar de jogar futebol, era até uma obsessão: quero melhorar! Eu acho isso muito importante na vida do atleta [...] E ainda falando sobre evolução, nos últimos anos no meu clube formador nós tivemos um treinador que executava um treinamento diferente dos outros. Ele fazia o treinamento em meio campo. Era reduzido, e vinha muita bola no gol, e ele fazia esse treinamento sempre. Ao invés dele fazer o coletivo uma vez por semana, ele fazia esse treinamento duas vezes por semana. Vinham mais bolas no gol, vivia mais situação de jogo e aí eu comecei a me sentir melhor com isso (G2).

A primeira parte do discurso de G2 revela a inexistência de uma pessoa especializada para o treinamento de goleiros específicos, como já foi discutido anteriormente em G1, o que revela uma outra dificuldade para o desenvolvimento da prática deliberada que foi proposto por Ericsson et al. (1993): a acessibilidade aos treinadores.

Porém, percebe-se a influência de um ex-atleta da mesma função, que tinha um bom relacionamento com o treinador da equipe profissional do seu clube formador e assistia as competições, ao começar a opinar sobre algumas ações de G2 durante esses jogos, até que esse indivíduo foi contratado para ser membro da comissão técnica e começou a auxiliar o participante, demonstrando algumas técnicas e aconselhando-o em diversas situações durante os treinamentos e jogos. Pelo relato, nota-se que esse relacionamento foi positivo para desenvolver em G2 uma melhor capacidade de tomar suas decisões durante os jogos e, ainda, revela que existiam discussões interativas sobre esses aspectos. Apesar de não ser uma relação treinador-atleta propriamente dita, consegue-se observar características da Liderança Transformacional, principalmente no referente à instrução individualizada e ao proporcionar discussões interativas sobre o treinamento e sobre suas ações em competições, representando uma relação de respeito mútuo, corroborando o que foi proposto pelo PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

A segunda parte do discurso de G2 revela uma característica peculiar à sua carreira esportiva: a evolução dos meios de comunicação. Por meio da observação de seus próprios jogos o participante percebeu a necessidade de corrigir e melhorar diversos aspectos referentes ao seu estilo de jogo, maneira de se vestir e tomada de decisões. De acordo com Côté et al. (2013), os atletas que logram a elite esportiva dispendem muito mais tempo assistindo a própria modalidade esportiva, além de estarem sempre envolvidos com o treinamento organizado e de vídeo. Esse treinamento de vídeo em G2 não foi realizado por algum especialista, mas foi uma maneira que o mesmo encontrou de descobrir características que precisavam ser desenvolvidas para que ele se mantivesse na elite esportiva, o que pode ser considerado como uma estratégia para suprir a ausência de um treinamento de goleiros específico em sua função nesse período.

O parágrafo acima permite uma associação com a maior complexidade da prática deliberada vivenciada por G2, como proposta por Ericsson (1993), já que o atleta, com a evolução dos meios de comunicação, começou a ter mais recursos para melhorar suas ações durante os treinamentos e competições.

Ainda fica evidente que a competência não era totalmente desenvolvida até certo momento de sua carreira, quando encontrou um treinador que realizava um treinamento em campo reduzido, que o fez vivenciar mais situações de jogo e melhorar sua capacidade de tomar decisões e, como o próprio G2 relata, sentir-se mais confiante nas competições. Esse relato esclarece o que foi descrito por Côté, Turnnidge e Evans (2014) quanto ao desenvolvimento dos valores pessoais estarem integrados entre si e serem dependentes da experiência esportiva imediata. No caso deste atleta, suas experiências de treinamento baseavam-se principalmente

em aspectos técnicos e físicos, mas sabe-se que a competência é, na verdade, composta pela associação entre habilidades físicas, técnicas e táticas. Deste modo, observa-se que a ausência do desenvolvimento tático deixava o participante inseguro nas competições, o que revela uma limitação no desenvolvimento da confiança, ou seja, no grau de percepção que o atleta tem sobre suas próprias habilidades e na capacidade de tomar decisões importantes. Ao vivenciar esse tipo de situação com um de seus treinadores, sua percepção e o desenvolvimento de suas habilidades tornou-se facilitado, o que evidencia novamente a importância da acessibilidade aos treinadores para o desenvolvimento da prática deliberada citados em Ericsson et al. (1993).

Assim, percebe-se que os treinadores são realmente os agentes mais importantes na carreira esportiva dos atletas, até mesmo nos anos de manutenção, como descrevem Durand-Bush e Salmela (2001) e que a capacidade dos mesmos em construir uma aprendizagem que facilite o rendimento, o desenvolvimento pessoal e a participação continuada é essencial para um atleta. Diante dos dados observa-se que esses agentes, quando priorizam alguns aspectos em detrimento de outros, podem estar limitando de diversas maneiras a carreira esportiva de um atleta, como afirmam Côté e Fraser-Thomas (2007). Apesar deste equilíbrio ser de extrema dificuldade, é nítido que a prioridade aos gestos técnicos e físicos foram fatores limitantes para G2 em sua carreira esportiva, que foram supridos pelas próprias estratégias do participante para se desenvolver.

Vale destacar que as configurações apropriadas do PAF não foram suficientes para explicar este momento da carreira de G2, pois no estudo de Côté, Turnnidge e Evans (2014) os autores apenas mencionam a importância de espaços livres e seguros para proporcionar o jogo deliberado. Quanto à prática deliberada, a própria definição de Ericsson et al. (1993) aponta para a necessidade de alguns fatores ambientais para a evolução gradual deste tipo de atividade. Entretanto, isso não é mencionado pelos autores. Deste modo, é válido afirmar que as configurações apropriadas para a prática deliberada durante toda a carreira esportiva de um atleta parecem ser importantes, não apenas aquelas citadas pelo PAF.

Concomitantemente às suas vivências em seu clube formador, as participações constantes na seleção brasileira durante os 13 anos de clube também se mostraram importantes para o seu desenvolvimento esportivo, visto que durante as convocações teve o contato com um dos primeiros treinadores de goleiros do Brasil, revelando que esse relacionamento foi um fator de influência para o seu desenvolvimento.

Com 21 anos comecei a integrar, participar da equipe principal da Seleção Brasileira, na Eliminatória, como um dos goleiros... E, eu participei de uma

primeira Copa do Mundo, estando no meu clube formador, duma segunda Copa do Mundo estando no mesmo clube [...]. Nas minhas vivências com a seleção, tive contato com o primeiro treinador de goleiros propriamente dito. No primeiro dia, ele me chamou e disse assim: “Você vai treinar somente comigo. Nós vamos melhorar a sua técnica, todos os seus movimentos no gol, os seus gestos, quando eu achar que você tiver bem, aí eu vou deixar você treinar com os outros goleiros e junto com o grupo. Porque se você for treinar agora, com o grupo, você pode desenvolver uma técnica que não seja tão boa. Porque você não tem uma técnica adquirida do jeito que eu penso que tem que ser e você pode desenvolver uma outra que pode ser prejudicial para você futuramente”. O L. era o titular, eu era o segundo, o V. era o terceiro goleiro. Todos os dias após treinamento com o grupo, nós ficávamos trabalhando juntos, eu e ele. Chutando, eu saltando, defendendo, orientava, falava. Todos os dias a gente fazia isso e, de uma forma ou de outra, foi benéfico para mim (G2).

Os relatos de G2 revelam uma situação diferente comparado à de G1, pois não encontrou dificuldades que interromperam sua carreira. Pelo contrário, continuou se destacando já como titular em seu clube e mantendo as convocações para a seleção brasileira principal, o que revela uma evolução contínua de sua carreira. Portanto, constata-se que G2 corresponde à uma minoria dos atletas que são convocados em categorias menores e permanecem na seleção nacional profissional (VANDEN AUWEELE et al., 2004; STAMBULOVA et al., 2009).

Suas vivências na seleção brasileira principal foram importantes não apenas para manter o alto rendimento, mas também para desenvolvê-lo quanto aos gestos específicos de um goleiro de futebol, já que nessas ocasiões G2 tinha o contato com um dos únicos treinadores de goleiros de sua época. Para o participante, esses treinamentos foram positivos para o seu desenvolvimento. Observa-se em seu relato a preocupação individual que o treinador tinha, de modo que é perceptível essa consideração e *feedback* individualizado e o bom relacionamento existente entre eles, o que corrobora novamente aspectos da Liderança Transformacional (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

É interessante perceber que G1 e G2 tiveram contato com o mesmo treinador de goleiros e, ainda, percebe-se uma complementaridade entre os discursos, principalmente quanto à prioridade ao desenvolvimento de gestos técnicos (THIENGO; HUNGER, 2014). Ainda, é possível fazer uma associação entre o discurso de G2 que se refere ao treinamento ter ocorrido de maneira separada ao restante de elenco e o que G1 alegou em seu último discurso sobre ele mesmo ter feito essa separação quando começou nessa nova função. Pelos discursos do segundo participante percebe-se na verdade que essa separação já havia se iniciado com este treinador de goleiros e G1 pode ter sido um dos responsáveis por dar continuidade a esse processo de separação dos goleiros do restante do elenco para o treinamento específico.

Abaixo, o participante G2 revela que depois de 13 anos dentro de um mesmo clube sentiu a necessidade de mudar para continuar evoluindo e buscar seus objetivos pessoais na carreira esportiva, que era ser titular da seleção brasileira. Nas duas Copas do Mundo anteriores, o mesmo havia sido convocado, mas atuou como reserva nas duas competições. A transferência para um grande clube da capital de São Paulo e sua eficiência no clube por cinco anos foram responsáveis para que o mesmo conseguisse ser titular da seleção brasileira em uma importante competição.

Sentindo que eu cheguei no limite, que não tinha mais o que evoluir dentro do clube, os desafios que eu poderia ter, eu queria ser titular da Seleção, e eu estou num clube do interior, que a projeção que ele está me proporcionando não está sendo suficiente para eu conseguir o que eu quero. Aí eu fui para outro clube que tinha interesse em me contratar, um grande clube da capital. A representatividade do clube te coloca numa exposição, te expõe de uma maneira muito maior, então essa proporção de responsabilidade, nesse sentido cresce. Você tem um compromisso muito maior, acho que esse era um desafio que me ajudaria a tentar alcançar os meus objetivos [...]. Então eu tive a felicidade deste clube grande me contratar, e eu continuar essa evolução, me fixando como titular da seleção, disputando uma Copa do Mundo. Foram 13 anos jogando no meu clube formador, depois mais cinco no clube da capital (G2).

Assim como em G1, observa-se que as transições não normativas, principalmente no que se refere às mudanças de clubes, foram essenciais para que o participante lograsse seus objetivos na carreira esportiva, corroborando novamente Alfermann e Stambulova (2007). Observa-se que sua permanência durante um longo período dentro do mesmo clube foi responsável para que sua carreira esportiva ficasse estagnada. Percebeu que para atingir seus objetivos, precisava mudar para um clube de maior expressão nacional. Explicitamente o participante destaca que as demandas necessárias para essa transição ser bem-sucedida envolviam: a necessidade de adaptação à representatividade do clube, que era muito maior comparada à de seu clube anterior; a necessidade de adaptação de seu desempenho e sua responsabilidade ao novo clube. Portanto, essa decisão em mudar de clube associada à rápida percepção de G2 sobre as demandas que vivenciaria em seu novo clube foram responsáveis para que o participante atingisse de forma eficiente os seus objetivos, o que revela a capacidade deste atleta em recrutar e desenvolver recursos necessários para um *coping* bem-sucedido, corroborando o que fora proposto no Modelo de Transição de Carreira Esportiva (STAMBULOVA, 2003; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

Os discursos abaixo retratam um período crucial na carreira de G2. Depois de ter conseguido esse feito, seu objetivo na carreira era atuar em outro país. Após cinco anos em um

grande clube da capital do estado de São Paulo, conseguiu transferir-se para um país europeu, onde permaneceu dois anos. A adaptação eficiente à cultura do país e ao estilo de jogo foram responsáveis por um grande desenvolvimento de G2 nesse período, devido ao treinamento em que foi submetido e às situações vivenciadas durante as competições, por se tratar de uma equipe de nível inferior às que se envolveu no Brasil.

Após dois anos, retornou ao futebol brasileiro, para a capital de outro estado, com um nível de rendimento melhor e com mais confiança, transferindo-se posteriormente para outro clube do interior do mesmo estado de seu clube formador estado e para outros dois clubes da capital deste mesmo estado, retornando também à seleção brasileira, em que permaneceu nas convocações por mais três anos.

Aí deste clube que permaneci cinco anos na capital (primeiro estado), apareceu a oportunidade, eu fui jogar no futebol europeu, onde fiquei dois anos. Aí voltei para jogar na capital de outro estado, fiquei mais um ano, joguei seis meses no interior do estado do meu clube formador, mais um ano em outro clube da capital deste mesmo estado, mais um ano em outro do mesmo local. Sempre foram desafios interessantes, principalmente quando eu fui jogar na Europa [...]. Eu sempre joguei no Brasil numa situação de poucas bolas no gol. Na Europa era o contrário! Era muito diferente o futebol! A cultura do país, a maneira de se jogar. Se aqui no Brasil vinham três bolas num jogo com participação efetiva, lá vinham 12 bolas. Jogadores para você vir fazer enfrentamento um contra um, todo momento a bola está na área e você está participando. Foi muito interessante e importante para mim isso! Porque eu passei dois anos jogando num clube intermediário, numa cultura futebolística diferente, vivendo situações diferentes do que eu vivenciei aqui e quando eu voltei a jogar no Brasil, parece que tudo ficou mais fácil! Ficou mais tranquilo, nada era complicado [...]. Você jogar numa equipe de qualidade contra equipe inferiores, o goleiro da equipe inferior é acionado constantemente, e o da equipe melhor domina o jogo, vem poucas bolas, é bem contrastante. Esse que está constantemente atuando, sendo empenhado, exigido, está desenvolvendo situações de jogo mais que aquele outro lá. Aquele outro está desenvolvendo muito mais concentração. Talvez ele fique mais tenso, mais preocupado, não pode distrair! É um outro tipo de desenvolvimento que tem, que o jogo proporciona dependendo da forma de jogar da equipe [...]. Quando houve essa junção da técnica com a vivência do jogo, ficou tudo mais fácil. Tanto é que quando eu voltei da Europa para jogar no Brasil, eu fui jogar na capital de outro estado, eu me sentia feliz demais jogando. Antes era um peso estar jogando. Depois que eu voltei, aquilo que era mais difícil se tornou mais fácil. Com um ano de retorno ao Brasil jogando na capital de outro estado, retornei ao estado do meu clube formador, aí eu ainda tive mais um período de três anos dentro da Seleção Brasileira, e jogando numa condição muito melhor, muito mais à vontade (G2).

De uma maneira geral, os relatos de G2 evidenciam a influência da transição cultural em sua carreira esportiva. De acordo com Brandao e Vieira (2013) mais de 66% dos jogadores brasileiros que migraram para a Europa retornaram antes do final da primeira temporada,

demonstrando uma ineficiência do *coping*. Porém, o que se observa neste participante é que novamente a transição ocorreu de maneira eficiente, já que ele permaneceu na Europa por dois anos e atuou no clube durante todo esse período.

Observa-se pelos relatos do participante que existiu, como propõe o Modelo de Transição Cultural de Ryba et al. (2016), uma fase de aculturação aguda, que se deu pela tentativa de se adaptar à cultura deste novo país e, principalmente, da maneira como se organizava o esporte no que se refere aos treinamentos e competições. Explicitamente G2 destaca que sua equipe na Europa era de um nível inferior comparado às equipes que atuou no Brasil, o que foi responsável por desenvolvê-lo quanto às características táticas, por vivenciar mais situações de jogo durante as competições e todas essas situações integradas foram responsáveis por uma grande evolução na carreira esportiva do participante. De acordo com Ryba et al. (2016) durante essa fase os atletas podem ter dificuldades para integrar-se aos novos significados culturais, estabelecer diferentes conexões com parceiros e treinadores e isso pode levar a uma diminuição do rendimento esportivo.

Segundo Ryba et al. (2016) a fase de adaptação sociocultural ocorre quando o atleta inicia uma congruência entre seus próprios valores e o novo estilo de vida, facilitando a combinação da carreira esportiva com a sociedade de uma maneira geral, adaptando-se e melhorando o rendimento. É perceptível que G2 sempre se destacou durante a carreira esportiva e, mesmo estando em um ambiente totalmente diferenciado daquele que vivenciava no Brasil, conseguiu adaptar-se rapidamente e apresentar um bom rendimento esportivo desde sua primeira temporada no futebol turco.

O contato com um treinador dessa equipe foi responsável por desenvolvê-lo em uma característica física importante: a potência. Portanto, a associação de seu treinamento físico, técnico e as experiências adquiridas taticamente pela maior participação efetiva nas competições foram responsáveis por desenvolvê-lo de uma maneira mais completa, o que também enfatiza novamente a importância das experiências esportivas acumuladas como fator de influência para os valores pessoais apontados pelo PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Essa integração de valores oriunda dessa transição cultural mostrou-se importante quando o atleta, mesmo com o sucesso nessa equipe turca, retornou ao Brasil e conseguiu retornar por mais três anos à seleção brasileira, o que evidencia a evolução constante na carreira esportiva de G2. Para Ryba et al. (2016) os processos do Modelo de Transição Cultural são dependentes do tempo, mas que este é subjetivo, não linear e está atrelado a padrões específicos à migração, sendo que esse processo, quando ocorre de maneira bem-sucedida, como em G2,

faz com que o atleta desenvolva um ótimo rendimento esportivo, o que também ficou evidenciado neste caso. O final desta transição é simbólico e corresponde ao momento em que o atleta encontra relações positivas entre seu estilo de vida e os valores desta nova sociedade, o que também foi evidenciado pelo participante. É possível ainda afirmar que a partir do final dessa transição cultural, as demais transições não normativas ocorreram de maneira facilitada até o final da carreira de G2, por desenvolverem também uma maior confiança no participante.

Durante o seu caminho no futebol profissional, o participante G2 destacou a importância de seus treinadores para a evolução constante do seu desempenho e, principalmente, o relacionamento positivo que tinha com todos. Apenas no final de sua carreira relatou um pequeno atrito com um de seus treinadores de goleiros no referente à aprendizagem de uma nova técnica, mas que não diminuiu seu rendimento e nem abalou este relacionamento.

O que foi mais importante na minha trajetória, em relação a treinador de goleiro, era perceber-lo como um porto seguro meu. Não dando palpite ou me orientando, porque eu tive poucos treinadores de goleiros que deram orientações. Eu tive alguns que eram conscientes do que eu fazia, e no momento que era necessário falavam: “olha, aconteceu isso. Por que? ”. Sem crítica. Foi importante, porque nenhum deles tentou me moldar, eu mais discutia com a forma que eles treinavam, cobrava deles mais do que eles me cobravam. Eu sempre exigia deles muito, eu era chato quando eu jogava [...]. Eu penso que o treinador de goleiros tem que ser um facilitador para ele, para ele poder seguir os passos dele, ter um desenvolvimento para ele chegar ao máximo de potencial que ele possa ter. Ele tem o seu limite, e quanto mais próximo disso ele puder chegar, melhor. Porque se interferir demasiado, eu acredito que possa estar limitando um desenvolvimento dele. Nesse aspecto, tive um privilégio, pois sempre tive bons exemplos na minha frente, olhava, tentar imitar as coisas boas [...]. Eu vejo que a sinceridade do relacionamento é importante, porque o ponto conflitante maior é com relação a quem joga. Essa decisão não é de uma pessoa, é do próprio goleiro, o desempenho vai dizer o que ele vai ser. É um grupo, vista a necessidade de ter sempre alguém preparado para repor peça, repor essa necessidade, contusão, qualquer coisa que aconteça no jogo, se precisar trocar. Essa aura que o indivíduo cria em torno dele vai transmitir a confiança e a segurança para poder ser escalado para jogar ou não. Esse respeito e esse entendimento tem que ser recíproco dentro do time, de quem está no comando e de quem vai estar praticando e jogando! A partir do momento que há uma conscientização, um respeito, fica tudo bem! Acho que o ponto crítico mais importante é essa relação de lealdade um com o outro e de consciência. Essa consciência tem que ser determinante para esse relacionamento! [...]. No final de carreira eu tive um treinador que tinha um método de treinamento que eu não consegui me adaptar, pela minha formação, minha adaptação àquilo que ficou gravado na minha memória motora de treinamento constante que eu fiz, era diferente, contrária, aí eu sentia dificuldade em fazer aquele trabalho dele. A interferência do treinador de goleiro pode às vezes atrapalhar o desenvolvimento! Ele poderia facilitar para mim, dentro da técnica que eu tinha, para eu poder realizar o exercício, para atender o que ele queria. Mas ele queria que eu fizesse a técnica que ele queria que eu fizesse. Quer dizer, nós não entramos num acordo, eu continuei

jogando do mesmo jeito, o rendimento não mudou, mas eu não conseguia fazer aquilo, não tinha jeito (G2).

Os relatos de maneira geral enfatizam novamente a relevância do relacionamento treinador-atleta estar associado às características da Liderança Transformacional proposta pelo PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). É possível, por meio de uma análise aos discursos acima, perceber todas as características desta relação: influência idealizadora, quando existe confiança e respeito entre líder e seguidores, e isso fica explícito no terceiro discurso; motivação inspiradora, quando líderes inspiram e desafiam seus seguidores, o que fica evidente no primeiro e segundo discurso; estimulação intelectual, quando líderes encorajam os seguidores a serem inovadores e criativos, o que fica evidente novamente no primeiro e segundo discursos; consideração individualizada, quando os líderes se mostram preocupados com os seguidores de maneira individual, o que pode ser evidenciado no segundo discurso.

Consubstancialmente, os relatos de G2 mostraram que os treinadores que cuidaram, criaram um ambiente positivo, incluíram-no no processo de tomada de decisões e tornaram-no autônomo para escolher suas decisões, em um relacionamento baseado no respeito mútuo e na confiança recíproca, foram essenciais ao seu desenvolvimento e manutenção da elite esportiva, corroborando a literatura (DURAND-BUSH; SALMELA, 2001; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; GILBERT; CÔTÉ, 2009; VELLA et al., 2013; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; TURNNIDGE; CÔTÉ, 2016).

De uma maneira geral, é importante ressaltar que as relações interpessoais são extremamente importantes para que um atleta consiga atingir o nível de elite, corroborando diversos estudos na literatura nacional (GALATTI et al., 2015; FOLLE et al., 2016; GALATTI et al., 2016).

Ainda, o último discurso retrata que a influência excessiva associado ao fato deste treinador ao final de sua carreira esportiva não facilitar o processo de aprendizagem foi responsável por criar um atrito nesse relacionamento e um descontentamento por parte do atleta quanto à necessidade de execução de um gesto técnico específico. Isso relata novamente a importância de um treinador saber produzir, reproduzir e difundir o seu conhecimento e suas capacidades aliados às necessidades individuais de seus atletas, incluindo-os no processo de tomada de decisão e mantendo um ambiente positivo (JOWETT; COCKERILL, 2003; GILBERT; CÔTÉ, 2009; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; TURNNIDGE; CÔTÉ, 2015).

Abaixo o participante G2 cita uma situação vivenciada em uma de suas partidas oficiais e a importância do apoio dos familiares nesse período no que se refere à pouca interferência dos mesmos quanto ao seu sucesso esportivo.

Estava jogando contra uma equipe no estadual, estádio com pouca lotação, não tem muita gente. Mas atrás do gol lá do lado direito eu olho um casazinho sentado no canto. Eram meus tios! Mas nem sabia que eles iam. Acabou o jogo.... Cadê? Foram embora para casa! Nenhum deles vinha dar palpite, criticar ou elogiar se jogou bem, mas eu tenho certeza que eles se sentiam felizes quando eu era bem-sucedido, e ficavam tristes quando ao contrário (G2).

Nesse sentido, o relato foi importante para evidenciar que durante os anos de investimento e de manutenção da elite esportiva os pais devem servir de apoio, criando um ambiente livre de estresse e pressões excessivas. Apesar de seus pais e seus tios assistirem constantemente aos jogos, nenhum deles criticava ou elogiava o participante, mas o mesmo sabia que tinha o apoio deles em qualquer situação, e isso corrobora com a literatura referente ao PYD e o apoio dos pais nos anos de manutenção (DURAND-BUSH; SALMELA, 2001; FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Abaixo fica evidente o relacionamento positivo com outros parceiros de treino durante sua carreira esportiva. De uma maneira geral, G2 aponta que essa relação era baseada em respeito mútuo, mas que o mesmo preferia não se relacionar com pessoas que se omitiam em competições e treinamentos, revelando também que o relacionamento entre atletas se dava pela coesão de tarefa do grupo.

Eu nunca gostei de jogar com pessoas que se poupavam, tanto a nível de treinamento, como principalmente no jogo! Pessoas que se omitem! Sempre gostei de trabalhar com gente que quer vencer, gente que faça o seu melhor! Acho que tem que haver respeito ao indivíduo, ao profissional. Cada um busca seu espaço fazendo seu melhor. Eu sempre tive uma postura em relação a isso, respeitando sempre a vontade do treinador. Se ele quer que eu jogue, eu vou sempre fazer o meu máximo para corresponder a expectativa dele, a confiança dele. Se eu quiser me impor para jogar, a minha responsabilidade é muito maior e se eu não conseguir atender o que ele está querendo, eu vou estar prejudicando o trabalho dele, do grupo todo! [...]. Então, quando eu jogava, eu era o titular da equipe. Eu me machuquei, tenho que ficar um período ausente. Eu volto, o que está jogando que me substituiu está bem, e aí o treinador fica preocupado “e agora? E agora? Eu sempre me posicionei com o treinador, dando total liberdade a ele. Eu vou trabalhar para mostrar que eu que tenho que jogar, sempre tive esse comportamento. Então está jogando ele? Eu acelero o meu treinamento, e aí é uma questão de competência de quem vai. Naturalmente aconteceu do treinador me voltar, porque eu conseguia

ultrapassar, superar o outro. Isso ocorreu muito durante a minha carreira, mas algumas vezes você encontra alguém que tem mais qualidade que você! Quando existe muita igualdade é diferente, mas eu sempre gostei de jogar por merecimento, e não por imposição (G2).

De uma maneira geral, observa-se que G2 era um atleta extremamente competitivo e conduzia os relacionamentos com seus parceiros também baseado no que cada indivíduo produzia nos treinamentos e competições. Ficam explícitos o respeito mútuo e uma relação baseada em coesão social e coesão de tarefa, ou seja, o objetivo do grupo era mais importante do que interesses individuais para esse participante, sendo que a maioria dos comportamentos nesses laços afetivos era de origem pró-social e, deste modo, pode-se afirmar que a maior parte da carreira esportiva do participante ocorreu em um ambiente positivo quanto à este aspecto. Esses relatos novamente corroboram com a Liderança Transformacional e toda literatura relacionada ao PYD (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

O discurso abaixo evidencia a aposentadoria de G2, que ocorreu quando o participante não sentia satisfação em continuar atuando na elite esportiva e já estava pensando em novos desafios em sua carreira.

Estava para parar, paro, não paro... Me convidaram para trabalhar como um auxiliar, um assistente do treinador de um clube na base. Se for para trabalhar com ele, eu vou! Paro de jogar futebol agora e vou trabalhar, porque estou num momento que não estou com um prazer tão grande de jogar. Os desafios já são outros, não quero mais isso! Aí eu parei e fui trabalhar como assistente (G2).

O participante já não estava mais sentindo prazer em se manter na elite esportiva, pois não almejava nenhum desafio para sua carreira esportiva, decidindo parar após um convite de uma equipe de futebol para que ele assumisse a função de auxiliar em uma comissão técnica de um clube próximo à sua cidade natal. Isso evidencia que a decisão para encerrar a carreira ocorreu de forma voluntária, saudável e, portanto, de uma mais eficiente e positiva, de acordo com Stambulova et al. (2009).

7.4.2. O GRUPO PIONEIROS NO TREINAMENTO ESPECÍFICO, OS ANOS DE MANUTENÇÃO DA ELITE E O ENCERRAMENTO DA CARREIRA ESPORTIVA

Abaixo os discursos de G3 revelam algumas vivências na seleção brasileira, principalmente no que se refere ao treinamento de goleiros específico em que foi submetido no

decorrer de suas convocações. Destaca no primeiro discurso a importância de um dos treinadores da seleção em 1994, por saber fazer uma manutenção de rendimento nos atletas que vinham de diferentes clubes e diferentes trabalhos e enfatiza o privilégio de ter convivido com treinadores competentes durante sua carreira nos clubes e na seleção.

Em seu segundo discurso G3 faz uma crítica aos treinadores de goleiros que não compartilham o seu conhecimento por acharem que o trabalho que executam é único e não deve ser copiado, enfatizando que a Confederação Brasileira de Futebol poderia intervir, padronizando uma metodologia de treinamentos.

O treinador da seleção faz uma manutenção nos atletas. Ajuda? Claro! Ajudou! O W. foi um treinador fantástico na Seleção, mas que ele fazia manutenção muito correta, porque cada atleta vem de um clube diferente com um treinador diferente, método diferente, e quando chega na seleção você tem que se adaptar ao que está sendo feito. Isso que é importante, esse entendimento do treinador de goleiro com os goleiros que vem de clube diferente. Tive esse privilégio de ser treinado por grandes profissionais, até chegar na Seleção Brasileira. O P., Z. Uns técnicos que me escolheram para aquela época [...]. Essa metodologia não é unificada no Brasil, cada um faz o que sabe e o que acha melhor. Só que os treinadores de goleiros brasileiros escondem o que eles fazem ali no clube e não querem que ninguém copie o que ele faz, acha que o goleiro dele é o melhor, aquele trabalho... O que eu acho uma grande besteira, o certo seria a CBF transformar isso numa metodologia, num padrão, e talvez tentar falar um pouquinho para cada um. Isso daí é uma coisa que eu defendo muito (G3).

O primeiro discurso acima novamente revela uma influência positiva dos treinadores para a carreira esportiva de G3, ao apontarem para o conhecimento e a competência do treinador em saber adequar o ambiente e a rotina de treinamentos para atletas de diferentes clubes e, também, diferentes metodologias. Existe uma congruência entre esses achados e a literatura referente à relação treinador-atleta estar baseada em características da Liderança Transformacional e na capacidade de o primeiro construir um ambiente positivo que facilite a aprendizagem do segundo (JOWETT; COCKERILL, 2003; GILBERT; CÔTÉ, 2009; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; TURNNIDGE; EVANS, 2016).

O segundo discurso critica a maneira como os treinadores de goleiros conduzem seus treinamentos, ao esconderem e decidirem não compartilhar metodologias e vivências que podem influenciar positivamente outros profissionais da área. A crítica vem associada da ideia da Confederação de Futebol Nacional (CBF) construir uma metodologia padronizada para o desenvolvimento de goleiros no Brasil. Essa proposta pode ser benéfica para o esporte em

alguns aspectos, mas é pertinente atentar-se para a maneira como essa unificação pode ser feita, visto que a criatividade dos treinadores também é uma de suas principais competências. Os achados deste estudo aliados aos de Wilson (2012) e Thiengo e Hunger (2014) revelam a prioridade dada ao tecnicismo pelos treinadores de goleiros brasileiros.

É importante que exista, na verdade, um curso de formação de treinadores de goleiros eficiente que produza, reproduza e difunda o conhecimento no que se refere ao equilíbrio do desenvolvimento de habilidades físicas, técnicas e táticas específicas que auxiliem a integração dessa função com diferentes estilos de jogo, para que a competência de cada atleta seja otimizada (SCAGLIA, 2005; SCAGLIA et al., 2013; MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014; AQUINO, et al., 2015; MODOLO; MENEZES, 2019). Neste aspecto, é competência de cada treinador de goleiros analisar a maneira como sua equipe joga, aproximar-se do restante da comissão técnica e elaborar sessões que auxiliem nessa integração, formando equipes multidisciplinares que trabalhem de maneira eficiente. Além disso, o relacionamento entre treinador-atleta baseado nas características apresentadas na Liderança Transformacional (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014) e entre os membros da comissão técnica também deveriam ser abordados nesse curso, pois estes aspectos se mostraram extremamente relevantes para criar um ambiente positivo e que facilitou a carreira esportiva dos participantes deste estudo.

Abaixo G3 evidencia seu bom relacionamento com os parceiros de treino e exemplifica a relação positiva nos clubes e também com G4 durante uma grande competição com a seleção brasileira, revelando um ambiente de apoio, admiração e respeito entre eles.

Eu acho que eu tive uma relação excelente com todos, porque goleiro um ajuda o outro, é importante. Porque se você está jogando, você precisa dos outros três goleiros. É importante o cara te dar uma dica: “Olha, já joguei com tal jogador num clube, ele chuta assim, ele chuta forte, ele chuta fraco”. Acho que os goleiros se ajudam, porque no momento que você estiver jogando, é legal, todo mundo te dá essa força, e quando o outro está jogando, passar também esse conhecimento que você tem para ele é importante, como eu fui reserva em uma competição muito importante com a seleção brasileira, mas eu me sentia titular, como se estivesse jogando e na pele do meu titular (G3).

Novamente é evidente que a relação atleta-atleta ocorreu de maneira positiva, por meio de um respeito mútuo, admiração, compartilhamento de conhecimentos específicos sobre jogadores adversários e um ambiente extremamente benéfico que facilitava a convivência e auxiliava a diminuir a pressão das competições com a seleção brasileira e pelos clubes no alto

rendimento, corroborando os aspectos da Liderança Transformacional de maneira similar aos participantes G1 e G2 (BRUNER et al., 2013; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014)

Por fim, G3 cita algumas mudanças de clubes, mas que a parte principal de sua carreira esportiva ocorreu na capital de um estado.

Eu estou na mesma cidade desde os meus 19 anos. São mais de 30 anos. Depois claro, tive as mudanças de treinadores, também joguei em outros quatro grandes clubes do Brasil em outras cidades e regiões (G3).

Apesar de G3 relatar que existiram mudanças de clubes após atingir a seleção brasileira, é possível observar que o ápice de sua carreira ocorreu em uma capital e nas transições não normativas referentes à sua aprovação no primeiro clube desta capital em que atuou após ter sido demitido do seu clube formador, sua lesão neste clube da capital em 1988, a transferência para outro grande clube da capital e o sucesso nas competições deste clube que o levaram para a seleção brasileira. Portanto, é correto afirmar que essas transições não normativas, apesar de terem ocorrido em clubes importantes no cenário nacional, ficaram em segundo plano na carreira de G3, que já se encaminhava para o seu final.

Os discursos de G4 abaixo revelam a importância da transferência do clube formador para uma das grandes ligas da Europa. Para o participante, essa mudança foi essencial para o desenvolvimento de sua carreira esportiva. Apesar de encontrar dificuldades no que se refere ao relacionamento com o treinador e com a lei referente a um número limite de estrangeiros que poderiam atuar no campeonato, conseguiu supera-las, principalmente ao transferir-se para outra equipe da mesma cidade italiana, porém com menor estrutura. Neste clube obteve um grande destaque e logrou a convocação para a seleção brasileira em uma competição muito importante, em que se sagrou campeão.

Acho que o grande ponto que me deu foi jogar na Europa, porque é um futebol diferente, é uma escola de goleiro diferente, é uma vida totalmente diferente, e todo mundo que vem pra Europa volta diferente, com uma preparação diferente, seja dentro de campo, na vida, então essa migração foi muito importante, com 24, 25 anos. Foi grande essa mudança, porque o futebol lá é muito detalhista, é muito de concentração, é muito focado, o brasileiro ainda é o futebol da alegria, da descontração. Esse país que migrei é impressionante, te deixa um pouco louco, não pode ficar muito tempo. Mas eu tive uma memória muito grande justamente nesse tipo de atenção, porque sofri muitos gols por não estar prestando atenção no jogo, de tentar fazer duas coisas de uma vez só. Neste país aprendi muito esse tipo de comportamento. Às vezes sai do treino e acha que nem treinou, porque você não tem muita intensidade, é mais específico, é fechar o ângulo, é mais falado. Essas diferenças sempre te ajudam, você não pode pretender estar na Europa e fazer o mesmo treino

que você fazia no Brasil, então você acaba se adaptando com esse tipo de situações [...] O *upgrade* mesmo foi quando eu fui para este primeiro clube europeu, em que fiz um contrato de três anos, depois de estar há seis anos em uma capital do sul do Brasil. Terminou esses três anos eu fiz um contrato com outra equipe da mesma cidade europeia, e que acabei ficando um ano [...]. No meu primeiro clube europeu não gostei muito do treinador, um cara muito chato, muito negativo, não gostei muito dele. Eu ia bem, ele falava no jornal que estava me ensinando bem, que eu estava aprendendo. Quando eu ia mal, era porque eu era goleiro brasileiro. São coisas da vida, ele não queria estar contigo, só queria os louros da vitória. Você sai do Brasil, chama seu treinador de “paizão”, aí chega lá o cara diz que vai te ensinar a ser goleiro. Mas eu tinha saído de uma Copa do Mundo, já tinha treinado muito naqueles quatro anos, e o cara me disse que ia ensinar a ser goleiro, e realmente o trabalho dele era muito mole. Aí você vê o que vai enfrentar pela frente. Mas não tive problema nenhum com ele, meu rendimento continuou sendo o mesmo, independente daquele trabalho. O rendimento é você quem faz, sua qualidade, sua personalidade. Lógico que você me deixar sem treinar, aí você não vai bem mesmo, mas mesmo fazendo um trabalho que você acha que seria melhor se estivesse no Brasil, começa a se adaptar e vai embora [...]. Foi uma ótima passagem, apesar do problema com o treinador e com a questão dos extracomunitários, que na época era lei que podia contratar quatro estrangeiros, mas só podia jogar três. Muitas vezes eu tinha que ir para o banco, nem para o banco, para a tribuna, isso me deixou um pouco chateado, mas aconteceu [...]. No segundo clube deste país foi uma passagem tecnicamente muito boa, porque estava jogando numa equipe pequena, que tinha acabado de subir para a Série A, muito fraca, então cada domingo eu tinha que fazer o máximo, e joguei um campeonato muito bom. Na última partida contra o líder nós ganhamos lá no estádio deles, nós nos salvamos, se a gente perdesse aquela partida voltaríamos para a Série B, mas ganhamos, continuou [...]. Neste segundo clube italiano tive um bom treinador (G4).

Evidencia-se nos relatos de G4 a influência da transição cultural para sua carreira esportiva. Como afirmam Stambulova e Ryba (2013) esse processo pode ter implicações importantes para o estilo de jogo, além de interações com o time, relacionamento com atletas e treinadores. Pode-se observar principalmente no primeiro discurso que o participante notou diferenças entre o estilo de jogo brasileiro e o italiano, sendo o último mais dinâmico que o primeiro e, por esta razão, o atleta percebeu a necessidade de desenvolver uma maior concentração nas competições, pois durante as partidas começou a notar que este estilo apresentava alguns detalhes peculiares que eram responsáveis por decidir o jogo.

A fase de aculturação aguda de G4 foi realmente importante para o seu desenvolvimento, sendo que foi possível observar que o participante teve que reconstruir seus objetivos pessoais, valores e até mesmo seu rendimento esportivo de acordo com a nova cultura referente ao estilo de treinamento e até mesmo a organização da sociedade, corroborando o estudo de Ryba et al. (2016). Observa-se que a adaptação foi positiva e o participante relatou que esse período representou uma grande evolução em sua carreira.

Entretanto, no terceiro ano de contrato com o primeiro clube europeu, foi perceptível que existiu um relacionamento negativo com um de seus treinadores de goleiros, que foi ocasionado pelas atitudes antissociais do próprio treinador com G4, no que se refere à valorização exclusiva das vitórias e do bom desempenho do participante em detrimento do apoio em momentos difíceis ou em partidas em que ele cometia erros, sendo que o mesmo expunha o atleta para a imprensa e ainda mostrou uma discriminação com goleiros brasileiros. Apesar dessa dificuldade inicial, o participante relatou que seu rendimento esportivo não se alterou devido ao relacionamento negativo com esse treinador. Observa-se novamente a influência de algumas características da Liderança Transformacional (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014) na relação treinador-atleta no desenvolvimento de um atleta de elite, de modo que neste caso um relacionamento negativo baseado em comportamentos antissociais e um ambiente negativo de treinamento criados pelo treinador podem ser responsáveis para dificultar a transição cultural de um atleta e consequentemente o desenvolvimento de sua carreira esportiva, corroborando diversos autores na literatura (STAMBULOVA; RYBA, 2013; TURNNIDGE; EVANS, 2016; RYBA et al., 2016).

De acordo com o relato, é notável que o atleta confrontou discriminação e a exclusão do grupo, ocasionado pela organização do sistema esportivo do país, enfrentando um estresse cumulativo que pode ter levado a uma queda de rendimento, já que o mesmo permaneceu três meses sem treinar, o que de certa maneira corrobora o estudo de Ryba et al. (2019) no que se refere à construção de um ambiente de aculturação marginalizado durante o processo de transição cultural. Ainda, vale ressaltar que esse afastamento das competições foi ocasionado não apenas pelo relacionamento com o treinador de goleiros, mas também pelos problemas existentes fora do contexto esportivo vivenciados por G4 afetaram diretamente o desenvolvimento de sua carreira esportiva, o que também entra em congruência com o estudo de Stambulova et al. (2009).

Porém, apesar das barreiras dessa transição e desse período conturbado da carreira esportiva, sabe-se que o participante foi capaz de supera-las e adaptar-se a um novo clube, já que o mesmo relata seu desenvolvimento e ótimo desempenho no que se refere ao quarto ano de permanência neste país europeu. Ainda, enfatiza o treinador que teve neste clube como um agente importante para essa retomada em sua carreira, o que corrobora novamente o estudo de Côté, Turnnidge e Evans (2014) quanto à relevância da relação treinador-atleta para o desenvolvimento esportivo.

Quanto ao rendimento esportivo de maneira geral, os discursos acima revelam que o mesmo se desenvolveu durante os três anos que permaneceu no mesmo clube e depois,

observando a necessidade de retomar a constância de participações em competições e até mesmo da rotina de treinamentos, transferiu-se para outro clube na mesma cidade, o que pode indicar, além da superação de uma crise em sua carreira, uma identificação com o local e a manutenção da elite esportiva (RYBA et al., 2016).

Ainda neste aspecto, é importante notar que mesmo na transição cultural, uma nova transição não normativa referente à mudança de clube para outro com uma estrutura menor foi necessária para que o participante voltasse a atuar como titular e permanecesse nas convocações para a seleção brasileira. A rápida adaptação ao clube pelo bom relacionamento com o treinador, reassumir a condição de titular de uma equipe profissional e o fato de já estar ajustado na cidade foram essenciais para que G4 construísse recursos suficientes para superar essa transição. Diante dos dados, afirma-se que as transições não normativas são essenciais para o desenvolvimento da carreira esportiva e o atleta deve construir recursos e se desenvolver para superá-las (STAMBULOVA, 2003; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007)

De uma maneira geral, apesar de alguns períodos conturbados durante os quatro anos em que G4 permaneceu neste país, o mesmo considera que um dos motivos para o sucesso em sua carreira esportiva foi essa migração para o continente Europeu.

Neste aspecto, os discursos abaixo revelam a continuidade da carreira esportiva de G4, primeiramente com o retorno ao Brasil pelo término de contrato com a equipe italiana, as diversas mudanças de clubes e o fim de seu ciclo com a seleção brasileira.

E aí o presidente deste segundo clube europeu me chamou e falou: “pode procurar outro clube”. Falei: “mas eu não joguei bem? ”, e ele disse: “você foi um grande jogador, mas quero fazer negócio aqui no clube” e foi naquela época que fui para a seleção, fomos campeões, voltei para o Brasil, fiquei desempregado de julho quando terminou a competição até dezembro, e em janeiro me apresentei em uma outra capital brasileira, onde fiz um contrato de três anos. Foi muito bom jogar com aquela torcida, aquela terra. Vários problemas financeiros, porque o clube estava numa situação difícil, não está nessa situação de hoje, não tinha nem centro de treinamento. Onde eu vou só tem desastre, mas acho que na dificuldade a gente cresce mais, está mais atento, entrega mais. Terminou o contrato, eu estava com a seleção brasileira de novo [...]. Na seleção também tive vários treinadores, o N., o W. [...] A última convocação foi em uma Copa do Mundo. Depois da Copa, acabou minha participação na seleção. Foram mais de 100 partidas no currículo (G4).

Primeiramente é importante citar que mesmo após um excelente rendimento de G4 na equipe italiana, o clube quis transferi-lo para lucrar com a venda do atleta. Nesse mesmo período o participante teve uma competição muito importante pela seleção brasileira em que se

sagrou campeão. Mesmo com o seu sucesso, ficou desempregado mais de seis meses até retornar para o Brasil, em uma equipe de grande expressão no cenário futebolístico nacional. Apesar dos problemas financeiros, a identificação com a torcida, com o clube e com a cidade foram essenciais para que o participante superasse essa transição de maneira bem-sucedida. Novamente é possível observar que as transições não normativas influenciam a carreira esportiva de um atleta de elite, visto que o seu bom desempenho não foi o suficiente pra mantê-lo no futebol italiano, mesmo estando adaptado ao novo destino, tendo que retornar ao seu país de origem para manter-se na elite por questões contratuais e por uma negociação, reafirmando o que fora descrito por diversos estudos (STAMBULOVA, 2003; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2009; STAMBULOVA; RYBA, 2013) no que se refere às transições serem dependentes de fatores que ocorrem dentro e fora do contexto esportivo para poderem ser bem sucedidas.

Durante o longo período que estive com a seleção brasileira, os treinadores pareceram ter sido relevantes para o sucesso nas competições, de maneira similar aos outros participantes do estudo e corroborando a literatura neste mesmo aspecto (VELLA et al., 2013; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; TURNNIDGE; CÔTÉ, 2016).

Após encerrar seu ciclo com a seleção brasileira G4 envolveu-se em uma nova transição cultural, para uma equipe de grande expressão da Europa. Esse processo ocorreu de maneira facilitada pela identificação com o clube, com a torcida e pelo relacionamento positivo com os treinadores, sendo que o participante obteve grande destaque por essa equipe.

No ano da despedida da seleção, meu empresário me ligou, pois tinha uma proposta de um outro clube europeu, de outro país. Como minha esposa estava próximo a mim para ver a Copa, eu disse: “podia dar um pulo lá, dar uma olhadinha”, aí quando voltou ela disse: “dá para ir tranquilo, a cidade é linda, dá para viver bem, o clube é legal”. E vim para cá, foi a coisa mais acertada da minha vida, porque fiz o melhor contrato da minha vida, fiquei três anos aqui. O treinamento aqui não era um trabalhão, não era nada muito específico, um bom treinador, mas não era nada assim que tenha mudado muita coisa [...] O treinador da equipe era um cara muito bom, gente boa, dedicado, um cara realmente que treina com o grupo, o clube vê o cara de uma maneira diferente. Tive bons treinadores, é importante para o goleiro ter bons treinadores, a gente sozinha não consegue fazer muita coisa, e o treinador de goleiro é sempre muito parceiro do goleiro, precisa ter um relacionamento bom com seu goleiro, confiança, de querer ajudar, não bajular, mas poder dar *feedback*, muito importante isso (G4).

Novamente observa-se uma transição cultural em G4, mas que ocorreu de uma maneira mais facilitada do que a primeira. A identificação com a cidade, com o clube, com a torcida, as

normas e valores culturais e o relacionamento positivo com os diferentes treinadores que se envolveu foram fatores essenciais para superar as demandas e barreiras impostas por esse tipo de transição, corroborando novamente Ryba et al. (2016).

Foi perceptível pelos discursos do participante que a fase de pré-transição ocorreu, sendo que o atleta e sua esposa foram visitar a cidade e, pela boa impressão que tiveram em um primeiro contato, decidiram mudar-se. Para Ryba et al. (2016) este primeiro contato é essencial para iniciar uma preparação mental para os novos desafios, podendo ocasionar conflitos familiares, mas proporcionando tempo suficiente para ajustes e mudanças. O fato de um cônjuge mudar-se junto com o atleta influencia para que a transição ocorra de maneira bem-sucedida, pela facilitação da preparação para os novos desafios, pelo maior apoio e pelo ambiente positivo que alivia o estresse de estar em um lugar desconhecido, como afirmam também Stambulova e Ryba (2013).

A fase de aculturação aguda ocorreu de maneira rápida e é possível associar esse processo ter ocorrido de maneira acelerada com os recursos citados no primeiro parágrafo, corroborando novamente o estudo de Ryba et al. (2016). Foi perceptível também que a fase de adaptação sociocultural ocorreu, visto que o participante permaneceu três anos como atleta na mesma cidade, obtendo destaque e sucesso em diversas competições e, quando veio a encerrar sua carreira, retornou ao mesmo clube, onde se encontra há sete anos na função de treinador de goleiros. A identificação com a cidade e com o clube ficam claras na última sentença do último discurso, o que afirma o sucesso dessa transição cultural.

O relacionamento com os treinadores foi realmente importante para a manutenção da elite esportiva de G4, quando cita que essa relação pessoal positiva do treinador de goleiros com o atleta é extremamente importante para o sucesso do último. Apesar dos treinamentos em si não se alterarem, conforme deixa explícito, a qualidade dessas relações mostrou-se imprescindível para essa transição, o que corrobora novamente diversos aspectos da Liderança Transformacional e da influência dos treinadores nos anos de manutenção (DURAND-BUSH; SALMELA, 2001; JOWETT; COCKERILL, 2003; GILBERT; CÔTÉ, 2009; VELLA et al., 2013; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; TURNNIDGE; EVANS, 2016).

O relacionamento com os pais alterou-se a partir do momento que G4 começou a ter uma grande recompensa financeira. Devido a este fato, o mesmo relata que a relação pai-atleta se inverteu, de modo que a partir desse retorno financeiro, o participante tornou-se o primordial no que diz respeito às responsabilidades econômicas. Quanto aos parceiros, observa-se que G4 manteve bons relacionamentos durante os anos de manutenção da elite esportiva, similarmente ao restante de sua carreira esportiva.

Quando você começa a ser profissional, começa a ganhar seu dinheiro e ganhar muito mais que seu pai ganhou na vida inteira, por incrível que pareça acaba sendo você o pai da família. É tua responsabilidade, é tu que tem que cuidar dele, pagar as coisas, então parece que as coisas invertem, você vira o pai e já não é mais o filho [...]. Podiam confiar sempre em mim, no meu trabalho. Na performance sofri tantos gols que nem os zagueiros acreditavam, mas isso é coisa da carreira, acontece. Mas muito bons relacionamentos, tanto no Brasil quanto na Europa. Só o pessoal do segundo clube deste país que eu não tenho mais contato (G4).

Primeiramente, observa-se uma característica que apenas G4 citou: a inversão de funções econômicas com seu pai devido à alta recompensa financeira do atleta. Ao invés do pai oferecer o apoio financeiro para o filho, o que se observou foi que esses papéis se inverteram. Isso revela a valorização do participante pelo apoio que teve de seus familiares durante sua carreira esportiva, destacando esse relacionamento positivo e a influência para o seu desenvolvimento.

Em um segundo momento, é possível associar novamente o relacionamento positivo atleta-atleta baseado em comportamentos pró-sociais que se estenderam para além do contexto esportivo, revelando grandes laços de afetividade oriundos destas relações e reafirmando o que foi proposto pelo PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

De uma maneira geral, é importante ressaltar que as relações interpessoais são extremamente importantes para que um atleta consiga atingir o nível de elite, corroborando diversos estudos na literatura nacional (GALATTI et al., 2015; FOLLE et al., 2016; GALATTI et al., 2016).

Os discursos abaixo revelam a ascensão na elite esportiva de G5, que similarmente à G2, G3 e G4, manteve-se no mesmo clube por um longo período, conquistando diversos títulos, obtendo destaque nas competições e, conseqüentemente, logrando uma vaga para a seleção brasileira.

E aí fui campeão invicto no meu primeiro ano como titular, os 11 primeiros jogos fiquei sem tomar gol no estadual, aí a torcida sempre me apoiou, entrava em campo, gritava meu nome. Depois fomos bicampeões no outro ano, tricampeões no outro. Aí joguei 10 anos de titular do clube, fui campeão brasileiro, Libertadores, Rio-São Paulo. Depois, eu saí e fui para um grande clube de outro estado. 15 anos no clube formador, cinco no amador, 10 no profissional [...]. Se eu fiquei 10 anos no profissional, o M. ficou comigo oito anos, o próprio C. subiu. Eu jogava e eles estavam no banco, revezavam, quando podiam jogavam também e tivemos uma amizade muito grande, eu com o M. tenho uma amizade muito grande, viveu comigo momentos bons, ruins, e sempre estava eu e ele como goleiros do clube, muito legal isso [...]. Meu treinador de goleiro desde o sub-17 foi até o profissional, quando eu saí

do clube, que foi o J., a gente trabalhou no sub-17, a gente subiu junto para o sub-20, seleção brasileira a gente trabalhou junto. Depois, no profissional, o J. saiu do amador, foi pra Arábia e quando voltou, já voltou no profissional, e eu já estava lá, aí a gente voltou a trabalhar mais sete anos juntos no profissional, a gente conquistou tudo junto, então ele foi meu segundo pai, um cara de uma cabeça espetacular, sempre muito centrado e era muito legal, vai criando esses elos, as famílias se falam até hoje, isso é muito legal (G5).

Foi perceptível que a manutenção de G5 em seu clube formador durante 10 anos ocorreu devido ao destaque do mesmo em diversas competições importantes e, principalmente, pelo ambiente de apoio existente no clube no que se refere ao apoio da torcida, dos treinadores e dos seus parceiros de treino. A transição juniores-sênior já foi discutida nos anos de investimento, porém vale ressaltar o apoio constante e que se manteve por um longo período de tempo de um de seus parceiros e do treinador de goleiros. Ambos vivenciaram juntos a transição juniores-sênior e permaneceram na equipe profissional por mais de oito anos. Essa convivência, identificação e laços de afetividade adquiridos que transpassam o contexto esportivo foram recursos importantes para esse sucesso, o que está em congruência com os estudos referentes à essa transição (STAMBULOVA et al., 2012; LARSEN et al., 2014) e com a influência das características da Liderança Transformacional para o desenvolvimento de valores pessoais para a carreira esportiva (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Abaixo G5 destaca as vivências com a seleção brasileira e as transferências de clubes que teve em sua carreira para a manutenção da elite esportiva.

Até meus 31 anos eu ainda era convocado. Essas outras convocações, nas primeiras convocações importantes eu estava vestindo a camisa do meu clube formador. Aos 31 eu estava em outro estado [...]. Houve mudança para esse time de outro estado, joguei um ano. Dali fui para outro clube do mesmo estado, mais um ano. Depois eu joguei por um outro time do estado do meu clube formador, seis meses só, e aí começou mudança. Aos 35 anos viajei pra Europa, fiquei praticamente 8 meses e quando eu voltei, eu desisti, eu parei de jogar futebol, foi quando eu encerrei, mas houveram essas mudanças. Quando voltei para o Brasil, desisti, tentei voltar a forma no meu clube formador uns dois meses, mas parei de jogar bola, com 35, 36 anos (G5).

De uma maneira geral, observa-se a influência das transições não normativas para a manutenção da elite esportiva de G5. Em primeiro lugar pela participação em competições importantes com a seleção brasileira e, em um segundo momento, pela transferência de clubes, o que corresponde à discussão dos outros participantes do estudo (STAMBULOVA, 2003; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

O participante manteve um ciclo de convocações de 1995 até 2001. Após esse período, encerrou o seu ciclo com a seleção brasileira e passou por alguns clubes brasileiros, até migrar para a Europa em 2005. De acordo com Brandao e Vieira (2013) mais de 678 atletas que migraram para o futebol europeu (66%) retornaram ao Brasil antes de completar a primeira temporada, o que revela uma ineficiência no *coping* pela dificuldade de se adaptar ao novo estilo de jogo e novo estilo de vida. Quanto ao participante, não se pode constatar o que ocasionou essa crise na transição, mas é possível afirmar que essa ineficiência existiu, já que com oito meses G5 retornou ao Brasil, retornando ao seu clube formador para tentar retornar ao alto rendimento, mas optou por encerrar sua carreira esportiva após dois meses.

7.4.3. O GRUPO GOLEIROS DA ERA DA GLOBALIZAÇÃO E OS ANOS DE MANUTENÇÃO DA ELITE ESPORTIVA

O discurso abaixo reforça o período de crise que o clube formador de G6 passava quando o participante assumiu a titularidade nos profissionais. Para o participante, sua liderança adquirida foi oriunda do desenvolvimento do atleta por meio do relacionamento com os treinadores com quem trabalhou nas categorias de base e na equipe profissional. O respeito mútuo era a base deste relacionamento, mas em algumas situações o participante preferia tomar as decisões de maneira independente, mas sem entrar em conflito com o treinador. Para G6 é importante que um atleta de alto rendimento seja capaz de tomar decisões e ter a percepção de escolhe-las em momentos oportunos para que tenha sucesso em competições e na carreira.

Eu passei por um período no meu clube formador complicado de rebaixamento com apenas 22 anos, então eu tive que assumir uma posição cedo em termos de liderança, e isso tudo eu conseguia extrair dos profissionais com quem trabalhei: treinadores de goleiros, preparadores físicos, treinador principal, então eu acho que isso vai muito da liderança, vai muito do profissional que consegue olhar pra você e fazer com que você dê o máximo por ele, isso é legal... Mas eu nunca fui um cara de discutir ou discordar muito, eu sempre fui um cara de escutar, evitar ao máximo um atrito, mas na hora eu fazia do meu jeito. A maioria das vezes meu jeito dava certo, então não tinha como o cara chegar depois e falar: “seu jeito deu certo, mas quero que faça do meu”, está dando certo, continua fazendo do seu jeito, basicamente era isso, mas sempre dentro de um respeito mútuo [...] O atleta de alto nível tem esse diferencial, de por exemplo: “esse caminho aqui estão dizendo que é bacana, foi estudado que é bacana, mas eu já fiz de uma maneira diferente onde eu me senti melhor e tive um resultado tão bom quanto”. Então, assim, às vezes você contraria, é normal, isso existe, não é porque está escrito e estudado que é sempre assim, que tem 100% de acerto. Então eu sempre acreditei muito no talento pessoal, no sentido da percepção pessoal, do fato de você ter realizado aquilo (G6).

Em um primeiro momento, destaca-se a influência durante toda a carreira de G6 para desenvolvê-lo, não apenas quanto ao rendimento, mas também em habilidades psicossociais, como a liderança. Somado a esse desenvolvimento, o participante enfatiza que um atleta de alto rendimento deve ser capaz de tomar algumas decisões independentemente do que é ensinado pelo treinador, ou seja, deve ser capaz de construir os próprios recursos para superar algumas dificuldades. Essa característica é extremamente importante e pode ter sido um dos recursos facilitadores para que o atleta permanecesse na elite esportiva, superando diferentes transições, como aponta a literatura (STAMBULOVA, 2003; ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

A estrutura que o seu clube formador proporcionava era inferior aos demais clubes da elite nacional, evidenciando que fatores fora do contexto esportivo (condições financeiras) podem influenciar o desenvolvimento da carreira esportiva de um atleta, como afirmam Stambulova et al. (2009). O discurso de G6 revela que a acessibilidade aos treinadores associada à sua própria capacidade de construir habilidades específicas para a função de goleiro foi responsável por suprir as demandas de sua rotina perante a crise em que o clube se encontrava.

As vivências com a seleção brasileira principal também foram consideradas relevantes para o desenvolvimento da carreira esportiva de G6, principalmente pelo sucesso em uma competição importante. Por meio deste, recebeu uma proposta de um grande clube do futebol europeu, permanecendo nas convocações para a seleção nacional por mais de 12 anos. Ainda, a associação entre o sucesso na competição com a seleção e a crise financeira que seu clube formador se encontrava podem ter sido fatores importantes para sua futura transferência para a Europa, o que pode ser observado como um recurso para facilitar essas transições (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007).

No que se refere aos treinamentos, G6 destaca que em amistosos ou convocações para poucos jogos o treinamento era baseado apenas em uma manutenção de rendimento, com cuidados para evitar lesões que poderiam impossibilitar uma sequência de partidas em seu clube. Quando as competições eram mais longas, os treinamentos realizados eram próximos àqueles dos clubes em que estavam inseridos.

Primeira convocação minha foi aos 22 anos, fiquei até aos 34, minha última participação com a seleção brasileira. Então foram basicamente 12 anos de seleção brasileira, é o ápice para o jogador você representar o país, você realizar um sonho de criança, toda criança sonha em jogar na seleção brasileira, escutar hino nacional, disputar Copa do Mundo, competições internacionais com a seleção, ganhar títulos com a seleção [...]. Para eu chegar no mercado internacional, a Copa América foi o trampolim. Ali me deu uma visibilidade internacional muito grande, onde um clube europeu chegou com

uma proposta na mesa, onde eu aceitei e acabei me transferindo. Aí depois aqui foram sete anos, 14 títulos, uma média de dois títulos por ano, onde ali o mundo conheceu bastante meu trabalho [...]. Na seleção, nos amistosos e jogos de Eliminatórias você não conseguia dar uma sequência de um treinamento em que você fazia nos clubes, porque tem fuso horário, a carga de treinamento tem que ser diferente devido às viagens, devido às situações. Quando você joga muito, você tem que estar atento para não voltar para o seu clube lesionado [...] Diferente de uma situação como Copa do Mundo, Copa América, Copa das Confederações, que tem um período maior para trabalhar, aí sim você consegue de repente fazer alguma coisa próxima daquilo que você faz no clube, mas quando é um tiro curto assim é mais difícil (G6).

É possível observar que as vivências com a seleção brasileira principal foram responsáveis por elevar o prestígio de G6 em seu clube. Essa sequência de convocações foi oriunda do bom desempenho em competições por seu clube formador, mas é importante ressaltar a influência dos treinadores com quem se envolveu nesse período, que foram capazes de desenvolvê-lo também quanto à liderança, uma das principais habilidades que existe no esporte e é citada pelo PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014). Após conquistar um importante título com a seleção, recebeu a proposta de um clube europeu, momento que evidencia o ápice de sua carreira esportiva.

No que se refere aos treinamentos, percebe-se que, diferentemente do grupo *Autodidatas*, que relatou grande desenvolvimento nas vivências com a seleção brasileira pelo fato de ser uma das raras ocasiões em que tinham contato com o treinamento de goleiros específico, o participante G6 já revela uma nova perspectiva sobre essas sessões ministradas na seleção nacional, sendo que em convocações para poucas partidas, em caso de eliminatórias ou amistosos, os treinamentos eram realizados apenas para uma manutenção esportiva, enquanto que para as principais competições o treinamento era próximo àqueles executados em seu próprio clube, similarmente ao que ocorreu no grupo *Pioneiros no Treinamento Específico*. Estes relatos destacam uma evolução do treinamento de goleiros no Brasil em uma linha do tempo, como também afirmam Thiengo e Hunger (2014).

No que se refere à transição de G6 para a Europa, nota-se que o clube em que estava inserido passava por um período de crise. Para buscar melhores condições econômicas e de estrutura institucional, o participante migrou para a Europa. Porém, essa migração foi difícil, principalmente pelo participante não conseguir se perceber distante de sua família, por não saber o idioma e desconhecer o clima.

Entretanto, a motivação para obter sucesso na Europa fez com que ele superasse essas barreiras e conquistasse diversos títulos com seu novo clube, em que se identificou e permaneceu por sete anos. Depois, passou por várias outras transições culturais, mas o ápice de

sua carreira esportiva ocorreu nessa primeira ocasião. Por fim, G6 deixa claro as diferenças culturais e de estilo de jogo entre os continentes americano e europeu, evidenciando a dificuldade encontrada também fora do contexto esportivo, no que se refere à distância familiar.

Eu quando saí aos 24 anos do meu clube formador, tinha uma estrutura muito inferior ao que se pedia na época [...] Eu acho que senti realmente foi quando eu saí do Brasil, foi uma etapa complicada, porque eu não me via longe da minha família, eu era um cara muito apegado a minha família, eu não falava outra língua, lá era muito frio, não estava acostumado com neve, tudo isso foi complicado, mas serviu de motivação para que eu pudesse extrair de mim o melhor, porque eu colocando na minha cabeça que a partir do momento que eu deixasse o Brasil, eu não queria voltar pro Brasil, porque eu queria vencer na Europa... Aí depois o fato de você estar na Europa com a posição meio que consolidada, jogando excelente jogos e ganhando títulos, isso faz com que você chegue numa seleção brasileira, e você adquire um respeito também dentro do seu país, então acho que basicamente foi assim a minha trajetória [...] E aí teve várias situações aqui de diversas transferências: entre clubes europeus; entre clube europeu e de outro continente. Então isso tudo implica não apenas na parte profissional, mas na parte conjugal, esposa, filhas, escola, uma série de coisas que acaba te atormentando um pouco, mas faz parte do jogo. Então, basicamente, são momentos que você atravessa devido ao tipo de trabalho que você exerce, entendeu? Acho que faz parte e você tem que estar disposto a pagar o preço, a verdade é essa. Então acho que devido a essas situações, hoje eu falo três línguas, hoje eu tenho um conhecimento bacana em termos de Europa e isso faz parte, normal [...]. É claro que tem algumas coisas que são culturais. Eu vejo por exemplo no Brasil um futebol um pouco mais lento que o Europeu em termos de dinâmica de jogo. Mas, eu acho que isso varia de treinador para treinador, equipe técnica para equipe técnica, não vejo uma diferença muito grande em termos de Brasil e Europa, em termos de ideia. Eu acho que tem muito treinador brasileiro hoje que vem aqui na Europa e faz um curso, visita clube para poder ver como é que estão as preparações aqui na Europa, e troca ideia também, apesar de muitos treinadores estrangeiros não irem para o Brasil para analisar como funciona o trabalho no Brasil, mas com certeza eles trocam figurinha quando estão juntos para saber como funciona. Então isso fica variando muito de equipe técnica, principalmente, por isso que é difícil de te dar um parecer. Talvez o que eu te fale aqui, muito jogador que teve a oportunidade de jogar na Europa e no Brasil vai te dar um parecer completamente diferente, mas aí é devido à equipe de trabalho com que ele trabalhou, é muito difícil eu acentuar para você um diferencial. O que eu posso dizer realmente é que o futebol europeu, do ponto de vista daquilo que eu vivi, é um futebol mais dinâmico (G6).

Em um primeiro momento, observa-se que G6 aceitou a proposta de uma equipe italiana para vivenciar uma situação melhor do que àquela existente em seu clube formador. A fase de pré-transição evidenciou-se principalmente pelo fato de causar ruptura familiar, corroborando Ryba et al. (2016), visto que o participante havia vivenciado todo o período referente às categorias de base e profissional no mesmo clube, próximo aos seus pais.

A fase de aculturação aguda apresentou algumas dificuldades iniciais no que se refere às diferenças climáticas, à distância de sua esposa e filhas, ao idioma e ao estilo de jogo europeu, que se mostrou muito mais dinâmico para G6 do que aquele que vivenciou no Brasil. Essas dificuldades fazem parte deste processo de adaptação e pode levar alguns meses até que o atleta se ajuste, como evidenciam Ryba et al. (2016).

Porém, após conseguir superar as dificuldades encontradas, adaptar-se ao estilo de jogo e consolidar sua titularidade no clube, conseguiu conectar seus próprios valores com os da sociedade de seu novo destino, o que fica evidente no segundo e terceiro discurso, quando o participante destaca que atualmente é fluente em três idiomas, devido às outras transições culturais que vieram a se seguir em sua carreira esportiva, o que corrobora novamente o estudo de Ryba et al. (2016).

Vale ressaltar que na opinião de G6 a distância existente entre o futebol brasileiro e o futebol europeu está diminuindo devido ao maior intercâmbio e globalização de informações. Para o participante, as ideias e estilo de jogo variam de acordo com a comissão técnica que se trabalha.

Neste aspecto, o participante revela abaixo que o treinamento de goleiros na verdade não mudou cronologicamente, mas variou de acordo com os indivíduos com que se relacionou. Para G6, alguns treinadores não querem se atualizar e acreditam em ideais e treinamentos ultrapassados. De acordo com o atleta, os treinadores que se aproximam mais da especificidade do jogo foram aqueles que foram responsáveis por desenvolver melhor o atleta.

Isso varia de treinador para treinador, cada um com sua filosofia e característica, isso é normal. Tem treinador que faz quatro repetições, o que faz dez, o que faz seis. Não é a questão da evolução, é questão de atualização, você pega aqueles treinadores que acreditam numa coisa das antigas e não querem se modernizar. É complicado, porque a evolução existe em qualquer ramo profissional, a gente está num mundo que não se para de evoluir. Eu, hoje, devido a ter trabalhado com treinadores de goleiros de diversas nacionalidades, eu cheguei à conclusão que quanto menos repetições, melhor a qualidade. Porque no jogo você não vai fazer dez bolas, quinze bolas, vinte bolas, é uma situação que acaba comprometendo até o exercício, porque chega na sexta bola, não faz com a mesma eficácia do primeiro, você está cansado, às vezes pode até se lesionar, não vai efetuar o exercício da maneira que você tem que fazer, é melhor fazer quatro perfeitas do que dez, quatro com boas execuções e seis ruins. Eu sempre pensei dessa maneira: menos repetição, mais qualidade (G6).

Este discurso revela que alguns treinadores não se atualizam e preferem acreditar e ministrar treinamentos com uma metodologia ultrapassada. Sabe-se que é necessário que um treinador sempre se atualize, para que suas competências estejam alinhadas com o objetivo e

especificidade do esporte e, principalmente, de cada função dentro deste esporte (GILBERT; CÔTÉ, 2009). É possível associar este relato de G6 com o de G3, quando este último menciona que os treinadores do Brasil não têm uma metodologia de treinamentos unificada. Já foi discutido que seria importante existir um curso de formação de treinadores de goleiros eficiente que tivesse como foco o equilíbrio do ensino das habilidades físicas, técnicas, táticas, a construção e manutenção de um bom ambiente de treinamentos e da relação treinador-atleta. Neste aspecto, é importante considerar o relato de G6 para a especificidade do treinamento e aproximação do mesmo às situações do jogo, para que essa experiência esportiva cumulativa desenvolva os quatro valores pessoais propostos pelo PAF (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

Deste modo, é importante que se tenha um bom investimento para o curso de formação de treinadores no Brasil, com o intuito de otimizar o ambiente de aprendizagem sempre voltado ao equilíbrio no desenvolvimento físico, técnico e tático, como apontam diversos autores na literatura (SCAGLIA; 2005; SCAGLIA et al., 2013; AQUINO et al., 2015).

Os discursos abaixo se referem às mudanças de clubes, do início da transição cultural de G7 e a importância destas para o desenvolvimento de sua carreira esportiva.

Depois da Taça São Paulo, o clube de uma capital de outro estado próximo me contratou, e aí eu fui viver essa experiência lá, fiquei dos meus 20 aos 23, foi onde eu conheci a minha esposa. Aos 23 fui para o meu primeiro clube na Europa, fiquei quatro anos lá. Depois eu fui para o segundo clube no mesmo país, fiquei seis anos lá, e agora estou no Brasil há dois anos aqui [...] Eu sempre avisava minha família: “oh, vou sair de casa cedo”, porque era o caminho que estava tomando, não tinha outra situação, e fui preparando a minha família. Só que quando você muda para uma cidade que é no mesmo país, a família aceita de uma maneira: “legal, bacana, o clube é perto, a gente pode ir ali”. O duro foi quando eu falei que eu ia mudar pra Europa, parece que você vai morrer, você vai no aeroporto, parece que você morreu, você vai entrar na porta ali, acabou, não existe mais. Quando na verdade foi muito bom para tudo, minha esposa nunca tinha saído de casa, a gente começou uma aventura juntos: aprendemos, erramos, da maneira que a gente queria e, lógico, levando família depois, ajeitando, mas como a vida é construída, na base da confiança mesmo, e segurando o tranco, porque é difícil sair do Brasil com 21 anos, com uma esposa com 18, e ir para outro país sem saber falar a língua, sem saber cultura, sem saber nada, fomos de cara aberta e graças a Deus deu tudo certo. Na época era muito difícil de sair daqui, porque a gente sabe que tem número de estrangeiros, e eu tive a sorte de conseguir o passaporte italiano com 21 anos, e isso abriu muito as portas, porque eu tinha condições por parte de família de ter esse passaporte, e aí me ajudou bastante para dar essa saída precoce pra Europa [...]. É outro aspecto que eles trabalham lá, a nível tático, a nível de goleiro mesmo, jogar com os pés, jogar mais adiantado, tem várias situações do jogo. Hoje eu já vejo muita gente aqui no Brasil implantando esse tipo de trabalho, o que na Europa já vem numa época de anos atrás, onde aqui eu encontro treinadores de goleiros tentando fazer

trabalho com os pés, querendo saber mais de como funciona isso, mas eu peguei uma diferença grande de treinamento, inclusive do treinamento normal mesmo, com o time, do gramado, de bola, de velocidade de jogo. Quando eu cheguei lá, na verdade os três primeiros meses na Europa eu pensei que não era goleiro, porque os caras chutavam e a bola passava rápido e eu não conseguia chegar na bola. Porque é muito mais rápido, é diferente, aí até me adaptar e chegar [...] Na Europa, eu não sabia como que jogava, como que era. Em três meses eu achava que não era goleiro. Então tive tempo, seis meses para me adaptar, tive treinadores de goleiros que me ajudaram muito. O treinador de goleiros do meu segundo clube era o mesmo da Seleção Nacional deste time da Europa até hoje, tive muita sorte mesmo dos lugares que eu trabalhei, sempre pegar treinadores de goleiros que me ajudassem em todos os sentidos, então isso foi gratificante. Porque às vezes você vai para um lugar e não se dá bem com treinador de goleiro, ou tem problema de treinamento e acaba rendendo abaixo do esperado, mas assim, eu sou bem grato aos treinadores de goleiros que eu tive [...]. Eu acho que o goleiro com nível de jogo tático da Europa aqui no Brasil, com a técnica brasileira, seria o goleiro perfeito (G7).

Em um primeiro momento, observa-se que a transferência para um clube de outro estado ainda nas categorias de base, que ocorreu após a Taça São Paulo, foi essencial para que o atleta se desenvolvesse até lograr uma vaga para a seleção brasileira olímpica e se consolidar como titular do clube. Essa transição não normativa associada com o rápido desenvolvimento, o fato de assumir a titularidade e o destaque nas competições fez com que recebesse uma proposta de um clube espanhol, reafirmando a influência destes processos para a carreira esportiva de um atleta de elite (ALFERMANN; STAMBULOVA, 2007; STAMBULOVA et al., 2009; STAMBULOVA et al., 2012).

Apesar de G7 relatar que já havia preparado sua família para a possibilidade de uma migração, ficou nítido que a fase de pré-transição ficou marcada pela ruptura e conflito familiar, não apenas no que se refere aos pais, mas no fato de sair do Brasil com sua esposa aos 21 anos de idade. Todos esses aspectos estão em congruência com o que propõe Ryba et al. (2016) nessa fase.

O participante enfatizou que apesar das dificuldades, o fato de ter tido a oportunidade de obter um passaporte italiano auxiliou o processo de entrada no continente europeu. A fase de aculturação aguda ficou evidente quando G7 revelou a dificuldade por não saber falar o idioma, não conhecer a cultura e, principalmente, pela dificuldade nos três primeiros meses no que se refere à adaptação ao estilo de jogo espanhol, que era muito mais dinâmico e veloz do que o brasileiro, corroborando o estudo de Ryba et al. (2016). Para o participante, os seis meses iniciais de adaptação foram fundamentais para a continuidade no país.

Observa-se que a fase de adaptação sociocultural ocorreu de maneira eficiente, já que o participante permaneceu durante quatro anos no mesmo clube e, ao sentir-se confortável e

adaptado às normas culturais e estilo de jogo, transferiu-se para outro clube com maior expressão no mesmo país, mantendo-se mais seis anos nesta nova equipe, o que evidencia a evolução do seu desempenho esportivo e a eficiência de enfrentamento dessa transição. O participante revela que as suas habilidades táticas foram muito refinadas devido à exposição ao treinamento em que foi submetido durante esse período. Os treinadores de goleiros com quem se relacionou durante esse período, desde a sua adaptação inicial até o momento de deixar o país europeu e retornar ao Brasil sempre foram extremamente competentes, sendo que o mesmo enfatizou a facilitação do seu desenvolvimento por meio destas convivências positivas, o que destaca a literatura referente à essa fase e ao relacionamento treinador-atleta para a carreira esportiva de atletas de elite (RYBA et al., 2016). Ainda, G7 destaca que se desenvolveu não apenas no contexto esportivo, mas também no que se refere à sua vida conjugal, no relacionamento com sua esposa e a evolução pessoal, o que está de acordo com os achados de Ryba et al. (2019).

É interessante notar que quatro participantes (G2, G4, G6 e G7) que migraram para a Europa ressaltam a diferença no estilo dos treinamentos e das competições. Além disto, relataram também um ótimo desenvolvimento oriundo dessas novas práticas. Percebe-se que, no cenário nacional, os treinadores demonstram prioridade ao treinamento técnico. Sabe-se que o esporte se manifesta de diferentes formas e diferentes culturas e, assim sendo, observa-se diferentes estilos de jogo em diferentes países. Frente ao exposto, é pertinente associar a relevância do trabalho de Thiengo e Hunger (2014) no que diz respeito a revelar as características do treinamento de goleiros no Brasil e sua evolução com o decorrer do tempo, para que essas diferenças entre os estilos de treinamento sejam compreendidas.

De acordo com Wilson (2012) e Thiengo e Hunger (2014), o Brasil tem desenvolvido goleiros de excelência para o cenário mundial. Talvez seja possível encontrar uma maneira de integrar e aproximar esses diferentes estilos de treinamentos (brasileiro e europeu) para que essa transição inicial, principalmente no que se refere às habilidades táticas, seja facilitada, mas sem que essa identidade nacional seja perdida.

Abaixo se evidencia as convocações de G7 para a seleção brasileira e que a maneira como eram realizados os treinamentos nessas vivências não se diferenciava daqueles dos clubes em que se inseriu. A maior diferença para o participante foi o fato de estar se relacionando com os melhores jogadores do país durante os treinamentos.

Não sei se foram umas 28, 29, 30 (convocações). Porque a gente tem um boné que a gente recebe na seleção com o número de convocações, mas está por

volta disso. A última foi há dois anos [...] O treinamento de goleiros, por mais que mude o treinador, tem as suas semelhanças, no sentido de você fazer um trabalho para ganhar reação, força, várias situações características de goleiro, mas tudo dentro de um contexto que desde a minha época lá no meu clube formador, dos trabalhos que eu vinha aprendendo, então não tinha muita diferença. A diferença maior é porque é a seleção brasileira, e eu peguei vários treinadores de goleiros, mas você está ali com os melhores atletas do país no momento, peguei vários atletas que estavam no ápice da carreira, e eu praticamente um menino chegando para treinar, então só de estar ali a motivação, independente de treinar, saber ou não o que vai treinar, isso já faz você ter uma sensação do que é estar na seleção brasileira (G7).

Os discursos acima permitem uma associação com o que foi discutido em G6, no que se refere à evolução do treinamento de goleiros do Brasil e da associação existente atualmente entre os treinamentos que são realizados nos clubes e na seleção brasileira, diferentemente do que ocorreu no grupo *Autodidatas* e corroborando Thiengo e Hunger (2014). Por fim, destaca-se que o participante G7 permanece na elite esportiva até os dias atuais.

7.4.4. CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE OS ANOS DE MANUTENÇÃO DA ELITE ESPORTIVA DOS TRÊS GRUPOS DE PARTICIPANTES

Em um primeiro momento, o que se observou de maneira similar nos três grupos foi a influência de diversas transições não normativas para a manutenção da elite esportiva dos participantes, sendo as principais: transferências de clubes (G1, G2, G3, G4, G5, G6, G7); transferência cultural, principalmente do Brasil para a Europa (G2, G4, G5, G6, G7); vivências positivas na seleção brasileira (G1, G2, G3, G4, G5, G6, G7); lesões (G2, G3); relacionamento positivo com diferentes treinadores e parceiros (G1, G2, G3, G4, G5, G6, G7).

Em um segundo momento é pertinente dividir características peculiares dessas transições nos três grupos e até mesmo individualmente. Para o grupo *Autodidatas*, referentes às mudanças de clubes, percebe-se que essas foram essenciais para que superassem uma transição juniores-sênior crítica (G1), por assumir a titularidade e superar dificuldades estruturais em um clube de menor expressão e pelo envolvimento com parceiros de uma mesma geração, que tinham mais afetividade entre si; ou para aumentar a exposição e responsabilidade ao se transferir para um clube de grande expressão com o objetivo de assumir a titularidade da seleção brasileira em um grande evento esportivo (G2). As vivências com a seleção brasileira foram responsáveis por aumentar o contato com uma pessoa especializada no treinamento de goleiros, o que influenciou positivamente o rendimento, principalmente técnico dos participantes (G1, G2). A migração para a Europa ocorreu apenas em G2, mas foi responsável

para desenvolver e refinar suas habilidades táticas, sendo possível observar que essa transição ocorreu de maneira bem-sucedida e facilitada. Ao retornar ao Brasil, permaneceu mais três anos como titular da seleção brasileira, atuando ainda em diversos clubes, o que evidencia a grande evolução de sua carreira esportiva advinda dessa migração.

Para o grupo *Pioneiros no Treinamento Específico*, observa-se uma singularidade entre os participantes quanto à transição cultural: G3 mudou de um clube do interior para o da capital, permanecendo nesta em grande parte de sua vida, sendo este tempo dividido entre dois clubes de grande expressão do cenário nacional durante a carreira esportiva e no pós carreira; G4 migrou para a Europa após um ciclo de quatro anos em seu clube formador, passando por alguns períodos críticos, referentes às normas do sistema esportivo italiano no seu último ano de contrato com um dos clubes deste país (adaptação sociocultural). Entretanto, conseguiu construir recursos e superou essa fase, transferindo-se para outro clube do mesmo país e cidade europeia. Após esses quatro anos, retornou ao Brasil, onde permaneceu por mais quatro anos e por uma segunda vez mudou-se para outro país europeu, sendo grande parte de sua carreira construída neste continente e evidenciando o sucesso dessas migrações; já G5 permaneceu em seu clube formador por mais de 15 anos de sua carreira esportiva e a migração para a Europa ocorreu em um curto período de tempo, quando o mesmo já estava praticamente encerrando sua carreira esportiva. No que se refere às mudanças de clubes no Brasil, observa-se que para G3 e G4 isso significou uma grande evolução na carreira, seja por destaque nas competições ou para manter a vaga na seleção brasileira, enquanto para G5 essas transferências, apesar de serem importantes para que ele permanecesse na elite esportiva, já ocorreram em um momento que o participante não estava mais em seu ápice. Quanto às vivências na seleção brasileira, existe uma diferença entre o grupo *Autodidatas* e o *Pioneiros no Treinamento Específico*: para o primeiro era uma oportunidade de estar inserido em um treinamento de goleiros específico com uma pessoa especializada, o que era ainda raro existir nos clubes; o segundo grupo já vivenciou o treinamento de goleiros em seus respectivos clubes, e na seleção essas vivências pareceram ter sido similares às sessões executadas nas equipes, de modo que a função do treinador de goleiros era realizar uma manutenção eficiente no rendimento dos atletas, adaptando-os a um novo estilo de treinamento de maneira rápida.

Para o grupo *Goleiros da Era da Globalização*, a transição cultural foi um fator crucial para o desenvolvimento da carreira esportiva, sendo que tanto para G6 quanto para G7, a maior parte da carreira esportiva foi construída no continente europeu, incluindo as mudanças de clubes. Ambos tiveram dificuldade de adaptação inicial, mas conseguiram supera-las, desenvolvendo e refinando habilidades esportivas e pessoais, ao se envolverem em um futebol

mais dinâmico e tático, além da aprendizagem de novos idiomas e reorganizações de estilo de vida, o que evidenciou uma grande evolução em suas carreiras esportivas, a manutenção da elite e convocações para a seleção brasileira. Quanto às vivências na seleção brasileira, observa-se a similaridade do que foi exposto pelo grupo *Pioneiros no Treinamento Específico* e o atual, de modo que os treinadores de goleiros eram responsáveis por realizar a manutenção de rendimento, sendo que apenas em grandes eventos esportivos o treinamento era similar ao que era realizado nos clubes. As grandes vivências relatadas por G6 e G7 se deram pelos relacionamentos positivos com os outros parceiros de seleção, dessa convivência e dessa experiência para motiva-los e manterem ambos engajados na elite esportiva.

Por fim, o relacionamento treinador-atleta se mostrou essencial para todos os participantes do estudo, influenciando diretamente o rendimento e o desenvolvimento de valores pessoais dos mesmos. Percebe-se que na maioria das vezes a qualidade existente nessa relação foi responsável pela evolução, recuperação e manutenção da carreira esportiva dos atletas. Quando essas se apresentaram de maneira negativa, os participantes relataram dificuldades para superar barreiras em diferentes transições e momentos no esporte (JOWETT; COCKERILL, 2003; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; VELLA et al., 2013; GALATTI et al., 2015; FOLLE et al., 2016).

O relacionamento entre parceiros também pareceu ser relevante para manter um ambiente que diminuísse o estresse, por meio de conexões afetivas dentro e fora do contexto esportivo, baseada na maioria das vezes em respeito mútuo e comportamentos prós sociais. Quanto a participação e influência dos pais, apenas alguns participantes mencionaram esse tema durante os anos de manutenção, mas é importante notar que quando foram mencionados, os familiares foram fundamentais por não interferir, opinar ou criticar sobre o rendimento esportivo dos atletas, mantendo um ambiente positivo e com pouco estresse e pressão. Todos esses relacionamentos pareceram estar fortemente correlacionados ao PYD e à liderança transformacional e corroboram a literatura no entorno do tema (FRASER-THOMAS; CÔTÉ; DEAKIN, 2005; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou investigar como se deu o desenvolvimento da carreira esportiva de goleiros que atuam ou já atuaram na seleção brasileira masculina de futebol e se houve marcos importantes em certos períodos da carreira do atleta responsáveis para se atingir e manter o alto rendimento. Os objetivos foram investigar e descrever a carreira desses atletas a partir da perspectiva dos próprios jogadores, detalhando o processo de desenvolvimento, as transições durante a carreira e a manutenção da elite em goleiros da seleção brasileira masculina de futebol de maneira intergeracional.

Para responder ao problema e atingir os objetivos da pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com sete goleiros que vivenciaram a elite esportiva em diferentes períodos. Como metodologia qualitativa para este estudo foram utilizadas: a análise retrospectiva proposta por Côté et al. (2005) para a construção do roteiro de entrevistas; análise temática reflexiva de Braun e Clarke (2019) para a análise e produção dos dados.

Em um primeiro momento, é pertinente mencionar que os três grupos de participantes estiveram envolvidos com uma alta quantidade de jogo deliberado por meio de brincadeiras relacionadas ao futebol em diferentes contextos (rua, campos de várzea, no intervalo das aulas nas escolas) nos anos de experimentação, além de uma diversificação inicial de vivências entre modalidades esportivas ou dentro de um mesmo esporte, variando suas participações por meio do envolvimento em diferentes funções. A exceção foi G6, que vivenciou esse estágio por um período mais curto (dos seis aos nove anos de idade), antes de se especializar precocemente em dois esportes. Porém, foi nítido que o desenvolvimento de habilidades esportivas e valores pessoais foi extremamente estimulado durante esse período em todos os participantes, sendo que foi possível transferi-las para o esporte principal em estágios posteriores. Os familiares apresentaram uma função de incentivadores e ficou nítido nos relatos que estes agentes foram grandes motivadores e participaram ativamente deste estágio.

Em um segundo momento, a transição dos anos de experimentação para a especialização esportiva mostrou-se como um processo individual, mas com algumas características similares entre os participantes. De uma maneira geral, observa-se que a ocorrência ou não dessa transição dependeu de diversos fatores além daqueles descritos em modelos descritivos como o DMSP, entre eles: a dificuldade de acesso para especializar-se em outras modalidades esportivas; oportunidades de ser observado em competições e/ou incluído em um processo de avaliação em um clube de futebol, seja pelo bom relacionamento com treinadores ou pela indicação dos mesmos; pelos recursos próprios e superação de barreiras. No grupo *Autodidatas*,

enquanto G1 iniciou a especialização como goleiro de futebol de salão por não ter sobrepeso e não ter habilidades com os pés, G2 iniciou-se no futebol de campo como zagueiro na categoria sub-11, tornando-se goleiro por não existir concorrência e também por não apresentar boas habilidades com os pés para atuar em outra função, mas não vivenciou esse período, já que as vivências em outras modalidades esportivas e a quantidade de jogo deliberado era muito maior comparada à prática deliberada nessa função.

Em um terceiro momento, percebe-se que a transição para os anos de investimento e a duração deste período apresentaram características singulares a cada participante do estudo. De uma maneira geral, as transições entre categorias e principalmente dos juniores para o profissional ocorreram em momentos diferentes, desde a categoria sub-17 até a sub-20 e foram dependentes: do nível de rendimento e desenvolvimento dos atletas; do bom relacionamento com treinadores; do apoio do clube; dos recursos construídos pelos próprios atletas, que perceberam as demandas das transições e conseguiram superar as barreiras impostas por cada uma delas; das vivências e do prestígio com a seleção brasileira amadora e profissional; da influência dos relacionamentos com pais e parceiros, os primeiros no que se refere à construção de um ambiente de apoio responsável por aliviar o estresse da alta quantidade de prática deliberada e, o último, no que se refere à afetividade, respeito mútuo e aproximação de relações entre as categorias de base e os jogadores profissionais.

Em um quarto momento, a transição para os anos de manutenção da elite esportiva, que foi balizada a partir da primeira convocação para um grande evento esportivo com a seleção brasileira, ocorreu também de maneira distinta entre os participantes. A transferência para outros clubes (G1, G2, G3, G4, G5, G6, G7), principalmente a transição cultural e migração para a Europa se mostraram fatores importantes para que os participantes lograssem consecutivas convocações com a seleção brasileira, além de terem sido responsáveis um grande desenvolvimento esportivo e pessoal (G2, G4, G6, G7). Apenas G5 parece não ter conseguido se adaptar a essa mudança, que veio a ocorrer no final de sua carreira esportiva. Enquanto o grupo *Autodidatas* relatou que as vivências com o treinamento de goleiros na seleção brasileira foram importantes para o desenvolvimento, os grupos *Pioneiros no Treinamento Específico* e *Goleiros da Era da Globalização* destacaram que este treinamento não era diferente àqueles realizados pelas suas equipes, existindo apenas uma manutenção do rendimento dos atletas durante esses períodos de convocações. O relacionamento treinador-atleta se mostrou imprescindível para a manutenção da elite esportiva dos atletas dos três grupos, seja no contexto esportivo ou em outras esferas da vida.

No que se refere ao treinamento de goleiros específico, sabe-se que o Brasil tem desenvolvido goleiros com nível de elite que são reconhecidos no cenário mundial. Entretanto, foi possível perceber uma tendência tecnicista no processo de desenvolvimento da carreira esportiva dos participantes. Faz-se pertinente encontrar uma maneira de integrar os conhecimentos pré-estabelecidos no cenário nacional no que se refere ao desenvolvimento de gestos técnicos, integrando-os e aproximando-os de um método que privilegie o desenvolvimento do nível tático, com uma sistematização que priorize a melhor compreensão do jogo e, conseqüentemente, a solução de problemas relacionados a este de maneira eficiente.

Alguns fatores que ocorreram fora do contexto esportivo e que foram específicos para cada participante foram cruciais para o desenvolvimento da carreira esportiva dos mesmos, revelando que na verdade existiram diversas possibilidades de caminhos para lograr e manter a elite esportiva além daqueles apontados pelo DMSP.

Logo, o PAF se revelou como uma abordagem relacional importante, que foi essencial para enfatizar a importância da experiência esportiva construída com o decorrer dos anos para desenvolver os valores pessoais dos participantes. Esse desenvolvimento ocorreu pelo engajamento pessoal, pela qualidade do ambiente organizacional e pelos relacionamentos interpessoais (pais, parceiros, treinadores), principalmente por meio da relação treinador-atleta, que se mostrou essencial durante todos os períodos da carreira esportiva dos participantes. Porém, é importante mencionar que as configurações apropriadas dessa literatura apenas atendem o período referente aos anos de experimentação.

Ainda, constata-se a relevância das competições para a evolução da carreira esportiva de todos os participantes do estudo. O ótimo desempenho e o conseqüente sucesso em copas, campeonatos e ligas no cenário nacional e internacional se mostraram fatores importantes para o desenvolvimento esportivo e a manutenção do nível de elite.

Para complementar, o Modelo de Transição de Carreira Esportiva e o Modelo de Transição Cultural apresentaram grande importância para destacar e detalhar como cada participante lidou com as demandas, recursos e barreiras de cada transição, especialmente a transição juniores-sênior e a transição cultural pela migração para a Europa, que se apresentaram como duas das mais cruciais para as carreiras esportivas dos três grupos deste estudo. Além destas, a discussão sobre as lesões, mudanças de clubes, mudança de treinadores e de estilo de vida também complementaram essas lacunas deixadas por modelos descritivos no contexto referente ao futebol brasileiro e revelaram o caminho tortuoso rumo à elite esportiva por parte dos participantes.

Neste sentido, as quatro principais conclusões deste estudo são: muitas características do DMSP não são coerentes com os resultados deste estudo e, deste modo, pode-se sugerir que o mesmo não apresenta congruência com o contexto brasileiro; o DMSP não é suficiente para analisar a complexidade de fatores que influenciam o desenvolvimento da carreira esportiva. Outras abordagens, como o PAF, o Modelo de Transição de Carreira Esportiva e o Modelo de Transição Cultural são ferramentas essenciais para sustentarem as lacunas deixadas pelo primeiro modelo; há diferenças sensíveis entre as formas de desenvolvimento de carreira entre os três grupos, o que pode estar relacionado com a integração de fatores históricos, sociais e de organização do sistema esportivo no cenário nacional; o grupo *Goleiros da Era da Globalização* relaciona-se de forma mais íntima com o profissionalismo e também com o treinamento específico em comparação aos outros dois; há uma predominância de tecnicismo para fundamentar os treinamentos, inclusive deste último grupo de goleiros e, deste modo, é interessante que se invista no curso de formação de treinadores, com o intuito de aproximar o desenvolvimento técnico do desenvolvimento tático, pautado em uma metodologia que encoraje a melhor compreensão do jogo e a capacidade de solucionar problemas relacionados a este. Destaca-se a necessidade de melhorar este aspecto na sistematização do treinamento por parte dos treinadores e, consequentemente, o seu próprio processo de formação.

No que se refere às aplicações práticas deste estudo, é importante três fatores. Primeiramente, a necessidade de priorizar, ressignificar e resgatar o jogo deliberado envolvendo o futebol em diversos contextos durante os primeiros anos da infância e adolescência, com o intuito de melhorar o desenvolvimento físico, cognitivo e pessoal, já que todos os goleiros deste estudo vivenciaram estas atividades e destacaram a relevância destas para suas respectivas carreiras esportivas. Ainda, foi observado que o último grupo de goleiros vivenciou em menor quantidade e qualidade este tipo de atividade em relação às outras duas gerações do estudo, o que enfatiza essa necessidade.

Em segundo, a necessidade de se aprimorar os cursos de formação de treinadores de futebol e de treinadores de goleiros no cenário nacional, para que exista uma melhor integração dentro de uma comissão técnica, de modo que o desenvolvimento das habilidades táticas, técnicas e físicas sejam otimizadas igualmente, sempre com o intuito de aproximar e integrar o goleiro com o restante do time. Ainda, a relevância destes agentes para a carreira esportiva dos atletas ficou evidente neste estudo não apenas no que se refere ao desempenho, mas pelo auxílio desenvolvimento pessoal e alívio do ambiente de estresse ocasionado pelo alto rendimento. Deste modo, é pertinente que os treinadores e atletas sejam acompanhados por psicólogos do

esporte, com o intuito de melhorar o relacionamento diário e também estejam preocupados com o ser humano com quem está vivenciando as rotinas de treinamento.

Em terceiro, a necessidade de evolução da gestão esportiva, principalmente quanto aos dirigentes dos clubes, que dificultam o processo de transição das categorias de base para o elenco profissional, observada neste estudo principalmente pela falta de confiança nos atletas promissores, seja pela preferência em contratar atletas renomados, ou pressionar os jovens para obter resultados imediatos.

Esse estudo apresentou algumas limitações. Primeiramente, por ser um estudo que investigou e descreveu o desenvolvimento da carreira por meio da própria perspectiva dos participantes, ficaram explícitas apenas as características relatadas pelos mesmos, já que não era o intuito deste estudo entrevistar outros agentes esportivos envolvidos em seus caminhos. Em segundo, não foi possível realizar uma segunda entrevista com os participantes para esclarecer alguns aspectos relatados superficialmente, devido à dificuldade de acesso aos goleiros que atuam ou atuaram na seleção brasileira masculina de futebol.

Portanto, é importante destacar que as lacunas existentes no presente trabalho revelam a necessidade de novas pesquisas sobre o desenvolvimento da carreira esportiva de atletas de elite que considerem também aspectos como a dupla carreira, a transição para o encerramento da carreira, que esclareçam o contexto cultural, a organização do sistema esportivo, as normas, tradições e especificidades do esporte em que o estudo está inserido.

9. REFERÊNCIAS

ABERNETHY, B., CÔTÉ, J., & BAKER, J. Expert decision making in team sport. **Report to the Australian Sports Commission**. Brisbane, Austrália: University of Queensland, 2002.

ALFERMANN, D., & STAMBULOVA, N. Career transitions and career termination. In G. Tenenbaum & R.C. Eklund (Eds.), **Handbook of sport psychology**, 3 ed., p.712-736. New York: Wiley, 2007.

AQUINO, R, MARQUES, R., GONÇALVES, L., VIEIRA, L., BEDO, B., MORAES, C., MENEZES, R., SANTIAGO, P., PUGGINA, E. Proposta de sistematização de ensino do futebol baseada em jogos: desenvolvimento do conhecimento tático em jogadores com 10 e 11 anos de idade. **Motricidade**, v. 11, n. 2, p. 115-128, 2015.

BAKER, J., CÔTÉ, J. Shifting training requirements during athlete development. The relationship among deliberate practice, deliberate play and other sport involvement in the acquisition of sport expertise. In. **D. Hackfort & G. Tenenbaum** (Eds). *Essential processes for attaining peak performance*. Germany: Meyer and Meyer, p. 92-109, 2006.

BAKER, J., CÔTÉ, J., ABERNETHY, B. Sport-specific practice and the development of expert decision-making in team ball sports. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 15, n. 1, p. 12–25, 2003 (a).

BAKER, J., CÔTÉ, J., ABERNETHY, B. Learning from the experts: Practice activities of expert decision makers in sport. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 74, n. 3, p. 342–347, 2003 (b).

BAKER, J., CÔTÉ, J., DEAKIN, J. Expertise in ultra-endurance triathletes: Early sport involvement, training structure, and the theory of deliberate practice. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 17, n. 1, p. 64-78, 2005.

BAKER, J.; YOUNG, B. 20 years later: Deliberate practice and the development of expertise in sport. **International Review of Sport & Exercise Psychology**, v, 7, n. 1, p. 135-157, 2014.

BARREIROS, A., CÔTÉ, J., FONSECA, A. From early to adult sport success. Analysing athletes' progression in national squads. **European Journal of Sport Science**, p. 178-182, 2012.

BENELI, L., GALATTI, L., MONTAGNER, P. Analysis of social-sportive characteristics of Brazil women's national basketball team players. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 26, n. 1, p. 133-137, 2017.

BENEVIDES, M. Peter Schmeichel: o grande dinamarquês da Premiere League. **Futebol na Veia**, 2020. Disponível em: <https://www.futebolnaveia.com.br/peter-schmeichel-o-grande-dinamarques-da-premier-league/>. Acesso em outubro de 2020.

BENSON, P. All kids are our kids: What communities must do to raise caring and responsible children and adolescents. **Joosey-Bass**, 1997.

BENTO, J. **Desporto: discurso e substância**. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física/UNICAMP – Centro de Estudos Avançados – Coleção CEAv Esporte, 328 p, 2013.

BERRY, J., ABERNETHY, B., & CÔTÉ, J. The contribution of structured activity and deliberate play to the development of expert perceptual and decision-making skill. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 30, p. 685–708, 2008.

BETTEGA, O., MACHADO, J., SCAGLIA, A., FILHO, C., GALATTI, L. Formar o treinador e o jogador nas categorias de base do futebol: engendrando na interação e/ou na especificidade? **Movimento**, v. 25, n. 1, p. 1-13, 2019.

BLOOM, B.S. **Developing talent in young people**. New York: Ballantine, 1985.

BONI, V., QUARESMA, J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 3, p. 68-80, 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRANDÃO, M., VIEIRA, L. Athletes' careers in Brazil: research and application in the land of ginga. In *Athletes' Careers Across Cultures*, eds N. Stambulova and T. V. Ryba (London: **Routledge**), p. 43–52, 2013.

BRASIL, Diesporte. **Diagnóstico nacional do esporte**, 2013. Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/diesporte/2.html>. Acesso em outubro de 2020.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative research in psychology**, Philadelphia, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Thematic Analysis. **APA Handbook of Research Methods in Psychology**, v. 2, n. 1, p. 57-71, 2012.

BRAUN, V.; CLARKE, V. What can “thematic analysis” offer health and wellbeing researchers? **International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-Being**. New York, v. 9, n. 1, p. 1-2, 2014.

BRAUN, V.; CLARKE, V. Reflecting on reflexive thematic analysis. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, v. 11, n. 4, p. 589-597, 2019.

BRAUN, V. CLARKE, V. WEATE, P. Using Thematic Analysis In Sport And Exercise Research. In **Routledge Handbook of Qualitative Research in Sport and Exercise** (Routledge), 2016.

BRENNER, J.; Sports Specialization and Intensive Training in Young Athletes. **Pediatrics**; v. 138, n. 3, p. 1-8, 2016.

BRONFENBRENNER, U. Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. In S. L. Friedman & T. D. Wachs (Eds.), **Measuring environment across the life span**, Washington, DC: American Psychological Association, p. 3–28, 1999.

BRUNER, M., BOARDLEY, I., CÔTÉ, J. Social identity and prosocial and antisocial behaviour in youth sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 15, n.1, p. 56-64, 2013.

BRUNER, M., EYS, M., WILSON, K., CÔTÉ, J. Group Cohesion and Positive Youth Development in Team Sport Athletes. **Sport, Exercise, and Performance Psychology**, v. 3, n. 4, p. 219, 2014.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sports. **The Sports Psychologist**, v. 13, n. 4, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ, J., ABERNETHY, B. A developmental approach to sport expertise. In S. Murphy (Ed.), **The Oxford handbook of sport and performance psychology**, p. 435-447, 2012.

CÔTÉ, J., ERICKSON, K. Diversification and deliberate play during the sampling years. In J. Baker & D. Farrow (Eds.), **The Routledge Handbook of Sport Expertise**, p. 305-316, 2014.

CÔTÉ, J., FRASER-THOMAS, J. Youth involvement in sport. In P. Crocker (Ed.), **Sport psychology: A Canadian perspective**, p. 270-298, 2007.

CÔTÉ, J., BAKER, J., & ABERNETHY, B. Stages of sport participation of expert decision-makers in team ball sports. In A. Papaioannou, M. Goudas, & Y. Theodorakis (Eds.), In the dawn of the new millennium. **Program and proceedings of the 10th world congress of sport psychology**, v. 3, p. 150-152, 2001.

CÔTÉ, J., BAKER, J., ABERNETHY, B. From play to practice: A developmental framework for the acquisition of expertise in team sports. **Human Kinetics**, Champaign, IL, p. 89-110, 2003.

CÔTÉ, J., BAKER, J., ABERNETHY, B. Practice and play in the development of sport expertise. **Handbook of sport psychology**. New York: Wiley, v. 13, n. 2, p. 184–202, 2007.

CÔTÉ, J., ERICKSON, K., & ABERNETHY, B. ‘Practice and play in sport development’, in J. Côté & R. Lidor (eds) Condition of children’s talent development in sport, Morgantown, WV: **Fitness Information Technology**, p. 9–20, 2013.

CÔTÉ, J., ERICKSON, K.A., LAW, M.P. Tracing the development of elite athletes using retrospective interview methods: A proposed interview and validation procedure for reported information. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 17, n. 1, p. 1-19, 2005.

CÔTÉ, J., HANCOCK, D.: Evidence-based policies for youth sport, **International Journal of Sport Policy**, v. 8, n. 1, p. 1-15, 2014.

CÔTÉ, J., HAY, J. Children's involvement in sport: A developmental perspective. In: J. M. Silva III & D. E. Stevens (Eds.) **Physiological foundations of sport**, Allyn & Bacon, p. 484-502, 2002.

CÔTÉ, J., HORTON, S., MACDONALD, D., & WILKES, S. 'The benefits of sampling sports during childhood', **Physical and Health Education Journal**, v. 74, n.4, p. 6-11, 2009.

CÔTÉ, J., LIDOR, R., & HACKFORT, D. To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n. 1, p. 7-17, 2009.

CÔTÉ, J., MACDONALD, D., BAKER, J., ABERNETHY, B. When "where" is more important than "when": Birthplace and birthdate effects on the achievement of sporting expertise. **Journal of Sport Sciences**, v. 24, n. 10, p. 1065-1073, 2006.

CÔTÉ, J., STRACHAN, L., & FRASER-THOMAS, J. Participation, personal development, and performance through sport. In N. L. Holt (Ed.), **Positive Youth Development through Sport**, London: Routledge, p. 34-45, 2008.

CÔTÉ, J., TURNNIDGE, J., EVANS, B. The dynamic process of development through sport. **Kinesiologia Slovenica**, v. 20, n. 3, p. 14-26, 2014.

CÔTÉ, J., VIERIMAA, M. The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. Queen's University, **School of Kinesiology and Health Studies**, v. 28, n. 1, p. 63-69, 2014.

DOMINGUES, A. **Goleiro 100 segredos**. Verbo. Curitiba, 1997.

ERICKSON, K., CÔTÉ, J., TURNNIDGE, J., ALLAN, V., VIERIMAA, M. Play during childhood and the development of expertise in sport. In: **The Science of Expertise: Behavioral, Neural, and Genetic Approaches to Complex Skills**. Routledge, p. 1-18, 2017.

ERICSSON, K., KRAMPE, R., TESCH-RÔMER, C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological Review**, v. 100, n. 3, p. 363-406, 1993.

ESPN. IFFHS eleger Buffon o melhor goleiro do século XXI e coloca Dida e Júlio César no top 10. **ESPN**, 2013. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/301811_ESPN. Acesso em outubro de 2020.

FAZEKAS, Z. 'Magical Magyars' goalkeeper Gyula Grosics dies aged 88. **Yahoo News**, 2014. <https://news.yahoo.com/magical-magyars-goalkeeper-gyula-grosics-dies-aged-88-122454867-sow.html>. Acesso em outubro de 2020.

FLICK, U. Introdução à Pesquisa Qualitativa. 3ª Edição. **Artmed**, 2009.

FRASER-THOMAS, J., CÔTÉ, J., DEAKIN, J. Youth sport programs: An avenue to foster positive youth development. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 10, n. 1, p. 19-40, 2005.

FRASER-THOMAS, J., COTÉ, J., DEAKIN, J. Examining adolescent sport dropout and prolonged engagement from a developmental perspective. **Journal of Apply Sport Psychology**, v. 20, n. 3, p. 318-333, 2008.

FRASER-THOMAS, J., COTÉ, J., DEAKIN, J. Understanding adolescents' positive and negative developmental experiences in sport. **Sports Psychology**, v. 23, n. 1, p. 3-23. 2009.

FREDRICKS, J. A., & ECCLES, J. S. Parental influences on youth involvement in sports. In M.R. Weiss (Ed.), *Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective*, Morgantown, WV: **Fitness Information Technology**, p. 145-164, 2004.

GALATTI, L., CÔTÉ, J., REVERDITO, R., ALLAN, V., SEOANE, A., PAES, R. Fostering Elite Athlete Development and Recreational Sport Participation: a Successful Club Environment. **Motricidade**, v. 12, n. 3, p. 20-31, 2016.

GALATTI, L., MARQUES, R., BARROS, C., SEOANE, A., PAES, R. Excellence in women basketball: sport career development of World champions and Olympic medalists Brazilian athletes. **Revista de Psicologia del Deporte/Journal of Sport Psychology** v. 28, n. 1, p. 17.23, 2019.

GALATTI, L., PAES, R., MACHADO, G., GONÇALVES, C., SEOANE, A. Determinantes de excelência no basquetebol feminino: as conquistas da seleção brasileira na perspectiva das atletas. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 26, n. 4, p. 621-632, 2015.

GALLO, C., ZAMAI, C., VENDITE, L., LIBARDI, C. Análise Das Ações Defensivas e Ofensivas, e Perfil Metabólico da Atividade do Goleiro de Futebol Profissional. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**, v. 8, n. 1, p. 16-37, 2010.

GARGANTA, J. A Propósito do Desenvolvimento, da Identificação e da Atualização do Talento para Treinar e Jogar Futebol. In **Jogos Desportivos: Formação e Investigação**, p. 463-484. Florianópolis, UDESC, 2013.

GILBERT, W., CÔTÉ, J. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, p. 307–323, 2009.

GOULD, D., TUFFEY, S., UDRY, E., LOEHR, J. Burnout in competitive junior tennis players: II. Qualitative analysis. **The Sport Psychologist**, v. 10, n. 4, p. 322-340, 1996.

HACKET, R. Sam Bartram: eternal showman. **ESPN**, 2012. Disponível em: https://www.espn.com/soccer/columns/story/_/id/1025378/the-mavericks:-sam-bartram. Acesso em outubro de 2020.

HILL, G. Youth Participation of Professional Baseball Players. **Sociology of Sport Journal**, v. 10, n. 1, p. 107-114, 1993.

HORN, T., HARRIS, A. Perceived competence in young athletes: **Research findings and recommendations for coaches and parents**. In F. L. Smoll & R. E. Smith (Eds.), *Children and youth in sport: A biopsychosocial perspective*, 2 ed., p. 435-464. Dubuque, IA: Kendall-Hunt, 2002.

IMORTAIS DO FUTEBOL. Craque imortal – Oliver Kahn. **Imortais do futebol**, 2012. Disponível em: <https://www.imortaisdofutebol.com/2012/09/04/craque-imortal-oliver-kahn/>. Acesso em outubro de 2020.

JOWETT, S., COCKERILL, I. Olympic medallists' perspective of the athlete–coach relationship. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 4, n. 4, p. 313–331, 2003.

KIRK, D. Physical education, youth sport and lifelong participation: The importance of early learning experiences. **European Physical Education Review**, v. 11, n. 3, p. 239-255, 2005.

LAKATOS, MARIA, E., MARCONI, M. **Técnicas de pesquisa**. 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 1996.

LARSEN, C., HENRIKSEN, K., ALFERMANN, D., CHRISTENSEN, M. Preparing Footballers for the Next Step: An Intervention Program from an Ecological Perspective. **The Sports Psychologist**, v. 28, n. 1, p. 91-102, 2014.

LARSON, R. Toward A Psychology of Positive Youth Development. **American Psychologist**, v. 55, p. 170-183, 2000.

LAW, M., CÔTÉ, J., ERICSSON, K. The development of expertise in rhythmic gymnastics. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 5, n. 1, p. 82-103, 2007.

LERNER, R., FISHER, C., WEINBERG, R. Toward a science for and of the people: Promoting civil society through the application of developmental Science. **Child Development**, v. 71, n. 1, p. 11-20, 2000.

MACPHAIL, A., KIRK, D. Young people's socialization into sport: Experiencing the specializing phase. **Leisure Studies**, v. 25, n. 1, p. 57-74, 2006.

MANGEROTTI, P. O Gol. **Edwin Van der Sar: o holandês voador**. Disponível em: <https://www.ogol.com.br/text.php?id=11916>. Acesso em outubro de 2020.

MARTINS, E., SCAGLIA, A., CHIMINAZZO, J. **Nova Tendência Em Treinamento De Goleiro: Um Estudo De Caso Com O Paulínia Futebol Clube**, Metrocamp, Campinas, 2007.

MENEZES, R., MARQUES, R., NUNOMURA, M. "Especialização esportiva precoce e o ensino dos jogos coletivos de invasão". **Movimento**, v. 20, n. 1, p. 351-373, 2014.

MINAYO, M. O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde. 2^a edição. São Paulo/Rio de Janeiro: **Hucitec-Abrasco**, 1993.

MINAYO, M., DESLANDES, S., NETO, O., GOMES, R. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2002.

MINAYO, M. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade, **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MODOLO, F., MENEZES, R. Características técnico-táticas dos goleiros de handebol da categoria sub-16: opinião de treinadores brasileiros. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 19, n. 1, 206-221, 2019.

MONSAAS, J. A. Learning to be a world-class tennis player. In B. S. Bloom (Ed.), *Developing talent in young people*, New York: **Ballantine**, p. 211-269, 1985.

NRCIM (*National Research Council and Institute of Medicine*). Community programs to promote youth development. Washington, IX. **National Academy Press**, 2002.

PIOTTO, D. Igual, Interlocutor Ou Amigo? Uma Discussão Sobre A Relação pesquisador-Pesquisado Na Utilização De Entrevistas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 6, n. 1, p. 101-110, 2011.

RAMOS, C. Sepp Maier: o precursor da grande escola de goleiros alemã. **O Gol**, 2020. Disponível em: <https://www.ogol.com.br/text.php?id=11680>. Acesso em outubro de 2020.

QUEIROZ, R.M. **Profissão goleiro: da iniciação ao alto rendimento**. São Paulo: Phorte, 2012.

RYBA T., STAMBULOVA, N. *Athletes' careers across cultures*. London, UK: **Routledge**, 288p., 2013.

RYBA, T., STAMBULOVA, N., RONKAINEN, N. The Work of Cultural Transition: An Emerging Model. **Frontiers in Psychology**, v. 7, n. 1, p. 1-13, 2016.

RYBA, T., SCHINKE, R., STAMBULOVA, N., ELBE, A. ISSP position stand: Transnationalism, mobility, and acculturation in and through sport, **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 16, n. 5, p. 520-534, 2018.

RYBA, T., STAMBULOVA, N., RONKAINEN, N. Transnational Career and Cultural Transition. In book: *The Routledge international encyclopedia of sport and exercise psychology*. **Routledge**, p. 1-11, 2019.

SALMELA, J. Phases and transitions across sports career. In D. Hackfort (Ed.), **Psycho-social issues and interventions in elite sport**, p. 11–28, 1994.

SENAS, G. Rafael do Galo: “posso contar com os dedos os trabalhos feitos para jogar com os pés”. **O Tempo**, 2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/superfc/atletico/rafael-do-galo-posso-contar-no-dedo-os-trabalhos-feitos-para-jogar-com-os-pes-1.2345081>. Acesso em outubro de 2020.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes**. 2003. 164 p. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SCAGLIA, A., FABIANI, D., GODOY, L. Dos jogos tradicionais às técnicas corporais: um estudo a partir das relações entre jogo e cultura lúdica. **Corpoconsciência**, v. 24, n. 2, p. 187-207, 2020.

SCAGLIA, A., REVERDITO, R., LEONARDO, L., LIZANA, C. O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. **Movimento**, v. 19, n. 4, p. 227-249, 2013.

SCAGLIA, A., REVERDITO, R., GALATTI, L. **A contribuição da pedagogia do esporte ao ensino do esporte na escola: tensões e reflexões metodológicas**. In Legados do Esporte Brasileiro. Florianópolis, UDESC, p. 45-86, 2014.

SMOOL, F., SMITH, R. **Coaching behaviour research and intervention in youth sports**. In F.L. Smool & R. E. Smith (Eds.), *Children and youth in sport: A biopsychosocial perspective*, Kendal Hunt, p. 211-233, 2002.

SOBERLAK, P., & CÔTÉ, J. The developmental activities of elite ice hockey players. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 15, n. 1, p. 41-49, 2003.

SOUSA, V. Casillas, San Iker. **O Gol**, 2020. Disponível em: <https://www.ogol.com.br/text.php?id=11892>. Acesso em outubro de 2020.

SOUZA, I., MARQUES, R. Percepção de treinadores de goleiros de futebol sobre procedimentos adotados na formação de atletas. (Monografia) – USP. Ribeirão Preto, 72 p., 2013.

SOUZA, I., VICENTINI, L. MARQUES, R. SOUZA, I. VICENTINI, L., MARQUES, R. The multiple sides of sports participation: some recommendations of Jean Côté and collaborators. **Quaderns de Psicologia**, no prelo.

SOUZA, I., VICENTINI, L., MARQUES, R. The relative age effect on the development of soccer goalkeepers in brazil: men and women elite scenarios. **International Journal of Physical Education**, v. 31, n. 1, p. 1-13, 2020.

SOUZA, J. Bert Trautmann: de nazista a ídolo do Manchester City. **Futebol na Veia**, 2020. Disponível em: <https://www.futebolnaveia.com.br/bert-trautmann-de-nazista-a-idolo-do-manchester-city/>. Acesso em outubro de 2020.

STAMBULOVA N. Developmental sports career investigations in Russia: A post-perestroika analysis. **The Sport Psychologist**, v. 8, n. 3, p. 221–237, 1994.

STAMBULOVA, N. **Symptoms of a crisis-transition: A grounded theory study**. In N. Hassmen (Ed.), *SIPF Yearbook*, p. 97–109, 2003.

STAMBULOVA, N., ALFERMANN, D., STATLER, T., CÔTÉ, J. Career Development and Transitions of Athletes. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n. 4, p. 395-412, 2009.

STAMBULOVA N., FRANCK, A., WEIBULL, F. Assessment of the transition from junior-to-senior sports in Swedish athletes. **International Journal of Sport and Exercise**, v. 10, n. 2, p. 79–95, 2012.

STAMBULOVA, N., RYBA, T. A critical review of career research and assistance through the cultural lens: towards cultural praxis of athletes' careers. **International Review of Sport and Exercise Psychology**, v. 7, n. 1, p. 1-17, 2014.

STRACHAN, L., CÔTÉ, J., & DEAKIN, J. “Specializers” versus “samplers” in youth sport: Comparing Experiences and Outcomes, **Sport Psychologist**, v. 23, n. 1, p. 77-92, 2009.

STORM, L., KRISTOFFER, H., KROGH, C. Specialization pathways among Danish elite athletes: a look at the developmental model of sport participation from a cultural perspective. **International Journal of Sport Psychology**, v. 43, n. 3, p. 199-222, 2011.

ROZENBERG, M. Jaguaré: que fim levou? **Terceiro Tempo**, 2020. Disponível em: <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/jaguar-1283>. Acesso em Outubro de 2020.

THE GUARDIAN. Tommy Laurence, the former Liverpool Goalkeeper, dies aged 77. **The Guardian**, 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2018/jan/10/tommy-lawrence-former-liverpool-goalkeeper-dies-aged-77>. Acesso em outubro de 2020.

THIENGO, C., HUNGER, D. **Com a Nação nas Mãos: a História do Treinamento de Goleiros no Futebol Brasileiro**. Jundiaí, Paco Editorial, 2014.

TRIVELA. Rinus Michel: o último a mudar a história. **Trivela**, 2020. Disponível em: <https://trivela.com.br/lo-rinus-michels-o-ultimo-a-mudar-a-historia/>. Acesso em outubro de 2020.

TURNNIDGE, J., CÔTÉ, J. Applying transformational leadership theory to coaching research in youth sport: A systematic literature review. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, v. 16, n. 3, p. 1–16, 2016.

VANDEN AUWEELE, Y., DE MARTELAER, K., RZEWNICKI, R., DE KNOP, P., & WYLLEMAN, P. Parents and coaches: A help or harm? Affective outcomes for children in sport. In Y. Vanden Auweele (Ed.), **Ethics in youth sport**, 2004.

VEJA. Barcelona volta a ter goleiro Brasileiro depois de 88 anos. **Veja**, 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/barcelona-voltara-a-ter-um-goleiro-brasileiro-depois-de-88-anos/>. Acesso em outubro de 2020.

VELLA, S., OADES, L., CROWE, T. The relationship between coach leadership, the coach–athlete relationship, team success, and the positive developmental experiences of adolescent soccer players. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 18, n. 5, p. 549-561, 2013.

VICENTINI, L., MARQUES, R. Formação esportiva no jiu-jitsu: generalizações e particularidades na perspectiva de atletas brasileiros de elite. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 32, n. 4, p. 655-70, 2018.

VOSER, R.; GUIMARÃES, M.; RIBEIRO, E. **Futebol: História, Técnica e Treino de Goleiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

WALL, M., & CÔTÉ, J. Developmental activities that lead to drop out and investment in sport. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 12, n. 1, p. 77-87, 2007.

WARD, P., HODGES, N. J., WILLIAMS, A. M., & STARKES, J. L. **Deliberate practice and expert performance: Defining the path to excellence.** In. A. M. Williams & N. J. Hodges (Eds.), *Skill acquisition in sport: Research, theory and practice*, Routledge, p. 231-258, 2004.

WILKES, S., & CÔTÉ, J. A Sampling Environment to Promote Diverse Relationships and Continued Involvement in Sport. **Oral communication presented at FEPSAC** (*Fédération Européenne de Psychologie des Sports et des activités corporelles*), 2007.

WILSON, J. **Inverting the Pyramid: A History of Football Tactics.** Orion, 2008.

WILSON, J. **The Outsider: A History of the Goalkeeper.** Orion, 2012.

WILDHAGEN, N. Heinrich 'Heiner' Stuhlfaut & Manuel Neuer: brothers in spirit, eight decades apart. **Bundesliga Fanatic**, 2018. Disponível em: <https://bundeligafan.com/2018/12/21/heinrich-heiner-stuhlfaut-manuel-neuer-brothers-in-spirit-eight-decades-apart/>. Acesso em outubro de 2020.

WRIGHT, A. D., & CÔTÉ, J. A retrospective analysis of leadership development through sport. **The Sport Psychologist**, v. 17, n. 3, p. 268-291, 2003.

WYLLEMAN, P., LAVALLEE, D. A developmental perspective on transitions faced by athletes. In M. Weiss (Ed.), **Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective**, v. 5, n. 1, p. 507-527, 2004.

ANEXO A. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) Sr (a). foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa intitulada “Investigação Sobre a Trajetória Esportiva de Goleiros da Seleção Brasileira Masculina de Futebol: A Perspectiva dos Atletas”, que tem como objetivo, investigar e descrever, através de uma análise retrospectiva, a trajetória esportiva de goleiros que atuam ou atuaram na seleção brasileira principal masculina de futebol, a partir da perspectiva dos próprios jogadores. Este estudo tem como método de coleta de dados a aplicação de uma entrevista.

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome não aparecerá em qualquer momento. Por se tratar de um grupo de participantes pequeno e bem definido, há certo risco de identificação dos sujeitos por meio dos resultados a ser publicados. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder à entrevista, que será gravada em áudio para posterior análise, visto que isso possibilita a preservação dos dados e análise sobre os temas tratados. Após a utilização do áudio e transcrição das entrevistas, os arquivos serão guardados por 5 anos e após este período serão descartados. O tempo de duração aproximado da entrevista é de 30 a 40 minutos. Esta será realizada pelo pesquisador responsável em local escolhido pelo Sr (a).

O(a) Sr(a). não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras e haverá garantia de indenização diante de eventuais danos decorrente da pesquisa. A pesquisa proposta não apresenta riscos previsíveis, porém a entrevista pode provocar sentimentos desagradáveis por lembranças de experiências negativas já vividas referente ao processo de formação vivenciados pelos treinadores. Os benefícios relacionados à sua participação serão de aumentar o conhecimento científico para a área de Educação Física e Esporte. O(a) Sr(a). receberá uma via deste termo onde consta o telefone/e-mail do pesquisador responsável, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradeço!

Pesquisador responsável

Pesquisador responsável:

Iuri Salim de Souza

Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Avenida Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, Ribeirão Preto/SP. (19) 99225-9440

e-mail: iuri.souza@usp.br

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO, e que minhas respostas à entrevista serão gravadas em áudio e estou de acordo em participar do estudo proposto sob tais condições, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Sujeito da Pesquisa: _____
(nome por extenso e assinatura e data)

ANEXO B. Roteiro de entrevistas

I. Dados Gerais

Qual é sua idade? Qual é sua data de Nascimento? Em que cidade você nasceu?

II. Singularidades da Trajetória

- 1) Fale sobre sua trajetória esportiva desde a infância até tornar-se um goleiro profissional.
- 2) Como eram as atividades que você costumava praticar nos primeiros anos de sua infância/adolescência? Quantas horas você costumava praticar por dia e por semana?
- 3) Fale sobre como ocorreu seu primeiro contato com o futebol.
- 4) Fale sobre o processo de se tornar goleiro.
- 5) Quando você começou a treinar de maneira específica nesta função? Como eram as atividades de treino? Quantas horas você costumava praticar por dia e por semana?
- 6) Fale como eram os recursos existentes na sua cidade natal para treinar (e em alguma cidade a qual tenha passado a infância).
- 7) Fale sobre as migrações de cidade na sua infância e adolescência. Fale sobre a relação que estas migrações tinham com o seu desenvolvimento no esporte.
- 8) Descreva como foi seu processo de especialização ao longo da sua infância e adolescência.
- 9) Quando você começou a competir? (nível municipal, regional, estadual, nacional e internacional). Fale sobre estas competições e a sua idade em cada uma delas.
- 10) Como foi quando você assinou seu primeiro contrato, seu primeiro salário e em quantos clubes passou ao longo de sua carreira?
- 11) Fale sobre a participação e influência de seus pais sobre sua trajetória esportiva.
- 12) Fale sobre a participação e influência de seus treinadores em sua trajetória esportiva.
- 13) Fale sobre a participação e influência dos seus parceiros de treino em sua trajetória esportiva.

- 14) Fale sobre como era a Educação Física escolar e suas vivências nos horários extracurriculares da escola.
- 15) Fale sobre o que você pensa sobre o futuro do goleiro no futebol.

Data:

Assinatura do Aluno:

Assinatura do Orientador: